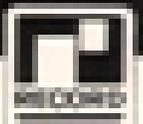


**GORDON
THOMAS
& MAX
MORGAN
WITTS**



ABUIMBA DE HIROXIMA

**A Explosão que Mudou o Futuro
de Toda a Humanidade**



**GORDON
THOMAS
& MAX
MORGAN
WITTS**



A BOMBA DE HIROXIMA

**A Explosão que Mudou o Futuro
de Toda a Humanidade**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A BOMBA DE HIROXIMA

**GORDON THOMAS E MAX MORGAN
WITTS**

Tradução de

A. B. Pinheiro de Lemos

RECORD

Título original norte-americano ENOLA GAY

Este livro foi publicado originalmente em língua inglesa nos Estados Unidos por Stein and Day/Publishers

Copyright 1977 by Gordon Thomas and Max Morgan Witts

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer maneira ou por qualquer sistema sem permissão prévia por escrito do editor original. Para informações dirigir-se a Stein and Day/Publishers, Scarborough House, Briarcliff Manor, New York 10510, U.S.A.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.

Av. Erasmo Braga, 255 — 8.º andar — Rio de Janeiro, RJ que se reserva a
propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

1

O General no comando da Segunda Força Aérea, Uzal G. Ent, levantou a cabeça dos documentos que examinava, quando o Coronel John Lansdale, do Serviço Secreto do Exército dos Estados Unidos, entrou em sua sala com Paul Tibbets.

Ele olhou inquisitivamente para o oficial do serviço secreto.

Lansdale assentiu.

O General Ent apresentou então os dois homens sentados ao lado de sua escrivaninha: o Capitão William “Deak” Parsons, da Marinha dos Estados Unidos, descrito como um “especialista em explosivos”, mas que era na verdade um dos homens mais influentes no Projeto Manhattan; e um civil, o Professor Norman Ramsey, um físico de Harvard, de 29 anos.

O Tenente-Coronel Paul Tibbets ficou impressionado com a relativa juventude de Ramsey, pois sempre imaginara os cientistas como homens de cabelos brancos e ombros encurvados. Para Tibbets, os dois homens pareciam estar em perfeitas condições para voar em missões de combate, apesar de a calvície de Parsons fazê-lo aparentar mais idade do que os seus 44 anos. E ele estranhou que aquele capitão da Marinha estivesse participando de uma reunião que parecia da Força Aérea do Exército.

— Já ouviu falar em energia atômica? — Ramsey possuía a voz firme e incisiva de um professor nato.

— Já, sim — respondeu Tibbets.

— De que maneira?

— Fiz um curso de física e conheço a escala atômica.

Houve uma pausa expectante.

— O que sabe da situação atual no campo da energia atômica? — indagou Parsons.

Tibbets olhou para o General Ent. Não encontrou no rosto impassível nenhum encorajamento. Alguns dias antes, quando fora informado do Projeto Manhattan, Ent também fora advertido de que seria levado à corte marcial se deixasse transpirar qualquer informação a respeito. Tibbets olhou para Lansdale, que lhe fez um aceno quase imperceptível.

O tenente-coronel começou a falar. Ouvira dizer que os alemães estavam tentando fabricar água pesada, a fim de poderem fragmentar o átomo.

— Muito bem! — O elogio gentil de Ramsey era mais apropriado a um campus do que ao gabinete desolado de um general no comando de uma unidade de combate. Ele fez uma pausa, avaliando as palavras antes de pronunciá-las, um maneirismo que Tibbets iria conhecer muito bem. E Ramsey logo continuou: — Os Estados Unidos já conseguiram fragmentar um átomo. Estamos agora trabalhando na fabricação de uma bomba com base nisso. A bomba será tão poderosa que explodirá com a força de 20 mil toneladas de altos explosivos convencionais.

O General Ent comunicou então a Tibbets que ele fora escolhido para lançar a bomba.

Era o dia 1.º de setembro de 1944. O local era o Quartel-General da Segunda Força Aérea do Exército dos Estados Unidos, em Colorado Springs.

* * *

Momentos antes dessa conversa, Lansdale levava Tibbets para o vestiário contíguo à sala do General Ent e lhe fizera uma pergunta altamente pessoal.

Tibbets não deixara transparecer qualquer reação. Mas ficara aturdido. Como aquele estranho podia saber de um acontecimento pessoal que ocorrera 10 anos antes — ou teriam sido 12 anos? — uma ocorrência de caráter tão transitório que nem mesmo conseguia recordar-se direito da data? Por que Lansdale andara investigando algo que acontecera há tanto tempo e que não tinha tanta importância assim?

Tibbets compreendeu que essa investida contra sua intimidade, esse ataque a seu auto-respeito, era deliberado. Mas como deveria reagir?

Sabia que a pergunta de Lansdale não tinha nada a ver com o serviço de informações do Exército. Portanto, teria toda razão em não responder. Poderia tranquilamente sair por uma das duas portas do vestiário, sem que nada lhe acontecesse. Aquela porta o levaria de volta ao mundo militar convencional, onde ninguém se atreveria a fazer uma pergunta tão íntima a um herói de guerra tantas vezes condecorado.

Mas Tibbets decidiu contar tudo.

— Está certo. Já fui preso uma vez pela polícia, em North Miami Beach.

— Por quê?

— O Chefe de Polícia de Surfside surpreendeu-me no banco de trás do carro... com uma garota.

Não foi difícil revelar o resto, sua prisão, uma passagem pela cadeia, a intervenção de um juiz que era amigo da família, o escândalo abafado.

Confessando o que acontecera naquele dia distante em Miami, sua aventura com uma garota cujo nome mal conseguia recordar, Paul Tibbets assegurou um lugar na História. Dentro de um ano, seu nome passaria a estar para sempre ligado à destruição de Hiroxima, uma cidade japonesa cuja existência ele desconhecia naquela ocasião.

Até três dias antes, 29 de agosto de 1944, uma terça-feira, Tibbets jamais fora cogitado para a missão. Foi no final da tarde daquela terça-feira que o General Barney Giles, Subchefe do Estado- Maior Aéreo, decidiu substituir

o nome do candidato anterior pelo de Tibbets. Lansdale, um dos poucos que conheciam o objetivo do Projeto Manhattan, imediatamente providenciou uma meticolosa investigação sobre Tibbets, ensaiando a cena no vestiário como clímax.

A pergunta de Lansdale sobre um pecadilho sexual de adolescente era o teste final para determinar o caráter de Tibbets. Se ele dissesse a verdade, era o homem talhado para a missão. Lansdale ficou satisfeito.

* * *

No gabinete do General Ent, Ramsey e Parsons fizeram um resumo objetivo da história e dos problemas da construção da primeira bomba atômica americana. Em seguida, Lansdale assumiu o comando da conversa.

— Coronel, quero que compreenda e jamais se esqueça de uma coisa: a segurança está acima de tudo. Deverá pôr no papel apenas o mínimo indispensável. Dirá àqueles que precisam saber só o que devem saber para desempenhar seus trabalhos da maneira apropriada. Entendido?

— Perfeitamente entendido, Coronel.

O General Ent concluiu a reunião atribuindo formal mente a Tibbets o comando do 393.º Esquadrão de Bombardeio Pesado, com base em Nebraska. Aquelas 15 tripulações de bombardeiros constituiriam a primeira força de ataque atômico do mundo, capaz de lançar bombas nucleares na Alemanha e Japão. A base de treinamento seria em Wendover, Utah. O nome em código para a parte aérea do projeto seria “Silverplate”, bandeja de prata.

Tibbets perguntou-se por um momento quem teria escolhido um nome tão prosaico para uma arma que “iria evidentemente revolucionar a guerra”. Apesar de todas as explicações, ele ainda não podia acreditar que uma única bomba lançada de um avião pudesse equivaler à força de 20 mil toneladas

de explosivos. Normalmente, dois mil bombardeiros seriam necessários para lançar tamanha destruição.

Mas Tibbets tinha outros problemas mais urgentes a tratar para perder tempo com especulações. Precisava reunir alguns dos homens de maior confiança que já haviam servido anteriormente sob as suas ordens. Tinha que inspecionar Wendover e elaborar um programa de treinamento. Além disso, devia preparar-se para trabalhar junto com “um bando de civis que me deixariam dar uma olhada na caixa de Pandora”.

No momento em que Tibbets se preparava para deixar o gabinete, o General Ent lhe falou:

— Coronel, se for bem-sucedido, transformar-se-á num herói. Mas se falhar, será o maior bode expiatório que jamais existiu. Pode até mesmo ir parar na cadeia.

2

Tibbets era um homem corpulento de estatura mediana, gestos firmes e decididos. Seria difícil imaginar que era um dos maiores pilotos de bombardeiros da América, veterano em combate que voara o primeiro B-17 a atravessar o Canal da Mancha numa missão de bombardeio na II Guerra Mundial; o homem que levava o General Dwight D. Eisenhower e o General Mark Clark a Gibraltar, para planejarem a invasão aliada da África do Norte; o piloto que transportara Clark até a Argélia, pousando num campo que estava sendo bombardeado e metralhado pelo inimigo. Voltando aos Estados Unidos, Tibbets assumira o comando dos testes da nova Superfortaleza Voadora B-29, na ocasião em que se julgava que era um bombardeiro perigoso demais para voar. O novo bombardeiro já matara o seu primeiro piloto de testes. Tibbets era corajoso, acostumado a comandar, capaz de dar e executar ordens com rapidez e eficiência.

Mas havia quem achasse muito difícil trabalhar com ele. Não suportava tolos e, por seus padrões, os tolos eram muitos. Controlado e reservado, parecia ser o paradigma das virtudes militares. Poucos sabiam que escondia sua intensa sensibilidade, mantendo-a sob controle rígido, que por trás da aparência exterior havia um homem tímido, que sofria terrivelmente com a morte em ação de qualquer um de seus homens. Invariavelmente, a expressão em seu rosto era afável e neutra.

Tibbets nasceu em Quiricy, Illinois, em 1915. O pai, fabricante de doces para venda por atacado, era um disciplinador severo, que castigava com vigor qualquer infração às muitas regras que impusera durante os anos de formação do filho. A mãe, Enola Gay, era uma mulher extremamente gentil. Adorava o filho único e se opôs tenazmente à decisão do marido de enviar Paul, com 13 anos, para a Academia Militar do Oeste, em Alton, Illinois. Mais tarde, foi a mãe quem primeiro o encorajou a estudar Medicina e também quem apoiou a decisão dele, apesar de toda a oposição da família, de ingressar no Corpo Aéreo do Exército americano. Ela aceitou sem maiores dificuldades a decisão do filho de abandonar a Medicina para se tornar aviador. Mas, naqueles dias difíceis posteriores à Depressão, a carreira militar não era encarada muito favoravelmente pela classe média, da qual o pai de Paul Tibbets era um dos pilares. Quando o filho se alistou, em 1937, as últimas palavras do pai a respeito do assunto foram:

— A partir de agora, terá que se arranjar sozinho.

A mãe reagiu de maneira diferente, dizendo:

— Filho, tenho certeza de que algum dia ainda nos iremos orgulhar de você.

Recomendou-lhe que sempre se “vestisse impecavelmente”, jamais promettesse algo que não pudesse fazer e sempre dissesse a verdade.

E foi porque sempre seguiu os conselhos da mãe que Tibbets respondeu com a verdade à pergunta íntima de Lansdale.

3

Ao assumir o comando do Projeto Manhattan, o General Leslie Groves somente era responsável perante o Secretário da Guerra, Henry Stimson, e, através dele, o Presidente Roosevelt.

Ambos sabiam mais sobre Groves, um homem de atitudes antiquadas, do que sobre qualquer outro oficial das Forças Armadas. Uma investigação do FBI, a única ocasião em que este departamento esteve envolvido no projeto atômico, havia revelado a paixão de Groves por doces, sua preocupação com a gordura da meia-idade, o hábito de jogar tênis, e a capacidade de resolver complicados problemas matemáticos enquanto comia. A investigação revelou, também, que Groves era conhecido como “Greasy” (Seboso) em West Point, que tinha poucos interesses fora do trabalho, que seu casamento era feliz e estável.

Stimson conhecia também os antecedentes profissionais dele. Groves formara-se em Engenharia Militar em West Point, e, tendo sido um aluno excepcional, ajudara a construir o Pentágono e era considerado “o melhor construtor de quartéis do Exército”.

A folha de serviços indicava que Groves era um homem que sabia abreviar prazos, reduzia as despesas ao máximo, era obstinado na execução das tarefas de que o incumbiam, trabalhava incansavelmente e sabia ser flexível nos momentos necessários. Estava acostumado a trabalhar dentro dos prazos e orçamentos. Dava um jeito para que tudo se fizesse a contento. Embora tivesse a tendência de desafiar os superiores e incutir medo aos subordinados, Groves parecia a melhor escolha possível para dirigir o maior projeto militar do mundo.

Desde o início, o general trabalhou 15 horas por dia, sete dias por semana. Desistiu do tênis e começou a engordar, mantendo-se à custa de quilos e quilos de chocolate, que deixava no mesmo cofre onde eram guardados os mais importantes segredos do projeto.

Mas Groves não era apenas um construtor a se deslocar de um ponto para outro com os bolsos estofados de chocolate. Até mesmo seus amigos no projeto, e não eram muitos, achavam, no dizer de um deles, que Groves “não apenas se comporta como se pudesse andar sobre a água, mas também como se realmente tivesse inventado a substância”. Outro, menos cruel, comentou que “ele possui o ego mais impressionante desde Napoleão”.

Com 48 anos, um vocabulário capaz de fazer corar até mesmo um carroceiro, embora muitos achassem que era mais enervante o profundo suspiro diante de um contratempo, Groves vinha do mesmo molde de onde tinham saído MacArthur e Patton.

Ultimamente, ninguém podia suportar a verdadeira barragem de ordens e exigências dele. A oposição era esmagada, os argumentos em contrário eram desprezados e encerrados abruptamente com um “Já chega!” Groves dava ordens a magnatas da indústria como se fossem soldados rasos, levava sua força de trabalho à mais completa exaustão, enquanto ia expandindo seu império.

Intimidando, lisonjeando, pressionando, exigindo, de vez em quando elogiando, raramente pedindo desculpas, Groves realizara uma façanha que ele próprio julgara antes impossível: em dois anos, levava a bomba atômica do estágio de simples projeto no papel ao ponto em que dentro em breve tudo estaria pronto para o primeiro teste.

Groves não permitiria que coisa alguma detivesse esse impulso.

Tinha aprovado pessoalmente a escolha de Tibbets para comandante da força especial de ataque atômico, achando que era um oficial com todas as qualidades necessárias para a missão.

* * *

Trabalhando num gabinete temporário no Pentágono, Tibbets não demorou a descobrir, uma semana depois do encontro em Colorado Springs, como eram vastos os poderes de que fora investido. Podia conseguir qualquer coisa que desejasse, bastando mencionar o nome mágico de Silverplate. Usando esse prefixo, ele determinou uma busca de alguns dos homens que serviram sob suas ordens na Europa, África do Norte e no programa de testes e treinamento do B29. Alguns já tinham sido localizados e estavam a caminho de Wendover, Utah; outros ainda continuavam sendo procurados.

No Pentágono, o General Henry Arnold, Comandante da Força Aérea do Exército, lhe dissera:

— Coronel, se encontrar alguma dificuldade com quem quer que seja, pode procurar-me imediatamente.

Arnold designara dois oficiais superiores para servirem de ligação com Tibbets, quando ele fosse para Wendover. A ordem do General para esses dois oficiais fora simples e clara:

— Tratem de providenciar sem demora tudo o que ele pedir.

Tibbets passara por Wendover no caminho de Colorado Springs para Washington. E achara-o um local “perfeito, no fim do mundo”. Pelo ar, era perto o bastante de Los Alamos, o que era importante, pois Ramsey advertira-o de que seria “chamado pelos cientistas dia e noite”. Ficava a apenas 800 quilômetros pelo ar do Mar de Salton, na Califórnia Meridional, um alcance de bombardeio ideal. As próprias características de Wendover simplificariam consideravelmente as medidas de segurança. As instalações já existentes na base permitiriam uma ocupação imediata.

Tibbets sabia que seus homens detestariam o lugar.

Mas planejava fazer com que trabalhassem tão arduamente que não encontrariam tempo para pensar no ambiente.

A esta altura, Tibbets já calculara que só havia dois alvos possíveis para ele bombardear: Berlim ou Tóquio. Achava que a capital japonesa era mais provável, pois a guerra na Europa já se aproximava do estágio decisivo.

Se o objetivo fosse o Japão, iria precisar de uma base próxima, dentro da distância de autonomia de vôo dos seus bombardeiros.

Ele se recordou de ter lido a notícia de que os fuzileiros navais americanos haviam recentemente capturado as Ilhas Marianas, no Pacífico. Os jornais tinham falado numa determinada ilha, onde "os seabees (nome dado aos homens dos batalhões de construção naval) iriam construir o maior porta-aviões do mundo". O nome dessa ilha era Tinian.

Tibbets guardou-o na memória, pois ficava a apenas 2.100 quilômetros do Japão.

4

A queda de Tinian, no final de julho, não abalara a crença do Segundo-Tenente Tatsuo Yokoyama na invencibilidade do Exército Imperial japonês.

Naquela tarde de setembro, como sempre acontecia antes dos exercícios de artilharia, aos 40 homens da guarnição da bateria de canhões antiaéreos no Monte Futaba, a nordeste de Hiroxima, ouviram uma preleção de seu jovem comandante, sobre a necessidade de manter a fé nas afirmativas do Alto Comando japonês sobre a vitória final.

Na aparência, Yokoyama assemelhava-se, a princípio, à caricatura clássica de incontáveis cartoons americanos: os dentes grandes, os olhos enviesados, a testa inclinada, o corpo magro numa túnica folgada, perneiras sujas nas pernas tortas.

Mas a aparência enganava. Yokoyama era um exímio atirador, podendo acertar no alvo a 700 metros de distância. Era capaz de carregar 400 cartuchos de munição, o dobro de um soldado de infantaria americano, e estava preparado para sobreviver com uma tigela de arroz e peixe por vários dias. Considerava a rendição como a maior vergonha que poderia infligir a

sua família e a seu país. Profundamente religioso e extremamente patriota, acreditava piamente na divindade do Imperador e no dever sagrado do Exército de proteger Sua Majestade. Não pouparia sua família, seus soldados ou a si mesmo para servir ao Imperador.

Yokoyama tinha três heróis: o primeiro era Minoru Genda, o jovem oficial que convencera o Alto Comando de que era possível e militarmente desejável desfechar um ataque aéreo contra Pearl Harbor, com base em porta-aviões; o segundo era o Capitão Mitsuo Fuchida, amigo íntimo de Genda, que comandara os 354 aviões na missão do Havaí. Ambos tinham ligações com a cidade onde Yokoyama estava agora baseado. Genda tinha parentes em Hiroxima, e Fuchida volta e meia visitava amigos que ali residiam. O terceiro herói de Yokoyama era o General Hideki Tojo, “O Navalha”, o homem que arquitetara a guerra.

Yokoyama disse a seus homens que deveriam encarar a “retirada” das Ilhas de Saipan, Tinian e Guam, nas Marianas, como uma ação predeterminada, parte de um plano cuidadosamente elaborado visando a atrair o inimigo para perto do Japão.

Como todos sabiam, havia no Japão, à espera, um poderoso exército, ansioso em desfechar um golpe fatal na América e seus aliados. Os americanos podiam ganhar uma batalha, recordou Yokoyama a seus homens, mas o Japão jamais perdera uma guerra, desde 1598. A “retirada” japonesa das Marianas significava que se estava aproximando o dia em que bombardeiros inimigos decolariam de lá em missão contra o Japão e ficariam ao alcance de seus canhões antiaéreos.

Na expectativa desse momento, exigia o máximo de seus homens, durante os treinamentos. Eles sabiam que Yokoyama os puniria severamente ao primeiro sinal de descuido e negligência. Sob as ordens do tenente, os canhões deslocavam-se rapidamente nas engrenagens bem azeitadas, os canos finos apontando para todos os lados do céu de Hiroxima.

Yokoyama se deslocava entre os artilheiros, dizendo-lhes que imaginassem que estava em plena ação. Subitamente, um dos canhões emperrou. O oficial notou que um pedaço de estopa fora deixado nas engrenagens. Furioso, interrompeu o exercício e ordenou que a guarnição desmontasse,

limpasse meticulosamente e montasse novamente o canhão. Voltou em seguida a seus alojamentos, a fim de relatar o incidente em seu livro de registros e pensar numa punição apropriada para a negligente guarnição. Decidiu que daria dois exercícios extras.

Mas antes de tomar qualquer providência, iria desfrutar o ritual que realizava todo fim de tarde. Da janela do alojamento, contemplou a cidade através dos binóculos. Sabia que pouco teria mudado nas últimas 24 horas, mas o panorama sempre o tranquilizava.

Ao contemplar a cidade pela primeira vez do seu ponto de observação quase no topo do Monte Futaba, cerca de um ano antes, Yokoyama ficara impressionado com um fato estranho: Hiroxima parecia uma mão humana. Estendendo a mão direita, com a palma para baixo, ele reproduzia os contornos aproximados da cidade. O porto ficava nas pontas dos dedos ao sul. Mas além, estavam as profundezas da Baía de Hiroxima e o Mar Interior. O pulso correspondia à região em que o Rio Ota terminava a descida ininterrupta das colinas ao norte e se abria num delta amplo parecendo um leque. Eram seis canais principais, que dividiam a cidade em ilhas, ligadas por 81 pontes. Bem no meio da mão erguia-se o Castelo de Hiroxima, o centro de um gigantesco complexo militar.

Yokoyama divertiu-se identificando as diversas instalações e situando-as em posições correspondentes na palma de sua mão. Na ponta do dedo indicador, estava o Aeroporto de Hiroxima, com sua imensa base militar. No polegar, ficavam as Indústrias Toyo, que fabricavam rifles e bases para canhões de navios de guerra. Na extremidade do dedo mínimo, localizavam-se as instalações da Mitsubishi, com seus estaleiros e guindastes.

Aquelas fábricas grandes e as dezenas de outras menores espalhadas pela cidade funcionavam em diversos turnos, 24 horas por dia. Uma lei recente determinara que até mesmo as crianças em idade escolar deveriam trabalhar oito horas por dia, fabricando armas. Quase todos os homens, mulheres e crianças da cidade estavam empenhados no esforço de guerra.

Naquele momento, setembro de 1944, a maioria das fábricas de Hiroxima enfrentava uma terrível escassez de materiais. Os barcos utilizados no

patrulhamento costeiro estavam parados por falta de combustível e os vôos de treinamento foram consideravelmente reduzidos.

Mas naquela tarde a guerra parecia tão remota como sempre o fora para Yokoyama. A cidade lá embaixo era pacífica, em emaranhado de tetos escuros, cercada por colinas e picos verdes.

Porém, na opinião de Yokoyama, Hiroxima era altamente vulnerável a um ataque aéreo. Bastava um bombardeiro largar sua carga naquela tigela natural, formada pelo delta e pelas colinas, para causar grandes danos. À exceção de uma colina em formato de rim, no setor leste, com cerca de 800 metros de extensão a 60 metros de altura, a cidade estava uniformemente exposta às ondas de choque geradas pelas grandes bombas.

Estruturalmente, como São Francisco por ocasião do terremoto e incêndio de 1906, Hiroxima era construída para arder facilmente. Noventa por cento das casas eram de madeira. Havia grandes amontoados de construções coladas umas nas outras. Ao contrário de São Francisco em 1906, ela em 1944, possuía equipamento de combate a incêndios antiquado e pessoal mal treinado.

Do ponto em que estava, Yokoyama podia ver claramente os limites da cidade. Apenas 35 dos 70 quilômetros quadrados de Hiroxima estavam construídos, sendo que somente 20 eram densamente habitados. Mas em cada um desses 20 quilômetros quadrados amontoavam-se cerca de 15 mil pessoas. A bateria no Monte Futaba, sob o comando de Yokoyama, ali se encontrava para protegê-las.

Yokoyama verificou que os canhões já estavam prontos. Outro exercício começou. Os homens estavam nus da cintura para cima, suando bastante ao calor do fim de tarde. Carregar, mirar, descarregar. Uma nova direção. Carregar, mirar, descarregar. Uma ritual de ordens ríspidas e resmungos.

O tenente estava agora satisfeito com os homens, com a maneira pela qual reagiam prontamente a suas ordens. Eram as mesmas que dava em cada exercício, desde que a bateria fora destacada como parte do sistema de defesa antiaérea de Hiroxima, em maio de 1943. Vinte e um canhões de

calibres diversos defendiam agora a cidade. Ainda não haviam sido disparados em combate no terceiro ano da guerra.

O exercício terminou, os homens começaram a descansar. Foi nesse momento que Yokoyama ordenou o primeiro exercício da punição. Assim que este terminou, ordenou o segundo, observando atentamente, a fim de verificar se havia qualquer sinal de relaxamento. Aquilo serviria como advertência aos homens para a possibilidade de punições ainda mais rigorosas.

Finalmente satisfeito, deu por encerrado o exercício e seguiu com seus homens para os alojamentos. Ali, como sempre fazia, escutou atentamente a conversa dos membros da guarnição. Era parte de sua obrigação, assim como deveria também comer, beber e cantar com seus homens, emprestar-lhes dinheiro do próprio bolso, convidá-los a visitar a casa de seus pais em Tóquio. Era esse o comportamento tradicional de um oficial japonês, promovendo um sentimento de camaradagem, estimulando um relacionamento em que representava ao mesmo tempo o papel de pai e de amigo íntimo. Era o que ajudava a tornar o Exército Imperial japonês tão formidável.

Naquela noite, os homens fizeram-lhe uma pergunta familiar: quando teriam alguma ação de verdade?

Yokoyama compreendia perfeitamente o desejo de lutar de seus homens. Era parte da tradição samurai, da história de dois mil anos do Japão. A vontade de entrar em combate somava-se à ausência de medo. O Japão, mais que qualquer outra nação, extirpara o medo de seus guerreiros. A morte era para eles uma parte da vida.

O tenente falou a seus homens que fossem pacientes. Mas estava preocupado com a possibilidade de eles jamais terem a oportunidade de disparar os canhões, de experimentarem aquele excitação especial. Seria verdadeira a história que lhe haviam contado? A informação fora dada por um homem que trabalhava no governo local. A princípio, Yokoyama se recusara terminantemente a acreditar. Mas o amigo insistira, afirmando que ouvira de “altas fontes”. Será que existia mesmo um fundo de verdade na história, segundo a qual os parentes de habitantes de Hiroxima que viviam

em São Francisco e Los Angeles haviam pedido a Roosevelt que poupasse a cidade de ataques e que o Presidente americano concordara em fazê-lo, como um “gesto de boa vontade”?

Se isso fosse verdade, os bombardeiros inimigos jamais sobrevoariam à cidade e todos os exercícios comandados por Yokoyama teriam sido em vão.

5

Tibbets chegou a Wendover três dias antes do 393.º Esquadrão de Bombardeio Pesado. A previsão que fizera se confirmou. Os oficiais e praças detestaram Wendover, o calor intenso, o deserto inóspito, as acomodações rudimentares, a poeira, a água potável de gosto horrível, os cupins e os ratos, o isolamento.

E detestavam também não saberem por que estavam ali.

A 12 de setembro, em sua segunda manhã na base, os homens descobriram ao despertar um novo motivo para terem raiva do local. Estavam agora inteiramente cercados por arame farpado. Dentro do perímetro, havia diversos cartazes de advertência. O maior, ao lado do portão de saída da base, dizia:

O QUE OUVIR AQUI

O QUE VIR AQUI

DEVE DEIXAR AQUI

QUANDO SAIR DAQUI

Sentinelas detinham todas as pessoas que saíam.

Havia também rolos de arame farpado barrando o acesso a alguns hangares e oficinas. Placas recentemente pintadas informavam que, por trás do arame farpado, encontravam-se as instalações e depósitos de material bélico, armamentos, engenharia e radar. Em cada cartaz havia um aviso:

ZONA PROIBIDA

A cerca de arame farpado era reforçada em torno do hangar n.º 6, onde uma placa anunciava:

ÁREA TÉCNICA “C”

ZONA RIGOROSAMENTE PROIBIDA

O que era uma Área Técnica? E por que “C”? Onde estavam a “A” e a “B”? Ninguém sabia.

Os que tentavam passar pelos homens da Polícia Militar que guardavam a Área Técnica eram rispidamente informados de que seriam presos se insistissem.

Uma semana antes, ao final de seu treinamento em Nebraska, os homens do 393.º Esquadrão ficaram orgulhosos por terem alcançado uma média de eficiência acima do normal. Esperavam partir em breve para o exterior. Os mais empreendedores compraram estoques de meias de seda, sabonetes e perfumes, a fim de tentarem as garotas francesas e inglesas, das quais tanto

ouviam falar. Um sargento empacotara sua coleção de discos de 78 de jitterbug, planejando vendê-la no mercado negro de Londres.

Mas o 393.º fora despachado para Wendover.

Não havia bombardeiros em Wendover, apenas alguns velhos aviões de transporte. Correria o rumor de que tinha ido a Wendover pegar alguns B-29 recém-saídos da fábrica. Mas onde estavam os aparelhos? E por que tinham ido buscá-los ali?

Ninguém sabia.

O otimismo não demorou a definhar. Outros rumores surgiram, espalharam-se, sumiram. Os oficiais também não tinham a menor idéia do que estava acontecendo. O Oficial-Comandante, Tenente- Coronel Thomas Classen, ao chegar entrara no quartel-general da base e desde então quase não era visto. Nas raras ocasiões em que aparecia, Classen recusava-se a responder a qualquer pergunta.

Na manhã seguinte, na hora do café, os PMs estavam em toda parte, as motocicletas e jipes levantando nuvens de poeira. O 393.º nunca provara tanta areia. Impregnava-se nas roupas, na pele, na comida. O sabor dos cereais e ovos comidos naquela manhã vinha dos grandes bancos de sal em torno da base.

Depois da refeição, o esquadrão se reuniu para ouvir o oficial de informações, Capitão Joseph Buscher, tentar esclarecer a situação. E todos ficaram aturdidos quando ele disse que, sendo advogado, estava acostumado a fazer apelos. . . e agora apelava para que dessem “uma chance a este lugar”.

Buscher admitiu que não lhes podia dizer por que estava ali, mas que podia informá-los de que estavam a “apenas 200 quilômetros” de Salt Lake City, Utah. Elko, em Nevada, ficava “igualmente perto”. O capitão esperava que todos achassem Wendover “fascinante”. A cidadezinha, com uma população de 103 habitantes, estava dividida ao meio pela linha fronteira entre Utah e Nevada. Metade da população de Wendover vivia de acordo

com as leis da Igreja Mórmon de Utah. Na outra metade da cidade, havia bares e máquinas caça-níqueis.

— E não há mulheres?

Quem fez a pergunta foi o Capitão Claude Eatherly, um piloto alto e bonito, com um prazer todo especial por mulheres, cartas e uma garrafa de bourbon. Com seu sorriso de garoto travesso, fala arrastada do Texas e um estoque inesgotável de piadas, Eatherly era o playboy do esquadrão.

Buscher ignorou a pergunta de Eatherly e pôs-se a falar sobre como os bancos de sal se haviam formado, dos carroções de pioneiros que ali haviam afundado em 1846. Para aqueles que gostavam de fazer explorações, ainda se podiam encontrar as trilhas das rodas dos carroções.

— Nossos ossos vão acabar junto com os carroções, se ficarmos aqui!

Quem assim falou foi um frustrado Primeiro-Tenente Jacob Beser, oficial de radar do esquadrão. Ele ansiava por muita ação. Quando a Inglaterra entrara na guerra, o rapaz tentara ingressar na RAF, a Royal Air Force. Seus pais haviam impedido, insistindo para que concluísse primeiro o curso de Engenharia na Universidade John Hopkins. No dia seguinte a Pearl Harbor, Beser passara por cima da oposição dos pais e se alistara na Força Aérea do Exército. Acabara-se tornando um dos melhores oficiais de radar do serviço. O radar era algo novo e sua importância aumentava rapidamente. O que não impressionava o tenente, a menos que pudesse utilizar seus conhecimentos “para matar alguns nazistas”.

Beser era judeu. Um homem magro mas vigoroso, de inteligência extremamente ágil, com grande orgulho de suas raízes de classe média, possuía opiniões formadas praticamente sobre qualquer coisa. O que nem sempre o tornava popular. Os outros oficiais achavam-no “esquisito”. As praças consideravam-no um “sabichão”, porque tinha curso universitário.

Quando o esquadrão fora deslocado para Wendover, Beser solicitara sua transferência para uma unidade de combate. O pedido fora recusado.

Mas naquele momento, escutando os esforços de Buscher para louvar as virtudes de Wendover, Beser subitamente começou a sentir-se animado.

— O lugar era tão horrível que tinha de haver uma razão muito boa para estarmos ali — recordou ele mais tarde.

* * *

Um velho amigo de Tibbets, o Major Thomas Ferebee, também estava em Wendover. Uma folha de atuação em combate espetacular, com incontáveis missões na Europa, transformavam Ferebee num dos mais veteranos e respeitados comandantes de bombardeiros da Força Aérea. Era a escolha perfeita para treinar os bombardeadores do 393.º nas técnicas de bombardeios de precisão, que o Professor Ramsey dissera a Tibbets que seriam essenciais para o lançamento de uma bomba atômica.

Embora ficasse contente por rever Ferebee, problemas inesperados impediram Tibbets de sentar-se por alguns minutos para uma conversa descontraída com o amigo.

Para começar, havia o problema da posição delicada de Classen. O comandante do 393.º era um veterano do Pacífico, com uma folha de combate de primeira. Suas qualidades de liderança haviam transformado o esquadrão numa unidade coesa. Transferi-lo, a esta altura dos acontecimentos, seria inconcebível. Tibbets conversou com o colega sobre a situação, explicando que o esquadrão passaria a ter dois comandantes: Classen seria o responsável pelo comando do dia-a-dia, enquanto ele, Tibbets, tomaria todas as decisões políticas importantes. Disse também que tinha certeza de que esse esquema bastante incomum daria certo. Classen não demonstrara qualquer reação.

Tibbets tentara atenuar a situação, dando algumas informações a Classen sobre a missão singular de que tinham sido incumbidos. Esperava assim criar um clima de responsabilidade igualmente partilhada, a não ser em

algumas “pequenas áreas”. Mas depois que o colega se retirou, Tibbets ficou pensando se o comando duplo seria realmente possível.

Mas outros problemas logo afastaram sua mente de tais pensamentos .

Desde o café da manhã que dois homens estavam reunidos com ele, a portas fechadas. Tibbets conhecia muito bem o mais velho, o Tenente-Coronel Hazen Payette servira com ele na Inglaterra e África do Norte como oficial de informações. Um homem astuto e atento aos menores detalhes, Payette estava em Wendover para supervisionar a segurança, a pedido do próprio Tibbets.

O Major William L. “Bud” Uanna chegara sem ser anunciado. Explicou polidamente que o Coronel Lansdale o enviara, juntamente com cerca de 30 agentes destacados para o Projeto Manhattan, a fim de ajudar a “policiar” o 393.º.

Tibbets gostou do estilo de Uanna. Era um homem simpático e objetivo, que não se interessava por qualquer outra coisa senão o seu trabalho.

O major chegara com uma pasta cheia de documentos. As fichas que ali estavam serviam para recordar a Tibbets dos vastos recursos colocados à disposição do Projeto Manhattan.

Havia uma ficha detalhada de cada integrante do 393.º. As informações foram colhidas junto às famílias, amigos, históricos escolares, em empregos anteriores e antecedentes médicos.

Muitos milhares de homens-hora e dólares haviam sido gastos para escutar telefonemas, abrir cartas, obter informações sobre casos extraconjugais, tendências homossexuais e inclinações políticas. As fichas representavam a mais completa e meticulosa investigação de um grupo de pessoas até então realizada em nome do Governo dos Estados Unidos.

Uanna apresentou a ficha de Eatherly. Dizia que se tratava de um jogador obcecado, com um “problema emocional”.

Tibbets examinou a folha de serviços de Eatherly. Ele tinha 107 horas de vôo levando Lockheed Hudsons para o Canadá, 103 horas voando LB-30s, um período em patrulhas anti-submarinas na zona do Canal do Panamá, transferências regulares e normais de um esquadrão para outro. Era uma folha de serviço sem qualquer anormalidade. Os relatórios anteriores sobre Eatherly falavam de sua “impetuosidade” e diziam que era um “extrovertido”. O comandante conhecia bem o tipo. Voara com “texanos impetuosos” na Europa. Frequentemente se metiam em encrencas quando estavam em terra. Mas eram bons pilotos. Tibbets decidiu que deixaria Eatherly permanecer no 393.º.

Ao final da manhã, os brincalhões do 393.º estavam começando a perder a graça. Um deles fora asperamente censurado por um PM, ao tentar colocar numa parede da base um cartaz em que estava escrito:

SEJA BEM-VINDO A ALCATRAZ

As primeiras cartas estavam sendo escritas. Muitas delas continham a frase inevitável: Wendover é um bom lugar para se estar. . . longe.

Os agentes de Uanna tinham-se infiltrado no esquadrão, com documentos forjados que lhes permitiam passar por escriturários, cozinheiros e até mesmo encarregados do lixo. O Capitão James Strudwick descobriu um homem verificando a instalação elétrica de seu alojamento. Só que o homem não sabia distinguir entre um fio positivo e um negativo. O oficial do rancho Charles Perry encontrou no rancho dois homens que não sabiam qual a diferença entre “uma concha de sopa e um facão de cortar carne”. O Subcomandante John King ficou atônito ao ver “um homem vestido num macacão de mecânico cujas mãos eram lisas, prova evidente de que jamais segurara uma chave de porca”.

Mas nem todos os recém-chegados eram agentes de segurança.

O Sargento George Caron chegou empoeirado e sedento de uma jornada através da América, com o colarinho desabotoado e usando uma jaqueta de vôo, uma dupla infração dos regulamentos militares.

Os PMs no portão da base detiveram imediatamente o pequeno artilheiro. Levaram-no para a sala de ordens do prédio do Quartel- General. Ali, um PM começou a censurar Caron.

Subitamente, de uma sala contígua, Caron ouviu uma voz familiar:

— É você, Bob?

— Claro que sou, Coronel!

Tibbets era um dos poucos oficiais que chamava Caron pelo apelido de “Bob”.

— Pois venha até aqui!

Sorrindo maliciosamente para o desconcertado PM, Caron deixou a sala de ordens e foi-se encontrar com Tibbets. Os dois se cumprimentaram como velhos companheiros que eram.

Caron fora instrutor de artilharia durante o programa de treinamento dos B-29 dirigido por Tibbets. Com os pés em cima da escrivaninha, Tibbets explicou ao artilheiro por que o mandara chamar.

— Bob, preciso de um homem que saiba o que está fazendo. . . e possa ensinar os outros a fazerem a mesma coisa. E fazer com que todos fiquem de boca fechada.

— Coronel, não vou nem dizer a ninguém que estou aqui!

Tibbets sorriu, estabelecendo o relacionamento cordial que sempre haviam tido anteriormente. Ele não achava nada de extraordinário fornecer informações a um simples sargento, enquanto oficiais do 393.º continuavam a não ter a menor idéia do que estava acontecendo. Tibbets preferia agir assim, conversando primeiro com os homens que já lhe haviam provado do que eram capazes. O comandante entendia que as prerrogativas de posto

tinham seus limites. Todos os homens, independente de seus galões, tinham que conquistar o direito à sua confiança.

Durante o programa de treinamento de B-29, os circunstantes haviam feito comentários mordazes sobre “a força aérea particular de Tibbets”. Ele se limitara a dar de ombros, não ligando a menor importância às críticas. Pretendia adotar a mesma política em Wendover, às vezes confidenciando a graduados informações que não daria a oficiais.

Na primeira vez em que viu sua nova unidade reunida, Tibbets não ficou muito impressionado. Os homens esforçavam-se arduamente em parecer despreocupados, “da maneira como tinham visto Alan Ladd fazer nos filmes”. O comandante achou que pareciam muito inexperientes. Calculou que a maioria dos oficiais devia estar na casa dos vinte e poucos anos. Os graduados pareciam ainda mais jovens. Ferebee e Caron sabem por que estamos aqui, pensou Tibbets, enquanto os outros procuram fingir que sabem.

O oficial impecavelmente uniformizado, erecto e rígido, parado à frente da unidade formada devia ser o subcomandante, King, pensou Tibbets. Classen já lhe falara a respeito de King, um oficial de carreira. Era um oficial exigente e duro, mas justo. A julgar pelos relatórios de Uanna, a unidade precisava de um homem assim.

Mais tarde, os homens do 393.º concordaram que, naquele primeiro contato, Tibbets pareceu-lhes um homem duro, implacável e mal-humorado. Um oficial fez o seguinte comentário:

— Ele dava a impressão de que o menor erro de nossa parte seria suficiente para que alegremente nos fritasse para o café da manhã e usasse o que sobrasse para alimentar sua estufa de noite.

Beser pensou: esse é o homem com quem eu gostaria de ir para a guerra. Sentindo o olhar de Tibbets fixar-se nele, o oficial de radar desejou não ter deixado o quepe tão inclinado para trás na cabeça.

O comando ensinara um expediente sempre proveitoso a Tibbets: era preciso surpreender os subordinados, abalá-los com o inesperado. E foi por

isso que ele disse abruptamente:

— Estou olhando para vocês. E vocês estão olhando para mim. Não vou ficar impressionado com todos vocês. Mas aqueles que continuarem aqui, vão ficar impressionados comigo.

Aquele era um novo Tibbets para Caron. Ele não pôde deixar de partilhar a expectativa a seu redor. Tibbets continuou:

“Foram trazidos para cá a fim de trabalhar numa missão muito especial. Aqueles que ficarem, irão para o exterior.

Os homens deixaram escapar murmúrios de satisfação. Tibbets fez com que se calassem com um olhar frio.

“Isto não é um jogo de futebol. Estão aqui para participar de um esforço que pode apressar o fim da guerra.

Desta vez, Tibbets deixou que o murmúrio surgisse e morresse sem interferência. Os homens já estavam sob seu controle.

“Não perguntem qual é a missão. É a maneira mais segura para serem transferidos. Não façam perguntas. Não respondam a perguntas de quem quer que seja que não esteja diretamente envolvido no trabalho que estão fazendo. Façam exatamente o que lhes for mandado, no momento em que mandarem, e não terão quaisquer problemas.

“Sei que muitos estão curiosos com as medidas excepcionais de segurança. Pois tratem de esquecer a curiosidade. Isso faz parte dos preparativos para o que virá depois. Ninguém terá permissão de entrar nas áreas proibidas sem um passe. Aqueles que perderem os passes recebidos serão levados à corte marcial. Não digam a ninguém que estão nesta base. . . e nisso estou incluindo esposas, namoradas, irmãs, famílias.

Houve um silêncio profundo quando ele parou de falar. Anteriormente, quando Tibbets se tornara oficial, a mãe lhe dera um conselho: às vezes teria que ser duro e implacável, mas deveria sempre tentar atenuar tal atitude mostrando o outro lado de seu caráter, a bondade e a gentileza.

“Não vai ser fácil para nenhum de nós. Mas conseguiremos, se trabalharmos unidos. Mas trabalhar o tempo todo, sem qualquer diversão, não é nada agradável. Por isso, a partir deste momento, todos vocês têm duas semanas de licença. Divirtam-se.

Classen já ia dispensar o esquadrão, quando Tibbets voltou a falar:

— Se alguém deseja ser transferido, não haverá qualquer problema. Basta dizê-lo agora.

Ele ficou esperando.

Ninguém se mexeu.

E Tibbets arrematou:

— Estou contente, realmente contente. . .

* * *

No meio da tarde, os homens já estavam começando a deixar a base. Muitos estavam espantados. Se a missão deles era tão importante assim para apressar o fim da guerra, por que tinham recebido duas semanas de licença? Havia quem achasse que Tibbets dissera aquilo apenas para tentar impressioná-los.

O Segundo-Tenente Eugene Grennan, engenheiro de vôo da tripulação de Eatherly, deu uma volta pela base e concluiu que aquela história de segurança não passava de “conversa fiada”. As portas de um hangar estavam entreabertas, ele deu uma olhada lá dentro e avistou “um foguete V-1 alemão”.

O triunfante Grennan não teve mais a menor dúvida de que o esquadrão iria para a Europa, a fim de “destruir os foguetes nazistas”.

O foguete não passava de uma maquete de madeira compensada e as portas do hangar tinham sido deixadas entreabertas deliberadamente, um plano imaginado por Uanna para enganar os homens. Minutos depois, um agente comunicou a Uanna que Grennan engolira a isca. Mas Uanna não tinha pressa alguma em tomar providências em relação a Grennan. Tinha outras ciladas em andamento.

O navegador Russell Gackenbach chegou a Salt Lake City e foi abordado por um sargento, indagando se Wendover era “o quartel-general da unidade Silverplate”. Gackenbach jamais ouvira falar em “Silverplate”, mas desconfiou de que se tratava de uma cilada e disse firmemente ao sargento que “perguntas inoportunas podem- nos meter a ambos na cadeia”.

Gackenbach sobrevivera ao curso de obstáculos de Uanna. Outros nele ficaram presos.

Dois sargentos foram abordados por um oficial num hotel de Salt Lake City. O oficial disse-lhes que estava indo juntar-se ao 393.º Que tipo de unidade era? Os sargentos prazerosamente disseram tudo o que sabiam. O oficial agradeceu-lhes. Duas horas depois os dois sargentos tagarelas se preparavam para embarcar no trem que os levaria para casa quando foram detidos por PMs e levados de volta à base. E se encontraram com o oficial que os interrogara no hotel no gabinete de Tibbets. O oficial era na verdade um agente do Projeto Manhattan. Uma hora depois, os dois sargentos tinham sido transferidos para uma base no Alasca e já estavam seguindo para lá.

Grennan chegou á Union Square, em Chicago, antes que a armadilha se fechasse. Ali, encontrou-se com um conhecido dos tempos da universidade. Grennam contou-lhe o que sabia a respeito de Wendover, a base onde estava agora servindo. Despediram-se. Ao chegar em casa, Grennan encontrou a sua espera um telegrama ordenando que retornasse imediatamente a Wendover. De volta à base, foi severamente censurado por Uanna por ter falado demais. O amigo que encontrara em Chicago era também um agente do Projeto Manhattan. O desconcertado Grennan só foi salvo da transferência porque tinha uma folha de serviço excelente. A partir desse momento, ele se tornou um dos homens mais preocupados com a segurança do esquadrão.

Cinco outros integrantes do 393.º caíram nas armadilhas dos agentes de Uanna e foram imediatamente embarcados para o Alasca Suas folhas de serviço não eram boas o suficiente para salvá-los.

* * *

No final da tarde, Groves telefonou para Tibbets, querendo saber por que dera uma licença aos homens do esquadrão. Foi informado de que a licença era parte do esquema de verificação de segurança.

Os dois haviam-se encontrado rapidamente em Washington. Na ocasião, Tibbets pudera sentir as tremendas pressões a que estava submetido o chefe do projeto. Agora, Groves parecia dispor de mais tempo para conversar. Prometeu que novos B-29s seriam em breve despachados para Wendover e recordou a Tibbets que “o mundo é seu”.

Era Groves lisonjeando para conseguir o que desejava. Um instante depois, a atitude dele mudou. Disse que em breve haveria muitos cientistas aparecendo em Wendover. Eram “homens extraordinários”, mas tinham pouca ou nenhuma compreensão do “lado militar das coisas”. Portanto, seria melhor que Tibbets não os informasse mais do que o necessário a respeito do programa de treinamento .

Groves queria limitar o conhecimento do envolvimento da Força Aérea do Exército a uns poucos cientistas, justamente os que partilhavam a opinião dele de que a bomba deveria ser produzida o mais depressa possível. Os cientistas que contestavam a validade do que estavam fazendo não passavam de intrometidos tontos, que estavam esquecendo a ciência e se metendo na política. Se esses cientistas soubessem que já começara o treinamento da força de ataque que iria lançar a bomba, achava Groves, seus protestos se tornariam ainda mais estridentes.

Mas apresentou o problema a Tibbets por um ângulo diferente:

— Coronel, as pessoas não podem falar daquilo que desconhecem. E isso é ótimo para a segurança.

* * *

Beser recebeu ordens de permanecer na base. Tibbets dissera-lhe que esperasse a chegada em breve de visitantes importantes.

Ao tentar interrogar Tibbets a respeito, o oficial de radar recebeu “o olhar mais frio que um homem seria capaz de dar; tratei de calar-me, fui para os alojamentos e fiquei esperando”.

Tibbets estava agindo dessa maneira porque “queria impressionar a Beser e a todos os demais homens da unidade, mostrando que não estava para brincadeiras”.

No início da noite de 12 de setembro, Tibbets e Ferebee finalmente puderam sentar-se para a reunião tão ansiosamente esperada.

Ferebee era mais alto do que Tibbets e impecavelmente elegante. Poderia perfeitamente desempenhar o papel de herói num filme de guerra. Usava um bigode ao estilo da RAF que o fazia parecer mais velho do que seus 24 anos.

Sobrevivera a 63 missões de combate, mais 20 do que Tibbets. Partilhavam a mesma filosofia a respeito da guerra: era uma coisa horrível, mas não havia outro jeito senão matar para não ser morto. Tinham voado juntos na Europa, haviam sido alvejados, sabiam o que significava o medo. E tornaram-se grandes amigos. Fazia quase um ano que não se encontravam, mas Tibbets ficou satisfeito ao descobrir que os antigos vínculos continuavam intactos.

Conversaram um pouco sobre o passado, recordando os aeroportos ingleses dos quais haviam decolado para muitas missões, as cidades da França

ocupadas que tinham atacado. Falaram animadamente sobre o dia do verão de 1942 em que haviam deparado com o esquadrão pessoal de Goering, de Messerschmitts de nariz amarelo. Nessa ocasião, um dos artilheiros do bombardeiro perdera um pé durante o combate aéreo, o co-piloto perdera a mão e o próprio Tibbets fora ferido no braço. Mas Ferebee conseguira bombardear com sucesso a base alemã em Abbeville, à luz do dia. Naquela noite em seu noticiário das nove horas, a BBC falou sobre o ataque. Recordaram também outros aviadores, homens que tinham morrido, homens que haviam desaparecido em campos de prisioneiros alemães, homens cujo destino era incerto.

Finalmente, Tibbets voltou ao presente:

— Tom, vamos precisar dos melhores homens para esta missão. Se tudo der certo, vamos destruir tudo num raio de 13 quilômetros do ponto de impacto.

Ferebee pensou por um momento no que deveria dizer.

— É um impacto e tanto, Paul.

O bombardeador não fez qualquer outro comentário. A discrição era uma das qualidades de Ferebee. Estava sempre preparado para escutar e ouvir. Os amigos diziam que ele só se sobressaía quando estava em combate, na mesa de pôquer ou quando passava uma garota bonita.

Tibbets perguntou-lhe se pensava em alguém que pudesse recomendar para participar da missão.

— O que me diz de “Dutch”?

“Dutch”, o Holandês, era Theodore van Kirk, que fora o navegador deles na Europa. Competente e extremamente profissional quando estava em missão, era o companheiro habitual de Ferebee nas farras e jogos de cartas quando estavam de folga. Tibbets acompanhara algumas vezes os companheiros mais jovens, sorrindo indulgentemente com as tropelias deles nas incursões pela vida noturna de Londres. Ferebee informou que Van Kirk voltara para a América, casara-se e estava agora servindo na Louisiana. Tibbets disse

que providenciaria a transferência do navegador para Wendover. Van Kirk poderia melhorar os padrões dos navegadores do 393.º até o nível indispensável para uma missão de ataque atômico.

— Tom, quero que todas as tripulações possam tornar-se vanguardieras, capazes de encontrar o caminho até o alvo sem precisar de aviões-guias para orientá-las.

Ferebee fez mais duas sugestões de homens que poderiam atender às necessidades de Tibbets. Um deles era um bombardeador, Kermit Beahan, o outro era um navegador, James van Pelt. Ambos já tinham anteriormente impressionado o comandante por suas qualidades.

Tibbets disse que ambos seriam imediatamente requisitados. Anunciou em seguida os nomes em que pensara. Eram todos homens que haviam servido sob seu comando durante o programa de teste do B-29. Três deles eram pilotos: Robert Lewis, Charles Sweeney e Don Albury.

Tibbets explicou que Lewis era um pouco impetuoso, mas era também um piloto nato. Sweeney era um irlandês de Boston, “capaz de voar um B-29 através do Grand Canyon, se lhe pedirem”. Albury era “o piloto de 25 anos mais competente que já conheci”.

Ele tinha ainda um outro homem que queria trazer para a unidade: o Segundo-Sargento Wyatt Duzenbury, que fora seu antigo engenheiro de vôo.

— Tom, Dooz consegue fazer verdadeiras mágicas com os motores de um avião. E é o sujeito ideal para se contar numa situação difícil. Se um motor pega fogo, ele se torna mais firme do que uma rocha. E se dois motores pegam fogo, ele se torna duas vezes mais sólido!

Não demorou muito para que Tibbets e Ferebee tivessem praticamente escolhido os homens que participariam da primeira missão de ataque atômico.

6

O Capitão-de-Fragata Mochitsura Hashimoto, da Marinha Imperial japonesa, ordenou um mergulho de exercício para 17 horas de dia 17 de setembro. O submarino I.58 deveria submergir 100 metros abaixo das ondas da Baía de Hiroxima, a fim de verificar as condições de todas as válvulas e aberturas.

O I.58 saía de Kure quatro dias antes. Era a primeira vez que iria submergir. Desde o dia em que o vira pela primeira vez, em maio, que Hashimoto se impressionara com o novo submarino. Era um dos primeiros submarinos da classe I, maiores, mais rápidos e mais bem equipados do que os outros submarinos de classe comparável, de qualquer país do mundo. Dois motores diesel proporcionavam ao I.58 uma velocidade de cruzeiro de 14 nós. Submerso, o submarino era impelido pelos motores a uma velocidade de sete nós. Com uma autonomia de 15 mil milhas, o submarino podia permanecer no mar durante três meses. Para os seis tubos de torpedos, todos na proa, transportava 19 torpedos, os mais avançados do mundo. Abastecidos com oxigênio, não deixando esteiras, os torpedos tinham uma velocidade de 58 nós e um alcance de 5.500 metros. Cada torpedo, com um diâmetro de 60 centímetros, levava uma carga explosiva de 550 quilos.

Naquele dia, para o primeiro teste de submersão, a sala de torpedos estaria vazia, a não ser pelos ratos, que infestavam o submarino.

Todos os esforços para exterminar os ratos tinham sido frustrados. Mas eles representavam o único problema que o Comandante Hashimoto não conseguira superar. Suas batalhas intermináveis com o Estaleiro Naval de Kure, o Departamento Técnico Naval e Escritório de Pesquisa Naval tinham proporcionado os resultados desejado: o I.58 estava equipado de acordo com as especificações de Hashimoto.

De pé, na ponte de comando, deslizando pela baía a pouco mais de uma milha ao sul de Hiroxima, Hashimoto contemplou pelo binóculo a academia

naval na ilha de Etajima. Nada parecia ter mudado desde que ele fora cadete ali, de 1927 a 1931. Três anos depois, em 1934, fora designado para a força de submarinos. Adorara a vida num submarino. Mas fora posteriormente destacado para servir em contratorpedeiros e caçaminas, operando ao largo da costa da China. Somente em 1938 é que voltara a servir na força de submarinos. A essa altura, já se tinha casado. Em 1940, a esposa presenteou-o com o primeiro filho.

Profissionalmente, Hashimoto vira-se envolvido em acontecimentos que o haviam abalado profundamente. Fora destacado para integrar a força naval que apoiara o ataque aéreo a Pearl Harbor, como oficial da sala de torpedos de um dos cinco submarinos que haviam lançado um submarino em miniatura, tripulado por dois homens, contra a esquadra americana. Os submarinos em miniatura haviam fracassado em sua missão, sendo todos afundados. Mas os homens do submarino em miniatura despachado por Hashimoto haviam conseguido escapar com vida. Desde então, ele passara a guerra sem qualquer acontecimento espetacular.

O capitão até que gostava que assim fosse. Na primeira vez em que reunira a tripulação do I.58, dissera aos homens que esperava competência e não “heroísmo insensato”.

Hashimoto escolhera pessoalmente muitos dos 105 oficiais e marinheiros da tripulação. Alguns já tinham servido sob seu comando, no submarino que comandara anteriormente. Os homens achavam que seu comandante de 35 anos era exigente, mas justo. Ele tinha uma grande experiência em submarinos e a reputação de sobrevivência nas circunstâncias mais difíceis.

Alguns dos novatos eram muito jovens. Hashimoto considerava que tal fato era um indício do supremo esforço que a guerra estava exigindo. Mas, como os demais tripulantes, os jovens se mostravam ansiosos em cumprir as ordens com eficiência e estavam-se saindo bem.

O I.58 chegou ao ponto de submersão.

Hashimoto desceu da ponte de comando para a sala de controle. Ficou observando os preparativos finais para o mergulho. Ordens e informações

eram transmitidas de um lado para outro, as campainhas de aviso soavam estridentemente.

Os motores principais foram desligados. Os motores elétricos entraram em pleno funcionamento. As válvulas de exaustão e indução de ar externas foram fechadas.

A sala de máquinas informou à sala de controle que estava tudo pronto para o mergulho. Os vigias desceram. O oficial de vigia fechou a escotilha da torre. Os homens postados nos tubos de lastro de ar informaram que estava tudo em ordem. O Imediato virou-se para o capitão e comunicou que estava tudo pronto para o mergulho.

Hashimoto deu a ordem:

— Mergulhar! Profundidade de 10 metros!

Ele observou os marinheiros abrirem as válvulas dos tanques de lastro. O ar escapou ruidosamente. O I.58 não era mais uma bóia cheia de ar. A agulha que indicava a profundidade começou a se mexer, lentamente, a princípio, depois com uma velocidade cada vez maior. Lá fora, o mar se chocava contra a torre do submarino. Depois, o barulho cessou. A torre já estava abaixo da superfície. Os motores elétricos zumbiam incessantemente.

O Imediato informou que o submarino estava submergindo sem qualquer problema.

Hashimoto ordenou que os tubos dos tanques de lastro fossem fechados. O I.58 continuou a descer. Subitamente, uma vibração intensa percorreu o submarino de um lado a outro. O Imediato ordenou que fosse nivelado. O I.58 ficou parado suspenso, na água, a uma profundidade de 30 metros.

Verificou-se meticulosamente se não havia vazamentos, se o sistema de bombas estava em ordem. Não havia qualquer defeito.

O Capitão ordenou que o I.58 submergisse ainda mais. O problema surgiu subitamente, a 60 metros de profundidade, com um jorro d'água irrompendo na sala de torpedos. A área foi imediatamente isolada.

Hashimoto deu ordens rapidamente, sem demonstrar o menor indício de preocupação, sabendo que rostos ansiosos estavam voltados em sua direção.

O I.58 nivelou e depois começou a subir, de volta à superfície. Emergindo, os motores diesel entraram novamente em funcionamento. O capitão amaldiçoou os montadores do estaleiro, que haviam sido negligentes e com isso quase provocavam um desastre de grandes proporções. A Baía de Hiroxima era bastante profunda. Não haveria qualquer possibilidade de as equipes de salvamento recuperarem o submarino. O medo que nunca o abandonava, de ser sepultado vivo no fundo do mar, fez com que Hashimoto se sentisse quase fisicamente doente. Se tinha que morrer, queria que o fim chegasse em combate. À exceção de cinco, todos os seus colegas de turma da Academia Naval estavam mortos, vítimas dos contratorpedeiros americanos. Atualmente, a expectativa de vida de uma tripulação de submarino era medida em semanas, não em meses. Era inadmissível que os trabalhadores negligentes do estaleiro de Kure contribuíssem para abreviar ainda mais o prazo.

Me não era um homem supersticioso. Mas preferia acreditar que “qualquer coisa que começa tão mal, só pode melhorar”.

Era uma filosofia confortadora e muito necessária para um comandante que sabia que suas possibilidades de sobrevivência estavam diminuindo a cada dia que passava. Sua grande esperança era a de ter a oportunidade de afundar pelo menos um navio inimigo antes de morrer.

7

O sedã verde parou nos arredores de Santa Fé, Novo México. Lansdale disse a Tibbets e Beser que tirassem as insígnias da Força Aérea. Entregou-lhes emblemas do corpo de engenharia. E explicou, embora não houvesse necessidade, com uma só palavra:

— Segurança.

O chefe de segurança mostrava-se satisfeito por lidar com Tibbets e Beser. Os dois estavam acostumados à disciplina militar, eram muito diferentes dos cientistas, que atormentavam seus agentes com brincadeiras infantis. Lansdale ainda não se recuperara da última brincadeira. Um físico conseguira dar um jeito de abrir o cofre de aço na sala de arquivos de Los Alamos e deixara um pedaço de papel por cima dos segredos atômicos que lá estavam. No papel, estavam escritas três palavras: “Adivinhem quem foi?”

Beser encontrava-se aturdido demais com os acontecimentos para pensar em fazer qualquer brincadeira. No dia anterior, fora chamado no gabinete de Tibbets. O oficial de radar reconhecera imediatamente pelos nomes os dois “visitantes importantes”. Quando estudante, ele lera diversos trabalhos de Norman Ramsey e Robert Brode, físicos famosos. Os dois haviam-no interrogado durante uma hora sobre seus antecedentes acadêmicos e conhecimentos de radar. Finalmente, Brode declarara que Beser estava em condições de realizar a missão. . . na pressuposição de que sua vida fosse dispensável.

Ninguém dissera a Beser qual era a missão, mas ele sabia que era melhor não perguntar.

No início daquela manhã, dia 19 de setembro, ele e Tibbets seguiram de avião de Wendover para Albuquerque, Novo México. Lansdale levava-os de carro para Santa Fé. E tornou a adverti-los, antes de seguir viagem:

— Vocês não têm nada a ver com a Força Aérea. Nunca ouviram falar em Wendover. Não digam coisa alguma a ninguém.

Entraram na cidade e foram parar diante de um portão de ferro, com séculos de idade. O portão foi aberto e entraram num pequeno pátio, em estilo espanhol.

Há dois anos que aquele pátio servia como ponto de recepção para alguns dos mais eminentes cientistas do mundo. Ali, homens e mulheres tomavam café e comiam bolinhos, ouvindo palavras confortadoras de uma figura

maternal, Dorothy McKibben, que servia como uma espécie de recepcionista para o centro mais secreto do Projeto Manhattan: o Local Y, em Los Alamos.

Norman Ramsey estava esperando no pátio para acompanhar Tibbets e Beser até lá. Recomendou-lhes que não tratassem nenhuma das pessoas que iriam conhecer como “doutor” ou “professor”.

— Medida de segurança — comentou Beser, solenemente.

Dois fatores haviam determinado a escolha de Los Alamos para a instalação de um laboratório atômico. Era um local bastante remoto, o que facilitava a aplicação das medidas de segurança. E se, por acaso, as experiências ali realizadas resultassem numa explosão prematura, a população civil que ficaria em perigo com a liberação de radioatividade era bastante reduzida.

A primeira impressão de Tibbets foi de desapontamento. Ele achava que “o local de nascimento da bomba devia parecer mais com uma fábrica de grandes proporções e atividade febril”.

Viu apenas grupos compactos de construções não muito grandes numa chapada, parte do platô das Montanhas Jemez. Seis mil cientistas e técnicos, com suas esposas e filhos, viviam agora no perímetro interior das cercas altas de arame farpado. Beser achou que o lugar parecia um campo de concentração. Ao entrarem no perímetro, a impressão desagradável persistiu. Muitos prédios tinham uma aparência tosca, já que a rapidez e não o conforto fora a consideração básica. Como em Wendover, havia lugares em que se avistava a placa de **ÁREA PROIBIDA** ou **ÁREA RIGOROSAMENTE PROIBIDA**.

A espera de Tibbets e Beser, em seu gabinete, estava J. Robert Oppenheimer, o físico teórico, franzino e tímido, que era o diretor científico do Projeto Manhattan. Recebeu os dois homens cordialmente, mas não se mostrou igualmente efusivo com Lansdale.

Há meses que o chefe de segurança vinha brincando de gato-e-rato com Oppenheimer, por causa das ligações anteriores do cientista com diversas organizações comunistas, suas contribuições financeiras a grupos de

extrema-esquerda e suas amizades com “simpatizantes”. O cientista estava sob permanente vigilância desde 15 de março de 1943. Era seguido, sua correspondência aberta, os telefonemas interceptados. O próprio Lansdale admitiu:

— Fazíamos as coisas mais condenáveis para mantê-lo sob constante e rigorosa vigilância.

Groves também interrogara Oppenheimer e constatara, satisfeito, que seu “colaborador mais chegado e mais indispensável” cortara todos os vínculos com o passado. Ordenara que fosse suspensa a vigilância permanente ao diretor científico do Projeto Manhattan.

Lansdale ignorara a ordem. Seus agentes continuaram a atormentar Oppenheimer.

Estavam vigiando o homem errado.

* * *

Naquela manhã, depois que Beser e Lansdale seguiram para o laboratório de Ramsey, Oppenheimer disse a Tibbets:

— Acho melhor você tomar conhecimento de tudo.

A caixa de Pandora estava finalmente sendo aberta para o aviador.

Ali, em Los Alamos, disse Oppenheimer, o homem estava remexendo num mundo desconhecido, levantando questões como “O que é a matéria?” e “Até que ponto pode ser curto um tempo curto?”. Ali eles falavam em milhares de toneladas de energia, como se a energia pudesse ser medida. Falavam em um milésimo e depois em um milionésimo de segundo, enquanto imaginavam meios de reduzir o próprio tempo a quase nada. Discutiam os méritos relativos da difusão gasosa e dos processos

eletromagnéticos para separar o urânio 235 do urânio 238. O urânio 235 produzido só podia ser medido em quantidades mínimas.

Estavam descobrindo também a natureza especial de uma reação em cadeia e estudando o problema singular da massa crítica, como reunir duas massas de urânio 235, da potência certa, para causar uma explosão atômica, no momento certo.

Oppenheimer reduziu o problema a poucas palavras:

— O problema é o tempo, Coronel. É preciso determinar o momento exato. Se conseguirmos resolver esse problema, então começarão os seus problemas. — O cientista fez uma pausa, olhando afavelmente para Tibbets, antes de acrescentar: — Provavelmente haverá muitos outros problemas antes de a bomba explodir.

Oppenheimer explicou como tencionavam construir a bomba de urânio. Um mecanismo apropriado iria pôr em contato os dois hemisférios de urânio 235, a fim de que suas massas combinadas atingissem o ponto crítico e detonassem. A quantidade de urânio 235 a ser utilizada, os tamanhos das duas esferas, a velocidade com que deveriam colidir, o ângulo de dispersão, o alcance dos nêutrons projetados pela reação em cadeia. . . eis algumas das perguntas que ainda precisavam de resposta, explicou o cientista.

Ele se levantou e pediu a Tibbets que o acompanhasse. Foram para uma construção próxima, que não tinha qualquer identificação, a não ser uma placa onde estava escrito:

ENTRADA RIGOROSAMENTE PROIBIDA

Era ali que o Capitão Parsons e sua equipe estavam trabalhando no problema de assegurar que a bomba explodisse a uma altura determinada acima do alvo.

Oppenheimer disse que Parsons provavelmente participaria pessoalmente da primeira missão.

— Isso é ótimo — comentou Tibbets. — Assim, se alguma coisa sair errada, poderei lançar-lhe a culpa, Capitão.

— Se alguma coisa sair errada, Coronel — respondeu Parsons — não sobrá nenhum de nós para ser culpado.

Em seguida, descreveu para Tibbets uma das máquinas experimentais que haviam construído para testar a teoria da massa crítica. Um pedaço de urânio no formato de rosca era colocado na máquina, que fora apelidada de “A Guilhotina”. Depois, outro pedaço de urânio era lançado no buraco da rosca. Por uma fração de segundo, o urânio extra mergulhando pela abertura levava os dois pedaços muito perto da massa crítica. Era uma experiência extremamente arriscada. Chamavam-na “torcer o rabo do dragão”.

Parsons deu mais algumas explicações a Tibbets sobre o mecanismo da bomba.

— O objetivo é assegurar que o encontro das duas massas “sub-críticas” ocorra pela primeira vez no momento da detonação planejada sobre o alvo. As massas se irão combinar numa massa crítica, causando a explosão da reação em cadeia. Essa é a teoria. Até agora, porém, ainda não podemos ter certeza se a bomba irá funcionar como esperamos.

O capitão explicou que o núcleo da bomba não passava no fundo do “uma boa arma antiga, um canhão de cinco polegadas, com um cano de dois metros. Depois que ela tiver sido lançada do avião e estiver a caminho do alvo, uma massa de urânio, do tamanho de uma lata de sopa, será disparada pelo cano para uma segunda massa do urânio, fixada na boca.”

— E se não funcionar? — insistiu Tibbets.

— Faremos apenas um estrago mínimo no alvo e voltaremos as pranchetas a fim de começarmos a planejar tudo novamente — respondeu Parsons.

Para evitar essa perspectiva desoladora, explicou Oppenheimer, a unidade de Tibbets iria lançar bombas de teste nos meses seguintes. Isso ajudaria os cientistas a desenvolverem o formato final do invólucro da bomba, assim como os detonadores de proximidade, que determinariam a altura em que a bomba iria explodir.

Até aquele momento, os detonadores de proximidade ainda não tinham sido devidamente acertados.

* * *

Tibbets continuou a ser surpreendido por Oppenheimer durante a visita a Los Alamos. Mais tarde, passaram por outro corredor idêntico a muitos que já haviam percorrido anteriormente, com salas idênticas dos dois lados, quadros-negros cobertos por fórmulas, ocupantes debruçados em réguas de cálculos e tábuas de logaritmos.

Subitamente, o cientista estacou. A cabeça estava erguida como um cachorro a farejar caça. Ele se virou e entrou numa das salas.

Lá dentro, um homem estava sentado numa cadeira de madeira de espaldar reto, olhando fixamente para o quadro-negro. A barba estava por fazer, os cabelos estavam despenteados.

Tibbets imaginou que talvez fosse “um dos zeladores do prédio tirando um cochilo não autorizado depois de uma noite de trabalho”.

Oppenheimer parou atrás do homem, em silêncio, olhando também para o quadro-negro, cheio de equações. Aproximou-se do quadro negro e apagou parte de uma equação. O homem na cadeira não se mexeu.

Oppenheimer escreveu rapidamente um novo grupo de símbolo. no espaço que apagara.

O homem parecia estar aturdido.

Oppenheimer acrescentou um símbolo final.

O homem levantou-se bruscamente, gritando:

— Há dois dias que venho procurando por esse erro!

Oppenheimer sorriu e saiu da sala de Enrico Fermi, deixando um dos fundadores e um dos maiores gênios da Física Nuclear recomeçando seu trabalho, entusiasmado.

* * *

Beser estava tendo “o dia mais fantástico da minha vida”. Conhecera e falara com uma dúzia de cientistas famosos que tinham sido os heróis de sua adolescência.

Hans Bethe e Ernest O. Lawrence estavam entre os que deram a Beser explicações sobre seu trabalho. Os cientistas falaram-lhe das armas estranhas que haviam imaginado para dispararem balas atômicas. Disparadas umas contra as outras, as balas devoravam-se mutuamente no impacto. Descreveram como esperavam que esse fenômeno pudesse ser usado para produzir uma explosão atômica. Falaram das temperaturas que esperavam criar e que fariam “uma luz mais intensa do que mil sóis”.

Ramsey relatou o papel que o oficial de radar desempenharia na missão. Beser aprenderia a controlar o radar inimigo, para verificar se estava tentando emperrar ou detonar o intrincado mecanismo da bomba. Para entender como isso poderia acontecer, Beser iria aprender o que poucos cientistas sabiam: os menores detalhes do mecanismo de detonação da bomba, inclusive o sistema embutido de minirradar.

Nesse primeiro dia, ninguém parecia preocupado com o quanto deveriam contar a Beser. Despejaram informações em cima dele, “deixando-me afogado num remoinho científico”.

Ao final da tarde, o tenente foi apresentado a um jovem técnico casmurro, David Greenglass. Ninguém ainda desconfiava de que Greenglass acabara de roubar a primeira de muitas das plantas do projeto atômico que levaria de Los Alamos. Ele levaria inclusive os esquemas de uma lente especial crucial à detonação da bomba de plutônio, que estava sendo desenvolvida ao mesmo tempo que a bomba de urânio. Os desenhos seriam levados para a Rússia através de uma rede de espionagem altamente profissional que os soviéticos tinham conseguido estender até o interior de Los Alamos. Greenglass receberia umas poucas centenas de dólares por sua traição.

Mais tarde, Beser teria a certeza de que interrompera o técnico em suas atividades de espionagem naquela tarde.

Já estava escuro quando o oficial de radar deixou Greenglass. Com alguma dificuldade, encontrou a pequena casa de hóspedes que fora designada para os visitantes. Abriu a porta da frente e estacou abruptamente. Estendida no sofá, tomando um drinque, estava uma morena bonita, inteiramente nua. Ela largou o drinque e levantou-se.

— Em que posso servi-lo? — A voz tinha um ligeiro sotaque alemão.

Era Katherine Oppenheimer, esposa do diretor científico do Projeto Manhattan. Ela deixara a Alemanha aos 14 anos. Entre seus parentes, estava o Marechal-de-Campo nazista Wilhelm Keitel.

— Sinto muito, Madame... — Beser ficou vermelho e não conseguiu dizer mais nada. Nunca antes vira uma mulher nua.

— Está procurando por alguém?

— Estou, sim, Madame. . . Não, Madame. . . Minha... cama . isto é. . . os aposentos de hóspedes, Madame. . .

— Ficam nos fundos da casa. Entrou pela porta errada. Mas pode passar por aqui. — A Sra. Oppenheimer sentou-se e recomeçou a beber o coquetel.

Desviando os olhos, o embaraçado Beser passou, cambaleando, pela lânguida primeira-dama de Los Alamos.

* * *

O marido dela estava deixando Paul Tibbets inteiramente aturdido. Os dois estavam sozinhos no gabinete de Oppenheimer, fazendo uma revisão de tudo o que o oficial tomara conhecimento até aquele momento. Ele achava que, em poucas horas, recebera “uma instrução científica melhor do que em todos os anos que passei na escola”.

Oppenheimer começou a interrogá-lo. Além da interferência do inimigo, o cientista queria saber que outros riscos poderiam haver numa missão de bombardeio. Tibbets explicou que havia sempre a possibilidade de as bombas emperrarem nos compartimentos ou de detonarem prematuramente por causa de um mecanismo defeituoso. O cientista achava que tais riscos poderiam ser eliminados na bomba atômica.

Depois, ele olhou atentamente para Tibbets e arrematou:

— Coronel, seu maior problema será depois que a bomba for detonada. A onda de choque da detonação pode destruir seu avião. Infelizmente, não lhe posso dar qualquer garantia de que sobreviva à missão.

8

O barulho do geta, os sapatos de madeira japoneses que ele tanto apreciava, contra o chão de pedra, era o único ruído que se ouvia no laboratório da Universidade de Osaka do Dr. Tsunesaburo Asada, possivelmente o mais imaginativo cientista do Japão. Sua equipe já sabia que aquele hábito de arrastar os pés era um sinal de que Asada sentia-se contente.

Apoiando o peso do corpo num dos pés e depois no outro, o cientista de casaco branco examinava sua mais recente criação, um detonador de proximidade. Era semelhante no projeto e no objetivo dos detonadores que estavam sendo aperfeiçoados em Los Alamos.

Meses de trabalho tinham sido dedicados ao desenvolvimento do detonador no laboratório bem equipado de Asada. Atualmente, ele raras vezes deixava o campus, trabalhando até altas horas da noite, de vez em quando tirando um cochilo no sofá a um canto do laboratório. Não gostava de interromper seu trabalho.

O cientista japonês ainda era, como fora no início da guerra, o diretor do Departamento de Física da Universidade. Mas desde o final de 1941 que não mais ensinava. O seu talento transformara-o num dos cientistas cruciais para o esforço de guerra do Japão.

Desde 1937, Asada fizera conferências regulares no Instituto de Pesquisa Técnica Naval, em Tóquio, e no Instituto de Pesquisa Aeronáutica Naval, em Yokosuka. Além das conferências, ele trabalhara em estreito contato com as autoridades militares, antes de o Japão entrar em guerra. A 17 de dezembro de 1941, fora um dos cientistas selecionados para trabalhar no Projeto A.

Esse era o nome em código para a pesquisa atômica japonesa. Onze dias depois de o Presidente Roosevelt ter autorizado o Projeto Manhattan, os japoneses haviam entrado também na corrida, decididos a fabricar uma bomba atômica.

Asada jamais esqueceria o clima de cego patriotismo da primeira reunião depois de Pearl Harbor, no Clube Naval, em Tóquio. Houvera promessas de recursos generosos para a pesquisa atômica. A cautela dele em relação aos vastos problemas técnicos que teriam de ser superados foi ignorada. Aqueles eram os dias em que os japoneses pareciam invencíveis. Um oficial naval dissera que talvez os novos aliados dos japoneses, os alemães, poderiam ajudar. O professor ressaltara que muitos dos principais cientistas atômicos alemães eram judeus; se já não tivessem saído do país, provavelmente estavam mortos. Era possível que alguns tivessem emigrado para os Estados Unidos. Manifestara, ainda, sua opinião de que

provavelmente a América tinha todo potencial para desenvolver armas atômicas.

O oficial da Marinha imediatamente o censurara, declarando:

— A América. . . e o Japão!

Durante um ano, ele e outros cientistas haviam estudado o problema. Tinham apresentado suas conclusões em dezembro de 1942. Levariam cerca de 10 anos para produzir “algumas armas atômicas”. Mesmo esse prazo era otimista, já que o Japão não possuía o urânio essencial.

O Projeto A fora arquivado pela Marinha, embora o Exército japonês continuasse a trabalhar de maneira irregular num projeto atômico, até 1945.

A Marinha havia iniciado o Projeto B. Asada reconheceu imediatamente o potencial. O Projeto B estava relacionado com o desenvolvimento do radar, técnicas de navegação e detonador de proximidade.

Nos últimos 18 meses, progressos impressionantes haviam sido realizados nas três divisões do Projeto B. Dois famosos navios de guerra britânicos, o Prince of Wales e o Repulse, haviam sido de grande ajuda para o desenvolvimento do radar japonês. Os dois navios tinham sido afundados ao largo de Singapura, em 1941, no auge das vitórias japonesas. Mergulhadores haviam localizado os navios no fundo do mar e realizado a tarefa hercúlea de desmontarem os aparelhos de radar de ambos. Foram embarcados para o Japão, montados outra vez e estudados pelos pesquisadores, fornecendo informações de inestimável importância.

O próprio Asada desenvolvera o detonador de proximidade. Em breve seria iniciada a produção em massa. Encerrada sua participação naquela parte específica do Projeto B, juntara-se a um grupo pequeno e seletivo de cientistas que estava trabalhando na mais impressionante de todas as armas.

Estavam construindo o raio da morte.

Era uma máquina que parecia saída das novelas de ficção científica. Deveria projetar um raio invisível que atingiria os aviões inimigos em pleno

ar, destruindo as hélices ou matando seus tripulantes.

Asada sabia que, com tal arma, o Japão poderia conquistar a vitória final. Nenhum avião estaria a salvo do raio da morte. Baterias de raio da morte estrategicamente situadas poderiam garantir a imunidade de todas as cidades japonesas a ataques aéreos. Outras baterias poderiam ser dispostas de maneira a proteger as costas japonesas de embarcações que se aproximassem. Mais tarde, a Marinha poderia instalar baterias de raio da morte em seus navios, a fim de destruir o inimigo muito longe do Japão.

O potencial era ilimitado. Já fora desenvolvido um protótipo que conseguira matar ratos no laboratório. Esse sucesso modesto enchia Asada de esperança. A próxima etapa seria experimentar o raio da morte com um mamífero maior.

9

Surprender o inimigo era a preocupação permanente do Major-General Seizo Arisue. As surpresas eram o seu negócio. Ele as criava, espalhava, previa e anulava.

Era o Diretor do Serviço Secreto do Exército Imperial, reconhecidamente o grande mestre da espionagem japonesa.

Era um homem pequeno, com uma inteligência extraordinária e um temperamento explosivo, que combinava com a voz áspera.

Mantinha um arquivo permanentemente atualizado com fichas de todos os políticos e oficiais japoneses importantes. Conhecia mais segredos do que qualquer outro homem no Exército e usava-os frequentemente para manter sua posição.

A ficha sobre Arisue, mantida por seus rivais no Serviço Secreto Naval, descrevia-o como um homem “arrogante, extremamente confiante em suas habilidades e perigosamente ambicioso”.

O relacionamento entre os dois ramos do serviço secreto era o mais frio possível. Estavam empenhados numa luta pelo poder, cada um procurando fornecer as informações mais valiosas.

Arisue estava começando a acreditar que finalmente teria a oportunidade de prevalecer, com um espetacular golpe de espionagem. Desde o início da manhã que ele estava em seu pequeno gabinete no Quartel-General do Exército em Tóquio, analisando um intrigante relatório do contato em Lisboa. Normalmente, o relatório nem teria chegado às mãos do general. Mas ele dera ordens expressas para que lhe encaminhasse “tudo o que estiver relacionado com a América”.

Algumas das informações vinham de Berlim, da Abwehr. Eram simples fragmentos já superados, recebidos pelos alemães de seus agentes em Madri e Cidade do México. Os sumários semanais da imprensa americana eram mais úteis. O serviço secreto militar japonês era assinante de 140 jornais e revistas americanos. Com grande frequência, o New York Times, o Saturday Evening Post, Collier's, Time e Newsweek continham informações sobre movimentações de tropas e baixas em combate que ajudavam Arisue a formar um mosaico surpreendentemente acurado dos Estados Unidos em guerra. A princípio, ficara desconfiado das informações colhidas na imprensa americana. Pensara que talvez fossem uma armadilha preparada pelo serviço secreto inimigo. Mas várias vezes pudera confirmar as informações dos jornais. E não conseguia imaginar como os censores americanos permitiam que informações tão importantes fossem publicadas.

Agora, ao estudar o relatório chegado de Lisboa, ficou imaginando o que os censores portugueses teriam feito ao lerem aquilo. Provavelmente enviaram cópias aos serviços secretos britânico e americano. Ele tinha quase certeza de que isso vinha acontecendo regularmente nos últimos seis meses.

O homem de Arisue em Lisboa ouvira o rumor de que os Estados Unidos haviam iniciado um novo e gigantesco projeto de guerra.

Depois de algumas horas estudando o problema, o general chegara à conclusão de que só havia uma maneira de confirmar a informação. Precisava dar um jeito de introduzir um agente nos Estados Unidos.

Seria a operação mais difícil que ele já montara. Nenhum japonês nato poderia ficar muito tempo nos Estados Unidos sem ser descoberto. Arisue poderia pedir que a florescente rede de espionagem alemã na América do Sul providenciasse um agente. Mas talvez se passassem meses até que tudo ficasse resolvido em Berlim, especialmente agora que a maré estava virando contra Hitler. Os italianos já estavam praticamente liquidados.

Ele concluiu que não havia possibilidade de receber qualquer ajudar do Eixo.

Analizou os seus próprios recursos. Seu contato em Lisboa não estava qualificado a realizar uma missão tão perigosa. Seus homens em Madri e na Cidade do México eram recrutas locais, sem condições de serem algo mais do que simples intermediários na remessa de informações.

Brasil. . . Arisue pôs um ponto de interrogação ao lado do nome de seu agente nesse país. Era um bom agente. Mas por onde ele poderia começar?

A mensagem de Lisboa não continha qualquer pista sobre o local em que estava sendo desenvolvido o projeto e qual a sua natureza.

Os problemas eram imensos. Mas se conseguisse descobrir o que era esse novo projeto bélico americano, isso poderia reforçar a determinação do Governo de lutar até o fim.

Arisue convocou a seu gabinete o Tenente-Coronel Kakuzo Oya, chefe da seção americana de seu quartel-general. Os dois oficiais passaram o resto da tarde discutindo as possibilidades de se infiltrar um espião nos Estados Unidos.

As ordens foram transmitidas pelo sistema de comunicação do B-29:

— Vamos fazer tudo certinho. Eles estão observando. Não quero que ninguém comece a inventar. Certo?

A tripulação do imenso bombardeiro não respondeu ao piloto, capitão Robert Lewis. Há cerca de uma hora que vinham fazendo tudo rigorosamente de acordo com as instruções do manual. Haviam verificado o bombardeiro por fora, embarcado, verificado os pára-quadras, iniciado a contagem regressiva para a decolagem.

Duzenbury, o engenheiro de vôo, e Caron, o artilheiro da cauda, que já tinham voado muitas vezes antes com Lewis, mostravam-se surpresos com a seriedade dele naquela manhã de outono em Wendover. Conheciam o capitão como um gozador de 26 anos, que usava um quepe amassado e uma jaqueta de vôo manchada. Parecia um veterano em combate, muito embora jamais tivesse participado de qualquer ação.

Lewis estava cuidando daquele vôo como, nas palavras de Caiou, “se tivesse a bordo o Presidente e todo o Gabinete”.

Espremido na pequena torre na cauda, o artilheiro sentiu-se tentado a ligar o aparelho de intercomunicação e dizer a Lewis para relaxar.

O impulso passou. A verificação continuou.

— Equipamento em ordem, Navegador?

O sistema de intercomunicação realçava ainda mais o sotaque de Brooklyn de Lewis.

— Tudo em ordem.

O Capitão Theodore “Dutch” van Kirk, o navegador, acomodou-se mais confortavelmente no assento estofado. Imaginou quem Lewis estaria tentando impressionar. Na semana em que estava em Wendover, Van Kirk percebera que o piloto adorava uma audiência.

Tibbets tentara tranquilizar o navegador, dizendo que Lewis se comportava assim apenas como “válvula de escape à tensão, pois é um piloto nato quando levanta vôo”. Van Kirk tinha opiniões próprias a respeito dos chamados pilotos “natos”. Descobrira, com uma frequência excessiva, que eram “doidos tentando provar alguma coisa aos outros”. Esperava que Lewis não fosse desse tipo.

Lewis, por sua vez, sempre achara que todos os navegadores eram uma raça estranha, com sua crença cega de que qualquer piloto podia seguir um curso com absoluta exatidão. Naquele dia, porém, tencionava seguir automaticamente qualquer mudança de curso indicada por Van Kirk. Dessa maneira, não poderia ser culpado por qualquer equívoco.

Sentado na carlinga, observando as luzes piscarem no painel de instrumentos, o piloto experimentou novamente a sensação familiar de bem-estar. Percorrera um longo caminho.

Em sua infância nas ruas de Brooklyn, um par de punhos rápidos era muito melhor do que um sotaque de classe. Sabia que seu comportamento agressivo fora um fator negativo. Mas, ao final, até mesmo o instrutor mais exigente não pudera deixar de reconhecer que Lewis era um piloto de talento excepcional. Nunca esqueceria o orgulho do pai e da mãe ao verem-no pela primeira vez no uniforme de oficial. Também jamais deixaria de se recordar da sua própria satisfação ao caminhar por Brooklyn e ser “cumprimentado como alguém”. Depois, viera o dia memorável em que levara o legendário Charles Lindbergh a voar num B-29. Depois do vôo, o herói americano dissera que teria ficado feliz se tivesse levado Lewis em sua companhia na histórica travessia do Atlântico.

Tibbets é que contribuiu decisivamente para transformar Lewis num dos mais experientes pilotos de B-29 de toda a Força Aérea. A convocação a Wendover não surpreendera Lewis. Ele escrevera no pai: “Paul precisa de mim porque sou um bom piloto.”

A modéstia, como o próprio Lewis reconheceria, não era uma de suas características mais marcantes. Mas ele possuía outra qualidade: uma grande generosidade e uma lealdade inflexível a sua tripulação, especialmente praças e sargentos. Os mecânicos o idolatravam, porque ele

era capaz de infringir todos os regulamentos para proporcionar-lhes melhores condições de trabalho.

Lewis reunira sua tripulação alguns dias antes, quando o B-29 chegara, o primeiro a ser entregue em Wendover. Houvera uma intensa competição entre os pilotos para ver quem iria comandá-lo. O capitão ficara quase que infantilmente excitado quando fora escolhido. Imediatamente se pusera a falar em “minha tripulação” e “meu avião”.

Mas, para aquele vôo, Van Kirk e Ferebee haviam substituído os seus navegador e bombardeador habituais. Tibbets explicara a Lewis que Van Kirk e Ferebee iriam voar com todas as tripulações. F acrescentara uma promessa:

— Tudo voltará a ser como nos velhos tempos, Bob.

O que deixara Lewis bastante animado. Os “velhos tempos” haviam sido aqueles em que tivera um “relacionamento direto e íntimo com Paul, sem ninguém para interferir”.

Não fora o que acontecera nos 10 dias em que estava em Wendover. Ele achava que Tibbets nunca tinha tempo para sentar-se em sua companhia e conversar sobre os velhos tempos. E não ficava nisso:

— Paul não ria mais com as minhas piadas, não mais se mostrava tão tolerante quando eu cometia algum pequeno erro. Atribui tal comportamento ao nervosismo de um novo comando.

As últimas verificações para o vôo estavam terminando. Lewis perguntou a Van Kirk o tempo de vôo para o ponto inicial ou PI, a referência no mapa de onde o B-29 começaria o vôo de bombardeio. Do PI ao PA, o ponto de alvo, a distância seria de apenas alguns quilômetros. Nesse trecho da missão, o piloto trabalharia com o bombardeador, Ferebee. Ele não simpatizara com Ferebee desde o momento em que se haviam conhecido. Achava que o bombardeador “bancava o superior” falava como “um Playboy do cinema”.

Uma noite, Lewis e Ferebee haviam jogado pôquer. O piloto perdera a metade do salário de um mês. Não podia dar-se a esse luxo. Um casamento

desfeito o deixara quase sem dinheiro. Em tom de brincadeira, Tibbets lhe dissera que “não saísse de sua turma”.

O coronel sabia que Ferebee era um dos melhores jogadores de pôquer da Força Aérea. Achava também que Lewis era um “mau perdedor”, uma acusação que o piloto sempre negaria veementemente, e não queria “jogos de cartas criando problemas desnecessários”.

Lewis repassou mentalmente os pontos principais das instruções que o comandante lhe dera. Deveria subir a 10 mil metros de altitude e voar para o sul, até a área de bombardeio, um lago artificial, o Mar de Salton, na Califórnia Meridional. Ali, Ferebee tentaria lançar uma bomba cheia de lastro dentro de um círculo de 200 metros, no norte do lago. Tibbets dissera a Lewis que deveria executar uma volta de mergulho de 155 graus assim que a bomba fosse lançada, voltando pela mesma direção de onde viera. E Tibbets enfatizara:

— Mantenha o curso firme e saia da área o mais depressa que puder!

O coronel esperava que a manobra fosse a solução para a sobrevivência da tripulação do avião à esperada onda de choque de uma bomba atômica. Calculara que Lewis estaria a 11 quilômetros de distância quando a bomba de teste atingisse o solo. Não explicou ao capitão o motivo para tal manobra, “porque isso implicava em dizer-lhe coisas demais, prematuramente”.

Pouco antes de embarcar no B-29, Lewis tivera outra surpresa. Beser aparecera na pista, informando que levaria cerca de 150 quilos de equipamentos no vôo.

— Não posso explicar o que se trata — dissera o tenente, de maneira jovial. — É uma questão de segurança.

Lewis ficara bastante irritado. Agora, aguardando a decolagem, o oficial de radar estava agachado no chão do B-29, atrás do banheiro, na parte traseira do aparelho, com seus analisadores de espectro, visor direcional, receptores e antenas.

Beser estava prestes a iniciar o primeiro vôo em que faria exercício de enfrentar tentativas inimigas de interferir eletronicamente com uma bomba atômica. Alguns de seus instrumentos foram especialmente modificados em Los Alamos. Durante o vôo, os instrumentos tentariam captar sinais emitidos do solo, simulando sinais de radar do inimigo. A tarefa do tenente era reconhecer, antecipar e desviar os feixes direcionais.

— Tudo pronto para acionar os motores?

Duzenbury estudou o painel a sua frente antes de responder a Lewis. Aos 31 anos, era o homem mais velho da tripulação. O sargento não perguntara a Tibbets por que o trouxera para Wendover. Para ele, era suficiente “trabalhar para o melhor cavalheiro da força aérea”.

Ele gostava também de Lewis. Depois do coronel, Lewis era o melhor piloto que Duzenbury conhecia.

— Pode acionar os motores, Capitão.

Um a um, os quatro motores de turbina Wright Cyclone entraram em funcionamento. A torre de controle autorizou Lewis a decolar. Na cabeceira da pista, ele acelerou os motores para 2.300 rpm, enquanto Duzenbury verificava os magnetos e geradores. Depois, o piloto empurrou as alavancas de aceleração à posição de potência máxima e lentamente soltou os freios. A uma velocidade de 150 quilômetros horários, exatamente como determinava o manual, Lewis alçou vôo com o maior bombardeiro que existia no mundo.

Alcançou o PI no prazo previsto. Minutos depois, Ferebe anunciou que tinha o PA em seu visor Norden.

— Lançar as bombas! Correção! Lançar a bomba!

O piloto inclinou o bombardeiro violentamente para a direita, baixando o nariz para obter maior velocidade. Um surpreso Caron, na cauda, gritou pelo sistema de intercomunicação:

— Capitão, parece até uma montanha-russa aqui atrás!

Lewis gritou em resposta:

— Eu lhe cobrarei o passeio quando voltarmos!

Beser estava ocupado demais para dar qualquer atenção à manobra. Dois de seus instrumentos haviam perdido a potência e não tinha a menor idéia da eficácia de suas contramedidas eletrônicas contra os feixes direcionais invisíveis. Desolado, ele abandonou o controle.

A bomba cheia de lastro caiu dentro do círculo. Cinegrafistas do Projeto Manhattan informaram que haviam conseguido registrar sua queda. Os filmes foram levados para Los Alamos, onde foram estudados meticulosamente pelos cientistas, ainda tentando determinar o melhor formato para a bomba.

Instrumentos de medição instalados em torno do PA calcularam que o avião estava a mais de 11 quilômetros de distância quando a bomba atingiu o solo.

Tibbets ficou aliviado. A manobra possibilitava a um avião evitar a onda de choque da bomba atômica. Ele manifestou seu alívio a um dos cientistas que estavam estudando o problema do raio de alcance da bomba.

E o homem lhe deu uma resposta que o deixou aterrado:

— Onze quilômetros, 20, 50, 10. . . É tudo a mesma coisa, porque não há meio de determinarmos a distância segura enquanto não lançarmos uma bomba atômica de verdade.

* * *

A tarde chegava ao fim quando Tibbets voltou a Wendover. Em seu gabinete, ele continuou a analisar as exigências táticas para lançar uma bomba atômica.

Embora a 21 de outubro já soubesse muito mais do que um mês antes, ainda estava longe de sentir-se tranquilizado. A natureza incerta da explosão — ninguém podia ter certeza de suas proporções — e a onda de choque prevista — outro imponderável — haviam contribuído para se excluir o uso de uma escolta de caças. Para poderem sobreviver à onda de choque, os caças teriam que estar tão longe da explosão que não poderiam proporcionar qualquer proteção no justo momento em que o bombardeiro estaria mais vulnerável. Além do mais, uma escolta de caças talvez conseguisse apenas atrair maior atenção para o bombardeiro. Tibbets tomou uma decisão.

O bombardeiro seguiria sozinho para a missão.

Isso também apresentava problemas: o fogo antiaéreo e os caças inimigos. Era provável que a última etapa da missão fosse voada sobre território ocupado pelo inimigo, talvez contando com defesa de caças. Quanto mais Tibbets pensava no problema, menos prováveis lhe pareciam as possibilidades de sucesso. O bombardeiro poderia ser destruído muito antes de alcançar o objetivo.

Subitamente, o coronel recordou-se de sua experiência no Novo México.

Meses antes, realizara diversos vôos no Novo México para testar a suscetibilidade do B-29 a ataques de caças. Numa determinada ocasião, descobrira irritado que o B-29 que normalmente usava nos testes não estava em condições de vôo. Resolvera então voar no único B-29 disponível, um aparelho despojado dos armamentos.

Decidira voar assim mesmo apenas para dar aos pilotos de caças a oportunidade de realizarem exercícios. Mas descobrira rapidamente que o B-29 sem armamentos podia operar a uma altitude de mais 1.600 metros que os bombardeiros normais. Era mais rápido e mais manobrável. Conseguira desvencilhar-se dos caças P-47 que faziam ataques simulados. Finalmente, a uma altitude de 11 mil metros, os caças haviam desistido, já que o esforço exigido de seus motores era demasiado.

Recordando a experiência, Tibbets começou a sentir-se excitado. O fogo antiaéreo era praticamente ineficaz acima de 10 mil metros de altitude, e ele

sabia que um caça P-47 era parecido no desempenho com um Zero japonês.

Se a cidade-alvo fosse japonesa, o que era bem provável, o coronel concluiu que a melhor chance seria usar na missão um B-29 sem armamentos. Removeria todas as placas blindadas e todas as armas, deixando apenas as metralhadoras na cauda.

Telefonou para o hangar e determinou que as equipes de terra começassem a trabalhar imediatamente despojando os dois bombardeiros que já estavam em Wendover.

— Esta noite? — indagou o chefe das equipes de terra, incrédulo.

— Agora!

Os mecânicos acharam que a idéia era uma “loucura rematada”. Mais tarde, iriam batizar os bombardeiros desarmados de Alvo Fannie Um e Alvo Parado Dois.

11

Em formação compacta, cinco aviões voavam para leste, através do Pacífico. Todos os pilotos esperavam morrer em breve.

Usavam echarpes brancas amarradas sob o pescoço, bem frouxas. Por baixo dos capacetes de vôo de couro, escondido pelos óculos, cada homem usava um hachimaki, uma réplica da faixa na cabeça que os guerreiros samurais usavam tradicionalmente em combate, no antigo Japão. Naquela manhã, a faixa era o símbolo do Corpo Especial de Ataque, integrado pelos pilotos suicidas, shimpu ou "vento divino". Mais tarde, aqueles pilotos e muitos outros como des seriam chamados de kamikazes, uma transliteração ocidental dos caracteres que em sino-japonês são pronunciados como

shimpu. Os primeiros shimpu tinham sido os tufões de 1241 e 1281, os quais, segundo a lenda, salvaram o Japão da fúria dos mongóis.

Os homens escolhidos para lançarem aquele novo shimpu haviam sido comunicados antes da decolagem, horas antes, que eram "deuses sem desejos terrenos". Seus Zeros transportavam 250 quilos de bombas. Os pilotos planejavam lançar seus aparelhos contra os navios da esquadra americana, agora apenas um pouco além do horizonte.

O plano fora imaginado apenas seis dias antes pelo Vice-Almirante Takijiro Onishi. A todos os adjetivos aplicados a esse comandante de rosto redondo: arrogante, brilhante, condescendente e intransigente, podia-se acrescentar outro naqueles últimos dias de outubro: desesperado.

Onishi não era mais o líder confiante que ajudara a planejar a agressão a Pearl Harbor; que desfechara o ataque arrasador ao Campo Clark, em Manila, praticamente liquidando a Força Aérea americana do Extremo Oriente; e que enviara seus pilotos em incursões devastadoras por todo o Pacífico.

Esses dias haviam acabado. A retaliação estava a caminho. Fora avistada uma gigantesca esquadra americana seguindo para as Filipinas. Se aquelas ilhas caíssem, as linhas de abastecimento do Japão estariam fatalmente rompidas. O almirante estava no comando da Primeira Frota Aérea, com base em Manila. Essa força, outrora impressionante, consistia agora em menos de 100 aparelhos. Mas eram suficientes para ele. A 19 de outubro, apresentara seu plano para o shimpu.

A reação de seus pilotos fora entusiástica. Os homens que sobrevoavam agora o Pacífico estavam prestes a desfechar o primeiro golpe.

Todos haviam escrito as últimas cartas e os poemas de despedida. Alguns haviam deixado testamento sumários. Cada um, de acordo com a tradição de samurai partindo para a batalha derradeira, anexara as cartas madeixas de cabelos e aparas de unhas, tudo o que deveria restar de seus corpos em terra.

Antes da decolagem, o próprio Onishi servira a cada homem o copo cerimonial de saque e oferecera um prato de peixe seco. Cada piloto pegara o copo de saque com as duas mãos e fizera uma reverencia antes de levá-lo aos lábios. Depois, o almirante entregara a cada piloto uma pequena lancheira, bento, a fim de proporcionar-lhes o conforto de uma pequena refeição final.

Às 10:45 horas, o esquadrão suicida avistou o inimigo, uma força de porta-aviões americanos, com escolta de contratorpedeiros.

Os pilotos se aproximaram, lançando pequenas folhas de estanho para confundirem os aparelhos de radar americanos. Cada piloto puxou a alavanca que preparava a bomba no aparelho para detonar.

Às 10:53 horas, o primeiro Zero chocou-se contra o convés do porta-aviões St. Lo. Avião e piloto se desintegraram, numa gigantesca explosão. Aquela era a “morte esplêndida”, rippa na saigo, que Onishi prometera.

O St. Lo começou a afundar.

Por volta de 10:59 horas da manhã de 25 de outubro de 1944, todos os cinco aviões haviam atingido seus alvos. A missão suicida foram um sucesso total.

Outras iguais se seguiriam.

12

O 393.º recebeu seu 15.º B-29 sem armamentos a 24 de novembro. O esquadrão estava agora plenamente equipado. A remoção das placas blindadas e de todos os armamentos, exceto os da cauda, não mais provocava comentários. Os pilotos haviam descoberto que isso lhes proporcionava maior velocidade e a possibilidade de operar em altitudes

maiores, embora ainda não estivessem totalmente convencidos da afirmação de Tibbets de que, em combate, estariam fora do alcance do fogo antiaéreo e dos caças inimigos.

“Hoje foi um dia típico pela rotina”, escreveu Lewis aos pais. “Instruções pela manhã, em seguida exercícios de bombardeio; volta para o almoço (muito bom) e mais exercícios. Não pergunto por quê. Ninguém pergunta.”

A carta seria lida por agentes do Projeto Manhattan destacados para a agência postal da base. Eles decidiram se infringia ou não a segurança, antes de permitirem que fosse despachada. As muitas cartas que não passavam pelos censores iam parar na mesa de Uanna. O vigilante major certificava-se de que os autores estariam bastante assustados ao deixarem seu gabinete para serem mais cuidadosos no futuro em relação ao que escreviam para casa.

Trezentos invólucros de bombas, do tipo arrasa-quarteirão, estavam à disposição das tripulações do 393.º, para serem usados nas missões de exercício no Mar de Salton. Os cinegrafistas continuavam a filmar as bombas caindo e os aviões fazendo a volta brusca de 155 graus.

A manobra, praticada tanto para a esquerda como a direita, era o alvo de muitas especulações. Os pilotos logo descobriram que uma falha na manobra significava ficar em terra temporariamente. Tais punições faziam parte do método de Tibbets. Ele também encorajava seus pilotos a procurarem a excelência através do exemplo. Ele próprio voou diversas missões de exercício, levando Lewis como seu co-piloto e sempre realizando a manobra com perfeição.

O círculo para o lançamento da bomba foi sendo gradativamente reduzido. Agora, não tinha mais do que 120 metros de diâmetro. Ferebee demonstrara que era possível lançar uma bomba dentro do círculo de uma altitude de 10 mil metros. Van Kirk provara, em longos vôos de treinamento sobre a água, que se podia navegar com um erro não superior a um quilômetro. As oficinas funcionavam 24 horas por dia. As equipes de terra mantinham os aparelhos permanentemente em condições de vôo.

O oficial de rancho Charles Perry foi informado por Tibbets de que, se tivesse algum problema, “bastava usar a palavra Silverplate”. Perry ficou cético. Mas um dia, cansado de discutir com um almoxarifado, ele resolveu usar a palavra de código. As mercadorias chegaram horas depois. Todos os almoxarifados da Força Aérea nos listados Unidos tinham ordens de dar prioridade absoluta a Silverplate.

O 393.º tornou-se a unidade mais bem alimentada da Força Aérea. Falou-se que o comandante despachou um avião-transporte a 1.500 quilômetros de distância, a fim de buscar uma carga de frutas tropicais. Peixe fresco de Nova Orleans, Miami e São Francisco eram pratos regulares nos cardápios de Perry. Numa determinada ocasião, o próprio Tibbets fez um vôo de quase três mil quilômetros, para buscar uma carga de xícaras de café em Portland, Oregon.

Ele cuidava de seus homens também em muitas outras coisas. Quando se envolviam com a polícia de Salt Lake City, por causa de violações de trânsito ou comportamento turbulento ou se metiam com mulheres casadas locais, ele sempre intervinha... desde que a folha de serviços do homem envolvido assim o justificasse.

O Subcomandante John King empenhava-se a fundo em manter os padrões de disciplina que considerava essenciais. Mas Tibbets deixou claro que não estava muito preocupado com continência perfeitas, uniformes impecavelmente passados e sapatos brilhando. Só se interessava pela capacidade profissional de cada homem. Gradativamente, o 393.º tornou-se uma das unidades mais negligentemente uniformizada da Força Aérea. No início de novembro, o coronel apresentou um novo piloto com uma aparência extraordinária: cabelos bem curtos, rouge nas faces e batom vermelho nos lábios. O macacão de vôo folgado não dava para disfarçar o corpo cheio de curvas.

— Claro que se trata de uma mulher — disse Tibbets, ao apresentá-la. — E devo dizer que tem muito homem que não sabe voar tão bem quanto Dora Dougherty.

Dora era uma piloto veterana, que trabalhara com Tibbets no programa de teste do B-29. Voara o bombardeiro com grande habilidade e segurança,

numa ocasião em que muitos pilotos homens não acreditavam inteiramente na capacidade do aparelho. Certa vez, ela deliberadamente desligara um motor na decolagem e mesmo assim levantara vôo. Em outra ocasião, pousara com um motor em chamas. Em Wendover, pilotava um avião-transporte. Às vezes, Tibbets desejava poder mandá-la comandar um B-29. Mas Dora jamais se queixava de qualquer missão.

Muitos homens estavam começando a se queixar dos programas de treinamento, as longas horas de exercícios, as constantes verificações de segurança. Acima de tudo, havia uma reclamação maior: por que ninguém lhes explicava para que tudo aquilo?

Nas palavras do Capitão King, o sentimento que se avolumava era o de que existiam “eles” e “nós”.

Ou seja, Tibbets, Van Kirk e Ferebee de um lado; e o resto do 393.º do outro.

O trio trabalhava e relaxava junto. De vez em quando, Lewis juntava-se ao grupo. Mas o relacionamento outrora íntimo entre Lewis e Tibbets estava esfriando. O coronel achava que Lewis cada vez mais tentava tirar proveito da associação passada. Não mais se divertia com as incursões impetuosas do capitão à conquista de mulheres, suas farras, a maneira agressiva com que se dedicava a tudo: o jogo de cartas, vôlei, até mesmo as conversas mais simples.

Mas, no ar, Lewis continuava a se distinguir. No final das contas, era com isso que o comandante se importava.

Beser não gostava de voar com Lewis, “porque nada tínhamos em comum”. Quanto ao piloto, não sabia por que o oficial de radar “levava tantas caixas para bordo e tentava parecer importante”.

Beser gostava do mistério que cercava sua função. Era regularmente interrogado a respeito de sua visita à Área Técnica, proibida aos demais, sem nunca deixar transpirar qualquer coisa. As viagens que ele e Tibbets faziam a Albuquerque também despertavam a maior curiosidade, inclusive porque jamais eram apresentados planos de vôo nessas ocasiões.

Em Los Alamos, o tenente recebia novas instruções sobre as complexidades das contramedidas eletrônicas. De vez em quando, voltava para Wendover com técnicos de Los Alamos. Estes passavam dias e dias na Área Técnica ajudando Beser a praticar a análise de variação de intensidade das sucessivas ondas de retorno ou a identificar a localização, velocidade e curso de um objeto refletido.

Depois que o tenente ficou familiarizado com o secreto sistema de radar da bomba, um agente de segurança foi destacado para acompanhá-lo dia e noite, sempre que deixasse a base. O homem levava seu trabalho tão a sério que até mesmo ficou montando guarda na porta do banheiro de um restaurante de Salt Lake City. O oficial de radar reagiu prontamente:

— Se você ficar parado na porta do banheiro toda vez que eu entrar, as pessoas vão começar a achar que tem alguma coisa muito esquisita comigo.

— Não posso fazer nada, Tenente. Para dizer a verdade, eu deveria entrar junto no banheiro e não ficar do lado de fora!

Beser acabou desistindo. Daquele momento em diante, iria partilhar todas as ocasiões sociais com o agente de segurança: um encontro com uma garota, um drinque, uma visita à família. Com o tempo, acostumar-se-ia a sua nova sombra.

Somente em Wendover é que ele se sentia realmente livre. Os deveres de seu guarda-costa terminavam assim que Beser entrava na base.

* * *

O inverno chegou cedo em 1944. O vento de novembro assoviava pelas planícies salgadas, entorpecendo a tudo em sua passagem.

Perry e seus cozinheiros esforçaram-se ao máximo para que o jantar do Dia de Ação de Graças fosse memorável, oferecendo purê de abóbora e um

exótico ponche de frutas para acompanhar o peru assado. Para completar o repasto, o oficial de rancho ofereceu um abundante suprimento de charutos cubanos.

Naquela ocasião, todos pensavam frequentemente em Cuba. Os últimos rumores eram de que as tripulações voariam em breve para a ensolarada Havana, a fim de continuar com os treinamentos especiais.

Tibbets, como sempre, nada dizia. Groves permanecia em contato telefônico regular com ele, querendo ser informado do progresso do treinamento, pressionando e exigindo. Tibbets expunha algumas das dificuldades que encontrava para fazer com que todas as tripulações dos bombardeiros estivessem preparadas para a missão. Groves escutava, resmungava e invariavelmente arrematava:

— Dê duro neles! É para isso que está aí!

Os cientistas chegavam e partiam diariamente de Wendover, fazendo novas exigências, que envolviam frequentes mudanças. Pediram que fossem modificados os compartimentos da bomba. As bombas convencionais eram presas por correntes. Mas ficou decidido que num avião carregando apenas uma bomba atômica, grande e comprida, pesando em torno de quatro mil quilos, devia-se usar um único gancho, que proporcionasse toda segurança. Não se encontrou nenhum gancho assim. O bombardeador Kermit Beahan foi mandado à Inglaterra e trouxe de volta as especificações do gancho único usado pela RAF em seus bombardeiros Lancaster. O gancho foi adaptado e ajustado aos B-29 do 393.º.

Havia também constantes mudanças no formato e peso da bomba. Depois de cada mudança, os cientistas voltavam a Los Alamos, dizendo a Tibbets, antes de partirem, que agora estavam satisfeitos, que não pensavam em mais nenhuma mudança, que poderia planejar tranquilamente seu programa de treinamento. Mas eles acabavam voltando a Wendover alguns dias depois, pedindo novas modificações, por terem descoberto mais informações sobre o fluxo aerodinâmico ou pelo aparecimento de outros problemas que exigiam alterações no formato da bomba.

O coronel não podia deixar de compreender a exasperação do pessoal das oficinas da base, onde eram efetuadas as alterações. Havia ocasiões em que eles se mostravam quase que abertamente hostis com aqueles desconhecidos que apareciam de repente e descartavam os resultados de uma longa noite de trabalho com a mais sumária das desculpas. A situação se agravava ainda mais pela insistência da segurança para que os cientistas se apresentassem como engenheiros sanitaristas. Era um disparate que provocava os comentários mais jocosos. Proibido de responder às perguntas de seus homens, Tibbets percebia que muitos deles tornavam-se cada vez mais frios e distantes. A solidão da liderança, sobre a qual sua mãe o avisara, tornava-se cada vez mais intensa.

O comando dele ia assumindo proporções maiores. Além do 393.º, ele agora tinha também sob suas ordens o 320.º Esquadrão de Transporte de Tropas, o 390.º Grupo de Serviço Aéreo, o 603.º Esquadrão de Engenharia Aérea e o 1027.º Esquadrão de Material Aéreo.

Essas novas unidades transportavam equipamentos e suprimentos e serviam o 393.º. Para policiá-las, havia a 1395ª Companhia de Polícia Militar, que contava com o apoio de 50 agentes do Projeto Manhattan. Sob as ordens de Uanna, os agentes continuavam tentando fazer com que os aviadores falassem de seu trabalho. Mas raramente o conseguiam. A notícia já se espalhou. Se Wendover era ruim, o Alasca era pior.

Mas isso não resolvia os problemas relacionados com o comando diário de cerca de 1.200 homens. Houve uma erupção de doença venérea. Os homens da segurança estavam preocupados com os casos de homens da base com as mulheres casadas locais, cujos maridos estavam servindo longe. Volta e meia ocorriam brigas em Salt Lake City envolvendo pessoal da base.

Numa noite memorável, no Chi Chi Club, um embriagado Capitão Eatherly deu uma surra num major de infantaria que o mandara retirar-se do local. Eatherly escapou pela porta dos fundos, no momento em que os PMs entravam pela frente.

Desta vez, o capitão conseguiu escapar à prisão. Mas estava sendo regularmente convocado ao gabinete de Tibbets para dar explicações sobre seu mau procedimento. Havia diversas multas de trânsito e Tibbets obrigou-

o a pagar. Outro incidente envolvia a licença para bebida. No Utah, é necessário uma licença estadual para se comprarem bebidas alcoólicas. Cada licença dava direito a comprar uma garrafa por semana. A polícia encontrou Eatherly com 15 licenças. Tibbets deu um jeito de livrar seu piloto da encrenca.

O capitão continuou a passar muitas de suas noites de folga jogando a cem dólares o lance, no Stale Line Hotel, em Wendover. Houve ocasiões em que ele perdeu — e recuperou — o saldo de um mês em poucas horas. Os agentes de segurança comunicavam o fato a Uanna, que se queixou a Tibbets:

— O sujeito é um psicótico.

Ao que Tibbets respondeu:

— É possível. Mas é também um piloto de primeira. E isso é tudo o que importa.

Eatherly demonstrou sua perícia excepcional como piloto em meados de novembro. Ao se aproximar da pista, um dos interruptores de seu B-29 entrou em reversão, uma série falha mecânica. O B-29 começou a girar, até ficar totalmente de lado. O piloto calmamente endireitou o aparelho e fez um pouso perfeito.

Naquela noite, perdeu uma quantia vultosa num jogo de pôquer. Mas não ligou a menor importância à perda, insinuando que possuía um imenso rancho no Texas cuja renda daria para pagar de sobra todas as suas dívidas. Afirmou também, que deixara o rancho aos 17 anos para tornar-se piloto e que já lutara contra os japoneses no Pacífico. Contava tais histórias com absoluta convicção.

Ninguém desconfiava de que não passavam de sonhos, os primeiros sinais da instabilidade que acabariam levando Claude Eatherly a internação em instituições de tratamento mental. Os outros aviadores percebiam apenas que ele demonstrava um grande desejo de ser famoso.

13

O Segundo-Tenente Tatsuo Yokoyama dispunha de uma hora inteira para caminhar do Monte Futaba, onde estava localizada sua bateria antiaérea, até o Castelo de Hiroxima. Ali, deveria participar da análise mensal das defesas da cidade. Não se esperava que ele falasse coisa alguma, devendo limitar-se a escutar os comandantes locais discutirem a situação. O tenente duvidava de que algum deles sequer soubesse seu nome. Isso não o incomodava. Seria suficiente que acontecesse como no mês anterior, quando as minutas da reunião haviam registrado a “eficiência e estado de alerta da bateria do Monte Futaba durante os exercícios”.

Já estavam longe os dias em que ele chegava para a reunião num carro partilhado com outros oficiais inferiores. Agora, somente os oficiais superiores tinham direito a usar a preciosa gasolina, e mesmo assim exclusivamente em atividades militares.

Yokoyama não se importava com a caminhada. Era a sua maneira de manter-se em contato com a situação diferente na cidade.

* * *

A sucessão de placas de letras pretas orientando o tráfego militar para o porto há muito que estava desbotada. Fazia quase três anos que o Comandante-em-Chefe da Esquadra japonesa, Almirante Isoroku Yamamoto, embarcara em sua nave-capitânia, ancorada na Baía de Hiroxima juntamente com outros navios de guerra, para ouvir os primeiros informes pelo rádio de suas forças que haviam atacado Pearl Harbor e a Malaia Britânica. Alguns dias depois, ele recebem a notícia do afundamento do Prince of Wales e do Repulse, ao largo de Singapura. Mas o reverenciado almirante não mais existia. Morrera em 1943, quando o avião

em que viajava fora derrubado por caças americanos. Também não havia mais nenhum navio de guerra no porto de Hiroxima.

Não se viam mais, também, os caminhões carregados de tropas percorrendo as ruas sinuosas da cidade até o gaisenkan, o “Portão do Retorno Triunfante”. Quase todos os soldados lutando no Pacífico tinham embarcado através do gaisenkan de Hiroxima, que agora estava vazio, esperando pelo retorno triunfante das tropas.

Três anos atrás, o porto ficara repleto de milhares de civis, entoando exortações às tropas que partiam. Agora, os únicos civis na área que não trabalhavam diretamente para a administração portuária eram os que cuidavam das pequenas hortas cultivadas nos espaços entre os guindastes e os armazéns.

Por toda parte, a cidade estava repleta de cartazes exortando a população a cultivar mais legumes, até mesmo a cultivar ervas. Havia também avisos sobre as severas penalidades a serem aplicadas aos que se dedicassem ao mercado negro ou espalhassem rumores irresponsáveis.

As ruas estreitas de Hiroxima sofreram mudanças profundas no decorrer do último ano. Havia menos caminhões circulando e não se avistava nenhum táxi. Além dos bondes, o único meio de se deslocar de um lado para outro era de bicicleta ou a pé.

Os bares serviam um chá verde sem gosto, frequentemente servido ainda momo, por causa da escassez de combustível. As bolas de coque para os fornos hibachi eram regularmente umedecidas na água, a fim de queimar por mais tempo. Alguns donos de restaurantes haviam idealizado um método de obter mais combustível. Faziam uma bola com as páginas do jornal da cidade, o Chugoku Shimburt, mergulhando-a na água e queimando junto com o coque. Quatro páginas do jornal eram suficientes para ferver meio litro de água em 10 minutos.

Havia milhares de pequenas hortas improvisadas. Punha-se uma camada de terra nos telhados lisos e ali se cultivavam vagens, cenoura, abóbora, espinafre e repolho chinês. Barris de madeira, tambores de óleo, até mesmo panelas velhas, eram usados para se cultivar alho-porro e rabanete.

Associações de bairros tinham sido formadas para cuidar da distribuição de rações, entregues apenas aos que tinham os tíquetes indispensáveis. Havia também tíquetes para tratamento médico e dentário gratuito. Durante a primeira semana de dezembro, cada associação distribuiria às famílias sob seus encargos um bolo de vagem, uma sardinha ou uma cavala pequena, dois repolhos chineses, cinco cenouras, quatro berinjelas e meia abóbora. O talo da abóbora era bastante valorizado. Era cortado em fatias finas e cozido como um legume extra.

Brotos de amora eram descascados e comidos. A labaga era encharcada em salmoura e usada como substituto para o arroz. Os juncos do Rio Ota eram cortados e cozinhados. As larvas encontradas em arbustos frutíferos e figueiras eram fervidas e usadas como uma imitação de molho de soja. Insetos de vários tipos eram assados como alimentos.

Os jardins de infância e as escolas primárias estavam fechados, alunos e professores evacuados para o interior, a fim de evitar os ataques aéreos e atenuar os problemas de racionamento da cidade.

As mulheres de Hiroxima nunca tinham parecido tão feias. A maioria se vestia agora como os homens, calça comprida e uma blusa abotoada até o pescoço. O governo estimulava a adoção desse traje.

Somente as mulheres da zona do meretrício continuavam a usar quimonos. Havia milhares de prostitutas nos bordéis infestados de ratos. Mas tinham ficado para trás as noites em que 10 mil soldados de uma só vez, a caminho do Pacífico, enxameavam pela zona.

Para aqueles que continuavam em Hiroxima até mesmo a simples tarefa de lavar roupa era extremamente desagradável. O único sabão disponível era feito de farelo de arroz e soda cáustica, que provocava feridas nas mãos. Pó para os dentes era uma mercadoria que só se encontrava agora no mercado negro. O substituto era uma pasta salgada de gosto horrível.

Os cinemas e teatros eram bastante populares. Os filmes e peças eram geralmente de qualidade inferior, mas o calor coletivo de várias centenas de pessoas reunidas era uma agradável experiência.

Muitas pessoas resolviam o problema de se manterem aquecidas esquentando pedras ou tijolos em seus fogões, envolvendo-os em jornais velhos e mantendo tais embrulhos perto do corpo. À medida que as pedras iam esfriando, os jornais iam sendo removidos, um a um. Quando o calor finalmente se dissipava, as pedras eram novamente esquentadas.

Yokoyama não tinha a menor dúvida de que a cidade estava sabendo resistir a seus infortúnios. E quem quer que o contestasse, ele tinha uma resposta na ponta da língua: apesar de tudo, Hiroxima estava intacta.

O tenente continuou a caminhar na direção do castelo. A sua frente, soaram gritos estridentes. Yokoyama saiu correndo. Virando a esquina, viu uma casa desabar na rua. Instintivamente, olhou para o céu. Não havia aviões.

Através da poeira, avistou um grupo de jovens do Corpo Patriótico Voluntário, meninos e meninas trazidos dos campos para servirem como trabalhadores. O grupo reuniu-se em torno da casa adjacente ao prédio desabado. Alguns começaram a examinar as fundações de casa, outros prenderam uma corda na viga-mestra. Um dos rapazes informou a Yokoyama que estavam criando um espaço vazio para evitar a propagação de incêndios em caso de ataque aéreo.

Esse trabalho de demolição já começava a abrir brechas em muitas partes de Hiroxima. Não havia tanta convulsão na cidade desde a catastrófica inundação de 6 de agosto de 1653. Nesse dia, centenas de casas haviam sido arrancadas de suas fundações pela natureza. Agora, jovens entusiasmados estavam realizando o que tufões subsequentes não conseguiram fazer.

Para Senkichi Awaya, o Prefeito de Hiroxima, a ordem de criar espaço vazios para impedir a propagação de incêndios era a mais difícil que já executara, desde que assumira o cargo, em julho de 1943. Se a ordem tivesse partido das autoridades militares, o servidor civil de 51 anos ter-se-ia oposto vigorosamente.

Mas a ordem viera do Departamento do Interior, em Tóquio.

Alguns dias antes, Awaya telefonara para o Castelo de Hiroxima e informara o oficial de serviço da ordem. Quase que imediatamente, o

comando militar regional emitira instruções sobre os setores da cidade que deveriam ser demolidos, pondo à disposição do prefeito soldados para supervisionarem e ajudarem no trabalho.

Durante aquela manhã de 6 de dezembro, as reuniões do Prefeito Awaya foram pontuadas pelo estrondo dos prédios desabando. Finalmente, quando quase não conseguia mais ouvir a própria voz, ele se levantou e foi até a janela de seu gabinete, no segundo andar, contemplando as nuvens de poeira que se erguiam nas proximidades da Ponte Aioi. Perguntou-se se até mesmo a ponte, uma das mais admiráveis da cidade, não acabaria sendo também demolida, por ordem das autoridades militares.

Foi tranquilizado por seu principal assistente, o pequeno e impecavelmente vestido Kazumasa Maruyama. Sem as pontes, a movimentação do Exército dentro da cidade seria drasticamente prejudicada. Numa emergência, haveria necessidade de deslocar as tropas com o máximo de rapidez.

Os dois ficaram observando a destruição. Diante do prédio da Prefeitura já se estava formando uma fila dos donos das casas demolidas, procurando receber indenizações e novas acomodações. Maruyama recordou ao prefeito quão limitada era a ajuda que a cidade podia oferecer.

— Podemos dar-lhes apenas uns poucos ienes.

— Apenas três anos... e a situação já é tão crítica! E tudo por causa do Exército!

Se o Prefeito Awaya pronunciasse tais palavras em público, estaria correndo o risco de prisão, até mesmo de execução. Mas em sua sala confortavelmente mobiliada, ele e Maruyama conversavam frequentemente sobre tais assuntos. Nos 16 meses em que vinham trabalhando juntos, os dois homens se haviam revelado pacifistas devotos e ferrenhos antimilitaristas.

De origem consideravelmente diferente, já que Awaya vinha da classe média superior, enquanto Maruyama era egresso das classes proletárias, os dois estavam ligados por fortes laços pessoais.

O prefeito fora o intermediário de Maruyama durante as delicadas negociações de seu assistente com os pais de sua futura esposa. Como um devoto cristão, um dos muitos de Hiroxima, Awaya tivera dificuldade em enfrentar as negociações complexas e discussões detalhadas, parte integrante de um casamento japonês. Mas o prefeito conseguira celebrar o contrato de casamento para satisfação de todas as partes envolvidas.

Awaya desejava que a esposa e os quatro filhos, que continuavam em sua casa em Tóquio, pudessem estar ali em sua companhia. Quando ele se mudara para Hiroxima, a família continuara em Tóquio para que os estudos das crianças não fossem prejudicados.

Ele era um dos prefeitos mais populares que a cidade já tivera; incorruptível, facilmente acessível e enérgico no tratamento dos casos de injustiça. Mas sabia estar sob suspeita por ser cristão e não ignorava que já haviam sido feitas tentativas para desmontar sua equipe. Somente ali, trancado em seu gabinete com Maruyama, ele se atrevia a dizer o que pensava.

Naquela manhã, um tópico de conversa familiar foi novamente levantado, o que Awaya chamava de “o terrível declínio de nossa cidade, que pode ser datado da loucura dos militares em showa quinze”, uma referência aos acontecimentos de 1941.

Dentro de 20 dias, a 28 de dezembro, o reinado de showa de Hirohito entraria em seu 19.º ano. Os dois concordavam que showa era agora um nome ironicamente inadequado. (A palavra significa “paz iluminada”.)

Awaya levantou um tema que o preocupava cada vez mais:

— Talvez venhamos a pagar muito pelos erros que foram cometidos.

Ambos sabiam que a cidade não estava preparada para se defender de um ataque aéreo. Os abrigos antiaéreos eram insuficientes, não havia pressão suficiente nos hidrantes, os poucos caminhos para evacuar a cidade poderiam ficar facilmente congestionados.

O prefeito achava também que os espaços que estavam sendo abertos para impedir a propagação de incêndios não constituiriam uma proteção adequada.

— Todas as áreas entre esses espaços podem ser consumidas pelas chamas até o fim. Tais espaços só servirão para evitar que a cidade seja inteiramente destruída de uma só vez.

Mas havia pelo menos um aspecto que Awaya considerava favorável:

— Os rios que dividem nossa cidade são excelentes barreiras naturais para impedir que os incêndios se alastrem. E se for necessário, os habitantes podem refugiar-se nesse rios para se protegerem do calor gerado pelos incêndios.

* * *

Com 400 anos de existência, construído numa elevação e cercado por um fosso, o Castelo de Hiroxima era o centro de um vasto complexo militar. Dentro de sua jurisdição, estavam os quartéis-gerais divisionais e regionais, contando com um efetivo total de 40 mil homens. A área abrangia também uma escola de treinamento de infantaria, um hospital militar e depósitos de munições e suprimentos. Sob a jurisdição do castelo estava também o quartel-general da defesa civil, a unidade responsável pelo alerta à cidade em caso de ataque aéreo, e o comando central de combate aos incêndios para as baterias antiaéreas.

Havia também na área dezenas de pequenas fábricas que produziam armamentos. As maiores estavam localizadas nas margens dos rios.

As visitas de Yokoyama ao castelo proporcionavam-lhe uma confirmação visível do poderio do Exército. Havia sempre à mostra fileiras de peças de campanha e veículos blindados. A disposição era otimista dentro do castelo, que há quase 100 anos era ocupado pelo Exército. Oficiais e soldados

falavam apenas das grandes vitórias iminentes. Ninguém comentava os invólucros de bombas que eram agora fabricados com ligas de metal de qualidade inferior, ou os tanques de combustível dos veículos blindados quase vazios.

A disposição dos oficiais superiores durante a reunião de análise das defesas da cidade foi a mais exuberante possível. Eles bateram na mesma tecla: Hiroxima, como as demais cidades japonesas, estava preparada para receber o inimigo. E todos aplaudiram, quando o oficial-comandante declarou:

— Que os bombardeiros americanos venham... e venham depressa! Eles cairão do céu como moscas, alvejados por nossos canhões!! — Correu os olhos pela sala, detendo-se no grupo de jovens oficiais no comando das baterias antiaéreas, entre os quais se encontrava Yokoyama. — Vocês terão a honra de desferir os primeiros golpes. O inimigo é arrogante. Pensa que pode penetrar em nossos céus impunemente, para bombardear nossas mulheres e filhos Mas vai descobrir que isso é impossível. Não falhem! Repetiremos a vitória de Pearl Harbor!

14

Em Tóquio, o Major-General Arisue começava a apresentar mais de tensão, o rosto um pouco mais pálido, as olheiras um pouco mais escuras. Estava sofrendo de falta de sono, refeições adequadas e ar fresco. Os dois últimos meses haviam sido devastadores para o seu vigor.

O contato de Lisboa não conseguira fornecer mais detalhes sobre o misterioso projeto de guerra americano. E sem detalhes mais concretos, Arisue não poderia dar as informações necessárias a seu agente no Brasil, que já estava pronto para se infiltrar nos Estados Unidos.

Além disso, seu Departamento estava sendo cada vez mais pressionado pelo Alto Comando. Pediam informações urgentes sobre os B-29 que haviam começado a atacar Tóquio e outras cidades japonesas. A chegada dos gigantescos bombardeiros espantara os japoneses. Jamais haviam visto aviões tão grandes, tão velozes e tão bem armados. O Alto Comando queria informações sobre as bases de onde decolavam. Arisue apontara as Marianas, amaldiçoando a ausência de espiões japoneses nas ilhas. Não tinha condições de responder a perguntas específicas sobre o número de esquadrões de bombardeiros ali baseados, o sistema de abastecimento com que contavam, todas as informações, em suma, que permitiriam fazer uma avaliação acurada da força de ataque dos americanos.

Seus postos de escuta especiais não estavam descobrindo nada de importante, as breves conversas entre os pilotos inimigos que sobrevoavam o Japão. As defesas de terra não estavam conseguindo derrubar os gigantescos B-29. O chefe de interrogatórios de Arisue, Tenente-Coronel Oya, nem mesmo estava conseguindo fazer com que os poucos aviadores americanos capturados prestassem grandes informações.

O último deles, Coronel Brian Brugge, começara a ser interrogado por Oya logo depois de ser derrubado, nove dias antes, a 3 de dezembro. Brugge era um prisioneiro importante, já que era o subchefe do estado-maior do 73.º Esquadrão de Bombardeiros, com base em Saipan.

Segundo Oya, o obstinado oficial de carreira americano, saído de West Point, recusara-se a cooperar.

— Nós o interrogamos exaustivamente, mas ele não quis falar. Posteriormente, começou a sofrer de desnutrição, pois não gostava da comida japonesa. E acabou morrendo.

Arisue ficara angustiado pelo fato de seu exuberante interrogador não ter conseguido extrair qualquer informação útil do oficial americano capturado. E quando se encontrava mais deprimido, sabendo que sua reputação estava sendo vigorosamente contestada em determinados escalões, Arisue recebeu informações inquietantes.

Há alguns dias que ele sabia que seu arquirrival, o Serviço Secreto Naval, estava em contato com um banqueiro sueco, Per Jacobsson, em Berna, Suíça. Sabia que o objetivo era utilizá-lo para fazer contato com os americanos, na esperança de se obter uma paz negociada.

Para os japoneses, havia uma diferença fundamental entre uma paz negociada e a rendição pura e simples. Mesmo assim, a primeira reação de Arisue fora a de denunciar os conspiradores. Mas a cautela o impedira. Entre os conspiradores havia certamente oficiais da Marinha das mais altas patentes. Se não conseguisse apresentar provas, estaria perdido. De qualquer maneira, não conseguia deixar de pensar em sombrias perspectivas. E se o Japão não pudesse ganhar a guerra? E se uma paz negociada fosse a única solução?

Até dois meses antes, tais pensamentos seriam simplesmente inconcebíveis para Arisue. Mas desde então o vinham atormentando. Pediu relatórios da situação. Conversou com oficiais do Estado-Maior. Estudou projeções das intenções do inimigo. Para qualquer lado que se virava, deparava com uma verdade inevitável: a guerra estava indo de mal a pior. O Japão, como ele diria mais tarde, “carecia de tudo, menos de coragem”.

Ao cair da noite, o general chegara à conclusão de que não havia a menor possibilidade de o Japão conquistar a vitória final. Mas sabia também que o país não estaria derrotado enquanto continuasse a lutar.

Pensando assim, Arisue decidiu, sem consultar a ninguém, que deveria também preparar o caminho para uma paz negociada. Sabia que, se fosse descoberto, seria considerado traidor e executado. Mas naquela mesma noite já estava tomando as primeiras providências para estabelecer um vínculo em Berna com Allen Dulles, diretor europeu do OSS (Office of Strategic Services — Escritório de Serviços Estratégicos), a agência americana de informações.

Sentado numa escrivaninha em sua suíte no Carlton Hotel, a alguns quarteirões da Casa Branca, o financista Alexander Sachs não dispunha de tempo para ler os jornais ou escutar os programas de rádio a respeito do terceiro aniversário de Pearl Harbor.

Sachs, o homem que fora o instrumento para alertar o Presidente Roosevelt para a possibilidade de se construir armas atômicas, estava prestes a entrar novamente em cena.

Contudo, para o financista e para milhões de americanos, 7 de dezembro era um dia em que os meios de comunicação eram particularmente atraentes. Os comentaristas repisavam no mesmo tema ao recordarem Pearl Harbor: o país não podia perdoar nem esquecer a traição do Japão, o “Dia da Infâmia” teria que ser vingado.

Consideravelmente mais bem equipadas em terra, mar e ar, as forças americanas estavam prestes a cercar o inimigo. A Força Aérea japonesa parecia quase liquidada. Se os aviões kamikazes ainda semeavam o terror entre aqueles que tinham de enfrentá-los, em quantidades crescentes, os jornais tratavam de reduzir a importância dos aviões-suicidas, afirmando que não passavam de um fenômeno temporário, um último esforço de um inimigo desesperado.

O escárnio da Rosa de Tóquio, “Venham pegar-nos!”, estava agora recebendo uma resposta confiante das emissoras de rádio americanas:

— Estamos indo, Rosa, estamos indo!

Ninguém tinha dúvidas de que a juventude americana pagava um alto preço pela jornada até o covil da Rosa de Tóquio. Uma média de cinco mil americanos morria todas as semanas no avanço inexorável pelo Pacífico. Mas os jornais tratavam de ressaltar que as baixas do inimigo eram ainda maiores. A decisiva batalha de aviões decolando de porta-aviões ao largo de Guam, tornara-se conhecida como “O Grande Tiro ao Alvo das Marinhas”. A perda das ilhas havia custado também aos japoneses 50 mil homens.

A disposição da América naquela manhã era inflexível. O inimigo, nas palavras de um comentarista de rádio, “deve ser golpeado com todos os recursos de que dispomos”.

Alexander Sachs sabia que “todos os recursos de que dispomos” iriam em breve incluir uma bomba atômica. Cinco anos depois de pedir a Roosevelt que autorizasse a construção da bomba atômica, Sachs queria agora que o Presidente fixasse rigorosas restrições sobre a maneira e a ocasião em que a bomba seria usada.

O financista estava trabalhando com o grupo de cientistas que começara a ter dúvidas sobre a utilização da bomba. Entre eles estavam Albert Einstein e Leo Szilard, que, em 1939, haviam defendido tenazmente a necessidade de a América equipar-se com um arsenal atômico. Agora, alegavam que a situação mundial mudara. A capacidade nazista de produzir bombas atômicas não mais existia. Achavam que o Japão poderia ser derrotado por armas convencionais. Qualquer vantagem militar que a América pudesse ganhar com o uso das bombas nucleares seria sobrepujada pelos prejuízos políticos e psicológicos. Se os Estados Unidos fossem os primeiros a lançar a bomba, os danos para o prestígio americano seriam incalculáveis, argumentava Szilard. Se a América lançasse a bomba, previa Einstein, haveria uma corrida para os armamentos atômicos em escala mundial.

Roosevelt rejeitara tais argumentos. Talvez pensasse que os cientistas subestimavam a capacidade do inimigo de continuar lutando, sob quase todas as circunstâncias.

Sachs passara alguns dias angustiantes, elaborando um esboço para sua proposta surpreendente. Mas agora, em sua letra impecável, conseguira finalmente escrever as condições que acreditava que Roosevelt deveria exigir antes de a bomba ser lançada.

* * *

Depois de um teste bem-sucedido, devem-se adotar as seguintes providências:

- a) uma demonstração experimental perante um grupo de cientistas de reputação internacional, de todos os países aliados e de países neutros, além de representantes das grandes religiões;
- b) um relatório sobre a natureza e alcance de arma atômica deve ser preparado pelos cientistas e outros representantes que presenciarem a demonstração;
- c) posteriormente, os Estados Unidos e seus aliados no Projeto devem comunicar a seus grandes inimigos na guerra, Alemanha e Japão, que haverá um bombardeio atômico numa área específica, dando-se um prazo limite para a evacuação de toda vida humana e animal da área;
- d) depois de provada a eficácia do bombardeio atômico, deve se apresentar um ultimato para a rendição imediata do inimigo, com a advertência de que qualquer resistência sujeitaria seus países e habitantes à aniquilação atômica.

* * *

Sachs passou mais de uma hora a sós com o Presidente Roosevelt Não foi feito qualquer registro da conversa.

Alguns meses depois, quando Roosevelt estava morto, Sachs iria declarar que o Presidente aceitara suas propostas. A implicação de tal declaração era clara: os que eram a favor do uso da bomba haviam mais tarde persuadido o Presidente a mudar de idéia. É mais provável que Roosevelt, um político hábil, tenha levado Sachs a acreditar naquilo que queria ouvir.

Groves achou que a sugestão de Sachs, pensando que Hitler e os militaristas japoneses poderiam ficar impressionados com uma explosão em alguma

área distante de seus territórios, era extremamente ingênua. Além disso, a proposta do financista acabava totalmente com o elemento surpresa, que o general considerava essencial. O diretor do Projeto Manhattan sempre argumentara que o inimigo, se avisado de antemão, iria desfechar um contra-ataque eficaz, destruindo o avião que transportava a bomba atômica, em combate aéreo ou por fogo antiaéreo.

Seja como for, o fato é que a 7 de dezembro os cientistas que trabalhavam no Projeto Manhattan estavam convencidos de que os japoneses não estavam adiantados o bastante em Física teórica e tecnologia para poderem fabricar uma bomba atômica. Portanto, argumentavam alguns, seria “inconcebível” usar a arma contra o Japão.

As possibilidades pareciam remotas. Mesmo assim, os cientistas mais radicais estavam planejando novas estratégias para deter o projeto.

16

A 17 de dezembro, os cinco esquadrões em Wendover foram formalmente unificados sob o comando de Tibbets, como o 509.º Grupo Integrado, adido à 315.a Brigada Aérea de Bombardeio, da Segunda Força Aérea. O efetivo do grupo era de 225 oficiais e 1542 praças e sargentos.

Ferebee e Van Kirk integraram o estado-maior do QG do 509.º como bombardeador e navegador do grupo, respectivamente. Raramente voavam agora, passando quase todo o tempo preparando e analisando programas de treinamento. Quando por acaso voavam, geralmente o faziam com Lewis, substituindo o bombardeador e o navegador habituais dele.

A tripulação de Lewis continuava a registrar os melhores índices de vôo. Os principais concorrentes eram a tripulação de Eatherly e a tripulação N.º 15, comandada pelo efervescente Major Charles Sweeney.

Beser gostava de voar com Sweeney, “por causa da maneira como ele brincava com todo mundo”. Beser estava julgando cuidadosamente todos os pilotos, pois “o dia se aproximava em que teria de confiar minha vida a eles”.

O oficial de radar cada vez simpatizava mais com Tibbets. Adivinhara, corretamente, um homem tímido, por trás do comandante altivo. Descobriu que Tibbets tinha um problema conjugal e chegou à conclusão de que ele “só se sentia realmente feliz no ar, quando se mostrava magnífico”.

Beser achava que Lewis de vez em quando se comportava em terra como “um garoto travesso, embora se mantivesse calmo quando estava voando”.

Van Kirk e Ferebee foram classificados por Beser como “profissionais que nunca tinham quaisquer problemas”.

* * *

Naquela manhã de dezembro, a 10 mil metros de altitude, sobre a área de bombardeio no Mar de Salton, Tibbets e Ferebee estavam tentando resolver um problema que os preocupava há uma semana.

O bombardeador não estava conseguindo acertar todas as desarmadas bombas de exercício no alvo, reduzido agora a um círculo de menos de 100 metros de diâmetro. Parecia não haver qualquer razão plausível para que algumas bombas caíssem dentro do círculo, enquanto outras não.

Tibbets estava preocupado e recordou a Ferebee por que a precisão era tão importante.

— Quando chegar o momento, Tom, teremos que chegar o mais perto possível do alvo. Não há possibilidade de se usar o radar, porque ainda é muito incerto. Assim, a operação tem que ser visual. Você precisa avistar o

alvo e depois acertar bem na mosca. Isso significa que, nos exercícios, temos que acertar todas as vezes dentro do círculo.

Tibbets decidira participar do vôo de treinamento porque desejava descobrir o motivo por que os lançamentos mostravam-se tão irregulares. O tempo estava perfeito, com céu e vento facilmente previsível. Com Lewis no comando, aproximando-se do PA num curso firme, Tibbets ficou observando Ferebee inclinado sobre o visor Norden.

O visor fora totalmente desmontado e novamente montado, de forma meticulosa. Em termos mecânicos, era um instrumento perfeito.

Ferebee informou que tinha o PA no visor. Levantou-se um pouco do assento para aproximar mais o rosto do visor. Podia avistar lá embaixo o círculo do alvo. Satisfeito, ele novamente se acomodou no assento, com o rosto ainda grudado no visor.

— Lançar bomba!

Lewis fez a volta obrigatória de 155 graus. Quando o controle de terra comunicou que a bomba chegara ao solo, o B-29 estava a quase 14 quilômetros de distância.

A bomba caíra fora do círculo.

Tibbets ordenou a Lewis que voltasse novamente ao PA. Disse n Ferebee que repetisse suas ações. Observou atentamente, enquanto o bombardeador localizava o alvo pelo visor. No último instante, Ferebee levantou-se novamente do assento.

Tibbets gritou:

— É isso!

Ele resolvera o problema. No momento crucial, Ferebee, como qualquer outro bombardeador, ergueu-se do assento para aproximar mais os olhos do visor. O movimento era mínimo. Mas suficiente. Ao olhar pelo visor, ele se encontrava num ângulo ligeiramente diferente. Se estivesse bombardeando

de algumas centenas de metros de altura, o pequeno movimento não faria a menor diferença. Mas a 10 mil metros, com a cabeça num ângulo ligeiramente diferente, o erro final poderia ser de várias dezenas de metros, quando a bomba atingisse o solo.

Horas depois, Tibbets conseguira fazer com que as oficinas fabricassem um apoio para a cabeça acolchoado, no visor. Usando-o, a cabeça de Ferebee tinha que ficar sempre na mesma posição. A partir desse momento, a precisão dos bombardeios tornou-se invariável.

17

A luz fria do amanhecer, o oficial de rancho Charles Perry examinou seus recursos: incontáveis perus e presuntos defumados, montanhas de legumes, travessas e mais travessas de empadões de carne e dezenas de bolos de Natal. Silverplate garantia que aquele primeiro Natal da nova unidade, o 509.º, fosse realmente memorável.

O tempo também contribuiu para o ambiente festivo. Nevara durante a noite e havia agora uma grossa camada de neve sobre o chão. No portão principal da base, PMs tremendo de frio fazia uma dupla de homens de neve, inclusive com capacetes e galhos de árvores à guisa de carabinas.

Além do portão, em sua casa, a família Tibbets estava abrindo os presentes de Natal. O coronel dera a Lucie um presente que comprara no último momento no reembolsável da base. Ele se sentia confuso e desorientado na hora de comprar um presente para a esposa, sempre alegre e animada. Era esse um dos muitos pequenos motivos pelos quais o casamento deles começava a naufragar. Lucie achava que o marido não era nada romântico. Uma afetuosa beldade sulista típica, nascida na Geórgia, ela achava Tibbets, um homem essencialmente pragmático, frequentemente frio e distante. Sabia que não havia outra mulher na vida do marido, mas não conseguia compreender por que ele parecia colocar seu trabalho acima dela e das

crianças. Certa ocasião ela se queixara a Beser, que muitas vezes tomava conta das crianças para que os Tibbets pudessem sair, que “Paul nunca tem tempo para sentar e conversar ou brincar com as crianças. E quando ele fala, é sempre sobre seu trabalho”.

Tibbets tentara explicar que era, por natureza, um “solitário”. Não acrescentara o que muito de seus oficiais sabiam: que só se sentia realmente feliz quando estava voando.

A preocupação com o trabalho determinara a escolha dos presentes que comprara para os filhos pequenos; Paul Jr. e o bebê Gene ganharam modelos do B-17. Os bombeiros de brinquedo tinham sido bastante vendidos no reembolsável da base.

Pela manhã, os meninos encontraram diversos modelos de B-17 em suas meias, presentes de Lewis Van Kirk, Ferebee e Beser.

Terminado o café da manhã, a família Tibbets foi assistir ao serviço religioso na igreja da base.

O Capelão William Downey recebeu seu Comandante efusivamente. Não podia recordar-se com exatidão da última vez em que Tibbets aparecera na igreja. Pouco depois que ele chegara à base, Tibbets lhe dissera:

— Quando rezo, dirijo-me diretamente a Deus, sem um intermediário.

Dowey não ficara ofendido. Conhecia muitos homens assim. Respeitava as opiniões deles. E agindo dessa maneira, o capelão conquistara o respeito dos outros. Tranquilo, simples e objetivo, o Capitão Downey era o conselheiro espiritual ideal para o efervescente 509.º. Não ficava chocado com as aventuras dos homens. Embora não fosse muito mais velho do que a maioria, conseguia dar a impressão de ser um homem tolerante e sábio, sempre disposto a tomar um drinque, ouvir uma piada, bancando o “bom sujeito”, sem perder a dignidade.

Até mesmo Beser, que invariavelmente criticava toda religião organizada, achava que Downey era “um danado de bom piloto do céu; se não fosse um luterano, teria dado um excelente rabino”.

Por volta do meio-dia, naquele dia de Natal, o clube da base estava repleto de oficiais e suas esposas.

Paul e Lucie Tibbets presidiam a reunião. Por um momento, as tensões e problemas particulares estavam esquecidos. Tibbets recordou junto com Van Kirk e Ferebee os dias que haviam passado na Europa e especulou como Londres estaria reagindo às “Bob Hopes”, as bombas voadoras que estavam caindo sobre a Capital britânica.

— A gente se desguia (bob out) do caminho e torce (hope) para que caiam longe.

Não se passou muito tempo para que muitos oficiais estivessem colados em torno do rádio, cantando canções de Natal juntamente com Bing Crosby, numa transmissão feita de Hollywood.

As músicas foram seguidas por um noticiário que os trouxe abruptamente de volta à realidade. As tropas americanas na Europa estavam tentando desesperadamente repelir um contra-ataque de surpresa alemão, que se iria transformar na famosa Batalha do Bolsão. Soldados alemães, vestidos em uniformes americanos, estavam semeando a maior confusão nas linhas americanas. As notícias da frente do Pacífico eram mais animadoras: as cidades japonesas estavam começando a sentir o peso das bombas americanas.

Lucie Tibbets murmurou a esperança de toda esposa:

— Querido, talvez a guerra acabe antes de você ter que partir.

18

O final do ano foi extremamente movimentado para Groves Seus dias de trabalho prolongavam-se muito além das 15 horas habituais. A caixa de

chocolate que ele mantinha no cofre, juntamente com os segredos atômicos, precisava ser frequentemente reabastecida. Mastigando incessantemente suas barras de chocolate, Groves dava ordens que iriam mudar inteiramente os aspectos da guerra.

Ele mandou chamar Tibbets a 28 de dezembro. Desde o início de cautela de ambas as partes, o relacionamento entre eles passara por varios estágios, até atingir o ponto atual, de aceitação de Tibbets por Groves. O chefe do Projeto Manhattan achava que o aviador podia ser tão frio quanto desejasse, pois aprendera a confiar nos julgamentos de Tibbets em questões de vôo.

As anotações ultra-secretas das conversações entre os dois mostram como Groves passara a confiar inteiramente no Comandante do 509,º.

Tibbets fixou a data de 15 de junho de 1945 com o momento em que estaria pronto para desfechar um ataque atômico.

Groves aceitou essa data sem a menor hesitação. Foi levantada a questão de “como seriam as condições meteorológicas na área de Tóquio entre 15 de junho e 15 de julho”.

Era a primeira vez que a Capital japonesa era abertamente mencionada com um alvo para ataque atômico.

Podia haver um problema meteorológico. Nas anotações, está escrito que se podiam esperar “chuvas frequentes (sobre Tóquio) até 15 de agosto (de 1945). Não é aconselhável que as missões sejam realizadas debaixo de chuva”.

Além das considerações meteorológicas, Groves indicou também os fatores que deviam determinar a seleção do alvo:

Os alvos escolhidos devem ser lugares cuja destruição pela bomba atômica possa afetar mais intensamente a vontade do povo japonês de continuar a guerra. Além disso, devem ser alvos militares, onde haja comandos importantes ou concentrações de tropas, podendo também ser centros de produção de equipamentos e suprimentos militares. Para que possamos avaliar acuradamente os efeitos da bomba, os alvos não devem ter sido

anteriormente danificados por ataques aéreos. É também desejável que o primeiro alvo possa ser de tal tamanho que os efeitos estejam confinados dentro de seus limites, a fim de que possamos determinar o poder da bomba com o máximo de precisão.

Groves duvidava de que Tóquio pudesse atender a todas essas exigências. O mais provável era que a Capital japonesa fosse intensamente bombardeada nos meses subsequentes com armas convencionais.

Pessoalmente, Groves era a favor de escolher Kyoto para alvo. Kyoto era a antiga capital do Japão, “uma cidade histórica e de profunda significação religiosa para os japoneses”. Com uma população estimada de um milhão de habitantes, Kyoto, conforme argumentava Groves, “devia estar empenhada totalmente no esforço de guerra, como qualquer outra cidade japonesa de igual tamanho”. Portanto, seria um alvo legítimo.

Além do mais, ele achava que Kyoto era uma cidade “grande o suficiente para termos certeza de que os danos da bomba ficarão confinados a seus limites, o que nos dará um bom conhecimento do poder destrutivo”.

Numa reunião no gabinete de Oppenheimer em Los Alamos, a 19 de dezembro, Groves decidira que o mecanismo de disparo da bomba de urânio era tão seguro que não precisava ser testado antes de usado contra o inimigo. Contudo, o mecanismo mais complexo da bomba de plutônio precisaria ser testado. Isso seria feito no campo de testes de Alamogordo, no deserto do Novo México, em data ainda a ser marcada.

Sozinho em seu gabinete, no dia 30 de dezembro, Groves tomou a decisão de dar um passo decisivo. E escreveu para o General George C. Marshall, Chefe do Estado-Maior:

Parece agora relativamente seguro basear nossos planos de operação na bomba tipo-canhão, que produzirá uma explosão estimada equivalente a 10 mil toneladas de TNT. A primeira bomba, sem qualquer teste prévio de escala, que julgamos desnecessário, deverá estar pronta para ser lançada a 1º de agosto de 1945.

Groves marcara uma data para o Projeto Manhattan.

19

Um marinheiro apagou cuidadosamente a legenda I.58 da torre do submarino e pintou a bandeira do kikusui imediatamente acima do emblema do sol Nascente. O kikusui era o estandarte de batalha do antigo guerreiro Masashige, que lutara contra forças incrivelmente superiores, sabendo que não tinha a menor possibilidade de sobreviver.

Com o kikusui brilhando, ainda úmido, ao sol de inverno, o Comandante Hashimoto completou a transformação de seu submarino, ordenando a um marinheiro que hasteasse o novo estandarte de combate, o hiriko kenten de Masashige, que significava “vontade de Deus”.

Bandeira e estandarte indicavam que o submarino era agora um transportador de torpedos humanos, a última arma imaginada pela Marinha Imperial japonesa. Os torpedos humanos ou kaitens eram OS equivalentes submarinos dos kamikazes.

Desde janeiro de 1943, na ultra-secreta Base P, uma ilha na Baía de Hiroxima, ao sul de Kure, a Marinha vinha fazendo experiências para a utilização de torpedos humanos, projéteis que poderiam ser disparados de uma nave-mãe e guiados por voluntários na direção dos navios inimigos. A Marinha esperava contrabalançar, com essas novas armas, as perdas crescentes que vinha sofrendo, conseguindo também deter o avanço americano na direção do Japão.

O submarino de Hashimoto fora escolhido para ser uma das naves-mães da Operação Kaiten. Para instalar as armas, operários haviam removido o compartimento do avião de reconhecimento que o submarino às vezes

transportava, assim como sua catapulta e mais o canhão do convés. Com isso, havia espaço no convés do submarino para alojar seis kaitens.

Os torpedos, com o formato de submarinos em miniatura e pesando oito toneladas cada um tinham ogivas explosivas. Possuíam um alcance de 30 milhas e uma velocidade máxima de 20 nós. Não eram recuperáveis. A partir do momento em que um piloto kaiten espremia-se por um tubo estreito do submarino-mãe até seu torpedo e era lançado, não tinha mais possibilidade de voltar. Ou explodia com o torpedo ao atingir o alvo ou era destruído pelo inimigo antes de alcançá-lo.

Foram necessárias várias horas para guinchar os kaitens ao convés do submarino, onde foram firmemente presos.

Ao final da manhã, os pilotos dos torpedos embarcaram no submarino e foram recebidos por Hashimoto. O Comandante ficou espantado com a juventude deles. Irradiavam também um ar de fanatismo que lhe provocou um calafrio. Hashimoto também acreditava no Imperador e no conceito tradicional da morte, mas aqueles rapazes estavam intoxicados de patriotismo. Disseram-lhe, orgulhosos, que haviam literalmente lutado pelo privilégio de realizar a missão kaiten e como ansiavam pela morte. Kaiten significa “a volta na direção do Paraíso”.

Quando se aproximou o momento da partida, os pilotos de kaiten sentaram a cavaleiro sobre os torpedos, com toalhas brancas amarradas na cabeça e brandindo suas espadas cerimoniais. Hashimoto teve a impressão de que eles “se estavam esforçando em ser homens fortes e resolutos”.

Os cabos de atracação foram soltos do casco do submarino. A água a boreste começou a turbilhonar. A espuma contornou o submarino, à medida que os tanques de lastro eram enchidos em sua capacidade máxima. A borda-livre começou a aumentar.

Gritos de despedida partiram dos operários navais agrupados no cais. Os pilotos ergueram suas espadas.

Hashimoto observava, com uma expressão de aprovação, enquanto os homens desatracavam rapidamente o submarino. Semanas de exercícios

apresentavam agora um resultado satisfatório. A guarnição trabalhava com rapidez e eficiência.

Os motores elétricos silenciosamente afastaram o submarino do cais, a proa agora apontada para o mar. Uma flotilha de lanchas acompanhava o submarino, seus ocupantes entoando em uníssono os nomes dos pilotos. O submarino aumentou a velocidade, as lanchas ficaram para trás, o canto se desvaneceu. O submarino tremeu quando os motores diesel entraram em funcionamento.

Em seu diário de bordo, Hashimoto escreveu a seguinte anotação para 29 de dezembro: “Passamos pelo Canal de Bungo e viramos para o sul, sempre navegando na superfície. Através da neblina vespertina, demos um último olhar de despedida à pátria.”

Duas semanas e meia depois, soou o grito de aviso:

— Fumaça a bombordo!

O grito do vigia fez com que os homens na torre do submarino descessem correndo pela escada, para a sala de controle.

— Mergulhar! Mergulhar! Mergulhar!

Momentos depois da ordem do Comandante Hashimoto, o submarino estava hermeticamente fechado, os tubos principais dos tanques de lastro abertos e a agulha do mostrador de profundidade começava a se virar, enquanto a proa se inclinava na direção do fundo do mar.

Sistematicamente, desde que alcançara a área das Marianas, duas semanas antes, Hashimoto vinha-se esquivando às patrulhas aéreas anti-submarinas que decolavam de Guam. Agora, 60 metros abaixo das ondas, sem ser incomodado pelos movimentos do Pacífico, ele ficou prestando atenção, juntamente com o resto da tripulação, ao barulho das hélices dos navios.

Em algum lugar acima deles, aproximando-se, havia dois navios inimigos, provavelmente contratorpedeiros.

Hashimoto se perguntou se a presença daqueles contratorpedeiros não estaria relacionada com o audacioso ataque que desfechara dois dias antes. Sob a cobertura da escuridão, ele emergira a menos de onze milhas ao largo de Guam, disparando quatro dos seus torpedos humanos contra a massa de embarcações em Apra Harbor.

Fora o primeiro ataque do I.58 e a primeira vez que Hashimoto usava os kaitens. Pouco antes de seguir para o torpedo suicida, um dos pilotos kaitens entregara ao comandante um bilhete de despedida. Hashimoto iria guardá-lo pelo resto da vida.

O Grande Japão é a Terra dos Deuses. A Terra dos Deuses é eterna e não pode ser destruída. Daqui por diante, não importa o que possa acontecer, haverá sempre milhares e dezenas de milhares de jovens dispostos a fazer o que vamos fazer. Agora, nós nos oferecemos em sacrifício por nosso país. Vamos deixar as coisas mesquinhas desta vida terrena e partir para a terra onde a justiça reina suprema e eterna.

Lançados os quatro torpedos humanos, Hashimoto submergira à profundidade de periscópio. Ao raiar do dia, avistara imensas nuvens de fumaça se erguendo do porto. Tratara de se afastar para águas mais seguras. Mais tarde, liderara seus tripulantes numa prece pelos quatro guerreiros mortos.

Agora, a presença dos caçadores de submarinos lá em cima recordava à tripulação que todos poderiam em breve juntar-se aos companheiros mortos.

Hashimoto ordenou que o submarino fosse mantido no mais absoluto silêncio, a fim de que nada pudesse denunciar sua presença.

As ordens eram transmitidas por sinais ou sussurros, ninguém se mexia desnecessariamente. Todos os equipamentos não essenciais à sobrevivência debaixo d'água estavam desligados.

A tripulação ficou alerta ao barulho das hélices. Estava cada vez mais perto, o som constante e estridente de lâminas de aço girando na água. Os navios avançavam lentamente e a impressão que se tinha era de que cada lâmina batia na água separadamente. O barulho passou diretamente acima do submarino e depois começou a diminuir.

Uma expressão de alívio se estampou nos rostos dos homens em torno de Hashimoto.

Ele sacudiu a cabeça, num gesto de advertência.

O barulho aumentou novamente. Hashimoto fez um círculo com o dedo no ar. Os navios estavam circulando. Ele imaginou que os contratorpedeiros esperavam que seus sonares lhes dessem uma orientação. Seria fácil então calcular o local para lançarem as cargas de profundidade.

O barulho das hélices tornou-se fraco, quase desapareceu, voltou a aumentar quando um novo círculo começou.

Alguém esfregou as botas nas placas do convés. Hashimoto lançou um olhar furioso.

As hélices passaram novamente por cima do submarino, foram-se afastando, o barulho sumiu... e desta vez não voltou. Os navios haviam desistido da busca ou a continuavam em outra parte.

Por mais duas horas, o submarino permaneceu em silêncio, no mesmo lugar. Depois, Hashimoto determinou que retomasse o curso para Kure.

E ali o I.58 chegou em segurança no dia 20 de janeiro, tendo passado no caminho por outros submarinos que levava kaitens para as águas em torno de Guam.

20

Tibbets sabia que só tinha duas opções: podia levar Lewis à corte marcial... ou esperar que o piloto tivesse aprendido a lição. Mesmo agora, dias depois, Tibbets ainda estremecia ao pensar nos detalhes da aventura de Lewis.

A 17 de dezembro, o dia em que Tibbets resolvera o problema de Ferebee com o visor, Lewis “tomara emprestado ilegalmente” um avião de transporte bimotor C-45. Sem co-piloto e sem os mapas necessários, tendo ainda por cima um rádio com defeito, Lewis se lançara a um vôo de quatro mil quilômetros até Nova York, porque “queria passar o Natal em casa”. Seu companheiro era o engenheiro de vôo sênior do 509.º, pegando uma carona para ir casar-se.

Ao sobrevoarem Columbus, Ohio, o rádio, o altímetro e a bússola do avião haviam deixado de funcionar inteiramente, Lewis baixara de altitude, “tentando navegar através dos lampiões das ruas”. Uma nevasca impedira tal possibilidade. Durante duas horas, em visibilidade zero, Lewis procurara pelo Aeroporto de Newark, em Nova Jersey. Conseguira finalmente aterrar lá, quando já estava praticamente sem combustível.

Passado o Natal, Lewis se encontrara com os recém-casados em Newark. Emprestara à jovem a jaqueta e o quepe de piloto, para que ela pudesse disfarçar-se, ignorando os regulamentos que proibiam expressamente o transporte de civis em aviões militares. Sobre Buffalo, outra nevasca obrigara Lewis a pousar. Finalmente, a 29 de dezembro, ele e os recém-casados haviam aterrado em Wendover.

Tibbets ficara aturdido ao descobrir que Lewis nem sequer compreendia que infringira todos os regulamentos. O mais próximo que Lewis chegara do arrependimento fora um comentário tímido:

— Poxa, eu não gostaria de fazer um vôo assim novamente!

Oito dias depois, chegou o momento de Tibbets tomar uma decisão em relação a Lewis. Ele ouvira diversas fontes. A opinião geral era a de que Lewis era “um idiota rematado, mas também um piloto danado de bom”.

Tibbets reconhecia que somente um piloto fora de série poderia ter realizado o vôo de Lewis. Era preciso nervos de aço e coragem excepcional para manejar o avião avariado em condições tão desfavoráveis.

Decidiu que não submeteria Lewis à corte marcial, mas “todos os favores passados que eu lhe devia estavam pagos; afinal, ele usara meu nome para conseguir o C-54. Daquele momento em diante, eu passaria a tratá-lo com toda severidade. Ele teria de fazer exatamente o que eu quisesse e quando eu quisesse ou. . . que Deus o ajudasse!”

Isso significava que Lewis seria encarregado das missões mais desagradáveis, como os vôos de madrugada, serviços noturnos, plantão nos fins-de-semana. Lewis não se importou. Achou que era “um tributo que Paul estava-me prestando, encarregando-me das tarefas que ninguém mais queria”.

Depois de tomar a decisão a respeito de Lewis, Tibbets precisava resolver outro problema que não poderia ser adiado por mais tempo: quais os homens que deveria escolher para enviar a Cuba a fim de fazerem um “treinamento especial”.

Há dias que se tornavam cada vez mais intensos os rumores sobre a viagem tão esperada. Em Wendover com temperaturas abaixo de zero, a visão do Caribe era quase insuportável. Os comandantes de aviões passavam horas rondando o QG, na esperança de ouvir um sussurro qualquer. Jogadores como Eatherly haviam-se oferecido para aceitar apostas sobre a data da partida, mas ninguém quisera apostar. Até mesmo os veteranos de missões no exterior, como Classen, sonhavam com a vida nos trópicos. Entre todas as especulações, eles descobriram um fato: dentro de dois dias Tibbets seria promovido a coronel. Mas isso não faria com que o Comandante se tornasse mais acessível.

Os rumores alcançaram o auge quando os aviadores souberam que Tibbets estava passando aquela manhã estudando os relatórios dos vôos de todas as

15 tripulações de B-29. Em Cuba, pelo que se dizia, os escolhidos realizariam exercícios de treinamento de navegação em longas distâncias, sobre o mar e à noite, além de continuar com os exercícios de bombardeio de altas altitudes.

Tibbets convocou o oficial de rancho do grupo, Tenente Charles Perry. As ordens que ele recebeu de Tibbets eram claras: providenciar para que os homens despachados para Cuba recebessem ali a melhor comida possível.

Beser foi informado de que iria para Cuba. Via um contratempo na viagem: o guarda-costa iria em sua companhia. Ele começou a fazer planos para desvencilhar-se do homem em Havana.

Finalmente, 10 comandantes de B-29 foram informados de que naquele mesmo dia voariam para Cuba. Os homens escolhidos foram reunidos para uma preleção de Tibbets:

— As mesmas regras que se aplicam aqui deverão ser também observadas em Havana. Não façam perguntas. Não respondam a perguntas. Executem seu trabalho. A seleção final para uma missão histórica poderá recair entre vocês.

Antes da partida, os homens consultaram Eatherly, querendo saber se as lendas sobre o sangue quente das mulheres latinas eram verdadeiras. Eatherly confirmou que era tudo verdade. Comentou-se que o médico do grupo iria levar várias caixas extras de preservativos para Cuba. Os garanhões do grupo gabaram-se de que usariam todos na primeira noite em Havana.

Ao meio-dia de 6 de janeiro, Eatherly decolou de Wendover com seu B-29. Nove outros aparelhos alçaram vôo em seguida, iniciando a longa jornada para o sul. Ao final da tarde, eles aterraram na Base Batista, a 20 quilômetros de Havana.

Tibbets seguiu num avião-transporte, juntamente com Ferebee, Van Kirk e uma pequena equipe de seu estado-maior. Outro avião- transporte levou um destacamento de PMs, Uanna e seus agentes.

Todos os estranhos foram proibidos de entrar na área reservada ao 509.º, mas muitos conseguiram aproximar-se o bastante para contemplar, curiosos, os gigantescos B-29. Os tripulantes deliciavam-se com a curiosidade que despertavam. Eatherly declarou solenemente a um curioso que o 509.º ali estava para defender a ilha de um esperado ataque de “potências hostis”, que desejavam apoderar-se das lucrativas concessões de jogo. Eatherly estava na melhor disposição possível. Passara quase todo o vôo jogando cartas com alguns de seus tripulantes e ganhara várias centenas de dólares.

Os aviadores e as equipes de terra procuravam impressionar ao máximo os outros militares americanos que estavam na base, declarando que não integravam uma unidade comum. Já estavam começando a pensar em si mesmos como especiais, um sentimento que Tibbets estimulava desde o início. Era a base do espírito forte que iria mantê-los unidos nos tempos difíceis que teriam pela frente.

Tibbets surpreendeu a todos recusando até mesmo uma xícara de café enquanto não providenciou para que todos os homens estivessem devidamente alojados e alimentados pelos cozinheiros de Perry. Só depois é que ele aceitou uma bandeja com comida.

Mas Tibbets estava sem apetite. Soubera, naquele mesmo dia, que o General Curtis LeMay estava a caminho de Guam.

Um ano antes, Tibbets, Lewis e Sweeney haviam-se revezado para ensinar LeMay a pilotar um B-29. LeMay era um aluno difícil, um general-aviador que se recusava acreditar que só porque um avião tinha 31 metros de comprimento, nove metros de altura e uma envergadura de asas de 32 metros, deveria ser diferente de qualquer outro bombardeiro que ele já pilotara. Mas, finalmente, LeMay aprendera a escutar, respeitar e obedecer a seus instrutores. Ao final do curso, LeMay fizera uma previsão:

— Podemos ganhar a guerra com este avião.

E agora o general estava seguindo para Guam, tencionando fazer justamente isso. Se LeMay conseguisse, Tibbets sabia que não haveria necessidade de lançar uma bomba atômica.

21

O General Curtis LeMay passou seus três primeiros dias em Guam tentando encontrar a resposta para um paradoxo em seu novo comando, o 21.º Comando de Bombardeiros da 20.a Força Aérea.

Por que o B-29, o melhor bombardeiro do mundo, disponível pela primeira vez em quantidades suficientes para semear o terror no coração do território inimigo, não vinha alcançando todo o seu potencial?

Ali, nas Marianas, todo mundo tinha uma resposta diferente. Os manuais de treinamento diziam que o B-29 podia operar a uma altitude de 12 mil metros e a uma velocidade de cruzeiros de 550 quilômetros horários, por 5.500 quilômetros.

Os manuais estavam errados.

No Pacífico, os bombardeiros apresentavam problemas em vôos prolongados a mais de 10 mil metros de altitudes. Os bombardeiros frequentemente deixavam de completar as missões por causa de falhas mecânicas.

Havia também o problema do tempo. Era impossível para os meteorologistas da Força Aérea fornecerem previsões acuradas para os dois mil quilômetros de céu que separavam as Marianas do Japão. Podiam surgir ventos de grande intensidade, exigindo um dispêndio extra do precioso combustível. Sobre o Japão, os alvos podiam estar visíveis num minuto e serem escondidos no minuto seguinte por nuvens impelidas por ventos fortes. As bombas lançadas de 10 mil metros de altitude explodiam longe dos alvos. Mesmo utilizando-se os mais modernos equipamentos de radar, os resultados continuavam insatisfatórios. Onze alvos selecionados para bombardeio em janeiro permaneciam praticamente intactos. A análise das

notícias das emissoras de rádio do Japão indicava que o moral estava alto e o esforço de guerra não fora praticamente afetado pelos ataques aéreos.

LeMay aceitou as queixas sobre o tempo, esforço excessivo dos motores e outros problemas. Mas a solução de tudo isso não seria ainda a resposta para o problema básico. As táticas que estavam sendo usadas eram as mesmas que ele desenvolvera na Europa para arrasar as defesas alemãs. Mais tarde, os mesmos métodos seriam usados por B-29 operando da China, atacando o Japão a partir de bases em torno de Chengtu.

A China tinha sido uma empreitada arriscada e difícil, mas LeMay conseguiu fazer contato com um líder guerrilheiro fanático. Em troca de suprimentos médicos e materiais diversos, LeMay o persuadira a enviar pelo rádio informações regulares sobre o tempo naquela área do norte da China, onde os guerrilheiros lutavam contra os japoneses. Os relatórios eram extremamente valiosos para os pilotos de LeMay. Eles frequentemente faziam um brinde ao líder guerrilheiro chinês.

O nome dele era Mao Tsé-tung.

O homem que em breve iria tornar-se o líder de uma das mais poderosas nações do mundo estava orgulhoso e disposto, naquele final do mês de janeiro de 1945, a enviar informes sobre o tempo para Guam, servindo como barômetro para o General americano que insistia em chamar de “Culltse Lee May”.

Mas os informes sobre o tempo de Mao eram apenas uma resposta parcial ao problema de LeMay com seus B-29. A solução final que ele propôs era revolucionária. Se desse certo, ele tinha certeza de que conseguiria quebrar a resistência do Japão. Se falhasse, sua carreira estaria liquidada.

Em primeiro lugar, LeMay tencionava despojar os B-29 do arsenal de metralhadoras e canhões. Depois, propunha-se a atacar na escuridão, os bombardeiros alcançando o alvo entre meia-noite e quatro horas da madrugada. Se necessário, deveriam lançar as bombas com a ajuda do radar. Em preparativos para isso, LeMay determinou o imediato início de intensivos treinamentos específicos. Com isso, até mesmo o menos apto dos operadores de radar poderia atingir o padrão mínimo que ele exigia.

E o mais importante: os bombardeiros voariam entre 1.500 e três mil metros de altitude. LeMay estava jogando tudo no acerto de uma informação do serviço secreto: a de que os japoneses ainda não haviam desenvolvido um caça noturno e não tinham adaptado suas baterias antiaéreas ao controle de radar. Esperava que as baterias, operadas manualmente, reagiriam com bastante lentidão a seus ataques a baixa altitude.

A remoção das metralhadoras e canhões, desnecessários na suposição de que os B-29 não se defrontariam com caças noturnos, permitiria também aumentar a carga de bombas. Isso era crucial, porque LeMay tencionava carregar os B-29 apenas com bombas incendiárias, fazendo arder as vulneráveis construções de madeira do Japão.

Enquanto formulava seus planos para as novas táticas que pretendia usar, LeMay continuava a escutar, algo em que sempre fora muito bom. E a 20 de janeiro, durante a hora do almoço, enquanto escutava seu meteorologista dar explicações sobre o tempo na região, LeMay ouviu um oficial naval comentar que o Almirante Chester Nimitz andava furioso porque uma unidade aérea baseada nos Estados Unidos estava tentando ser transportada de navio para as Marianas.

Para LeMay, a história soou um tanto improvável. A unidade foi chamada de “grupo integrado”. E LeMay sabia que não existia tal designação na Força Aérea.

22

Groves decidira que ainda não era necessário informar o General Douglas MacArthur sobre a bomba atômica. Ele aprovou a carta que o Almirante-de-Esquadra King preparou a 27 de janeiro, para ser enviada ao Almirante Chester Nimitz. Era sucinta e objetiva e deveria acabar com as indagações irritantes que estavam sendo feitas. Escrita no papel timbrado de King, a carta dizia:

Prezado Nimitz:

Espera-se que uma nova arma esteja pronta em agosto deste ano, para ser usada pela 20.a Força Aérea contra o Japão. O oficial portador desta carta, Comandante Frederic L. Ashworth, irá apresentar-lhe detalhes suficientes para que possa tomar as providências necessárias a fim de possibilitar as operações. Por determinação pessoal do Presidente, tudo o que concerne às referidas operações deve ser mantido no mais absoluto segredo. Somente deverá prestar as informações estritamente necessárias aos oficiais que tiverem de trabalhar na execução dos planos, advertindo-os de que devem manter também o mais absoluto sigilo.

Gostaria que facilitasse ao Comandante Ashorth todas as informações necessárias ao uso da nova arma.

Cordialmente,

E.J. King

Almirante-de-Esquadra

Ashworth era um egresso de Annapolis e um veterano em combate, escolhido pessoalmente por Parsons para trabalhar no Projeto Manhattan. Groves respeitava os dois oficiais navais por seu profissionalismo. Ambos passavam a maior parte do tempo deslocando-se entre Los Alamos e Wendover, ajudando a resolver os últimos problemas relacionados com o mecanismo de detonação da bomba atômica.

Groves duvidava de que Ashworth fosse gostar da viagem ao Pacífico, que o afastaria de seu trabalho. Mas o Diretor do Projeto Manhattan planejava usar Ashworth como algo mais do que um simples mensageiro. Queria que ele escolhesse a base no Pacífico para o 509.º.

Groves era favorável a Guam. Possuía oficinas militares sofisticadas para modificações de última hora na arma e um porto de grande profundidade. Tibbets preferia Tinian. Dizia-se que possuía as melhores pistas do Pacífico.

Ashworth deveria examinar as instalações nas duas ilhas.

23

Beser havia passado mais de uma hora embriagando seu guarda-costas, insistindo para que o homem relaxasse e aproveitasse as últimas horas que passariam em Cuba. O policial estava sentado no rancho de oficiais da base, de olhos vidrados, contemplando estupidamente o daiquiri que acabara de ser colocado a sua frente, o oitavo em apenas uma hora. Estava embriagado demais para perceber quando Beser desapareceu.

O oficial do 509.º correu para a garagem da base, a fim de pegar um caminhão. Uma autorização de Silverplate acabou com a objeção inicial do encarregado dos transportes à entrega do veículo. Beser levou o caminhão à parte antiga de Havana e supervisionou um grupo de cubanos que embarcou diversos caixotes na viatura.

Na volta à base, toda a operação secreta, que até aquele momento havia funcionado “como um sonho”, foi ameaçada por um PM no portão.

— Quero verificar o que está levando nesse caminhão, Tenente.

Beser examinou rapidamente o PM e compreendeu que seita impossível suborná-lo. Dobrando o dedo, um gesto que aprendera com um professor universitário, Beser pediu ao PM que se aproximasse.

— Qual é a sua categoria de segurança, filho?

Beser ainda não completara 23 anos, mas falou como se fosse um general de meia-idade.

— Não sei, senhor.

— Então é melhor descobrir. . . e depressa! E agora saia da minha frente, soldado!

O PM recuou.

Beser pisou no acelerador e entrou na base. Deu várias voltas pelos prédios da administração, para certificar-se de que não estava sendo seguido. Finalmente satisfeito, seguiu para a área onde o 509.º estava instalado.

Um grupo de aviadores estava a sua espera. Beser parou o caminhão e imediatamente formou-se uma corrente humana entre o veículo e os bombardeiros. As caixas sem quaisquer identificações foram guardadas nos compartimentos de bombas dos B-29.

Foi necessária quase uma hora para transferir a carga do caminhão para os bombardeiros. Cada caixa continha uma dúzia de garrafas de uísque da melhor qualidade.

Beser descobrira em Havana um atacadista que estava oferecendo o uísque a um quarto do preço que custava nos Estados Unidos. Os homens do 509.º não haviam precisado de muita persuasão para se cotizarem e comprarem toda a carga.

A operação era típica. Nas últimas três semanas, os homens do 509.º haviam firmado uma reputação de turbulentos. Havana, embora acostumada às farras dos soldados ali acantonados, ficou espantada com o grupo. Eles viviam e amavam num ritmo frenético, brigando com aqueles que os desafiavam e escapando impunemente quando as autoridades intervinham.

Uma patrulha da PM havia prendido mecânicos embriagados do 509.º numa briga de rua e os levado para o xadrez militar. A prisão fora comunicada ao oficial de plantão do 509.º. Ele verificou suas escalas de serviço. Os mecânicos presos deveriam preparar um bombardeiro que iria levantar vôo

naquela manhã. Exigiu que os homens fossem libertados. Os PMs recusaram. O oficial usou a senha Silverplate para acordar o comandante local, que foi verificar suas ordens, constatou que o código era de alta prioridade e ordenou que os mecânicos fossem soltos. Criou-se a lenda de que os homens do 509.º eram “Os Intocáveis”.

Tibbets surpreendeu o resto do 509.º que ficara em Wendover ao voltar antes de Havana, a fim de supervisionar pessoalmente as tripulações que não tinham ido para o Caribe. Ele estava determinado a fazer com que, quando o momento chegasse, todas as suas tripulações estivessem em condições de realizar um ataque atômico.

Exigiu o máximo das cinco tripulações em Wendover, obrigando-as a realizar repetidas vezes o voo de treinamento até a área de exercício de bombardeio no Mar de Salton. Sem chegar a dizê-lo expressamente, deu aos aviadores a impressão de que ainda poderiam ser escolhidos para a importante missão que se aproximava, embora não tivessem sido enviados para Cuba.

Tibbets recebia relatórios regulares de Cuba. Estava particularmente satisfeito por verificar que suas equipes de manutenção já estavam superando todos os padrões de qualidade. Os defeitos nos motores dos bombardeiros do 509.º estavam reduzidos à metade dos índices dos outros esquadrões aéreos baseados na ilha. Era o que Tibbets passara a esperar de seus homens.

Mas ele não estava disposto a fazer o que o Subcomandante John King desejava: transformar o esquadrão numa unidade de disciplina impecável.

Tibbets sabia que as intenções de King eram as melhores possíveis, mas sabia também que o oficial era incapaz de compreender seus métodos, a familiaridade com praças e sargentos, a maneira como invariavelmente chamava os oficiais pelo primeiro nome. King era “um oficial de carreira do Exército, jamais experimentara a camaradagem de voar como uma equipe, quando as vidas de todos dependiam um do outro”.

Tibbets nunca permitiria que alguém sufocasse o que acreditava ser um requisito indispensável para qualquer esquadrão aéreo de combate: o

espírito e a união. Para manter esse espírito, Tibbets passava cada vez mais tempo com seus homens. A esposa e os filhos raramente o viam. Ao avistar-se com os filhos, geralmente estava cansado demais para conversar ou brincar com eles. Os bombeiros de brinquedo que os meninos ganharam no Natal estavam quebrados e ele jamais encontrava tempo para consertá-los. A esposa o fitava com uma expressão acusadora. O casamento ia de mal a pior.

Tibbets podia perceber o que estava acontecendo e odiava a si mesmo por não tomar qualquer iniciativa para evitar a destruição de seu casamento. A verdade, como ele diria mais tarde, era que não sabia o que falar para corrigir a situação.

Também não estava disposto a deixar de lado seus homens para estar com a família. Ao casar-se com Lucie, ele a advertira de que “sou diferente dos homens comuns” e que nada poderia interferir com seu trabalho.

No entusiasmo inicial do casamento, Lucie aceitara tal situação Mas agora, isolada, reduzida a escutar as longas conversas sobre assuntos técnicos entre o marido e os oficiais que de vez em quando iam à casa deles, Lucie Tibbets subia que não havia a menor possibilidade de um futuro comum.

Muito embora percebesse os sentimentos da esposa, Paul Tibbets foi “capaz apenas de chorar por dentro; ela nunca soube, ninguém soube, o que eu estava sentindo”.

* * *

Tibbets e Beser, que haviam voltado com os outros de Cuba a 3 de fevereiro, achavam que estavam consumindo suas vidas na rotina interminável das viagens entre Wendover e Los Alamos.

Certa manhã, em princípios de março, eles descobriram que as sentinelas no portão de Los Alamos estavam mais nervosas do que em qualquer outra

ocasião anterior. Os cartões de identificação de ambos foram examinados mais meticulosamente do que o habitual, muito embora já fossem bastante conhecidos dos guardas.

Finalmente entraram e foram recebidos por Ramsey. Descobriram que o cientista, geralmente um homem tranquilo, estava também nervoso e inquieto.

Foi Oppenheimer quem explicou a Tibbets o motivo de tanta tensão. Groves acabara de determinar que a primeira bomba de plutônio deveria estar pronta para ser testada em Alamogordo em meados de julho e que a primeira bomba de urânio deveria estar disponível para uso na guerra em princípio de agosto.

O prazo fatal representava um fardo adicional para os homens e mulheres que há dois anos vinham trabalhando no projeto, sob grande pressão. Os ânimos estavam exaltados. Ocorriam discussões furiosas entre cientistas e os homens da segurança.

O tempo não ajudava. As chuvas da primavera estavam demorando a chegar e um vento quente soprava do deserto, fazendo murchar a relva e secando o pequeno açude que havia no centro do conjunto.

A escassez de água sempre fora um problema. Agora, a água para consumo pessoal estava racionada. Os homens e suas famílias tinham sido aconselhados a escovar os dentes com Coca-Cola.

Em suas últimas visitas a Los Alamos, Beser procurava evitar qualquer cientista que levantasse dúvida sobre a validade do trabalho que ali estava sendo realizado. Na opinião de Beser, tais homens estavam enganados. Ele preferia a posição do Dr. Louis Slotin, um jovem pesquisador que comentara:

— Quer se morra de uma bala ou de uma bomba, está-se igualmente morto.

Tais palavras refletiam exatamente o que Beser pensava, num momento em que milhares de americanos estavam morrendo das balas japonesas em Iwo Jima.

Beser encontrava-se em Los Alamos para aprender mais alguma coisa sobre o mecanismo de detonação da bomba e como os japoneses poderiam interferir eletronicamente, provocando uma explosão prematura.

Tibbets fora conversar com Oppenheimer para acertar os detalhes finais da ida para Wendover de uma nova unidade especial, o Primeiro Esquadrão de Material Bélico, que teria a responsabilidade técnica pela bomba atômica quando o 509.º fosse deslocado para o exterior.

Depois de acertarem o dia 6 de março como a data em que a nova unidade chegaria a Wendover, Tibbets e Oppenheimer receberam a visita de Ashworth. O oficial naval acabara de retornar a Los Alamos, depois de uma visita de 13 dias às Marianas, onde entregara a carta do Almirante-de-Esquadra King ao Almirante Nimitz, e explicara ao Comandante das forças navais no Pacífico o papel a ser desempenhado pelo 509.º. Nimitz fizera um único comentário: desejava que a bomba já estivesse disponível imediatamente, para ser usada contra Okinawa, a última grande ilha a ser invadida antes do Japão propriamente dito.

Ashworth informou a Tibbets que Guam não servia como base para o 509.º. O grupo deveria, em vez disso, usar o Campo Norte, em Tinian, que possuía quatro pistas de 2.500 metros.

— Precisarei de uma pista apenas — disse Tibbets.

24

Do último andar de seu pequeno hospital particular, o Dr. Kaoru Shima tinha uma boa vista de Hiroxima. E era uma vista que estava começando a deprimi-lo. Havia uma extensão de terra arrasada nos dois lados da Ponte Aioi, indicando uma das faixas de proteção contra incêndios que atravessavam a cidade.

Dezenas de casas, bares, salões de chá e lojas tinham sido demolidos nas proximidades do Hospital Cirúrgico Shima, deixando o diretor médico e sua equipe com a sensação de que trabalhavam à beira da destruição”.

O noticiário da manhã contribuíra para aumentar tal sensação. Pela primeira vez, a Rádio Japão deixara escapar uma insinuação de que a luta em Iwo Jima não estava indo muito bem.

Os 20 quilômetros quadrados de Iwo Jima ficavam a apenas 700 milhas de Tóquio, perto o bastante para que os americanos desejassem conquistá-la a qualquer custo como uma base de bombardeiros e caças.

Durante dias, a rádio e os jornais do Japão haviam repisado a inexpugnabilidade das defesas da ilha. Haviam ressaltado que os 74 dias de bombardeio pelo inimigo, como preparativo para a invasão, praticamente não tinham afetado as defesas. O Exército Imperial japonês estava abrigado em cavernas e túneis profundos, frequentemente protegidos por até 10 metros de concreto. Ao desembarcarem em Iwo Jima, os americanos haviam caído numa armadilha. Atraídos à praia pela pequena resistência, as forças invasoras tinham estabelecido uma cabeça-de-ponte na ilha, apenas para serem quase esmagadas pelo implacável fogo cruzado do exército inimigo entrincheirado. A Rádio Japão falara em massacre numa escala sem precedentes. Mas agora, em princípios de março, os últimos boletins já estavam falando em “retirada estratégica”. O Dr. Shima, velha raposa em avaliar a verdade de tais alegações, sabia que Iwo Jima estava perdida.

Os materiais que estavam agora chegando a Hiroxima continham poucos suprimentos médicos e a maioria ia para o grande Hospital Militar Ujina, Hospital da Cruz Vermelha e Hospital do Estaleiro Mitsubishi. A clínica particular do Dr. Shima estava no final da lista de prioridades do Exército.

A clínica sobrevivia exclusivamente graças ao vigor de seu dono. Ele era frequentemente chamado a realizar operações em hospitais rurais. A visão do médico pedalando vigorosamente sua bicicleta, com a maleta de instrumentos presa atrás, era bastante familiar na região.

A construção das faixas de proteção contra incêndios frequentemente encompridavam o tempo de suas viagens, pois prédios demolidos

bloqueavam diversas ruas, obrigando-o a fazer muitos desvios. Mas o Dr. Shima jamais se queixava. Para aqueles que o faziam, ele tinha uma resposta infalível:

— Deve sentir-se contente por ainda estar vivo.

O Almirante-de-Esquadra William D. Leahy, chefe da assessoria de Roosevelt, não estava impressionado com o que ouvira a respeito do Projeto Manhattan. A idéia de uma única bomba destruir uma cidade inteira, e terminar a guerra, era demais para ele. Falando como um “especialista em explosivos”, planejava informar ao Presidente que o projeto era uma fraude e que tal bomba jamais explodiria.

Roosevelt não tinha falta de pessoas dispostas a oferecer-lhe o benefício de seus conselhos. Leo Szilard era um dos que estavam solicitando uma audiência. Szilard disse que agora não eram mais os alemães que ameaçavam o mundo: “Nossa preocupação é com o que o Governo dos Estados Unidos pode fazer com outros países.”

O Secretário da Guerra Henry L. Stimson aconselhou Roosevelt a não receber o cientista húngaro. Outros não eram tão fáceis de evitar. Mais de um ano antes, Harry S. Truman, que era então Senador pelo Missouri, começara a fazer perguntas constrangedoras. Stimson tratara de silenciá-lo na ocasião, mas agora precisava ser mais cauteloso. A qualquer momento, Truman poderia tornar-se Presidente dos Estados Unidos. Stimson sabia que o combalido Roosevelt estava-se apegando à vida apenas por sua gigantesca força de vontade.

Stimson quase nada dissera a Truman. Não fizera qualquer menção de uma bomba atômica. O Secretário da Guerra sabia que Truman não ficara satisfeito, mas achava que o importante era ganhar tempo para concluir o projeto.

Recentemente, Roosevelt pedira-lhe que fizesse um sumário da situação atual.

Ao final da tarde de 2 de março, os dois homens se reuniram no gabinete de Roosevelt. Stimson constatou que o Presidente, que voltara há pouco dias

da exaustiva Conferência de Yalta, parecia, ainda mais encovado. Ele era um dos poucos homens que sabiam da pequena caixa de tabletes verdes que Roosevelt guardava numa gaveta da escrivaninha, para tratamento de hipertensão e sistema cardiovascular deficiente.

Preocupado em não cansar Roosevelt com um sumário detalhado, Stimson resumiu a situação em poucas palavras. A produção da arma estava dentro dos prazos previstos. A bomba estaria pronta em agosto, como Groves prometera. A arma poderia salvar as vidas de milhões de americanos, que ainda seriam sacrificadas antes que o Japão se rendesse, na opinião de Stimson.

Roosevelt pareceu ficar satisfeito. Mas Stimson teve dúvidas se o Presidente ainda estaria vivo para ver aqueles milhões de soldados voltando para casa a salvo.

* * *

A Subcomissão de Déficit Orçamentário da Comissão de Orçamento da Câmara dos Deputados, o cão de guarda do Congresso sobre os gastos com o dinheiro público, não ficou satisfeito com a declaração apresentada pelo Subsecretário da Guerra, Robert Patterson.

Em audiências secretas, a Subcomissão tentara obter mais detalhes sobre quase dois bilhões de dólares que haviam sido gastos num projeto a respeito do qual nada conseguiam descobrir. Patterson obstinadamente se recusara a falar, alegando razões de segurança nacional.

O Presidente da Comissão, Clarence Cannon, do Missouri, advertira de que, “assim que a guerra terminar, o Congresso realizará uma investigação minuciosa do projeto”.

O próprio Patterson não estava a par da maioria das implicações do Projeto Manhattan. Mas seu instinto político pressentiu que haveria problemas.

Sabia que uma regra essencial para a sobrevivência em Washington era escrever um memorando. Voltou a seu gabinete e ditou um memorando a um assessor, General W. D. Styer. Era extraordinário por sua habilidade política:

No início do projeto, comuniquei ao General Groves que se devia tomar a precaução de manter registros minuciosos, com informações detalhadas sobre as decisões adotadas, conferências com pessoas envolvidas no projeto, progressos realizados, todas as transações financeiras e despesas. De tempos a tempos, tenho repetido essas instruções, sendo informado pelo General Groves que ele e seus assistentes estão mantendo arquivos completos de tudo. Tenho dito também ao General Groves que o Congresso irá exigir um relatório meticuloso sobre as despesas, em algum momento do futuro.

As proporções do projeto, o segredo que o envolve e as vultosas quantias despendidas tornam necessário que se mantenham registros minuciosos, a fim de que haja sempre disponível uma história completa e detalhada do projeto. Esse histórico deve abranger os aspectos fiscal, científico e industrial do trabalho.

Embora eu não tenha razões para duvidar de que o General Groves está dispensando uma atenção meticulosa ao assunto, a importância de manter registros completos, acurados e inteligíveis é tão grande que desejo que examine pessoalmente o assunto e me apresente suas conclusões. Quero que tome as providências corretivas necessárias para assegurar que um histórico completo e atualizado do projeto esteja sendo registrado no papel, por pessoal competente.

Patterson estava assim se resguardando.

* * *

Cada vez mais, Groves se considerava um estrategista. E como o uso da bomba atômica levantava importantes questões políticas, considerava-se também um estadista. Recentemente, tomara medidas contra a política de seu governo de colaborar com os ingleses em todos os assuntos referentes à pesquisa atômica. Churchill abordara o assunto particularmente com Roosevelt, durante a conferência de Yalta. O Presidente concordara que a Inglaterra deveria ser informada mais amplamente do andamento do projeto. Isso não agradara a Groves. Ele não confiava que os ingleses mantivessem os segredos atômicos a salvo dos russos. Decidira que os aliados da América receberiam o mínimo de informações possível.

Groves sabia mais sobre a nova arma do que praticamente qualquer outra pessoa. Seu trabalho fora realmente hercúleo. As fábricas que ele controlava estava entre as maiores dos Estados Unidos. Autorizara a patenteação de milhares de novas invenções, resultantes da pesquisa atômica. Contudo, todo o projeto estava agora sendo ameaçado por alguns dos cientistas cujos trabalhos pioneiros haviam sido extremamente valiosos. Groves não conseguia entender esses cientistas.

Agora, outra voz se juntava aos dissidentes. Em sua mesa, enquanto falava pelo telefone com o General George C. Marshall, no início de março, havia um memorando escrito no dia anterior para Roosevelt, pelo Diretor do Escritório de Mobilização de Guerra, James F. Byrnes. De seu gabinete na Casa Branca, Byrnes praticamente dirigia a vida econômica da nação, enquanto Roosevelt e Stimson se concentravam na política exterior e militar. Byrnes era conhecido como “o Presidente-assistente”.

A Casa Branca enviara uma cópia do memorando de Byrnes para Groves, pedindo seus comentários. Só isso deveria ser suficiente para tranquilizá-lo quanto à solidez de sua posição. O memorando era um lembrete sensato ao Presidente dos problemas políticos que inevitavelmente iriam surgir se o projeto falhasse.

Para um homem acostumado a fazer o que bem quisesse, o memorando era extremamente desagradável:

. . . despesas aproximando-se de dois bilhões de dólares, sem que haja ainda qualquer garantia definida de produção... se o projeto por acaso fracassar, será o alvo de implacáveis investigações e críticas. . . até mesmo eminentes cientistas podem continuar a trabalhar num projeto só para não reconhecerem o fracasso. Talvez seja possível continuar os trabalhos numa escala reduzida. Seja como for, não haverá mal algum numa investigação e análise imparcial por um pequeno grupo de cientistas que não estejam identificados com o projeto. Reconheço que essa análise poderá ferir os melindres daqueles que estão empenhados no projeto. Mas dois bilhões de dólares é dinheiro suficiente para se correr tal risco.

Para Groves, a sugestão de uma análise por cientistas estranhos ao projeto colocava Byrnes decididamente no campo da oposição. Groves não acreditava que houvesse alguém competente o bastante para realizar tal investigação. Parecia simplesmente outra tentativa de paralisar o projeto.

Groves terminou de fazer seu relatório para Marshall sem mencionar o memorando de Byrnes. Já ia desligar quando o Chefe do Estado-Maior perguntou-lhe se por acaso já pensara em como tirar melhor proveito do uso da bomba.

Groves já pensara a respeito, mas preferiu não expor suas idéias. Disse simplesmente a Marshall que, em sua opinião, chegara o momento dos planejadores começarem a preparar os estudos preliminares dos alvos apropriados.

Houve um momento de silêncio, antes que Marsall dissesse

— Prefiro não envolver muita gente neste assunto. Há alguma razão para que você não possa assumir o problema pessoalmente?

Groves aceitou a oferta avidamente. Mesmo em seus momentos de maior otimismo, jamais imaginara que teria a oportunidade de escolher os objetivos atômicos.

Poderia consultar, poderia ouvir conselhos, mas ao final teria a responsabilidade de indicar a cidade japonesa que seria o primeiro alvo de uma bomba atômica.

* * *

A instrução de Stimson a Groves foi clara: ele devia aconselhar Roosevelt a rejeitar a proposta de Byrnes para uma investigação independente. A manutenção do segredo era de extrema importância. A Câmara e o Senado deveriam receber o mínimo de informações necessárias para garantir as aprovações das verbas. Nos últimos dois dias, os representantes nas duas casas do Congresso tinham começado a fazer perguntas sobre o Projeto Manhattan, depois das declarações do Subsecretário Patterson na Subcomissão de Déficit.

Groves ficou deliciado com o apoio de Stimson. Permitia-lhe repelir, quase que com um gesto de desafio, a sugestão de Byrnes de uma investigação independente.

Em seguida, Groves enfrentou o problema apresentado pelo Congresso. Achou que o melhor caminho era o cortês. Escreveu a Stimson informando que estava disposto a permitir que dois senadores e dois deputados dessem uma olhada no projeto.

Eu lhe mostraria as instalações que estão fora das áreas secretas, as que já são conhecidas por empreiteiros e seu pessoal. Eles poderiam assim ter uma idéia do tamanho das instalações e constatar que as acomodações que proporcionamos nada têm de exagerado. Eu poderia também mostrar algumas partes das áreas de processamento, para demonstrar as complexidades do projeto.

Para permitir essa inspeção limitada, na verdade um relutante gesto de relações públicas para levantar mais dinheiro, Groves impôs condições que

seriam mais apropriadas a uma inspeção da bomba propriamente dita do que um mero vislumbre de dormitórios e cozinhas.

Não havia qualquer possibilidade de ninguém sequer se aproximar de Los Alamos. As visitas seriam a alguns locais não muito secretos do projeto atômico, cuja utilidade já estava diminuindo. Mesmo assim, as condições eram rigorosas:

Nenhum dos visitantes deve tomar qualquer anotação. As conversas conjuntas sobre as visitas só devem ser realizadas enquanto os visitantes estiverem em recintos do projeto e mesmo assim em salas onde haja toda a segurança. As informações fornecidas não poderão ser usadas em futuras conversas, formais ou informais, ou em discursos, até que as regras de segurança sejam modificadas pelo Secretário da Guerra. Algumas das perguntas a serem feitas talvez não possam ser respondidas, e os visitantes não devem questionar tal recusa.

26

Tibbets permaneceu impassível enquanto o Major William Uanna falou sem interrupção por vários minutos, lendo uma ficha depois de outra. O sumário dele era brutal e objetivo.

— Coronel, tem entre seus homens um assassino, três homens condenados por homicídio culposo e diversos casos de crimes graves. Todos estão sendo procurados pela polícia. O que pretende fazer agora?

Tibbets reformou a pergunta:

— Sei o que eu quero fazer. A questão é outra: o que você recomenda que eu faça?

Uanna estava preparado para isso.

— Farei o que achar melhor, Coronel.

— Até mesmo infringir a lei?

— Até mesmo isso.

Tibbets pôs-se a explorar outras áreas.

— Como é que homens assim foram parar numa unidade secreta como o Primeiro Esquadrão de Material Bélico?

Uanna sugeriu que fora por puro acaso que os criminosos haviam-se encontrado na unidade que acabara de se juntar ao 509.º em Wendover. Depois de escaparem de diversas prisões, os condenados provavelmente haviam concluído que o melhor lugar para se esconder era o Exército. Não deviam ter encontrado a menor dificuldade em se alistar sob nomes falsos.

— Não se esqueça de que estamos em guerra, Coronel. O Exército não faz muitas perguntas. E fica contente com todos os homens que consegue atrair.

As investigações de Uanna mostraram que os talentos mecânicos dos homens haviam sido constatados pelos “descobridores de talentos” do Projeto Manhattan, sendo providenciada a transferência deles para o Primeiro Esquadrão de Material Bélico.

O esquadrão iria cuidar da bomba atômica quando o grupo seguisse para Tinian. Cada membro do esquadrão era um especialista. Juntos, poderiam executar, sob supervisão científica, quaisquer modificações de última hora que se tornassem necessárias. Foram precisos muitos meses para se encontrar o pessoal certo. Quase todos eram metalúrgicos ou tinham especialidades afins. Vinte e sete possuíam cursos científicos. Foram avisados, ao ingressarem no esquadrão, de que poderiam ficar sem ver a família ou amigos até que a guerra terminasse. Cada um podia escrever uma carta por dia. A correspondência era enviada para uma caixa postal especial em São Francisco, de onde era redistribuída.

O esquadrão chegara a Wendover num trem fortemente guardado. Seus integrantes tinham sido conduzidos para uma área da base cercada de arame farpado, sob a vigilância de um destacamento dos homens de Uanna.

Este explicou como localizara os criminosos do esquadrão.

— Eles estavam parecendo muito felizes, apesar das rigorosas medidas de segurança. Somente anos de prisão podem fazer com que homens reajam, dessa maneira. Foi por isso que começamos a investigar

— Eles estão trancados aqui com tanta segurança como se estivessem na prisão não é mesmo? — indagou Tibbets, pensativo.

Uanna concordou.

— Quero falar com esses homens.

Uanna não apresentou qualquer objeção.

O assassino fugitivo foi levado ao gabinete de Tibbets.

— Sabe por que está aqui?

— Não, Coronel, não sei.

Tibbets pegou uma ficha.

— Sei qual é o seu verdadeiro nome, o seu número na penitenciária federal, a quantos anos foi condenado, o dia em que conseguiu fugir. — Tibbets bateu na ficha e acrescentou: — Está tudo aqui. Quem você assassinou, os depoimentos tomados pela polícia, seu julgamento, como entrou no Exército e chegou até aqui. Tudo, em suma.

O condenado estava aturdido demais para falar. Tibbets estendeu a ficha na direção dele.

— Pode dar uma olhada pessoalmente.

Tibbets percebeu que o homem estava tremendo. Recolheu a ficha e guardou-a cuidadosamente na pasta, olhando atentamente para o homem.

— É única ficha que existe do seu passado. O Major e eu somos a únicas pessoas que sabem que é um assassino fugitivo. Mas, pelo que parece, você é muito bom no trabalho que está fazendo atualmente. E precisamos de homens que sejam competentes em suas funções. Portanto, decidimos dar-lhe uma oportunidade. Volte para o seu trabalho. Continue a fazer exatamente o que tem feito até agora. Se não nos criar problemas, não iremos criar problemas para você. Quando a guerra terminar, nós lhe daremos a ficha e uma caixa de fósforos para queimá-la.

O aturdido condenado deixou o gabinete de Tibbets, acabrunhado demais para falar qualquer coisa.

Um a um, os outros criminosos foram levados à sala, confrontados com seus crimes e receberam ofertas similares.

Quando o último homem se retirou, Tibbets virou-se para Uanna:

— Major, não sou da polícia. Não estou interessado em levar esses homens à Justiça. Meu único interesse é terminar esta guerra. Tudo o que desejo é fazer com que esses homens trabalhem direito.

* * *

A chegada do Primeiro Esquadrão de Material Bélico causou sensação na base. Lewis resumiu sucintamente a reação geral:

— Se achamos que somos algo especial. . . então esses sujeitos são mais ainda!

Até mesmo o relaxado 509.º jamais vira uma unidade de aspecto tão pouco militar. Alguns de seus membros eram homens de meia-idade, outros falavam com um nítido sotaque estrangeiro. Alguns eram técnicos judeus

que até poucos anos antes haviam trabalhado em oficinas em Berlim e Munique.

O esquadrão parecia capaz de qualquer coisa e era totalmente auto-suficiente. Trouxeram e armaram suas próprias oficinas, ligaram sua própria energia elétrica, instalaram suas ferramentas especiais. Os mecânicos do 509.º, que eram peritos em quase todas as coisas, compreenderam que seus iguais haviam chegado.

Os membros do novo esquadrão só saíam de sua área na hora das refeições. Eram acompanhados por vários agentes corpulentos. Todos sentavam a um canto do refeitório. Ficavam imediatamente em silêncio quando estranhos se aproximavam. Os curiosos eram firmemente repelidos.

Na noite de 7 de março, alguns dos homens do Primeiro Esquadrão de Material Bélico foram até a pista para esperar o vôo regular de Albuquerque, que estava agora sendo feito por Dora Dougherty. Se perceberam que era uma mulher quem pilotava o avião, não fizeram qualquer comentário.

Havia apenas um único passageiro no avião-transporte. Ele levou os homens do Esquadrão de Material Bélico até um B-29.

A tripulação regular do B-29 recebera ordens de responder a qualquer pergunta que o homem fizesse. Ele parecia estar interessado no desempenho técnico do bombardeiro e passou algum tempo examinando as portas do compartimento de bombas.

Ao final de sua inspeção, o homem virou-se para o pessoal do Esquadrão Bélico e disse:

— Esses aviões não estão em boas condições para a missão. Terão que ser substituídos.

Dito isso, ele passou pela tripulação boquiaberta do B-29, embarcou no avião de Dora e voltou para Los Alamos.

Pouco depois, o rumor já se havia espalhado. Beser iria recordar-se mais tarde das palavras de um colega contando o ocorrido.

— Já souberam do maluco que apareceu aqui, disse que nossos aviões não prestavam mais e tinham que ser substituídos, indo embora de novo em seguida? Parece até que ele era um general de cinco estrelas e não um capitão em uniforme da Marinha! Será que ele não sabe que estamos em guerra e que não se podem substituir aviões por dá cá aquela palha?

— Pois pode ter certeza de que vamos receber novos aviões — declarou Beser.

É que ele sabia o poder do Capitão William Parsons.

Parsons tinha sido inicialmente considerado como uma alternativa para Groves na direção do Projeto Manhattan. Ele fora a Wendover verificar os aviões que voariam a primeira missão atômica. Constatara que os vôos de treinamento constantes haviam desgastado os aparelhos. Deveriam ser trocados por modelos mais recentes. Os novos aviões teriam motores de injeção a gasolina, hélices reversíveis eletronicamente controladas, e condições gerais bem superiores a seus antecessores.

Tibbets teria em breve a melhor frota de bombardeiros que a América dispunha.

27

Na tarde de 9 de março, o primeiro de 325 bombardeiros B-29 decolou de Guam. Aquele B-29 era um avião-guia do ataque planejado por LeMay.

Onze outros bombardeiros decolaram logo em seguida. Os 12 deveriam delimitar o setor nordeste de Tóquio. O nome em código escolhido por LeMay para a operação era “Meetinghouse”, uma casa de encontro na

tradução literal, e a designação de um templo em inglês. Na China, uma “casa-de-encontro” era um lugar onde se tomavam decisões importantes.

Mastigando um charuto, o atarracado LeMay ficou observando a força principal de bombardeiros decolar. Dentro de poucas horas, seu audacioso plano teria dado certo ou ele estaria em desgraça.

Os aviões-guia deveriam semear suas bombas incendiárias cuidadosamente, num gigantesco “X”, cujos braços iriam abranger vários quilômetros quadrados de uma das cidades mais congestionadas do mundo.

Nenhum dos 325 bombardeiros estava armado. Os compartimentos de bombas transportavam um total de duas mil toneladas de bombas incendiárias.

LeMay terminara suas instruções às tripulações com as seguintes palavras:

— Vocês vão realizar o maior espetáculo de fogos de artifícios que os japoneses já viram!

Poucos aviadores reagiram com entusiasmo. Certamente, muitos ainda se recordavam do primeiro ataque aéreo americano a Tóquio, em 1942. Três dos aviadores do General James Doolittle, que foram obrigados a aterragens forçadas pelos japoneses, haviam sido julgados por homicídio, considerados culpados e executados.

As tripulações de LeMay estavam também preocupadas com as ordens de atacar em altitudes tão baixas e sem armamentos. As informações não eram confortadoras. Dizia-se que os japoneses haviam concentrado em torno de Tóquio 331 canhões de grossos calibres, 307 canhões de disparo automático, 332 caças monomotores e 105 interceptadores bimotores.

LeMay previra confiantemente que esse arsenal defensivo seria ludibriado pela tática de surpresa. Agora, ele tinha que esperar pela confirmação do General Tom Power, seu chefe de estado-maior, que estava voando num dos bombardeiros de vanguarda, com ordens de transmitir pelo rádio notícias sobre o ataque.

* * *

Os aviões-guia chegaram a Tóquio à meia-noite. A cidade estava imersa na escuridão. A previsão do tempo fora correta: o céu estava claro, um vento frio de 45 quilômetros horários fizera com que os habitantes fossem deitar mais cedo.

Voando a favor do vento, os aviões-guia marcaram a área de alvo com bombas de magnésio, napalm e fósforo, fazendo linhas quase retas através de prédios de madeira e ruas estreitas.

A força principal chegou a Tóquio meia hora depois. Nenhum caça levantou vôo, o fogo antiaéreo era mínimo. Como LeMay previra, as defesas de Tóquio haviam sido apanhadas totalmente desprevenidas com aquele ataque em baixa altitude.

Os B-29 começaram a bombardear sistematicamente a capital japonesa, ao longo dos braços do “X” formado pelos aviões-guia. Lançaram suas cargas incendiárias, aumentando ainda mais o inferno de chamas.

Cinco mil metros acima das chamas, o avião de Power circulou o alvo. E ele transmitiu pelo rádio para Guam o seu comentário:

— Está-se espalhando como fogo na campina seca... o incêndio deve estar fora de controle. . . fogo antiaéreo esporádico. . . não há oposição de caças. . .

O incêndio se espalhou e aumentou de intensidade, mandando lufadas de ar superaquecido para o céu. Os pilotos dos bombardeiros tinham a impressão, no dizer de um deles, de que estava voando "no inferno de Dante". A turbulência do incêndio erguia os gigantescos bombardeiros por dezenas de metros, sugando-os em seguida para baixo. Os aviadores ficaram enjoados com os solavancos. Depois, uma nova sensação fê-los vomitar: o mau cheiro de milhares de corpos em chamas.

Finalmente, conforme estava planejado, às 3:30 horas da madrugada, o último B-29 largou suas sete toneladas de bombas incendiárias na gigantesca fornalha e depois voou para o sul.

Power transmitiu o relatório final:

— Alvo completamente em chamas. Fogo se espalhando muito além dos limites previstos. Toda Tóquio é visível no clarão. Sucesso total.

As chamas eram uma pira fúnebre para cerca de 100 mil almas. Aproximadamente 250 mil prédios foram destruídos, numa área de 40 quilômetros quadrados.

Dos 325 bombardeiros que criaram esse holocausto, apenas 14 não voltaram.

* * *

O plano de LeMay dera certo. O general imediatamente ordenou novos ataques a baixa altitude contra Nagoya, Osaka, Kobe e Okayama.

Durante os dois últimos meses, todos os esforços de LeMay haviam sido concentrados no desenvolvimento dessas novas táticas. Ele não tivera tempo para mais nada. . . muito menos para prestar atenção ao rumor persistente de que uma nova unidade especial estava vindo para as Marianas.

Mas agora, naquele momento de triunfo, os rumores foram confirmados. LeMay foi informado de que parte do Campo Norte, na Ilha de Tinian, estava sendo requisitada, por ordens diretas de Washington, para alojar um “grupo especial de bombardeio”.

LeMay imaginou que a nova unidade, se não chegasse rapidamente, talvez não encontrasse nada mais para bombardear além de ruínas e arrozais.

28

Em Tóquio, o QG do Alto Comando estava dominado pelo maior tumulto. Depois do ataque incendiário, o Alto Comando estava se retirando para a área mais protegida, cercada de árvores, da Academia Militar, nas Colinas de Ichigaya, na região centro- oeste da cidade.

A jornada através de Tóquio era extremamente difícil, pois os bombardeiros de LeMay haviam semeado um pânico incontrolável.

Logo depois do ataque, com a temperatura nas áreas mais atingidas chegando a um calor insuportável, o desespero em escapar havia transformado cidadãos comuns em selvagens. Milhares de pessoas pularam no Rio Sumida, para morrer afogadas ou quando as chamas sugaram o oxigênio de seus pulmões. Policiais e bombeiros foram pisoteados no pânico. Imensas pilhas de cadáveres erguiam-se nas ruas da área nordeste de Tóquio.

Em menos de 24 horas, dezenas de milhares de pessoas abandonaram Tóquio, levando apenas as roupas do corpo. Deixaram para trás famílias e amigos carbonizados. Este êxodo apresentava um sério problema. Os refugiados podiam semear o pânico, causar confusão e baixar o moral.

O Major-General Seizo Arisue sentiu-se contente por não ter que lidar com tais problemas. Seu interesse imediato concentrava-se na reação do Serviço Secreto Naval ao ataque.

Eles haviam cancelado os contatos de paz com Allen Dulles. Arisue não demorou muito tempo a descobrir por quê. Longe de ficarem desmoralizados pelo ataque dos bombardeiros de LeMay, a destruição só contribuiu para fortalecer a vontade de resistir dos almirantes.

O Chefe do Estado-Maior Naval, Almirante Soemu Toyoda, declarou que a única maneira de o Japão sobreviver “com dignidade”, diante de tal terror, era continuar a lutar, desfechar contra-ataques decididos, para fazer a América compreender que a nação japonesa jamais se renderia. E ele informou que a Marinha estava elaborando planos para levar a guerra às praias americanas.

A disposição no QG do Exército era ainda mais arrebatada. Oficiais de estado-maior, sedentos de vingança, elaboraram um plano de saturar as Marianas com ataques shimpu. Mas o problema de levar kamikazes a uma distância adequada para desfecharem seus ataques mortíferos era insuperável.

Avaliando a força desse ímpeto belicoso Arisue decidiu que não era o momento apropriado para falar de paz com o inimigo. E resolveu suspender seus próprios esforços de fazer contato com Dulles.

A notícia da destruição em Tóquio não chegou oficialmente a Hiroxima. A censura simplesmente se recusava a liberar os informes sobre o ataque para divulgação pelos jornais e rádios do país.

A notícia chegou a Hiroxima oficiosamente, a 12 de março, com um dos poucos trens que os civis ainda podiam usar. Uma hora depois de os refugiados de Tóquio chegarem a Hiroxima, o Prefeito Senkichi Awaya sabia o que acontecera na Capital. Usando suas prerrogativas oficiais, Awaya finalmente conseguiu, depois de horas de espera angustiante, falar com a esposa pelo telefone. Ela e as crianças estavam ilesas. Awaya determinou à esposa que voltasse com os filhos o mais depressa possível para Hiroxima, onde estariam seguros.

Sachiyo Awaya hesitou. Ela e as crianças haviam sobrevivido ao ataque. Os refugiados provavelmente estavam exagerando. De qualquer maneira, o Exército em Tóquio declarara que era improvável que os bombardeiros voltassem; e se por acaso o fizessem, da próxima vez teriam uma recepção à altura.

Awaya sabia que a qualquer momento a ligação poderia ser cortada. As telefonistas tinham autoridade para encerrar quaisquer telefonemas que não

fossem de natureza militar. O Prefeito falou em tom de urgência:

— O inimigo vai voltar. Essa é a natureza da guerra. Você e as crianças devem vir para cá.

Ainda assim, a esposa relutava em deixar Tóquio. Ele apresentou então um argumento que sabia que a esposa teria dificuldade em rejeitar:

— É possível que todos nós morramos nas batalhas vindouras. Se isso tiver que acontecer, quero que morramos juntos, como uma família.

A esposa prometeu que, para começar, mandaria o filho mais velho. O rapaz de 14 anos poderia continuar os estudos numa escola de Hiroxima.

* * *

Uma semana depois, entre 7:30 e oito horas da manhã de 19 de março, Hiroxima sofreu seu primeiro ataque aéreo. Quatro caças-bombardeiros, decolando de um porta-aviões, sobrevoaram a cidade. Apenas duas bombas foram lançadas: uma caiu num rio, sem causar qualquer dano, enquanto a outra matou duas pessoas e destruiu suas casas.

Os aviões escaparam antes que o fogo antiaéreo pudesse ser dirigido contra eles. O incidente causou excitação e especulações na cidade. Houve discussões veementes entre os céticos e aqueles que defendiam a teoria de que Roosevelt concordara em poupar a cidade.

Ao final os partidários da insólita teoria ressaltaram, triunfantes, que os bombardeiros não passaram sobre a cidade por uma segunda vez. As duas bombas haviam sido lançadas por equívoco. Fora por isso que os aviões se afastaram rapidamente. Como confirmação de sua teoria, os defensores da idéia de que Hiroxima seria poupada apontaram posteriormente para um fato inegável: embora soassem por várias vezes as sirenes de ataque aéreo,

nas duas semanas que se seguiram, nenhum bombardeiro sequer se aproximara da cidade.

Os alarmes recentes haviam adiado a visita semanal regular aos campos do assistente do Prefeito, Kazumasa Maruyama, a fim de obter alimentos para sua esposa e para o Prefeito Awaya.

Naquela manhã, Maruyama levantou-se às cinco horas e deixou a esposa ainda dormindo no pequeno quarto conjugal. Ele escutou o rádio antes de deixar o apartamento. O rádio era muito importante. Os avisos de ataque aéreo eram irradiados pelo rádio. Fora este, com suas primeiras insinuações de uma “retirada estratégica”, que preparara os ouvintes para a perda de Iwo Jima.

O locutor parecia tão confiante quanto sempre naquela manhã. O Corpo Especial de Ataques, os kamikazes, haviam desfechado um golpe mortal contra o inimigo no dia anterior, ao largo das praias de Okinawa. Entre os muitos alvos estava o “orgulho da esquadra inimiga, a nave Indianapolis”. O nome do navio não dizia coisa alguma a Maruyama, mas ele deduziu que, por trás das palavras sonoras, o rádio estava começando a preparar o público para um fato extremamente desagradável: o inimigo alcançara as praias de Okinawa.

Se Okinawa caísse, Maruyama não tinha a menor dúvida de que o inimigo invadiria em seguida o Japão propriamente dito.

O pensamento do que isso significaria era horrível demais para sequer se cogitar. Os jornais e o rádio falavam dos soldados americanos como “demônios sedentos de sangue”. Talvez, no final das contas, ele estivesse errado ao apoiar a idéia do prefeito de trazer a família para Hiroxima. Talvez ela estivesse em situação melhor em Tóquio, protegida pela concentração maior de tropas defensoras.

Ainda pensando no dilema que a notícia do rádio criara em sua mente, o assistente do prefeito partiu para fora da cidade a pé.

Mercadorias eram mais úteis do que dinheiro para se obter uns poucos legumes e frutas para engrossar a ração legal. A partir daquele dia, as rações

deviam ser reduzidas mais ainda, a porção de arroz limitada a três tigelas por dia, durante 20 dias de qualquer mês. Nenhuma comida seria fornecida para os dias restantes do calendário. A qualidade do arroz era tão ruim que Maruyama jamais o teria comido antes da guerra. O peixe, o outro alimento básico da dieta japonesa, também se tornava escasso. Os bombardeiros americanos estavam destruindo sistematicamente a frota pesqueira.

Maruyama foi muito bem recebido na fazenda. Era o fregues mais importante, entre todos os que apareciam para oferecer coisas em troca de comida. Dali a pouco, Maruyama estava sentado de pernas cruzadas, só de meias, na sala de visitas da casa da fazenda, tomando chá.

Normalmente, o fazendeiro fazia-lhe perguntas sobre a vida na cidade. Naquela manhã, era o fazendeiro quem tinha informações a dar e estava determinado a tirar o máximo proveito disso.

Maruyama fez a abertura inicial da conversa, comentando que o ataque aéreo deixara muita gente nervosa em Hiroxima. Ao que o fazendeiro declarou:

— A cidade não será bombardeada novamente.

Maruyama sorriu debilmente, mas sabia que não devia ofender o fazendeiro. Era um homem sensível e podia vender seus produtos a quem bem desejasse. Maruyama disse que esperava que seu anfitrião estivesse certo e que a cidade fosse realmente poupada.

— Vai ser mesmo! É que os americanos pretendem, quando a guerra terminar, construir aqui suas casas de veraneio! Afinal, Hiroxima é uma das cidades mais bonitas do Japão!

Maruyama cumprimentou o fazendeiro por estar a par daquela informação secreta.

— Não posso revelar como eu soube, Sr. Secretário. Mas posso informar que foi um cliente quase tão importante como o senhor que me contou.

Assentindo gravemente, Maruyama levantou-se. Estava na hora de tratar de negócios. Ele abriu o embrulho de roupas usadas que trouxera. A medida que cada peça era apresentada, o fazendeiro metia a mão em seus próprios sacos e tirava o preço de compra em produtos.

Maruyama calculou que, com as roupas, comprara alimentos suficientes para o prefeito, para sua esposa e para si mesmo, por três dias. . . talvez para cinco, se a esposa fosse bastante cuidadosa. Ele trocou reverências com o fazendeiro, embrulhou cuidadosamente o que comprara, fez uma última vênia e depois iniciou a viagem de volta para Hiroxima.

Percorrera pouco mais de um quilômetro quando um camponês saiu correndo de sua cabana e gritou que o rádio acabara de anunciar outro alerta de ataque aéreo.

Incapaz de resistir, Maruyama espalhou seu próprio boato de guerra:

— Não se preocupe. Hiroxima não será bombardeada novamente. Ainda não ouviu a notícia? Os americanos vão construir suas casas de veraneio aqui! Talvez o próprio Roosevelt apareça!

E ele continuou a caminhar rapidamente na direção da cidade.

29

O bombardeador do Grupo Tom Ferebee estava bastante relaxado ao anunciar laconicamente, como sempre fazia no PI, que diretamente a sua frente e 10 mil metros abaixo podia avistar a pequena cidade de Calipatria, à beira do deserto, na Califórnia Meridional.

Além de Calipatria ficava o Mar de Salton e a área de bombardeio do 509.º.

Restavam agora apenas três minutos antes que o novo bombardeiro chegasse ao PA, o ponto de alvo. Era o primeiro dos novos aparelhos que Parsons julgara necessários. Chegara a Wendover a 9 de março e havia sido meticulosamente inspecionado por Tibbets, Van Kirk e Ferebee.

O novo bombardeiro era de fato diferente. Mesmo sem as placas blindadas, que haviam sido removidas, juntamente com os canhões, podia-se sentir que tinha uma construção sólida. Tibbets admirou as hélices reversíveis. Ferebee gostou das portas do compartimento de bombas, com um mecanismo extremamente rápido. Estavam projetadas para se fechar dois segundos depois que uma bomba fosse lançada. Isso permitiria ao avião executar a volta de 155 graus ainda mais depressa. Van Kirk apreciou o assento do navegador. Era mais confortável que o do modelo anterior de B-29.

Uma equipe de engenheiros e mecânicos voara no aparelho. A pedido de Tibbets, fizeram diversos pequenos ajustamentos. Mas um dos engenheiros não estava satisfeito com a maneira como funcionavam as engrenagens do visor de bombardeio. Ferebee disse que poderia ajustar tudo depois de alguns lançamentos de teste. O engenheiro explicou que não era assim que costumava trabalhar. Precisava ajustar ao visor uma porção de aparelhos de controle e medição, a fim de fazer o ajustamento certo. Por isso, recebera permissão de participar daquele vôo de teste, a fim de observar o visor Norden em funcionamento.

Tibbets designou Lewis para experimentar o novo bombardeiro, no que já se transformara em uma viagem rotineira, entre Wendover e o Mar de Salton. Ferebee estava a bordo em parte porque iriam lançar naquele vôo uma das preciosas “unidades engatilhadas”. Eram bombas simuladas, com o formato exato da bomba atômica e contendo o mecanismo do detonador de proximidade. Cada um desses mecanismos custava o equivalente a um Cadillac.

Além do engenheiro, havia outro novato a bordo: o Segundo- Tenente Morris R. Jeppson, do Primeiro Esquadrão de Material Bélico. Na espaçosa cabine que partilhava com o navegador e o radiotelegrafista, Jeppson instalara um painel de controle para verificar os complexos mecanismos eletrônicos internos da bomba, antes de ser lançada do avião.

Um jovem religioso e retraído, Jeppson se concentrava inteiramente em seu trabalho, indiferente aos gracejos a seu redor. Sabia que os aviadores estavam curiosos por sua presença e ansiosos em arrancar-lhe informações sobre o Esquadrão de Material Bélico. Mas não podia deixar de admirar a maneira como os homens se continham. Gostava desse tipo de disciplina.

Jeppson fizera o curso de Física. Já no serviço militar, estudara em Yale, Harvard e no Instituto Tecnológico de Massachusetts. Seu talento fora notado e requisitaram-no para o Primeiro Esquadrão de Material Bélico.

Simpatizara imediatamente com Lewis. O piloto se mostrara amistoso, sugerindo onde poderia instalar seus equipamentos e o informando sobre o que deveria esperar durante o vôo. Até agora, porém, este transcorrera sem qualquer novidade. Seu painel de controle, de onde saíam cabos ligados à bomba, indicavam que a arma estava-se comportando normalmente”.

— Dois minutos para o PA.

Lewis acusou o recebimento das palavras de Ferebee. Preparou-se para fechar as portas do compartimento de bomba, no momento em que o bombardeador comunicasse o lançamento.

O engenheiro estava debruçado sobre uma duplicata do visor Norden. Se o instrumento do bombardeador não funcionasse direito, a bomba ainda poderia ser lançada, com Ferebee ordenando ao engenheiro que puxasse a alavanca.

O engenheiro sincronizou seus movimentos com todos os ajustamentos que Ferebee estava fazendo.

Um minuto e meio para o PA.

Subitamente, o B-29 se ergueu no ar.

— Deus do céu!

O grito de Ferebee foi seguido por uma exclamação furiosa de Lewis:

— Você lançou a bomba cedo demais!

Ferebee corrigiu-o:

— Não fui eu! Deve ter sido o engenheiro!

Lewis gritou para o engenheiro pelo sistema de comunicação interna:

— Tocou em alguma coisa?

— Pensei que já estivéssemos no ponto de lançamento!

As palavras seguintes de Ferebee interromperam o fluxo de invectivas de Lewis:

— A bomba vai cair na cidade!

Ele ficou observando, paralisado, enquanto a bomba mergulhava na direção da cidade. Embora contivesse apenas uma pequena quantidade de explosivos, tendo mais lastro e equipamentos eletrônicos, a bomba pesava mais de quatro mil quilos e poderia causar danos consideráveis.

— Mantenha o curso, Bob!

Lewis continuou a voar o B-29 na mesma direção anterior.

Jeppson calculou que a bomba levaria cerca de um minuto para chegar ao solo.

Trinta segundos se passaram.

Ferebee anunciou:

— Não vai atingir a cidade!

A bomba caiu um quilômetro além de Calipatria.

Horas depois, agentes do Projeto Manhattan haviam isolado a área e procuravam pela unidade. Estava enterrada a três metros de profundidade. Foi recuperada, tratores encheram o buraco de terra. Ninguém em Calipatria jamais soube como a cidade estivera perto de ser atingida.

O vôo de volta a Wendover foi bastante tenso. As tentativas de pedir desculpas do desolado engenheiro foram recebidas com um silêncio gelado.

Em Wendover, ele foi metido num carro e levado para Salt Lake City. Ali, foi embarcado num trem por agentes do projeto e informado de que nunca mais poderia sequer aproximar-se da base aérea.

* * *

Tibbets olhava, entre furioso e incrédulo, para um dos seus oficiais que mais mereciam sua confiança, um tenente-coronel baixo e elegante. Uanna, sentado ao lado de Tibbets, continuou a interrogar o oficial:

— Admite então que pegou um B-29 sem autorização a fim de voar até em casa numa licença de fim-de-semana?

O oficial manteve a pose agressiva:

— Tenho autoridade para requisitar um avião.

A censura de Uanna foi em tom suave:

— Ninguém, em toda a Força Aérea, tem autoridade para pegar o nosso bombardeiro mais secreto e partir numa viagem de recreio.

Tibbets interveio na conversa:

— Você levou o avião e deixou-o sem qualquer vigilância num aeroporto civil durante dois dias?

— Deixei. Mas o avião estava todo trancado.

— E depois levou seu pai a dar uma volta num avião do qual a maioria dos homens desta base nem sequer pode aproximar-se?

— Meu pai gosta de voar. Achei que não havia mal algum.

Tibbets explodiu:

—• Não quero saber dos gostos de seu pai! E acho que você jamais conseguiu pensar direito em coisa alguma!

— Coronel, estou disposto a pedir desculpas. . .

— Desculpas? E pensa que isso pode resolver alguma coisa? Você infringiu todas as regras de segurança! E ainda tem coragem de chamar-se de oficial! Vou fazer um exemplo de você!

O tenente-coronel ficou calado, esperando, apreensivo.

Tomada a decisão, Tibbets não perdeu tempo em proferir a sentença:

— Tem exatamente 60 minutos para arrumar suas coisas. Um avião estará a sua espera. O destino será o Alasca. Passará o resto da guerra conversando com pinguins!

— Coronel. . .

— Diga mais uma palavra e será levado à corte marcial! E agora saia daqui!

O oficial em desgraça se retirou.

Aquele era o terceiro caso em uma semana em que tinham sido infringidos os regulamentos de segurança. Dois dias antes, a 20 de março, uma dupla de tenentes de plantão na estação de telemetria na área de bombardeio no Mar de Salton abandonara os equipamentos de medição altamente secretos e atravessara a fronteira para o México, a fim de se “divertir um pouco”. Os dois também foram imediatamente despachados para o Alasca.

Pessoalmente, Tibbets simpatizava com os três oficiais punidos. Mas, mesmo que quisesse, não poderia ter demonstrado qualquer compaixão. Isso poderia abrir as comportas, e as medidas de segurança que planejara e adotara junto com Uanna estariam irremediavelmente destruídas.

Tibbets sabia que tais atitudes não o faziam popular, mas, como dissera certa ocasião a Van Kirk, não estava “tentando vencer um concurso de popularidade”.

A transferência de três oficiais para as vastidões geladas do Alasca serviria como freio para os outros. Mas não iria aliviar as tensões. Há seis meses que Tibbets vinha exigindo o máximo de seus homens. E até poucos dias antes, o próprio Tibbets não estava tão familiarizado com “o objetivo de todo aquele trabalho quase escravo”. Só tomara conhecimento do mecanismo nuclear ultra-secreto no interior da bomba quando Parsons chegara a Wendover pouco antes, com diversas plantas da bomba de urânio, a fim de discutir com Tibbets uma nova série de testes do detonador. Tibbets já sabia que a bomba teria cerca de três metros de comprimento e 70 centímetros diâmetro, pesando mais de quatro mil quilos. Ao ouvir as explicações de Parsons, ele ficou “espantado com a extrema simplicidade”.

O núcleo da bomba de urânio pesaria apenas 11 quilos, dividido em dois segmentos desiguais separados por quase dois metros, dentro de um cano de canhão, que era o próprio invólucro da bomba. Entre as duas massas de urânio 235 havia uma espécie de escudo resistente aos nêutrons, feito com uma liga de alta densidade. O escudo serviria para impedir que as duas massas de urânio reagissem mutuamente, o que causaria uma explosão nuclear não prevista.

A massa menor de urânio 235 pesaria apenas 2,5 quilos. Era a “bala” atômica. Quando o canhão fosse ativado pelo detonador de proximidade, essa “bala” seria disparada pelo cano do canhão até o “alvo”, a massa maior de urânio 235. O “alvo” pesaria cerca de 8,5 quilos.

Quando disparada, a força da “bala” de urânio romperia os pinos que anteriormente a prendiam no lugar, atravessaria o escudo e iria chocar-se contra o “alvo”, provocando a explosão nuclear.

Depois de toda a explicação, Tibbets teve um calafrio quando Parsons lhe disse que, apesar de todos os planejamentos e testes, os cientistas de Los Alamos ainda não tinham certeza absoluta de que a bomba de urânio iria funcionar. Tibbets recordou mais tarde como “Parsons tranquilamente disse que não se poderia ter certeza de que a arma iria funcionar. . . enquanto não

fosse usada. Aparentemente, ele não achava que o risco de fracasso fosse alto. Mas a verdade é que havia.”

Desde a conversa que Tibbets não parava de pensar no que Parsons lhe dissera. E isso, juntamente com as quebras de segurança dos três oficiais, faziam com que ficasse bastante nervoso. Uma noite, Tibbets foi chamado, quando estava jantando, para interrogar um homem que se hospedara no State Lina Hotel, em Wendover. Os agentes de segurança haviam descoberto que ele se registrara com nome falso. O homem resistiu durante 30 minutos ao interrogatório de Tibbets, até que um agente interveio:

— Vamos transformá-lo num espião. E os espiões neste país sempre acabam na cadeira elétrica.

O homem então confessou. Admitiu que estava usando um nome falso, na esperança de vender supostas assinaturas de revistas aos homens da base. Foi levado a Salt Lake City e advertido de que não deveria voltar a Utah em hipótese alguma.

O incidente deixou Tibbets ainda mais preocupado. Na base, todos já estavam comentando abertamente que iriam lançar “uma grande bomba” no Japão. Tibbets achava que era apenas uma questão de tempo antes que fosse cometida uma quebra grave de segurança.

30

Mesmo ali, em Warm Springs, Geórgia, o Presidente Roosevelt não podia livrar-se preocupações com a guerra. Ao meio-dia, apareceu em seu gabinete um mensageiro especial, levando uma bolsa de couro. O correio de Washington chegara para interromper o repouso que seus médicos lhe tinham recomendado.

Havia motivos para que Roosevelt se sentisse animado. Os Aliados estavam vencendo a guerra. A Alemanha encontrava-se à beira da derrocada final. No Pacífico, 183 mil soldados e fuzileiros americanos haviam desembarcado em Okinawa.

Mas o número de mortos já era bastante alto. Naquela manhã, como sempre acontecia, o Presidente recebeu os últimos dados de baixas: 6.481 americanos tinham morrido em combate na última semana, elevando para 196.669 o total de vidas americanas perdidas na luta contra as potências do Eixo.

Roosevelt ainda estava examinando as estatísticas quando chegou Madame Elizabeth Shoumatoff, a pintora de retratos.

Roosevelt vestia colete, como ela pedira, embora não gostasse. Deixou que a pintora ajeitasse um manto sobre seus ombros. As roupas escuras contrastavam com a curiosa luminosidade das feições do Presidente. A pele parecia agora um pergaminho e naquela manhã brilhava intensamente, com uma luminosidade que parecia vir de dentro.

Subitamente, Roosevelt levou a mão esquerda à testa e apertou firmemente. A mão logo caiu ao colo, os dedos se contraindo. Ele largou o cigarro, levantou a mão direita para massagear a nuca. Fechou os olhos e começou a gemer baixinho. Depois, a cabeça pendeu para frente e o corpo resvalou da cadeira, inerte como uma marionete.

O médico do Presidente chegou momentos depois.

Às 3:35 horas da tarde de 12 de abril de 1945, Franklin Delano Roosevelt foi declarado clinicamente morto.

O mundo livre perdera um estadista, a América perdera seu líder e o Projeto Manhattan perdera, no momento mais crucial, seu protetor.

Ignorando o que acabara de acontecer na Geórgia, Harry S. Truman, 34.º Vice-Presidente dos Estados Unidos, naquela tarde agindo em sua qualidade

de Presidente do Senado, parecia estar tomando anotações sobre os debates entre os senadores. Muitos achavam que tal atitude era típica da maneira como Truman gostava de fazer as coisas: ele acumulava meticulosamente todos os fatos disponíveis.

Na realidade, Truman estava escrevendo uma carta para a mãe, dando as mais variadas notícias e terminando com um lembrete:

Ligue seu rádio manhã de noite, às 9:30 horas, e ouvirá Harry fazer um discurso à nação pelo Dia de Jefferson. Creio que será transmitido em cadeia e por isso não deverá ter dificuldades em ouvir-me. O Presidente falará depois de mim e serei encarregado de apresentá-lo.

Às 4:56 horas, o Senado entrou em recesso. Truman foi ao gabinete do Senador Sam Rayburn para tomar um bourbon com água. E ainda estava ali quando o secretário de imprensa de Roosevelt, Steve Early, telefonou e pediu a Truman que fosse até a Casa Branca, “por favor”, entrando pela entrada principal da Avenida Pensilvânia.

Truman não perguntou por quê. Imaginou que Roosevelt acabara de voltar de Warm Springs e desejava discutir algum pequeno problema com ele.

Truman foi conduzido ao gabinete de Eleanor Roosevelt, no segundo andar. Ela se aproximou dele e segurou-lhe o braço. Sua voz estava calma e controlada:

— Harry, o Presidente morreu.

Aturdido, Truman olhou instintivamente para o relógio, a fim de recordar-se do momento em que ouvira a terrível notícia. Eram 5:25 horas da tarde.

A Sra. Roosevelt voltou a falar:

— Podemos fazer alguma coisa por você, Harry? É você quem está agora com problemas!

Ela convidou-o a usar o telefone do gabinete e depois se retirou para cuidar das providências para o funeral.

Às 7:00 horas, Truman foi para o Salão do Gabinete na Casa Branca, a fim de prestar juramento. Os membros do Gabinete ficaram observando em silêncio, enquanto o Presidente do Supremo Tribunal Federal, Harlan Stone, explicava a breve cerimônia a Truman.

Stone consultou um pedaço de papel e pediu a Truman que confirmasse se o “S” em seu nome era de “Shippe”.

O sotaque arrastado de Truman soou com grande intensidade no ambiente opressivo:

— O “S” não representa nada. É apenas uma inicial.

O Presidente do Supremo Tribunal apagou o nome “Shippe” do juramento. Um assistente sussurrou a Stone que não podiam ainda começar, pois não dispunham de uma Bíblia. Todos esperaram num silêncio tenso, enquanto se processava uma busca frenética na Casa Branca, até se encontrar uma Bíblia.

Às 7:09 horas, a Bíblia foi entregue a Truman, que repetiu o juramento presidencial depois de Stone:

— Eu, Harry S. Truman, juro solenemente que cumprirei fielmente os deveres do cargo de Presidente dos Estados Unidos e envidarei todos os meus esforços para preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos.

Truman impulsivamente beijou a Bíblia. Depois, fez um gesto para que os membros do Gabinete se juntassem a ele, na mesa comprida. E fez uma promessa:

— Farei tudo que estiver ao meu alcance para realizar minha missão de acordo com o que acredito que o Presidente teria feito.

Para Truman, o novo Presidente dos Estados Unidos, para todos os homens que estavam naquela sala, Franklin D. Roosevelt ainda era “O Presidente”.

Truman pediu ao Gabinete de Roosevelt que permanecesse nos cargos. Mas deixou escapar uma insinuação do que estava para acontecer ao encerrar a reunião, quando fez outra promessa:

— Assumirei plena responsabilidade por todas as decisões que tiverem de ser tomadas.

Os membros do Gabinete se retiraram. Stimson parou na porta, hesitante. Quando finalmente se dirigiu a Truman, a voz não estava muito firme:

— Sr. Presidente, preciso falar-lhe sobre um assunto de extrema urgência.

Truman assentiu.

— Quero informá-lo sobre um projeto de grandes proporções que está em andamento. . . um projeto que visa ao desenvolvimento de um novo explosivo, de poder destrutivo quase inacreditável.

Stimson fez uma pausa.

Truman ficou esperando. Mas o Secretário da Guerra não entrou em pormenores.

* * *

Em sua primeira manhã como Presidente, Truman acordou na hora habitual, 6:30 horas. Aquela sexta-feira, dia 13, iria ser quente e sufocante. Ocorreu-lhe que um Presidente dos Estados Unidos não se preocupava com previsões do tempo, a menos que afetassem questões importantes. Qualquer que fosse o tempo, ele agora teria que dirigir o país.

Na Casa Branca, Truman demonstrou imediatamente que era um homem capaz de tomar decisões rápidas. Naquela manhã, tratou rapidamente e com segurança de problemas internos, sendo informado pelos membros do Gabinete.

Às 2:30 horas da tarde, James Byrnes apareceu. Truman tinha duas perguntas para Byrnes. A primeira: Byrnes poderia preparar-lhe um relatório por escrito sobre a Conferência de Yalta? Byrnes tomara anotações para Roosevelt durante a conferência e prontificou-se imediatamente a fazer o relatório.

A segunda pergunta foi mais surpreendente. Truman começou por recordar a Byrnes que, devido à maneira como se tornara Presidente, não havia agora um Vice-Presidente. Se Truman morresse ou ficasse incapacitado para o exercício do cargo, a Constituição determinava que o Secretário de Estado deveria sucedê-lo.

Truman perguntou a Byrnes se aceitava o cargo. Era um convite surpreendente, tendo em vista o relacionamento frio anterior entre os dois. Como “Presidente-assistente”, Byrnes fora muito mais íntimo de Roosevelt do que Truman. Em algumas ocasiões, usara seu poder para tratar asperamente o Vice-Presidente. Mas, ao convidar Byrnes para ser o primeiro na linha de sucessão presidencial, Truman estava demonstrando a habilidade política que o tornava tão formidável. Queria Byrnes do seu lado e estava disposto até a comprá-lo.

Byrnes aceitou.

Depois, falando num tom de voz que Truman julgou de “grande solenidade”, Byrnes fez uma comunicação ainda mais surpreendente e misteriosa que a de Stimson no dia anterior:

— Sr. Presidente, estamos desenvolvendo um poderoso explosivo, forte o bastante para destruir o mundo. Pode deixar-nos em posição de ditar nossos próprios termos, ao final da guerra.

31

Beser, como a maioria dos homens do 509.º, tinha ouvido pelo rádio a notícia da morte de Roosevelt. Alguns escutavam o programa O Repórter Ferrell, da NBC, outros estavam sintonizados em Oeste Selvagem, da CBS. A maioria ouvia o Capitão Meia-Noite, um herói popular da ABC.

Às 5:49 horas da tarde, a primeira notícia interrompeu todos os três programas. Por volta de 6:30 horas, as emissoras locais do Utah estavam irradiando o cabograma dramático que Eleanor Roosevelt enviara para os quatro filhos, dois deles servindo na Marinha, no momento ao largo de Okinawa:

QUERIDO: PAPAI MORREU ESTA TARDE. ELE CUMPRIU SEU DEVER ATÉ O FIM. ASSIM COMO GOSTARIA DE QUE VOCÊ TAMBÉM O FIZESSE. DEUS O ABENÇOE. IODO O NOSSO AMOR. MAMÃE.

Beser desligou o rádio. A razão para assim fazê-lo era compreensível.

— Desligando o rádio, eu achava que podia negar a verdade. O Presidente Roosevelt era o homem que nos liderava há tanto tempo que era impossível aceitar imediatamente sua morte.

Naquela tarde, membros dos clubes dos oficiais e das praças da base tomaram uma decisão: não haveria jogos e ninguém beberia até que Roosevelt fosse sepultado. Eatherly surpreendeu a muitos sendo um dos mais ardorosos defensores dessa medida.

Bob Lewis fez um comentário que deixou a todos emocionados:

— Nunca conheci o sujeito. Mas sinto que perdi um grande companheiro.

Para muitos daqueles rapazes, que mal podiam recordar-se do tempo em que ele não era Presidente, era impossível compreender a Casa Branca sem Franklin D. Roosevelt. Gradativamente, porém, as conversas em Wendover, como em toda parte, foram-se dirigindo para o novo Presidente. A preocupação mais imediata do 509.º era a atitude que Truman assumiria em relação ao prosseguimento da guerra. Em Wendover, todos sabiam qual era a posição de Roosevelt. Muitos podiam até citar os discursos em que ele repisara o tema de que o inimigo deveria ser perseguido até seu covil. Roosevelt quase vivera para ver a perseguição chegar a Berlim.

Mas será que Truman estaria igualmente ansioso em conquistar Tóquio?

* * *

Uma equipe bem treinada, com o piloto Charles Sweeney e o bombardeador Kermit Beahan, levou o B-29 ao PA. Para aquele teste, estavam usando uma área de alvo improvisada nos campos de sal a alguns quilômetros de Wendover.

Dez mil metros abaixo, reunidos em torno do PA, cientistas e técnicos do Primeiro Esquadrão de Material Bélico esperavam para verificar se os últimos ajustamentos fariam com que o sistema de detonação da bomba funcionasse a contento.

A bomba que seria lançada estava cheia de lastro e com meio quilo de explosivo, o suficiente para causar uma pequena explosão aérea, a fim de que os cientistas pudessem verificar se o mecanismo de detonação funcionava mesmo na altitude prevista de 600 metros.

A tripulação de Sweeney, a N.º 15, recebera instruções de Tibbets para aquele vôo de teste. Ele lhes recordou a importância e o valor de cada

mecanismo de detonação, particularmente porque o sistema ainda estava apresentando problemas.

Embora Tibbets não o dissesse expressamente, estava fazendo um elogio raro a Sweeney e seus homens. Ao escolhê-los para aquela missão de considerável importância para os cientistas, Tibbets estava reconhecendo abertamente o que quase todas as outras tripulações já aceitavam: a N.º 15 era a melhor do 509.º

O único desafio partia do impetuoso Lewis e seus homens.

O relacionamento entre Sweeney e Lewis era bastante frio desde os tempos em que ambos haviam trabalhado no programa de testes do B-29 original. Lewis desconfiava de que Sweeney, irlandês de Boston, “tinha beijado a Pedra de Blarney”, a legendária pedra da Irlanda que se dizia conferir extrema habilidade na lisonja a quem quer que a beije. Era verdade que Sweeney possuía um grande encanto pessoal e que estava acostumado a tirar o que havia de melhor em todos os homens que trabalhavam com ele. O charme não funcionara com Lewis, um fracasso que Sweeney aceitara filosoficamente. Como um profissional, ele achava que Lewis era um “homem de sorte” por estar no 509.º e que tinha mais sorte ainda por servir de vez em quando como co-piloto de Tibbets.

Essa tensão pessoal aumentara o espírito de competição entre as duas tripulações.

Tibbets observava a situação atentamente. Jamais parecia favorecer indevidamente qualquer tripulação. Depois que Sweeney foi escolhido para o vôo de teste, ele pediu a Lewis que realizasse uma série de decolagens e aterragens com uma bomba de quatro mil quilos, cheia de explosivos. O exercício não era tão desnecessário como a tripulação pensou. Tibbets queria que Lewis e, posteriormente, os outros ficassem “psicologicamente preparados” para a possibilidade de um dia terem que transportar realmente uma bomba atômica.

Tibbets conhecia perfeitamente o ponto de vista predominante nos altos escalões do Projeto Manhattan: ao contrário das bombas convencionais, a bomba atômica era muito mais valiosa do que o avião ou a tripulação que a

transportariam. Ele comunicou esse ponto de vista a Lewis. O jovem piloto realizou os exercícios com os mesmos cuidados e suavidade de um veterano piloto de avião-transporte da Cruz Vermelha.

Aproximando-se do ponto de alvo, Sweeney observou Lewis circulando lá embaixo. Foi nesse momento que Beahan gritou, num sotaque do Texas que o próprio Eatherly reconhecia como sendo “muito acentuado”, que o PA estava quase no centro do visor.

Beahan, um veterano de combate no exterior, como Ferebee, era um técnico altamente eficiente, conhecido pelos companheiros como “O Grande Artista”. A tripulação N.º 15 respeitava-o a tal ponto que chegava a se gabar de que ele poderia “acertar num níquel de 10 quilômetros de altura”.

Beahan pediu uma alteração mínima no curso. O co-piloto Fred Olivi, um corpulento italiano de Chicago de 23 anos, ficou observando Sweeney atender ao pedido. Olivi achava que era “quase mágica” a maneira como Sweeney e Beahan trabalhavam juntos.

A tripulação preparou-se para o familiar solavanco para cima, assim que a bomba deixasse o avião.

Aquele vôo seria a causa de outra anotação no diário ilegal que o Sargento Abe Spitzer estava mantendo sobre sua passagem pelo 509. Ele era o operador de rádio. Aos 35 anos, era encarado pelo resto da tripulação como um velho. Teriam ficado surpresos com os comentários mordazes que o gentil Spitzer fazia em seu diário a respeito dos homens com quem trabalhava. Mas até mesmo o sargento tinha de admitir que, no ar, a tripulação N.º 15 era uma unidade eficiente e bem coordenada.

— Largar bomba!

As palavras de Beahan foram acompanhadas por um pulo para cima do B-29, seguido, um instante depois, pelo início da volta de 155 graus. Simultaneamente, uma explosão sacudiu o aparelho.

O Sargento “Pappy” Dehart, o artilheiro da cauda e outro texano, gritou:

— Explodiu!

O mecanismo detonara prematuramente, menos de 30 metros abaixo do B-29. O aparelho pousou, os homens abalados. Tibbets estava esperando por Sweeney. E converteu em palavras o medo de todos:

— Vamos torcer para que isso não aconteça quando tivermos uma bomba de verdade a bordo.

* * *

No fim de semana de 21 de abril, o 509.º fez sua jornada habitual a Salt Lake City e pouco depois o oficial de plantão começou a receber as queixas habituais.

Eatherly dera a medida da noite tumultuada, ao apostar uma corrida com seu engenheiro de vôo. Os dois ficaram passando uma garrafa de uísque de um carro para outro, a cerca de 150 quilômetros horários de velocidade. A garrafa estava vazia ao chegarem a Salt Lake City.

Diversos aviadores alugaram quartos no Hotel Utah e logo estavam-se realizando festas ruidosas. Uma ruiva foi vista percorrendo os corredores do hotel, inteiramente nua, perseguida por vários aviadores de cuecas.

Na manhã de segunda-feira, a polícia de Salt Lake City estava telefonando para Wendover, a fim de apresentar a interminável relação de agressões, violações de trânsito e infrações de todo tipo.

Tibbets conseguiu apaziguar as autoridades civis. Mas os sintomas eram claros: o 509.º estava chegando a um ponto perigoso.

Era o momento de deixar Wendover.

Para Tibbets, havia uma outra boa razão para a partida. Ele chegara à conclusão de que os cientistas estavam “mexendo demais” na bomba

atômica. Eles pareciam “mais preocupados em produzir uma arma perfeita ao invés de ficarem satisfeitos com a que já tinham e usá-la para terminar a guerra. Queriam melhorar o formato, realizar mais testes, fazer alterações intermináveis, antes de permitir que a bomba fosse usada em combate”.

Isso deixava Tibbets angustiado. Podia imaginar os cientistas a “mexerem” na bomba depois da guerra já ter terminado, “e tudo não teria passado de pura perda de tempo”.

A base do 509.º em Tinian já estava reservada. Semanas antes, fora dada a ordem para que um navio ficasse de prontidão em Seattle, a fim de transportar o pessoal de terra para o Pacífico. Tudo o que Tibbets precisava fazer era telefonar para Washington, usar o código Silverplate e comunicar que “podíamos estar participando da guerra”.

A perspectiva de entrar em ação era animadora. Mas a idéia do que poderia acontecer-lhe, se realmente ordenasse que o 509.º fosse mobilizado, preocupava Tibbets. “Groves poderia tirar-me do comando e mandar-me para o Alasca, até mesmo levar-me à corte marcial. ”

Mesmo assim, Tibbets pediu ao centro telefônico da base que o pusesse em contato com o Comando da Força Aérea em Washington. Assim que foi feito o contato com seu oficial de ligação, Tibbets transmitiu sucintamente sua mensagem:

— Aqui é Silverplate. Estamos prontos para partir.

Tudo foi rapidamente providenciado. O pessoal de terra deixaria Wendover a 6 de maio, para embarcar em Seattle. As tripulações dos bombardeiros voariam até o Pacífico posteriormente.

Pouco depois, Tibbets recebeu um telefonema prioritário de Washington, determinando que voasse até lá imediatamente. O interlocutor deu um pequeno esclarecimento a respeito da convocação:

— Coronel, está metido em maus lençóis com Gee-Gee.

Gee-Gee era um dos apelidos de Groves.

Tibbets chegou ao gabinete de Groves ao final da tarde. Foi dessa maneira que ele relatou o encontro, mais tarde:

— Assim que passei pela porta, ele explodiu. Quem diabo eu pensava que era, ordenando que minha unidade fosse transferida para o Pacífico? Durante cerca de 10 minutos, repreendeu-me asperamente, gritando todos os epítetos, sem jamais se repetir. Eu nunca o vira antes tão furioso. Subitamente, parou de falar, abriu-se num sorriso e disse: “Você conseguiu fazer com que entrássemos em ação! Agora, eles não vão mais poder deter-nos!” Groves estava deliciado com minha atitude. Sem os meus aviões, os cientistas não poderiam continuar mexendo na bomba interminavelmente.

32

O convite para jantar com o oficial-comandante, Coronel Hiroshi Abe, foi uma agradável surpresa para Tatsuo Yokoyama. Até aquele momento, seu relacionamento com Abe fora distante e formal.

Mas, uma semana antes, Abe convidara Yokoyama a jantar em sua casa, perto do Castelo de Hiroxima, naquela noite de sábado. Havia uma condição: um ataque aéreo cancelaria o convite. Nas últimas semanas, houvera diversos alertas. Numa das ocasiões, os bombardeiros haviam sobrevoado em grande altitude a cidade.

Mas desde que as duas bombas haviam sido lançadas há mais de um mês, a 19 de março, Hiroxima permanecera livre de qualquer ataque.

Depois dos exercícios vespertinos, Yokoyama vestiu seu melhor uniforme e disse ao sargento onde poderia encontrá-lo.

O sargento, que era o centro de irradiações dos boatos do posto antiaéreo, sorriu efusivamente e disse que tinha certeza de que a noite de Yokoyama

não seria perturbada, “porque a mãe de Truman está prisioneira em Hiroxima!”

Yokoyama ficou atônito.

Q sargento insistiu:

— Ela estava visitando a cidade quando a guerra começou e está aqui desde então!

— Quem lhe disse isso?

O sargento informou que conhecia “alguém” no estado-maior do Tenente-General Shoji Fujii, o Comandante Regional. Fujii estava mantendo a mãe de Truman no Castelo de Hiroxima, como refém contra ataques aéreos.

Q bom senso dizia a Yokoyama que não deveria dar o menor crédito à informação. Mas, ultimamente, as histórias mais estranhas haviam sido confirmadas. Como aquela de que meninos de 15 anos estavam aprendendo a voar como pilotos kamikazes no Corpo Especial de Ataque. Yokoyama não acreditara, até ver alguns desses meninos no Aeroporto de Hiroxima. Ele também não acreditara na história de que mulheres idosas estavam aprendendo a afiar bambus, para usá-los como lanças, até o momento em que vira algumas se exercitando no Campo de Treinamento Leste.

Yokoyama decidiu verificar o boato sobre a mãe de Truman com o Coronel Abe.

A casa de Abe era uma residência pequena e compacta, perto do castelo. Ele era viúvo e morava com a filha. Yokoyama ficou espantado ao descobrir que era o único convidado.

Abe era um bom anfitrião, com um generoso estoque de saquê. Tranquilo e descontraído, Yokoyama indagou a veracidade da história da mãe do Presidente Truman.

Abe riu ruidosamente. Disse que desejava que fosse verdadeira, pois ela poderia então responder a algumas perguntas a respeito do filho.

Baixando a voz, Abe contou outra história a Yokoyama:

— A mãe de Truman é de Hiroxima. É por isso que ainda não fomos bombardeados. Ela pediu ao filho que poupasse esta única cidade, em todo o Japão.

Se era assim, perguntou Yokoyama, por que Hiroxima estava sendo preparada para um ataque? Qual era o propósito das faixas vazias de proteção contra incêndios?

— Ajuda a criar um clima belicoso — explicou Abe. — As pessoas que perderam suas casas estarão dispostas a lutar ainda mais ferozmente por suas vidas, pelo Japão e pelo Imperador!

Yokoyama indagou se isso significava que, depois de tantos meses de exercícios, ele e seus homens acabariam não tendo qualquer oportunidade de lutar. Se fosse assim, pediria transferência para Tóquio ou algumas das outras cidades que estavam sendo constantemente bombardeadas.

Abe tratou de acalmar o visitante e convidou-o para comer. O jantar foi servido pela filha de Abe, uma jovem adolescente, de rosto redondo e gorducha. Depois de servir as tigelas de arroz e fatias de carne e peixe, ela retirou-se para deixar os homens comerem e conversarem.

Yokoyama levantou novamente a questão de sua transferência.

O anfitrião fitou-o atentamente:

— Não o convidei para vir a minha casa a fim de discutirmos tais assuntos, mas sim algo que me é muito importante.

Yokoyama ficou calado e respeitoso, enquanto o anfitrião explicava que há muito estava impressionado com as qualidades do jovem oficial. Abe revelou que chegara mesmo a fazer algumas indagações a respeito das origens familiares de Yokoyama.

— E tudo o que descobri foi bastante satisfatório. Seus pais são pessoas honradas.

Sabendo o que estava para vir, pois tais indagações só podiam significar uma coisa, Yokoyama ficou esperando em silêncio.

As palavras seguintes de Abe soaram frias e objetivas, como um homem de negócios fazendo uma proposta comercial:

— Case com minha filha e seu futuro estará garantido. Cuidarei disso.

Fazendo uma reverência solene, Yokoyama prometeu ao anfitrião que discutiria o assunto com sua família. Tais conversas eram essenciais, antes que o proposto casamento pudesse ser formalmente acertado.

Aquilo significaria uma viagem a Tóquio. Yokoyama descobriu que essa perspectiva era quase tão excitante quanto o motivo para a viagem.

* * *

Ao chegar ao Aeroporto de Hiroxima, a 28 de abril, Yokoyama foi informado de que o avião-transporte militar em que planejava seguir para Tóquio decolara antes do horário previsto. Ficou preocupado por ter perdido o avião, pois sabia quanto trabalho o Coronel Abe tivera para arrumar-lhe um lugar no vôo.

Yokoyama tentou pegar uma carona no próximo avião-transporte que seguiria para a Capital. Disseram-lhe que esperasse. Ele sentou no chão, do lado de fora da sala de operações, e aguardou que chamassem seu nome.

O Aeroporto de Hiroxima estava sendo ampliado. Era pequeno demais para as crescentes necessidades militares. Estava atravancado de aviões. Yokoyama ficou observando um avião taxiar. De um barracão nas proximidades, saiu um grupo de rapazes, todos de macacão, encaminhando-se para o aparelho. Esperando para recebê-los estava um jovem oficial-aviador, Segundo-Tenente Matsuo Yasuzawa um dos melhores instrutores da Força Aérea. Cada piloto que Yasuzawa treinava agora iria ser um

kamikaze. Aqueles rapazes eram a sua última turma. A idade média deles era de 16 anos.

Yasuzawa iria levá-los para uma base a cerca de 150 quilômetros de Hiroxima, em Kyushu, onde receberiam o treinamento final. Depois, partiriam para Okinawa, onde quase mil pilotos kamikazes já haviam morrido desde o início da invasão americana, há cerca de um mês. Tinham afundado ou danificado mais de 100 navios americanos.

Yasuzawa sabia como era extremamente importante para o Japão manter Okinawa. Ele detestava permanecer atrás das linhas, como instrutor. Recentemente, fora detido por um oficial superior no momento em que estava prestes a decolar em seu avião de treinamento, com a intenção de lançá-lo contra um B-29 que estava bombardeando a base. Yasuzawa era considerado valioso demais para ser perdido num ataque-suicida. Além de instruir pilotos veteranos sobre como voar aparelhos mais modernos, Yasuzawa possuía a rara capacidade de pegar recrutas totalmente inexperientes e ensinar-lhes os rudimentos de voar em apenas 10 dias. Os pilotos kamikazes estavam atualmente recebendo apenas 10 horas de instrução. Mal sabiam voar. Para haver certeza de que não perderiam a coragem no último instante, as carlingas dos aviões-suicidas eram, às vezes, aparafusadas pouco antes da decolagem. A partir do momento em que levantassem vôo, os jovens pilotos não tinham alternativa senão a morte.

Naquele dia, ao sentar-se nos comandos de seu avião de treinamento antigo, Yasuzawa achava que iria terminar a guerra ensinando crianças de escola primária a combater, embora ele próprio jamais tivesse entrado em combate.

Pouco depois o avião de Yasuzawa alçou vôo, Yokoyama observou um caça-bombardeiro naval aterrar e taxiar na direção da sala de comunicações. Os oficiais correram para recebê-lo. Da carlinga, saiu um vulto impecável, num uniforme naval branco. Era o Capitão Hitsuo Fuchida, o piloto que comandara o ataque a Pearl Harbor e era agora o oficial de operações aéreas da Marinha Imperial japonesa.

Escutando os cumprimentos respeitosos dos outros oficiais, Yokoyama calculou que Fuchida estivesse em Hiroxima para participar de uma das

regulares conferências de ligação entre a Marinha e o Exército. Yokoyama fez uma reverência quando Fuchida passou por ele. O ás da aviação não retribuiu o cumprimento. Yokoyama duvidava de que Fuchida tivesse sequer notado sua existência.

Pouco depois, um oficial comunicou a Yokoyama que não haveria qualquer lugar disponível para ele nos aviões que partiriam naquele dia para Tóquio. Yokoyama deixou o aeroporto, ainda pensando em Fuchida. Seria algo para animá-lo na longa viagem de trem até a Capital.

Do outro lado de Hiroxima, em sua casa, o Prefeito Awaya escutava a esposa e o filho mais velho lamentarem as agruras da viagem noturna de trem desde Tóquio. Por diversas vezes, a composição totalmente apagada fora obrigada a parar, enquanto bombardeiros americanos passavam lá no alto.

Embora a Sra. Awaya tivesse concordado em levar o filho para Hiroxima semanas antes, só recentemente é que se tornara conveniente transferi-lo de sua escola em Tóquio para outra agregada à Universidade de Hiroxima. O casal decidira que os três outros filhos permaneceriam na Capital. A filha mais velha era casada e vivia em Kobe.

O assistente do prefeito, Maruyama, procurou tranquilizar a Sra. Awaya:

— Eles estarão seguros, enquanto permaneceram fora do centro das cidades. E aqui a segurança é total. Hiroxima não é grande. Eles bombardearão primeiro outras cidades. Quando chegar a nossa vez, a guerra já terá terminado.

* * *

O trem levando Yokoyama para Tóquio partiu às 4:00 horas da tarde. Seis meses já haviam decorrido desde que ele fizera aquela viagem pela última vez. Não estava preparado para as mudanças que podia agora observar:

cidade após cidade apresentavam as marcas das bombas incendiárias. Quando se aproximou de Tóquio, nem mesmo a escuridão pôde ocultar os sinais da destruição.

Deixando a estação ferroviária de Shimbashi, Yokoyama partiu a pé para os subúrbios ao sul, onde seus pais moravam. No caminho, passou pelo Hotel Imperial. Projetado pelo extraordinário arquiteto americano Frank Lloyd Wright, o Imperial sobrevivera ao grande terremoto de Tóquio em 1923. Mas agora estava em ruínas. Mais adiante, o Ginza, o coração da vida noturna e comercial de Tóquio, era um deserto desolado de cinza e crateras.

Yokoyama compreendeu que fora enganado. Em Hiroxima, os jornais e o rádio não haviam mencionado as proporções da destruição de Tóquio. Pela primeira vez, sentiu que fora traído pelo Exército. Podia agora ver claramente que o Japão não tinha a menor possibilidade de vencer a guerra.

Finalmente chegou à residência dos pais. A casa ainda estava intacta, mas Yoyokama não pôde deixar de se perguntar por quanto tempo continuaria assim. Os bombardeiros americanos pareciam determinados a espalhar o raio de lançamento de suas bombas, até que toda Tóquio estivesse destruída. Angustiado, Yoyokama entrou no imóvel, convencido de que o Japão deveria fazer a paz ou enfrentar a extinção.

Os pais encontravam-se à sua espera. Depois que o acomodaram confortavelmente, Yoyokama contou o objetivo de sua visita: a proposta de casamento de Abe. Informou que quase nada sabia a respeito do comandante e da filha. Os velhos escutaram em silêncio, gravemente. Em seguida, o pai de Yoyokama falou. Normalmente, um casamento unindo duas famílias de militares era desejável. Mas não estavam vivendo em tempos normais. Os valores estavam mudando. Ninguém podia saber qual seria a atitude futura das pessoas em relação aos membros das Forças Armadas. Ter sido um militar podia ser uma desvantagem. Ser casado com a filha de um oficial de alta patente talvez se transformasse num fardo muito pesado.

Os pais de Yoyokama não poderiam prometer mais do que pensar no assunto, enquanto faziam as indagações necessárias a respeito dos antecedentes do Coronel Abe.

* * *

A esposa do Professor Tsunesaburo Asada fez uma reverência graciosa para o marido antes de embarcar no trem para Nara, juntamente com as famílias de outros importantes cientistas japoneses, para a segurança relativa dos campos. Nos últimos 15 dias, Osaka fora atacada três vezes por formações de B-29. Vinte por cento da cidade tinham sido destruídos.

Já no trem, a Sra. Asada virou-se e fez outra vênica para o marido. Depois, sumiu em meio à multidão de pessoas que se comprimiam nas janelas, acenando em despedida para os entes queridos que estavam na plataforma.

O professor não esperou que o trem partisse. Tinha muito trabalho a fazer. Sua longa pesquisa começara a apresentar resultados. Um dos últimos e mais modernos bombardeiros de longo alcance do Japão, o Ginga, levando uma única bomba de 750 quilos, voara até Saipan e atacara a principal base aérea americana na ilha. A bomba estava equipada com o detonador de proximidade de Asada, semelhante ao que explodira prematuramente sob o bombardeiro de Sweeney, em Wendover.

O detonador de Asada explodira a bomba exatamente como estava planejado, cerca de 12 metros acima do aeroporto de Saipan. A destruição fora considerável. Dezenas de B-29 estacionados foram destruídos ou avariados. O piloto do Ginga tinha informado a Asada que uma boa parte da base aérea se transformara num “oceano de fogo”. As fotografias dos aviões de reconhecimento, mostrando os aviões americanos destruídos, haviam recordado os cientistas das fotos similares tiradas no Campo Hickam, em Pearl Harbor. Mas fora um momento de triunfo de curta duração.

A Força Aérea não podia mais repetir esse ataque, porque sua base em Iwo Jima estava agora em poder dos americanos. O percurso de ida e volta entre o Japão e Saipan era de 2.500 quilômetros, além do alcance do bombardeiro Ginga.

Não obstante, o detonador de proximidade de Asada era um sucesso. A Marinha determinara a produção de 20 mil. Realmente, 12 mil detonadores de proximidade seriam fabricados, muitos sendo ajustados a bombas guardadas secretamente em Kyushu, à espera de uma invasão americana. Quando isso acontecesse, às bombas seriam explodidas na altura dos mastros dos navios de guerra e de transporte, causando o máximo de baixas que fosse possível.

Asada tinha sido elogiado por oficiais superiores da Marinha por sua invenção. Ficara extremamente satisfeito, embora secretamente que alguns dos elogios fossem tentativas de estimulá-lo. É que seu raio da morte continuava impraticável. Mas Asada não perdera o otimismo e cada vez dedicava mais tempo ao projeto.

Enquanto isso, a Marinha Imperial começava a utilizar uma nova arma.

Fora uma idéia do Dr. Sakyō Adachi, um colega de Asada, adido ao departamento meteorológico naval. Adachi recordara-se de uma coisa que era do conhecimento de todos os alunos de escola secundária do Japão: embora os grandes ventos alísios soprassem de leste para oeste, da América para o Japão, havia um outro vento, a Corrente do Japão, que soprava na direção oposta.

Adachi encheu um balão de gás e prendeu-lhe um recipiente contendo alto explosivo. A bomba-balão experimental fora solta e acompanhada por algum tempo por um caça Zero. Subira firmemente, impelida pela Corrente do Japão, seguindo depois para leste, numa jornada que a levaria através do Pacífico, passando ao norte do Havaí, e terminando na costa dos Estados Unidos.

Outras bombas-balão foram lançadas.

O radar ainda não estava avançado o bastante para indicar a aproximação de tais artefatos.

Os japoneses, é claro, não podiam saber se os balões haviam chegado a seu destino. Mas o Chefe do Estado-Maior da Marinha, Almirante Toyoda,

pensando em sua promessa de levar a guerra às praias americanas, ordenara a produção em larga escala.

Muito em breve, todas as cidades americanas da Costa do Pacífico se transformariam em alvos. Havendo condições meteorológicas favoráveis, os balões poderiam chegar até mesmo a Salt Lake City e Chicago.

Nas semanas subsequentes, cerca de seis mil bombas-balão seriam lançadas. Entre as que chegariam aos Estados Unidos, a maioria cairia nos desertos da Califórnia e Nevada e nas florestas do Oregon. Nunca seria revelado oficialmente quantas vítimas causaram. E ninguém jamais saberá quantos balões japoneses, com bombas ainda não explodidas, encontram-se até hoje em áreas remotas da América do Norte.

* * *

A primeira notícia da morte de Roosevelt chegou às mãos do Chefe do Serviço Secreto do Exército japonês, Arisue, em seu gabinete em Tóquio, antes mesmo que a maioria das pessoas em Warm Springs já soubesse da ocorrência.

Desde então, Arisue vinha-se concentrando em traçar um perfil psicológico de Truman. A maioria das informações procedia do adido militar japonês em Berna, Tenente-General Seigo Okamoto, que era o elo nas malogradas tentativas de Arisue de fazer contato com Allen Dulles.

Baseado em suas informações e nas transcrições de transmissões de emissoras de rádio americanas, Arisue chegou a uma conclusão inesperada: Truman seria ainda mais implacável do que Roosevelt.

O novo Presidente americano, na estimativa de Arisue, iria “esmagar o velho” que era Primeiro-Ministro do Japão há 10 dias.

A 5 de abril, uma grave crise política, que vinha fervilhando há semanas, finalmente irrompeu em Tóquio. Nesse dia, o General Kumaki Koiso, o Primeiro-Ministro de compromisso que assumira depois da renúncia forçada de Tojo, sugeriu aos militares que lhe permitissem partilhar da tomada de decisões. Os generais recusaram. Koiso renunciou.

Foi substituído pelo Almirante Kantaro Suzuki, herói da guerra russo-japonesa, cujo corpo frágil ainda trazia as marcas de três balas, legado do tempo em que enfrentara os extremistas de direita do Exército.

Arisue ficou espantado quando Suzuki aceitou um posto em que os riscos de morte eram ainda maiores. Ficaria ainda mais estupefato ao saber que o próprio Imperador incumbira Suzuki de encontrar um meio de terminar a guerra. Esse meio, é claro, não podia ser a rendição incondicional.

Horas depois de assumir o cargo, Suzuki recebeu notícias alarmantes. O Embaixador do Japão em Moscou enviou-lhe um telegrama comunicando que o Governo soviético não pretendia renovar o pacto de neutralidade. Deixaria que o prazo se escoasse automaticamente, o que aconteceria dentro de um ano. Descobrir um meio aceitável de acabar o conflito tornava-se ainda mais urgente.

A perspectiva de o Japão negociar a paz atraía Arisue cada vez mais. No próprio dia do sepultamento de Roosevelt, no outro lado do mundo, ele soube que o Serviço Secreto Naval estava novamente tentando entrar em contato com Allen Dulles, na Suíça.

Arisue podia perfeitamente compreender o raciocínio de seus colegas da Marinha, pois coincidia com o seu. Truman era da chamada “linha dura”. Seria melhor chegar a um acordo com ele agora, quando o Japão ainda dispunha de algum poder de barganha. Os bombardeios americanos, o bloqueio no mar, a implacável barragem de fogo em terra, que estava agora a apenas 350 milhas de Tóquio, em Okinawa, onde se travava uma sangrenta batalha pela posse da última grande ilha entre o inimigo e a ilha mais ocidental do arquipélago japonês, Kyushu, todos esses fatores acabariam enfraquecendo o país a um ponto tal que não restaria alternativa senão a da inaceitável rendição incondicional.

Mas Arisue e outros moderados não achava que o Japão se devesse render incondicionalmente. Achava que, através de negociações, o Japão poderia manter alguns dos territórios que ocupara durante a guerra. Mesmo que isso fosse impossível, conseguiriam pelo menos garantias do inimigo para a segurança do Imperador e a manutenção de seu domínio onipotente.

Arisue não acreditava que a Marinha pudesse obter essa garantia fundamental em suas manobras na Suíça. Passou um cabograma secreto para Okamoto, o adido militar em Berna, determinando que redobrasse os esforços para fazer contato com Dulles.

33

Havia uma carta de Stimson em cima da escrivaninha de Truman. Chegara no dia anterior, 24 de abril.

Prezado Sr. Presidente:

Creio que é muito importante que eu tenha uma audiência imediata para tratar de um assunto altamente secreto. Mencionei o assunto pouco depois que o senhor assumiu o cargo, mas não voltei a abordá-lo, por compreender as pressões imediatas a que estava sendo submetido. Contudo, tal assunto tem tanta vinculação com as nossas atuais relações exteriores e tamanho efeito em todo o meu pensamento a respeito que considero imprescindível que seja informado de tudo, sem mais demora.

Truman marcara uma audiência com seu Secretário da Guerra para meio-dia. O Presidente ficaria feliz em ter qualquer informação que pudesse ajudá-lo a manter os russos em seu lugar. Ele demonstrara seu estilo três

dias antes, quando Molotov e Gromyko, a caminho de São Francisco para a sessão de abertura das Nações Unidas, haviam passado pela Casa Branca. Truman lhes dissera que a União Soviética estava renegando os acordos de Yalta. Sua linguagem fora tão áspera e sem eufemismos diplomáticos que Molotov reagira prontamente:

— Nunca antes me falaram desse jeito em toda a minha vida!

Ao que Truman respondera rispidamente:

— Cumpra os compromissos assumidos e ninguém lhe falará desse jeito!

O Secretário da Guerra chegou pontualmente na hora da audiência. Stimson informou que estava esperando outra pessoa. Groves apareceu cinco minutos depois. Entrara furtivamente pelos fundos, para evitar as especulações dos jornalistas estacionados à entrada da mansão presidencial.

Stimson disse que a reunião era para tratar de uma bomba cujo poder igualava o de toda artilharia usada nas duas guerras mundiais.

Groves estremeceu interiormente. Avisara antes a Stimson para não enfatizar demais o poderio da bomba, pois não queria que o novo Presidente ficasse alarmado com a magnitude da nova arma.

Mas Stimson estava decidido a apresentar todos os fatos claramente. Começou a ler um memorando especialmente preparado para aquela reunião:

Dentro de quatro meses, provavelmente estará pronta a mais terrível arma de que já se teve conhecimento em toda a História da Humanidade, uma bomba capaz de destruir uma cidade inteira.

Embora tenhamos partilhado seu desenvolvimento com o Reino Unido, os Estados Unidos são, no momento, a única nação em condições de construir e usar tal arma. Pelo menos por mais alguns anos, nenhuma outra nação

poderá alcançar esse estágio. Não obstante, é praticamente certo que a situação atual não poderá ser mantida indefinidamente.

Stimson explicou que a teoria para a construção de uma bomba atômica era amplamente conhecida. Ele expôs em seguida um pesadelo que poderia converter-se em realidade.

Talvez chegue o momento em que uma arma desse tipo poderá ser construída secretamente e usada súbita e eficazmente. . . Com a ajuda de tal arma, até mesmo uma nação poderosa, mas desprevenida, pode ser conquistada em poucos dias por outra nação menor. ... O mundo, em seu atual estado de progresso moral, comparado com o desenvolvimento tecnológico, pode ficar à mercê de tal arma. Em outras palavras, a civilização moderna pode ser totalmente destruída.

Truman fez uma pergunta: Stimson estava tão preocupado com a capacidade da bomba atômica de abreviar uma guerra quanto com seu papel na formulação do mundo futuro?

— Estou, Sr. Presidente.

Enquanto os três conversavam, as Nações Unidas estavam prestes a iniciar sua sessão de abertura, em São Francisco. Stimson previa a possibilidade de Truman fazer tal pergunta. E continuou a leitura do memorando:

Parece irrealista assumir-se qualquer posição numa organização de paz mundial sem se levar em consideração o poderio desta nova arma. Nenhum sistema de controle conhecido seria adequado para controlar esta nova ameaça. Tanto internamente, em qualquer país do mundo, como entre as nações, o controle desta arma será certamente um problema de extrema dificuldade e envolverá direitos de inspeção e controles internos, como nunca antes foram cogitados.

Groves jamais ouvira Stimson falar daquele jeito. Por um momento, perguntou-se se o Secretário da Guerra não se deixara contagiar pelos adversários da bomba, que haviam transformado sua vida num verdadeiro inferno, ao longo dos últimos meses. Por isso, foi com uma sensação de alívio que Groves ouviu as palavras seguintes de Stimson.

O Secretário da Guerra declarou que, apesar de tudo, era favorável a se usar a bomba contra o Japão. Se desse certo, provavelmente abreviaria consideravelmente a guerra.

A reunião terminou com Truman concordando na criação de um grupo de especialistas, que teria o nome de Comitê Temporário, com o objetivo de elaborar a legislação pós-guerra essencial e assessorar em todos os aspectos da energia atômica.

Stimson concordou em presidir este Comitê.

34

Às 6:55 horas da manhã de 30 de abril, em Hiroxima, o Dr. Kaoru Shima foi despertado por uma bomba de 250 quilos explodindo a dois quarteirões de sua clínica. Tinha caído no prédio da Companhia de Seguros de Vida Nomura. O médico pulou da cama e correu para a janela, enquanto nove outras bombas explodiam em diversos pontos da cidade, matando 10 pessoas, ferindo outras 30 e danificando 24 prédios.

O ataque fora tão rápido e inesperado que nenhum aviso fora transmitido pela rádio local e nenhuma bateria antiaérea disparou contra o solitário B-29 que largara as bombas.

O Dr. Shima foi verificar se os pacientes e a equipe tinham sofrido alguma coisa. Em seguida, deu diversos telefonemas para o Castelo de Hiroxima. Depois, esperou até a reunião habitual de sua equipe, todas as manhãs, antes

de falar novamente a respeito. Sabia que era muito importante não interromper a rotina normal da clínica.

Sentado no chão, de pernas cruzadas, tomando chá e discutindo os casos em tratamento na clínica, o Dr. Shima mostrava-se tão calmo que tranquilizou toda a equipe. Somente ao final da reunião é que mencionou o bombardeio.

Embora o Exército tivesse imposto a censura total às notícias sobre o ataque, o Dr. Shima descobrira que as autoridades militares estavam convencidas de que o bombardeio fora casual.

Explicou o motivo de tal opinião: o inimigo não enviaria um bombardeiro solitário para atravessar metade do Pacífico simplesmente para lançar umas poucas bombas em Hiroxima. O B-29 certamente se extraviara da força principal de ataque, perdera o alvo original, provavelmente Kure, e se limitara a lançar suas bombas na cidade disponível mais próxima, a qual infelizmente para eles, era Hiroxima.

A equipe não ficou totalmente tranquila com essa explicação. Alguém referiu-se ao meio permanente de que os bombardeiros pudessem voltar com toda força.

O Dr. Shima sabia que a sorte da cidade, escapando até aquele momento a ataques aéreos maciços, aumentara a expectativa entre os habitantes de que tal calamidade poderia ocorrer a qualquer momento. O Dr. Shima sabia também que, “imaginando o pior”, as pessoas sentiam que poderiam evitar o desastre.

Ele próprio era um fatalista, acreditando que nada poderia fazer para alterar o que quer que o destino lhe reservasse. Naquele momento, reafirmou perante sua equipe as crenças em que sempre acreditara:

— Se formos atacados esta noite ou em algum outro momento do futuro, nada poderemos fazer para impedi-lo. O que nos resta é permanecermos calmos e com uma aparência animada, dando um exemplo a nossos pacientes.

Naquele noite, sozinho em seu gabinete, o Dr. Shima fez algo que um número cada vez maior de japoneses estava fazendo também. Sintonizou o rádio para ouvir a transmissão em ondas curtas irradiada diretamente de Guam, com notícias da guerra, num japonês impecável, que o Rádio Japão jamais daria.

A pena para quem escutasse as transmissões inimigas era de morte. Mas para homens, como o Dr. Shima, que cada vez acreditavam menos nas afirmativas de vitórias contínuas da Rádio Japão, os riscos valiam a pena.

A rádio de Guam fora a primeira a transmitir a notícia de que Iwo Jima caíra em poder dos americanos. Naquela noite, a voz suave do americano-japonês, falando de 2.500 quilômetros de distância, anunciou as pesadas baixas que os japoneses estavam sofrendo em Okinawa. Referiu-se em seguida aos últimos ataques a Tóquio e outras cidades. Advertiu que o Japão seria arrasado, a menos que se rendesse.

A transmissão deixou o Dr. Shima com uma sensação de intenso desespero. Voltou a sintonizar o rádio na emissora local, desligou-o, e foi para casa dormir.

* * *

Pouco depois do amanhecer daquele mesmo dia, em Kure, a esposa do comandante de submarino Mochitsura Hashimoto tentou acordar o marido. Acabara de soar um alerta de ataque aéreo, e a família tinha que ir para o abrigo.

Abraçando os três filhos pequenos, a esposa de Hashimoto tentou despertá-lo de tudo que é maneira.

O comandante continuou a dormir. Só um terremoto conseguiria acordá-lo, depois de sua última e traumática viagem.

A 2 de abril, o dia em que os americanos haviam desembarcado em Okinawa, Hashimoto recebera ordens de atacar as embarcações inimigas na área. A parte inicial da viagem já fora uma antecipação do que encontrariam pela frente. Os bombardeiros americanos haviam minado as águas costeiras do Mar Interior, tornando a viagem bastante perigosa, antes mesmo de se alcançar as águas do Pacífico. Quando Hashimoto finalmente chegou ao largo de Okinawa, fora imediatamente atacado por aviões inimigos. Durante os sete dias que permanecera nas proximidades da ilha, foi objeto de ataque por pelo menos 50 vezes. O período mais prolongado que conseguira passar na superfície durou apenas quatro horas, na escuridão da noite, tempo insuficiente para ventilar o submarino e recarregar as baterias.

Hashimoto por pouco não se encontrou com o cruzador americano Indianapolis, deixando o cenário da guerra, bastante avariado. O navio estava voltando para São Francisco, a fim de ser reparado, depois de bastante danificado por um piloto kamikaze.

Em Okinawa, o submarino I.58, como o Indianapolis, também foi atingido. Mesmo assim, Hashimoto ficou furioso quando recebeu ordens de retornar à base. Somente depois que chegou a Kure, a 29 de abril, é que soube que seu submarino era o único a voltar a salvo de Okinawa. Foi também informado de que o I.58 teria de permanecer no porto para uma inspeção meticulosa.

Cansado demais para se importar com qualquer coisa, Hashimoto foi deitar, dando instruções expressas à esposa para que não o incomodasse por motivo algum.

E agora, apesar dos gritos desesperados da esposa, ele não acordou. A mulher só ouviu quando era tarde demais o zumbido familiar dos motores de aviões.

O porto de Kure abrigava a maioria dos navios de guerra japoneses que ainda restavam. Era um alvo prioritário para os bombardeiros americanos, que regularmente atacavam o local, apesar das defesas bem entrincheiradas. Naquela manhã, o matraquear do fogo antiaéreo misturou-se novamente com as explosões ensurdecedoras das bombas.

Abraçando os filhos, a Sra. Hashimoto deitou-se ao lado do marido ainda adormecido, escutando os terríveis ruídos da guerra.

35

Precisamente às nove horas da manhã de 8 de maio de 1945, o Presidente Truman fez um discurso ao vivo, pelo rádio, para a nação americana. Na mesma hora, em Londres e Moscou, Churchill e Stalin davam as notícias a seus povos.

Os exércitos aliados, com sacrifício e devoção e com a ajuda do Deus...

A vitória na Europa estava consumada.

As palavras de Truman, pronunciadas no dia em que ele completava 61 anos, confirmavam o que cada americano queria ouvir: a Alemanha se rendera incondicionalmente. Pela primeira vez na história moderna, o totalidade das Forças Armadas de uma nação tornava-se prisioneira de guerra.

Na alegria nacional pelo Dia da Vitória, os americanos comuns esqueceram o Japão. Mas Truman não tinha esquecido. Nos 24 dias em que era Presidente, informara-se meticulosamente sobre a posição de seu antecessor em relação à rendição japonesa. Truman chegara à mesma conclusão: assim como no caso da Alemanha, a rendição incondicional era a única aceitável para o Japão. Pearl Harbor e as atrocidades japonesas contra prisioneiros de guerra americanos tornavam praticamente inevitável essa atitude inflexível.

Contudo, dentro do Departamento de Estado havia vozes argumentando que o Governo americano deveria modificar tal posição, encontrando um meio de fazer a paz com o Japão, antes que os russos resolvessem intervir e estendessem a influência soviética ao Pacífico. Em oposição a tais vozes,

havia os que defendiam a tese de que qualquer indulgência era injustificada e serviria apenas para permitir que o militarismo japonês sobrevivesse.

Enquanto o debate interno prosseguia, os monitores americanos que escutavam a Rádio Japão captaram a notícia de uma declaração recente de Suzuki, o novo Primeiro-Ministro japonês. Embora secretamente incumbido pelo Imperador de acabar com a guerra, ele fizera um discurso surpreendentemente belicoso perante a Dieta japonesa, dizendo que a rendição incondicional era totalmente inaceitável. O Japão devia lutar até o fim.

Suzuki fez um apelo apaixonado ao povo:

Se os meus serviços forem recompensados com a morte, espero que os cem milhões de habitantes deste glorioso Império passem por cima de meu corpo prostrado e formem um escudo humano para proteger o Imperador e esta terra imperial do invasor.

A primeira declaração pública de Truman a respeito do Japão, desde que assumira a Presidência, foi uma resposta a Suzuki:

O povo japonês tem sentido a força dos nossos ataques em terra, mar e ar. Enquanto seus líderes e as Forças Armadas continuarem a guerra, a intensidade de nossos ataques irá aumentar cada vez mais, até a total destruição da produção industrial bélica japonesa, estaleiros e tudo o mais que sustente a atividade militar.

Quanto mais tempo a guerra durar, maiores serão os sofrimentos e desgraças que o povo do Japão irá sofrer... e tudo em vão. Nossos golpes não cessarão até que as forças militares japonesas deponham as armas, numa rendição incondicional .

O que exatamente uma rendição incondicional das Forças Armadas do Japão significa para o povo japonês? Significa o fim da guerra. Significa o término da influência dos líderes militares que levaram o Japão à situação em que atualmente se encontra, à beira do desastre total. Significa o retorno de soldados e marinheiros a suas famílias, a suas fazendas e seus trabalhos. E significa que não mais será prolongada a agonia e o sofrimento dos japoneses, na vã esperança de uma vitória.

A rendição incondicional não significa o extermínio ou a escravização do povo japonês.

Era uma declaração objetiva da posição do Governo americano: a rendição incondicional ou a possibilidade de Armageddon. Transmissões em ondas curtas irradiaram o discurso para o Japão.

A advertência de Truman foi rejeitada como propaganda. A Rádio Japão repetiu que a determinação da nação era continuar a luta.

Truman só podia pensar uma coisa: eles foram avisados.

* * *

Pouco antes do amanhecer, o Prefeito Awaya e a família, juntamente com muitas outras pessoas no bairro, foram despertados pelo barulho de caminhões, berros irritados e gritos de medo.

A Kempei Tai, a temida polícia militar, continuava a afetar as prisões que iniciara, em princípios de maio, das pessoas suspeitas de comentar particularmente que o governo deveria fazer a paz. Nos últimos 15 dias, quase 400 pessoas preeminentes haviam sido presas em Hiroxima.

Depois do discurso de Truman a 8 de maio, a Kempei Tai começara a prender todos os suspeitos de radicalismo, no Japão inteiro.

Desde então, as transmissões americanas vinham sendo um lembrete constante, para aqueles japoneses que estavam dispostos a arriscar suas vidas para escutar, de que a verdade era muito diferente do que dizia a Rádio Japão.

Muitas transmissões americanas eram feitas pelo Capitão Ellis Zacharias, da Marinha, que falava japonês fluentemente. Sua voz estava-se tornando tão familiar para muitos japoneses quanto o fora a voz da Rosa de Tóquio para os militares americanos no Pacífico.

Poucos ouvintes desconfiavam de que as palavras de Zacharias estavam sendo cuidadosamente analisadas pelas autoridades em Tóquio, à procura de um indício de que os Estados Unidos poderiam, no final das contas, mudar de idéia em relação à rendição incondicional. Para o grosso dos ouvintes, Zacarias era simplesmente um estrangeiro surpreendentemente bem informado, com uma rara compreensão de como os japoneses pensavam e se expressavam. Ele não ameaçava nem se gabava, limitando-se a apresentar os fatos inegáveis.

Em Hiroxima, a Kempei Tai realizou suas costumeiras prisões antes do amanhecer. Operando de seu quartel-general nos subterrâneos do Castelo de Hiroxima, a unidade da Kempei Tai, contando com 800 homens, tinha plenos poderes sobre todos os civis e militares na cidade. Os interrogadores recebiam um manual oficial, que tinha o título de Instruções para o Interrogatório de Prisioneiros de Guerra e no qual estavam descritas diversas torturas para o corpo e para a mente.

A Kempei Tai de Hiroxima podia aperfeiçoar suas técnicas nos civis locais que prendia. Mas os interrogadores aguardavam ansiosamente os prisioneiros americanos. Todas as unidades da área haviam sido informadas de que qualquer avião inimigo abatido deveria ser imediatamente encaminhado ao quartel-general da Kempei Tai, nos subterrâneos do Castelo de Hiroxima.

Ao cair da noite de 8 de maio, Tibbets tomou alguns drinques no clube dos oficiais em Wendover e foi deitar-se cedo. Passara a dormir no clube depois que a esposa e os filhos haviam deixado a casa situada além dos portões da base. Todas as famílias dos homens do 509.º já tinham partido, em preparativos para a transferência do grupo para Tinian. Lucie Tibbets e os meninos foram para a casa dos pais dela. Tibbets, apanhado numa roda-viva de vôos entre Wendover, Washington e Albuquerque, achara que era melhor que a família ficasse longe. Estava sendo exigido ao máximo, sua mente era um turbilhão de conferências e conversações telefônicas da mais alta importância com Groves, frequentemente conduzidas em código. Enfrentava a tremenda pressão de dirigir uma organização complexa, na qual era o único que conhecia todos os detalhes do produto final. Todos os problemas iam parar em sua mesa. A todo instante, precisava tomar decisões, quer envolvendo relatório sobre aptidão de vôo, sobre motores, bombardeios, segurança ou doenças do pessoal. Tinha a sensação de que sua vida se resumia “a um maldito relatório depois de outro”.

Lucie escreveu que ela e os meninos estavam devidamente instalados com sua mãe. Tibbets ficou satisfeito. Mas sentia que, sem a esposa, a vida em Wendover era ainda mais vazia. A partida da principal equipe de terra, composta por 800 homens, para Tinian, duas semanas antes, deixara a base parecendo “uma cidade fantasma”.

Tibbets ficou contente com o pretexto de ir até Omaha, a fim de fazer o que ele classificou de “algumas comprinhas”.

* * *

Ao sul de Omaha, estendendo-se por centenas de acres, a fábrica Martins de bombardeiros era cuidadosamente guardada. Sobrevoando a fábrica, Tibbets avistou os guardas no portão principal e os homens patrulhando a cerca alta de arame farpado em torno de toda a área.

Aterrou e taxiou seu avião-transporte até a área de recepção de aviões, passando por diversos B-29 que estavam sendo rebocados dos galpões de montagem. Ficou feliz ao verificar que pelo menos na fábrica era apenas mais um dia de trabalho normal e que os operários não haviam tirado uma folga para se recuperar das comemorações pela vitória na Europa.

Na área de recepção, apresentou sua identificação a um homem de segurança e foi levado para um prédio imenso. Ali, suas credenciais foram novamente examinadas. Era proibida a entrada na fábrica de quem quer que não tivesse uma autorização especial.

Mas o nome em código Silverplate facilitava tudo. Tibbets faria algo que poucos outros aviadores teriam possibilidade: ia escolher pessoalmente o seu B-29, o aparelho que pretendia usar na primeira missão atômica.

O gerente da linha de montagem acompanhou Tibbets pela fábrica. Paravam de vez em quando e subiam nos andaimes para examinar um bombardeiro. Em determinada ocasião, Tibbets virou-se para o homem e disse que o B-29 que estavam examinando parecia perfeito.

Mas o gerente de produção sacudiu a cabeça.

— Foi feito no primeiro turno.

“Primeiro turno” significava um bombardeiro cuja montagem fora iniciada por um turno que acabara de voltar ao trabalho depois de uma folga; por homens que ainda se estavam recuperando de dois dias de bebedeiras e farras ou simples descanso. Não se encontravam nas melhores condições e de vez em quando produziam bombardeiros que não eram meticulosamente montados.

Tibbets continuou em frente.

O gerente de produção parou diante de outro B-29. Turmas de montadores enxameavam sobre a fuselagem. Lançaram um olhar rápido e curioso para Tibbets e continuaram o trabalho.

Tibbets e o gerente de produção subiram na carlinga. Já estava quase que totalmente montada, com seus assentos de couro. Tibbets sentou-se e contemplou todo o recinto da fábrica.

A afirmação do gerente de produção foi tranquilizante:

— Este é o aparelho que está procurando!

A montagem do aparelho fora iniciada por homens que estavam na melhor fase de trabalho, quando até as porcas do banheiro mereciam uma volta extra. O gerente de produção disse a Tibbets que aquele era o melhor avião que havia na fábrica. A transação foi fechada.

Combinaram a data de entrega. Tibbets informou que mandaria Lewis e sua tripulação buscarem o aparelho.

37

Havia uma cadeira vaga na mesa de reuniões comprida naquele dia 28 de maio. Era a cadeira ao lado de Tibbets. Oficiais superiores da Marinha e do Exército e cientistas do Projeto Manhattan olharam para a cadeira vazia com uma expressão inquisidora. Tibbets retribuiu os olhares impassivelmente. Mas, por dentro, ele estava fervendo de raiva. Inexplicavelmente, Beser não aparecera para aquela importante reunião do Comitê de Alvo.

Na reunião anterior, a 12 de maio, tinham sido esclarecidos muitos detalhes operacionais importantes: o detonador de proximidade provavelmente seria ajustado para entrar em funcionamento 600 metros acima do solo; se as condições meteorológicas sobre o alvo tornassem impossível o bombardeio visual, a bomba deveria ser levada de volta, tal operação inevitavelmente envolvendo riscos para a base; se fosse necessário, por algum motivo, desfazer-se da bomba, era preciso tomar todo cuidado para que não fosse

lançada ao mar em áreas ocupadas por americanos, já que “a água entrando no mecanismo irá desencadear uma reação nuclear”.

Na reunião de 12 de maio haviam sido discutidos também os alvos específicos. O palácio do Imperador, em Tóquio, chegara a ser considerado, mas não fora recomendado. Contudo, os membros do Comitê haviam concordado que “devemos obter informações para que possamos determinar a eficácia de nossa arma contra esse alvo”.

Finalmente, o Comitê se fixara em quatro cidades como possíveis alvos de um ataque atômico. Eram as seguintes, em ordem de preferência: Kyoto, Hiroxima, Yokohama e Kokura. Todas as quatro tinham sido “reservadas”, proibindo-se o bombardeio por armas convencionais. Agora, naquela terceira reunião do Comitê de Alvo, esse e outros objetivos seriam novamente analisados.

Pontualmente às nove horas, Groves ocupou seu lugar na extremidade da mesa. A reunião começou com um assistente distribuindo pastas com fichas descritivas dos alvos. Cada uma continha mapas em grande escala, fotografias de reconhecimento e dados afins. Como a reunião iria analisar também as técnicas de resgate e referências de navegação, foram distribuídos mapas do Japão e de suas águas costeiras.

Tibbets queria que Beser estivesse presente especificamente para responder a quaisquer perguntas relacionadas com radar. Permitira que o tenente voasse antes para Washington, a fim de passar o fim-de-semana com os pais, em Baltimore. Ele prometera encontrar-se com Tibbets do lado de fora da sala de conferências, antes de a reunião começar. Mas não aparecera.

* * *

Beser chegou depois que um PM havia fechado as portas da sala de conferências 4E200, postando-se diante delas.

A oficial WAC (Women Auxiliary Corps — Corpo Auxiliar Feminino), na mesa de recepção perto do PM, olhou para Beser com uma expressão desconfiada.

— Está perdido, Tenente?

— Não, não estou, se isto aqui é o Pentágono.

— Esta é uma área proibida, Tenente.

— Sei disso. E estou atrasado para a reunião.

Beser virou-se para a porta. O PM empertigou-se. A WAC levantou a voz:

— Não pode entrar aí!

Beser virou-se novamente para ela.

— Se é aqui que se está realizando a reunião do Comitê de Alvo, eles estão a minha espera!

— Está querendo que eu acredite que um simples tenente vai participar de uma reunião com todas as altas patentes que estão aí dentro?

— Mas é isso mesmo!

— Tenente, por que não vai tomar um café e esquece até que chegou perto daqui?

— Está cometendo um erro. ..

— Vá embora, Tenente!

— Está certo.

Beser afastou-se e ficou esperando do lado de fora da área de recepção. Meia hora depois ainda estava ali, quando ouviu um sussurro às suas costas. Virou-se e viu um major furioso falando com a WAC. A porta da sala de recepção estava entreaberta. O major avistou Beser.

— Você é Beser?

— Sim, senhor.

— Mas que diabo! Você deveria estar lá dentro!

— Sei disso. Mas alguém deveria ter informado isso a essa moça.

— Eles estão esperando por você para responder a uma pergunta! Entre logo!

Beser entrou na sala com a expressão mais tranquila de que era capaz.

Um capitão da Marinha estava falando. Parou no meio da frase e lançou um olhar furioso a Beser.

Tibbets fez um gesto para que Beser sentasse a seu lado. Beser começou a sussurrar uma explicação para Tibbets:

— O trem de Baltimore atrasou, não conseguiu pegar um táxi na estação e ainda por cima a WAC lá fora. . .

O capitão interrompeu a explicação de Beser:

— O tenente está preparado para responder à pergunta?

Beser olhou ao redor, aturdido. Tibbets salvou-o da situação embaraçosa repetindo a pergunta:

— A Marinha quer colocar um submarino a três milhas da costa japonesa e emitir um feixe loran para nos orientar na aproximação do alvo. Em caso de dificuldades, o feixe loran pode servir como um farol para nos guiar até o submarino, para um possível resgate no mar.

O feixe loran era um recente e sofisticado desenvolvimento do radar, que começava a ser usado tanto pela Marinha como pela Força Aérea. O capitão dirigiu-se novamente a Beser:

— Qual é a sua opinião a respeito, Tenente?

— Acho uma merda de idéia!

O capitão ofegou. Tibbets gemeu. Os demais permaneceram num silêncio total. A voz de Groves preencheu o vazio:

— Por que diz isso?

— Senhor, não acredito que se possa manter o submarino firme o bastante para a transmissão. As ondas o farão mudar de posição. O submarino estará enfrentando o próprio movimento do mar. Além do mais, terá que estar na superfície para o loran funcionar. E não há possibilidade de ficar a três milhas da costa sem ser atacado pelos japoneses.

As palavras seguintes de Groves encerraram o assunto:

— As razões me parecem suficientes. Vamos passar para o próximo item da agenda, a posição do avião de resgate. . .

Beser virou-se para Tibbets e sussurrou, ansiosamente:

— Como me saí?

— Acertou na mosca!

* * *

Durante dois dias, no mais absoluto segredo, os melhores cérebros civis, científicos e militares dos Estados Unidos reuniram-se para considerar o futuro da bomba atômica.

O Comitê Interino, sob o olhar vigilante do Secretário da Guerra Stimson, estava realizando sua quarta e mais crucial reunião.

Estavam presentes a ela todos os cientistas que integravam o Comitê: Robert Oppenheimer, Enrico Fermi, Ernest O. Lawrence e Arthur Compton.

Esses cientistas não apenas serviam como conselheiros do comitê em questões científicas como também funcionavam como veículos para as idéias de outros cientistas.

As discussões do comitê se prolongaram pelo dia 1.º de junho. Seus membros ouviram atentamente o diretor científico do Projeto Manhattan revelar os detalhes dos dois tipos de bombas, a de urânio e a de plutônio. Esta última seria testada em Alamogordo, dentro de sete semanas. Como cada bomba era virtualmente fabricada a mão, os suprimentos eram bastante limitados. Assim, ficara decidido que não se iria testar a de urânio, pois se esperava que funcionasse a contento.

A bomba de urânio, como a sua irmã, alcançaria seu efeito principal pela explosão, que afetaria uma área de 1,5 quilômetro ou mais.

Em resposta a uma pergunta, Oppenheimer declarou que ela seria ideal para uso contra uma concentração de tropas ou fábricas de material bélico e que poderia “matar 20 mil pessoas”.

Pouco depois, a reunião foi suspensa para o almoço.

Não foram tomadas anotações durante a refeição e jamais se poderá saber com certeza quem disse o quê. Segundo o físico Arthur Compton, ele perguntou a Stimson se seria possível providenciar uma demonstração não-militar da bomba atômica, de tal forma que os japoneses percebessem a inutilidade de continuar a guerra.

Tanto Lawrence como Oppenheimer, pelo que se disse, encaravam a sugestão com ceticismo. Oppenheimer teria mesmo comentado que duvidava de que “alguma demonstração, por mais espantosa que fosse, conseguisse convencer os japoneses de que deveriam jogar a toalha”.

Depois do almoço, Stimson teria afirmado que nada poderia ser mais prejudicial ao nosso esforço de conseguir a rendição do Japão do que uma demonstração de advertência seguida por um fracasso... o que era uma possibilidade que não se podia descartar. Além disso, não dispomos de bombas para desperdiçar. Era vital que fosse obtido um efeito suficientemente rápido com as poucas de que dispúnhamos”.

A responsabilidade final seria de Stimson, encarregado de recomendar ao Presidente se e como a bomba atômica deveria ser usada. Particularmente, ela já tomara uma decisão. Achava que, “para se obter uma rendição genuína do Imperador e seus conselheiros militares, era necessário causar-lhe um tremendo choque, convencendo-os de nossa capacidade de arrasar totalmente o Império. Tal choque iria salvar muito mais vidas, tanto americanas como japonesas, do que poderia custar”.

O Comitê Interino chegou à mesma conclusão. Ao final de suas deliberações, apresentou três recomendações ao Presidente sobre o primeiro uso da bomba atômica.

Deveria ser usada o mais breve possível.

Deveria ser usada contra instalações militares, cercadas por casas ou outras construções bastante suscetíveis a danos.

Deveria ser usada sem qualquer advertência explícita anterior sobre a natureza da bomba.

* * *

Enquanto o Presidente estava sendo aconselhado a agir, alguns dos cientistas que haviam ajudado a construir a terrível arma ainda tentavam limitar seu uso. Alguns preferiam que o Japão fosse alertado, outros insistiam que uma demonstração pública da bomba poderia ser suficiente para levar os militaristas japoneses à rendição.

A 12 de junho, sete cientistas do laboratório de Chicago apresentaram uma petição ao Secretário da Guerra recomendando uma demonstração perante observadores de muitos países, numa região desabitada. Era o Relatório Franck, que se iria tornar o mais famoso documento relacionado com o uso

da bomba atômica. O relatório foi submetido aos cientistas integrantes do Comitê Interino.

A 16 de junho, esses cientistas reuniram-se no gabinete de Oppenheimer em Los Alamos para analisar o aludido documento. Reconheceram que era uma tentativa criteriosa e honesta de apresentar todos os aspectos de um problema complexo. Mas, ao final, os cientistas comunicaram ao Comitê Interino, “pesarosos”, que “não vemos a menor possibilidade de propormos uma demonstração técnica que possa pôr fim à guerra; em nossa opinião, parece não haver alternativa senão o uso militar direto”.

O Comitê concordou com a conclusão dos cientistas. Em quatro dias, o Relatório Franck foi apresentado, discutido e rejeitado.

* * *

Enquanto isso, a 12 de junho, o General Groves recebeu uma convocação no meio da manhã para comparecer a um encontro com Stimson, no Departamento da Guerra. A primeira coisa que Stimson pediu a Groves foram os nomes das cidades japonesas que haviam sido escolhidas como possíveis alvos de um ataque atômico.

Groves hesitou. Naquela manhã mesmo, acabara de elaborar um memorando para Marshall. A referência era “Bombas de Fissão Atômica”, o documento tinha o carimbo de “ultra-secreto” e continha sumários concisos sobre os quatro alvos escolhidos: Kokura, Hiroxima, Niigata e Kyoto.

Eram as recomendações finais do Comitê de Alvo. Ao fazer a recomendação, foram levados em consideração os “fatores psicológicos”. Os membros haviam considerado desejável fazer com que o primeiro uso da bomba fosse “suficientemente espetacular para que a importância da arma seja internacionalmente reconhecida, quando a divulgação for liberada”.

Do ponto de vista psicológico, Kyoto era considerado o melhor alvo. Possuía “a vantagem de ter uma população mais instruída e, assim, em condição melhor para avaliar o significado da arma”.

Por outro lado, Hiroxima “apresenta a vantagem de ser de um tamanho tal e cercada por montanhas que provavelmente uma fração considerável da cidade será destruída”.

Groves era a favor de Kyoto. Seus habitantes, intelectuais, espalhariam rapidamente a notícia sobre o terrível poder destrutivo da bomba. Diante da ameaça, o Governo japonês teria que se render.

Groves achava que causar a rendição japonesa era uma questão militar. Assim, disse a Stimson que planejava submeter a lista dos alvos sugeridos no dia seguinte ao General Marshall, para aprovação.

— Quero ver essa lista — disse Stimson.

Groves tentou esconder seu alarma.

— Preferia não lhe apresentar o relatório sem ter antes discutido com o General Marshall, já que se trata de uma questão de operação militar.

Stimson encontrava-se há 35 anos no serviço público, grande parte trabalhando em estreito contato com Presidente dos Estados Unidos. Não estava acostumado a encontrar oposição, embora a idade o tivesse tornado tolerante.

— Trata-se de uma questão que eu mesmo vou resolver. A decisão não será de Marshall. Quero ver a lista.

Groves continuou a se esquivar.

— Está em meu gabinete.

— Então vá buscá-la.

— Vai demorar um pouco. ..

A paciência de Stimson se esgotou. Fitando Groves nos olhos, ele disse asperamente:

— Tenho a manhã inteira. Pode usar meu telefone para solicitar que lhe tragam o relatório imediatamente.

Um infeliz Groves pediu que lhe trouxessem o relatório.

Stimson sugeriu a Groves que enunciasse os alvos.

— O alvo primário é Kyoto. . .

— Não aprovarei essa cidade.

— Sr. Secretário, creio que mudará de idéia depois que ler a descrição de Kyoto e nossas razões para considerá-la o alvo primário.

— Duvido que alguma coisa possa fazer-me mudar de idéia.

Em seguida, Stimson explicou algo que Groves não chegara sequer a cogitar seriamente:

— Kyoto é uma cidade histórica e que possui grande significado religioso para os japoneses. Visitei-a quando era Governador-Geral das Filipinas e fiquei bastante impressionado com sua antiga cultura.

Um mensageiro chegou com o relatório sobre os alvos. Groves expôs seus argumentos a favor da escolha de Kyoto, destacando, inclusive, que a cidade estava cheia de importantes fábricas empenhadas no esforço de guerra. Stimson interrompeu-o bruscamente, chamou Marshall e repetiu suas objeções à proposta de Groves.

Mais tarde, Groves escreveu o único relato detalhado do que se seguiu:

Marshall não expressou uma opinião bastante positiva, embora não discordasse do Sr. Stimson. Tive a impressão de que ele achava que isso não faria muita diferença Pessoalmente, eu me sentia bastante

constrangido e preocupado com a possibilidade de que ele pudesse pensar que eu lhe passara por cima, num assunto que decididamente lhe competia. Depois de alguma discussão, durante a qual foi-me impossível informar discretamente ao General Marshall que não tivera culpa pelo fato de o assunto ter sido levado diretamente ao Secretário da Guerra, o Sr. Stimson declarou que não mudaria sua decisão. No decorrer da conversa, gradativamente desenvolvera a opinião de que a decisão deveria ser orientada pela posição histórica que os Estados Unidos ocupariam depois da guerra. Achava que se deveria evitar qualquer coisa que pudesse prejudicar essa posição futura. Por outro lado, eu particularmente preferia Kyoto como alvo, por ter uma área suficientemente grande para nos proporcionar conhecimentos mais amplos sobre os efeitos de uma bomba atômica. Nesse aspecto, Hiroxima não era tão satisfatória.

Ainda “constrangido e preocupado”, Groves voltou a seu gabinete. Apesar das críticas de Stimson, ele continuaria a fazer pressão pela escolha de Kyoto, mesmo depois de ser informado do que o próprio Presidente também se opunha ao lançamento de uma bomba atômica nessa cidade.

Mais tarde, Groves iria afirmar, por uma distorção de lógica um tanto dúbia, que fora o responsável pela salvação de Kyoto.

— Se não tivéssemos recomendado Kyoto como um alvo atômico, a cidade não teria sido poupada e provavelmente estaria seriamente danificada ou talvez mesmo completamente destruída, antes que a guerra terminasse.

38

Há sete dias que Lewis e sua tripulação estavam esperando em Omaha para receber o novo bombardeiro. Desde que fora escolhido Tibbets, o avião estava recebendo “cuidados especiais” e, por isso, a entrega atrasara.

Enquanto esperavam, alguns dos homens haviam conquistado um grupo de mulheres e realizado uma sucessão de orgias num hotel local. Um deles meteu-se com uma mulher casada e foram surpreendidos na cama pelo marido. Na luta subsequente, a polícia fora chamada a intervir. Lewis tivera de recorrer a toda a sua diplomacia para evitar consequências mais graves. O capitão também apaziguara motoristas irados, depois que outro dos seus homens “bombardeara” os carros que passavam com garrafas de cerveja, arremessadas da janela do quarto. Quando a gerência do hotel se queixou, Lewis conseguiu acalmar seus homens.

Ao longo dos últimos meses, ele se tomara cada vez mais protetor de sua tripulação. Dentro do grupo, as barreiras de posto haviam quase desaparecido. O relacionamento entre oficiais e sargento era cordial, todos se tratando pelo primeiro nome. Socialmente, Lewis costumava passar bastante tempo no clube dos sargentos e praças, tirando sua jaqueta de oficial e vestindo uma do Sargento Joe Stiborik.

O Sargento Richard Nelson, operador de rádio de 19 anos, ficou espantado com a maneira com Lewis o tratava, como se fosse um igual. Caron achava que o piloto estava tentando formar um grupo unido e interdependente, em que todos os homens poderiam confiar uns nos outros em combate.

Nos vôos, Lewis ainda fazia tudo “pelo manual”, punindo os erros cometidos com poucas palavras cuidadosamente escolhidas. Mas não permitia que ninguém de fora criticasse o que considerava “sua tripulação”. E mais de uma vez disse a seus homens:

— Se tiverem um problema, eu o resolverei.

Antes de voarem para Omaha, o Sargento Robert Shumard, alto e de fala macia, assistente do engenheiro de vôo, foi procurar Lewis, visivelmente perturbado porque um PM matara seu cão setter com um tiro. Lewis teve um acesso de fúria, por pouco não agrediu o PM. A reação aumentou ainda mais o respeito e a afeição da tripulação por seu comandante tão pouco ortodoxo.

Alguns homens também ficavam ressentidos com a intrusão de Ferebee e Van Kirk, até mesmo de Beser e Jeppson. Nem mesmo Tibbets, nas raras

ocasiões em que voava com eles, escapava a tal ressentimento. Nessas ocasiões, Lewis era “rebaixado” a co-piloto. Mesmo assim, tentava deixar bem claro que era a “sua tripulação” que estava voando o aparelho.

Caron achava que a atitude possessiva de Lewis poderia criar um problema quando Coronel fosse voar a missão. O artilheiro da cauda não tinha a menor dúvida de que seria Tibbets quem iria comandar o golpe final. Ele gostava dos dias em que Tibbets pilotava o avião.

— Ele era um verdadeiro cavalheiro, tranquilo e meticuloso. Já Bob era um excelente piloto, mas se comportava como um cowboy.

Naquela manhã de 14 de junho, na fábrica Martin, em Omaha, Lewis estava com sua tripulação regular. Era um dia memorável para todos. Gracejando e contando histórias, inspecionaram meticulosamente o novo B-29. Depois de fazer todas as verificações, o engenheiro de vôo Duzenbury declarou-se satisfeito. Lewis ordenou que a tripulação embarcasse, acionou os motores e decolou. Circulou Omaha uma vez e depois seguiu direto para Wendover.

* * *

Às 9:30 horas da manhã, os Chefes do Estado-Maior Conjunto chegaram ao gabinete de Truman. Com eles, encontravam-se também Stimson, seu assistente, John J. McCloy, e outros conselheiros presidenciais.

Por dois dias, 14 e 15 de junho, os Chefes do Estado-Maior Conjunto, os comandantes supremos das Forças Armadas, haviam aperfeiçoado os planos para a invasão do Japão, que tinham os nomes em código de “Olympic” e “Coronet”.

“Olympic” era o ataque inicial, contra o sul de Kyushu, a 1.º de novembro de 1945, com uma força de 815.548 homens. “Coronet” era o plano para a invasão de Honshu, cinco meses depois, na área de Tóquio, com 1.171.646 homens.

Truman escutou atentamente, enquanto Marshall expunha os planos para a invasão. Seguiu-se uma “discussão considerável” sobre o índice de baixas previsto.

Stimson resumiu as perspectivas:

— Uma operação de desembarque seria uma luta muito longa, custosa e árdua da nossa parte. . . a região, que visitei várias vezes, deixou-me na memória a impressão de que pode ser defendida encarniçadamente.

A possibilidade de um acordo político, depois de uma advertência aos japoneses, foi levantada pelo assistente de Stimson, McCloy. Na opinião dele, havia muitos japoneses que não eram favoráveis à guerra. Se tivessem uma oportunidade, suas opiniões poderiam ser influentes.

A sugestão pegou a reunião de surpresa.

Stimson concordou que o Japão não era “uma nação composta por loucos fanáticos com uma mentalidade inteiramente diferente da nossa”. Concordava também que, antes da invasão, dever-se-ia deixar bem claro aos líderes japoneses que, se não se rendessem, seriam responsáveis pelo que aconteceria em seguida. Stimson ainda não tinha certeza se tal advertência deveria ou não estar vinculada à bomba atômica.

Os Chefes do Estado-Maior Conjunto escutaram atentamente, mas não manifestaram qualquer opinião a respeito da bomba atômica ... exceto para dizerem que, se fosse usada, deveria ser lançada sem qualquer aviso prévio. O assunto não foi esmiuçado, pois nenhum dos presentes sabia o que a bomba era capaz de fazer. E ninguém, nas palavras de McCloy, podia sequer “ter certeza, apesar das garantias dos cientistas, de que a coisa iria funcionar”.

Sem prova positiva da viabilidade da arma, era impossível planejar uma estratégia que não estivesse baseada exclusivamente nas armas convencionais.

Relutantemente, Truman aprovou os planos de invasão, sabendo que um milhão de americanos poderiam morrer em consequência de tal decisão.

A preocupação do Presidente Truman com as baixas certamente teria sido muito maior, se ele soubesse que o Serviço Secreto japonês previra os planos americanos. No exato momento em que Truman autorizava a invasão de Kyushu, os japoneses estavam despachando reforços para a ilha.

Essa concentração de tropas, incumbida de repelir os americanos, tinha agora seu quartel-general em Hiroxima.

39

Pouco depois do amanhecer de 19 de junho, um rumor surdo despertou o Segundo-Tenente Tatsuo Yokoyama. O barulho vinha do interior do Monte Futaba. Turmas de operários estavam usando ferramentas de ar comprimido para escavar um complexo de comunicações subterrâneo na base do monte.

A bateria antiaérea de Yokoyama ficava imediatamente acima do complexo subterrâneo, o que significava que ele e seus homens viviam, do amanhecer ao anoitecer, com um rumor surdo sob seus pés. O que fazia com que Yokoyama pensasse em tremores de terra.

A destruição que vira em sua última visita a Tóquio e a atitude dos pais em relação ao casamento proposto com a filha do comandante haviam deixado Yokoyama bastante abalado. Para piorar as coisas, ele estava longe de Hiroxima durante o segundo ataque aéreo americano à cidade. Não se sentia consolado com as palavras de seu comandante, Coronel Abe, que lhe disse que, a cada dia que passava, aumentavam as possibilidades de ele ver muita ação dentro em breve.

Abe continuava a se mostrar solícito, tratando Yokoyama como se já fosse um membro da família. Mas o tenente ainda não tinha certeza. A mãe lhe escrevera uma carta cautelosa, informando que o pai ainda investigava os antecedentes da moça. Até que tais investigações estivessem concluídas, ela recomendava ao filho limitar os contatos sociais com seu comandante.

Yokoyama passara a inventar desculpas para rejeitar os convites para jantar na casa de Abe ou visitá-lo no clube dos oficiais no Castelo de Hiroxima. A tentação de ir era muito forte. Ele seria capaz de qualquer coisa para escapar ao tédio em sua bateria antiaérea.

Passava os dias, como todos os demais oficiais na mesma posição, a exercitar seus homens... e a observar Hiroxima pelo binóculo, verificando as mudanças na cidade, que a haviam transformado no grande bastião da metade ocidental do Japão. Pelas estradas, ferrovias e pelo mar, desafiando os bombardeiros e submarinos americanos, homens e suprimentos estavam chegando à cidade. Depois de treinamentos intensivos em Hiroxima, eram transferidos para seus postos avançados em Kyushu. Na cidade, no comando de todas as tropas do setor ocidental, estava o homem que fora escolhido pelo Imperador e pelo Alto Comando para salvar o Japão da derrota.

Ao pé do Monte Futaba, não muito longe da bateria antiaérea de Yokoyama, o Marechal-de-Campo Shunroku Hata instalara seu quartel-general.

Hata era um dos mais bem-sucedidos, famosos e respeitados comandantes de todo o Japão. Era chegado ao Imperador e, certa ocasião, fora mesmo considerado para Primeiro-Ministro. Em vez disso, recebera um posto talvez tão importante: foi escolhido para o comando do Segundo Exército Geral e informado de que era o único homem que poderia salvar o país da derrota ignominiosa.

A chegada dele à cidade inquietara os oficiais no Castelo de Hiroxima. Delicado, mas firme, Hata os intimidava. Com 65 anos, o Marechal-de-Campo tinha mais experiência de guerra do que todos eles reunidos. Os oficiais ficaram aliviados quando Hata decidiu não instalar seu quartel-general no castelo.

Em meados de junho, o estado-maior de Hata, com cerca de 400 homens, incluía alguns dos melhores cérebros militares do país. Planejava desfechar uma guerra de fricção como o mundo jamais conhecera.

Gradativamente, sob o comando de Hata, a Ilha de Kyushu foi sendo transformada numa fortaleza fortemente armada. Do Arquipélago Goto, ao

norte, às Ilhas Osumi, no sul, estava sendo erguido um sistema de defesa interligada. As defesas visavam a causar o máximo de baixas ao inimigo. Ligando tudo, havia uma complexa rede de comunicações, controlada de Hiroxima e terminando no quartel-general de Hata.

A cidade propriamente dita era uma colméia de indústria bélica. Praticamente não havia qualquer casa que não estivesse envolvida na fabricação de peças para os aviões kamikazes, bombas, balas, rifles, pistolas.

Recentemente, fora dada ordem para que se pintasse nas paredes da cidade um novo slogan:

ESQUEÇA A SI MESMO!

DÊ TUDO

POR SEU PAIS!

A idéia de Hata era fazer com que cada homem, mulher e criança no Japão ocidental estivesse empunhando uma arma quando a invasão chegasse.

As crianças aprendiam a fazer e lançar bombas de gasolina. Estavam sendo guardadas garrafas e gasolina suficientes para se fazerem mais de três milhões dessas bombas.

Até mesmo os doentes estavam sendo mobilizados. Em Hiroxima as pessoas de cama e em cadeiras de rodas montavam armadilhas individuais contra os soldados inimigos, para serem colocadas nas praias de Kyushu.

Como força principal contra os invasores, uma batalha que estava sendo chamada de “a grande batalha”. Hata tinha 400 mil hohomens sob seu comando, muitos já instalados em suas posições em Kyushu. Minoru Genda, o planejador do ataque a Pearl Harbor, chegara recentemente, no

comando de um grande e novo grupo de caças. Além disso, havia cerca de cinco mil aviões de reserva, prontos para serem usados como kamikazes.

Em Hiroxima, havia cerca de 40 mil homens aquartelados no castelo. Além do porto, em Ujina, encontravam-se mais cinco mil homens, principalmente fuzileiros, aperfeiçoando as táticas kamikazes de embarcações de superfície. Centenas de pequenas embarcações estavam sendo equipadas com motores e carregadas de explosivos, sendo escondidas em pequenas enseadas em torno da baía. Se uma força de invasão chegasse, os barcos seriam tirados de seus esconderijos, cada um com um único tripulante, suas cargas devendo explodir no impacto com os navios inimigos.

Hata achava que podia ser impossível ao Japão derrotar a América, mas também se poderia fazer com que ficasse impossível à América derrotar o Japão. Esperava que os americanos, depois de experimentarem tal recepção, fossem para a mesa de negociações, esquecendo a exigência de rendição incondicional do Japão.

40

Tibbets contemplou Hiroxima.

Os rios, pontes, porto, o castelo e os campos de treinamento militar adjacentes estavam claramente visíveis nas fotografias de reconhecimento a sua frente. Também as rodovias, ferrovias, armazéns, fábricas, quartéis e casas particulares. Aqui e ali, a urbanização era interrompida por parques e bosques. Além da cidade, ficavam as colinas, cercando Hiroxima por três lados. Proporcionavam uma barreira natural quase perfeita para conter uma explosão atômica.

Ele notou as defesas antiaéreas, uma corrente irregular de baterias, estendendo-se do Monte Futaba, a nordeste, até o porto, ao sul.

Falando calmamente e com toda autoridade, usando sua experiência acumulada de bombardeio, Tibbets apresentou seu julgamento sobre a conveniência de Hiroxima como alvo:

— Os diversos canais oferecem condições ideais. Não dão margem a qualquer possibilidade de equívoco de cidade. E pode-se aproximar de Hiroxima de qualquer direção para o bombardeio.

Os ouvintes analisaram silenciosamente a avaliação.

Tibbets continuou em sua análise meticulosa, concentrando-se nas fotografias de reconhecimento de outras cidades japonesas, espalhadas sobre a mesa de conferências do gabinete do General Henry Arnold, no Pentágono.

Aquela reunião de 23 de junho era a última de uma série, em que se haviam discutido os detalhes cruciais sobre a melhor maneira de derrotar o Japão.

Alguns dias antes, LeMay viera de avião de Guam especialmente para essas reuniões. Ele já fora informado, numa rápida visita de Tibbets a Guam, no início de junho de que seria perigoso demais para a tripulação lançar uma bomba atômica de uma altitude inferior a 7.500 metros. Em Washington, Groves havia explicado a LeMay qual era o poder provável da bomba e os motivos da escolha dos alvos potenciais.

LeMay não deixara transparecer qualquer reação quando Groves lhe dissera que a operação estaria inteiramente sob “o seu controle, sujeita, é claro, às restrições que possam ser impostas pelas instruções”. Somente Groves sabia que tais instruções seriam formuladas de tal maneira que o controle efetivo da operação permaneceria em suas próprias mãos.

LeMay anunciara que gostaria de realizar a missão de bombardeio com um único avião, sem qualquer escolta de caças. Ressaltara que os japoneses provavelmente não dariam maior importância a um avião solitário voando em grande altitude, tomando-o por um aparelho de reconhecimento ou em missão meteorológica.

Groves aprovara a idéia. Não disse a LeMay que Tibbets já chegara a uma conclusão similar e que o treinamento do 509.º fora baseado nisso.

LeMay voltara para Guam acreditando que, em breve, seria responsável pelo lançamento de uma arma na qual ainda não tinha fé absoluta. Também não estava convencido de que Tibbets e o 509.º fossem a melhor escolha para a missão. Preferia que um dos seus veteranos do Pacífico se encarregasse dela, uma tripulação que já tivesse provado do que era capaz em vôos sobre o Japão.

Tibbets, ignorando inteiramente os últimos acontecimentos, voara de Wendover para Washington para comparecer àquela reunião no gabinete de Arnold. Concluindo sua avaliação das fotografias de reconhecimento, ficou esperando por perguntas de Groves e Arnold, o Comandante da Força Aérea.

As perguntas não surgiram. Os dois homens contemplaram silenciosamente as fotografias, os olhos se fixando primeiro nas imagens lustrosas de Hiroxima, depois nas de Niigata e Kokura, os dois outros alvos que estavam agora na lista de cidades japonesas reservadas para possível ataque atômico.

Groves perguntou a Tibbets com ele se aproximaria de Hiroxima.

Usando o dedo para indicar a rota sobre a fotografia, Tibbets explicou que começaria o estágio final de bombardeio de leste, aproximando-se de Hiroxima a um ângulo de 90 graus em relação ao ponto em que os rios se dividiam. Apontou para um ponto na fotografia, perto do Castelo de Hiroxima, onde o Rio Ota se dividia em tributários.

— Suponhamos que seja este o ponto de alvo. Numa aproximação transversal, qualquer das margens do rio pode servir como ponto de referência para a verificação dos cálculos finais. Se voássemos ao longo de um dos rios, o bombardeador só veria praticamente água através de seu visor. Seria muito difícil para ele determinar a aproximação do PA.

Groves permitiu-se um dos seus raros gracejos:

— Coronel, tenho a impressão de que seu bombardeador será perfeitamente capaz de avistar o alvo de olhos vendados, quando chegar o momento.

Os homens em torno da mesa sentaram-se e passaram a discutir outros aspectos do lançamento de um ataque atômico.

Groves estava-se envolvendo em discussões tão detalhadas porque achava que

. . . algumas pessoas da Força Aérea. . . demonstravam um total falta de compreensão do que estava envolvido. Pensavam que a bomba atômica seria tratada como qualquer outra arma nova: assim que estivesse pronta para uso em combate, seria entregue ao comandante na frente de combate, juntamente com uma lista de alvos recomendados, tendo este completa liberdade de ação, em tudo.

O chefe do Projeto Manhattan achava que o assunto era “complexo e importante demais para ser tratado de maneira tão superficial”; que as decisões sobre o uso deveriam ficar sob seu controle, embora admitisse que “o Presidente também partilharia delas, não tanto por tomar decisões originais, mas aprovando ou desaprovando os planos preparados pelo Departamento da Guerra”.

Observando Groves agora, do outro lado da mesa, Tibbets mais uma vez ficou impressionado, compreendendo que estava diante de um homem “capaz de mover céus e terras para poder fazer tudo a sua maneira”.

Tibbets também percebera a tática de Groves: ele “não gostava de um ataque frontal, preferindo uma investida pelo flanco”.

Tibbets, ao contrário, acreditava que a melhor solução era um ataque frontal contra qualquer problema. . . ou contra qualquer oposição. Ela achava que

uma parte demasiada do seu tempo estava sendo consumida a “discutir imponderáveis”.

Mas havia um imponderável que Tibbets achava que devia ser discutido: o das prováveis condições meteorológicas prevalentes na área do alvo.

Desde abril, os meteorologistas da Força Aérea vinham preparando cartas de tempo sobre as condições que se poderiam esperar nos meses seguintes sobre o Japão. Os dados eram baseados em informações fornecidas pelo Serviço de Meteorologia dos Estados Unidos e em antigos mapas meteorológicos de observatório de Kobe para o período de 1927 a 1936.

As previsões eram sombrias. De junho a setembro, deveria haver apenas um máximo de seis dias em cada mês nos quais a visibilidade seria boa, com três décimos de nebulosidade ou menos. Haveria pelo menos 18 dias por mês em que a nebulosidade seria de oito décimos.

O bombardeio pelo radar fora cogitado e rejeitado. Depois de estudos prolongados, um especialista concluiu:

É perfeitamente possível interpretar erroneamente as imagens na tela de radar; uma área rural do Japão pode ser tomada por uma cidade. Com bombardeio pelo radar e um bom operador, a chance de lançar a bomba dentro de um círculo determinado de 300 metros é de um a dois por cento. A probabilidade de se errar inteiramente a área do alvo é de 70 a 50 por cento.

Com o bombardeio visual, no entanto, “o tempo estando bom, a probabilidade de um bom bombardeador conseguir lançar a bomba dentro de um círculo determinado de 300 metros é de 20 a 50 por cento”.

Os bombardeadores de Tibbets estavam lançando regularmente suas bombas de exercício num círculo de 100 metros.

O meteorologista da Força Aérea declarou na reunião que, entre aquele momento e o Natal, agosto era provavelmente a melhor ocasião para lançar a bomba atômica, “devendo haver melhores condições meteorológicas na primeira quinzena do que na segunda”.

Tibbets gostou da sugestão seguinte do meteorologista:

— Vamos supor que não houvesse qualquer previsão anterior. A missão poderia ser realizada em qualquer dia. O bombardeiro poderia ser precedido por aviões de reconhecimento, que lhe iriam transmitindo informações sobre o tempo, durante o próprio vôo. O aparelho com a bomba poderia então seguir para o alvo que oferecesse melhor visibilidade.

Tibbets achou que era uma solução simples, sem maiores dificuldades. O próprio 509.º poderia fornecer esses aviões de reconhecimento do tempo e ele teria liberdade para tomar a decisão final no ar, livre de qualquer interferência e pressões externas e de posse das mais recentes informações meteorológicas, sobre que cidade japonesa seria bombardeada.

* * *

Levvis conteve o bombardeiro de 65 toneladas, os tanques cheios com 26 mil litros de combustível, enquanto observava o mostrador de rotações. A agulha subiu para 2.200 e permaneceu constante. O bombardeiro estremeceu, protestando contra os freios que o mantinham na cabeceira da pista em Wendover.

O co-piloto, sentado ao lado de Lewis, inclinou os flapes das asas para a decolagem. Pelo interfone, Shumard e Stiborik confirmaram que os flapes estavam em posição. Duzenbury informou que os quatro motores funcionavam perfeitamente.

Somente então, satisfeito com todas as verificações pré-decolagem, é que Lewis empurrou o manche para a potência máxima e soltou os freios.

A uma velocidade aproximada de 80 metros por segundo, o B-29 correu pela pista, levando nove homens, seus equipamentos e pertences pessoais para a mais emocionante viagem que qualquer um deles já fizera.

No compartimento de bombas, embaixo, estava o restante do uísque que Beser comprara em Cuba, além de diversas mercadorias do reembolsável de Wendover. Lewis, sempre preocupado com sua tripulação, especialmente com os sargentos, havia sugerido que guardassem no compartimento de bombas tudo o de que poderiam sentir falta no Pacífico.

Nelson levava uma pilha de livros de mistério e aventuras. Planejava ler um livro em cada missão sobre o Japão. Caron munira-se de papel de carta da melhor qualidade, a fim de escrever para a esposa. Shumard comprara uma máquina fotográfica para tirar algumas fotografias.

Os “troféus” da tripulação também estavam seguindo para o Pacífico: um par de calcinhas de garotas de Salt Lake City, uma caixa de preservativos cuja propriedade ninguém reclamava, e uma liga, presa na tábua do vaso.

Como sempre, Lewis explicara a “regra da casa” para o uso do vaso. O primeiro homem que o usasse, seria o responsável por esvaziar e limpar o balde com ingredientes químicos, ao final da viagem.

Lewis sabia que alguns tripulantes “prendiam-se para não ser o primeiro a usar o vaso”. Isso sempre o divertia, porque se acostumara a enfrentar um vôo de 10 horas sem ter que se arrastar pelo túnel central do avião para ir ao banheiro.

O capitão ergueu o bombardeiro no ar e circulou a base. Ligou o interfone e disse:

— Segurem-se! Vamos dar uma rasante sobre a torre!

Caron, na torre da cauda, segurou-se.

O B-29 deu uma rasante sobre a base. Gritando como demônios, os tripulantes encorajaram Lewis a voar ainda mais baixo. Inclinando o avião, Lewis pôs a asa de bombordo a uma distância mínima do solo e atravessou

o campo a toda velocidade. Caron pensou que deviam ter “apavorado todo mundo que estava olhando, voando daquele jeito, como um caça”.

A voz furiosa do controlador na torre ordenou a Lewis que ganhasse altura imediatamente.

O bombardeiro continuou o voo em baixíssima altitude, a asa quase raspando no chão. Para Nelson, foi “um exemplo espetacular de perícia de piloto”.

Lewis levou o avião à altitude de cruzeiro e rumou para o sul. Já em Tinian, estavam mais de 1.200 homens do 509.º e 12 dos B-29 do grupo.

O excitamento a bordo do avião de Lewis era cada vez maior. Nenhum dos membros da tripulação jamais estivera no exterior, numa área de combate. A maior parte do conhecimento que tinham da guerra era através dos filmes e das reportagens do Saturday Evening Post que Caron colecionava.

Para eles, a guerra era “uma oportunidade de fazer alguma coisa pelo país”, de “levar paz ao mundo” ou, como Lewis preferia, “dar uma lição àqueles japoneses, como eles tentaram fazer com a gente em Pearl Harbor e outros lugares”.

Lewis não era um homem vingativo e sedento de sangue. Nenhum dos homens de sua tripulação pensava assim. Nas palavras de Caron, eram “apenas sujeitos como quaisquer outros, indo fazer um trabalho”.

Agora, voando para o que todos esperavam que fosse um paraíso tropical, Lewis assinalou o momento da partida de Wendover com um brado de guerra:

— Tinian, aqui vamos nós!

PROLOGO

A 2 de agosto de 1939, um mês antes de a II Guerra Mundial começar na Europa, Albert Einstein enviou uma carta ao Presidente Franklin Delano Roosevelt. Em termos cuidadosos, a mensagem dizia que a pesquisa nuclear recente indicava que, em breve, seria possível fabricar “bombas extremamente poderosas, de um novo tipo”, baseadas no urânio. Einstein alertava para o fato de que se estava trabalhando em segredo com urânio na Alemanha Nazista. E recomendava que as pesquisas americanas fossem aceleradas.

Alexandre Sachs, economista e amigo de Roosevelt, concordou em entregar a carta ao Presidente. Mas a guerra irrompeu na Europa antes que pudesse fazê-lo, e Roosevelt só foi recebê-lo em meados de outubro. Depois de muita persuasão de Sachs, Roosevelt acabou resolvendo que fossem tomadas providências concretas a partir da carta de Einstein.

O primeiro resultado da decisão presidencial foi um investimento de apenas seis mil dólares. Serviu para comprar grafita, essencial às experiências iniciais que levariam mais tarde à bomba atômica. Recursos substanciais com a finalidade específica de fabricar tal arma foram autorizados pelo Presidente a 6 de dezembro de 1941.

No dia seguinte, aconteceu Pearl Harbor. Roosevelt jurou vingança. “Lembrem-se de Pearl Harbor” tornou-se o grito de guerra em torno do qual se uniu a nação americana.

No verão de 1942, já era patente que seriam necessários muito dinheiro e esforço para se construir uma bomba atômica. Gigantescas usinas de fabricação e processamento teriam que ser montadas em áreas remotas, para produzir os materiais necessários, alguns altamente perigosos. Era preciso

iniciar imediatamente o trabalho de pesquisa em laboratórios de universidades e comerciais, bastante dispersos, imprimindo-lhe um ritmo de esforço de guerra. Novos laboratórios teriam que ser criados. E tudo devia ser feito no mais absoluto segredo.

Foi inventado um nome de cobertura para o projeto: Distrito de Engenharia Manhattan, mais tarde simplificado para Projeto Manhattan.

Em outubro de 1942, foi escolhido o Local Y, em Los Alamos, no deserto do Novo México, pelo físico J. Robert Oppenheimer, antigo aluno da Escola-Rancho para Meninos de Los Alamos, para a instalação do principal laboratório de pesquisa. As antigas salas de aulas que ele frequentara passariam a ser usadas por eminentes cientistas, como Enrico Fermi, Edward Teller e aquele outro gigante da física na Europa, Niels Bohr.

Foi Fermi quem dirigiu a experiência crucial, a 2 de dezembro de 1942, quando se produziu a reação em cadeia necessária para fabricar uma bomba atômica. Foi realizada num dia de frio intenso, numa quadra de squash não utilizada da Universidade de Chicago. Temia-se que toda a cidade pudesse ficar ameaçada pela energia nuclear liberada. Mas a reação foi controlada. Os cientistas haviam demonstrado que um átomo de urânio fragmentado libera nêutrons, que podem, por sua vez, fragmentar mais átomos de urânio, criando assim a reação em cadeia. Batizaram formalmente o processo de “O Fator K”. Mas, entre eles, deram-lhe o nome de “O Grande Deus K”.

Durante os meses seguintes, imprimiu-se uma pressão de urgência nas fábricas secretas do esforço de guerra onde se desdobravam os complexos processos para a produção de quantidades relativamente pequenas de urânio 235, necessário para se produzirem bombas atômicas. E fabricava-se também plutônio, outro elemento que servia para a criação de armas atômicas.

Roosevelt apoiou o projeto sem conhecimento do Congresso e da opinião pública. Os recursos para o empreendimento foram ocultos no Orçamento Federal. Chegou um ponto em que dois bilhões de dólares foram investidos para financiar o projeto.

Por volta de 1944, havia surgido uma profunda divergência entre os cientistas. Dentre os que agora se opunham à utilização militar da pesquisa estava Niels Bohr, que em fins de agosto de 1944 pediu a Roosevelt que autorizasse a divulgação dos segredos atômicos dos Estados Unidos para a comunidade científica internacional. Ele achava que a ciência pertencia ao mundo como um todo.

Na mesma ocasião, durante o verão de 1944, estava-se começando a produzir urânio 235 nas quantidades exigidas para a fabricação da arma. O sucesso parecia iminente. O problema de encerrar “O Grande Deus K” numa bomba estava sendo resolvido. Se os trabalhos deveriam prosseguir como fora inicialmente planejado, apesar dos escrúpulos dos cientistas, chegara o momento de escolher o homem que iria treinar e comandar os homens que lançariam a bomba.

ATIVACÃO

De 1.º de setembro de 1944 a 27 de junho de 1945

ACELERAÇÃO

**De 28 Junho de 1945 a 2 de agosto
de 1945**

1

Exausto da escalada do Monte Lasso, na parte norte de Tinian, o Suboficial Kizo Imai, da Marinha Imperial japonesa, deitou-se no tapete úmido de folhas apodrecidas e fungos, o rosto perto do solo, o quepe esfiapado puxado para cima da testa.

A fome e o senso de dever levavam o suboficial de 30 anos a se arrastar regularmente até aquela posição, o ponto mais alto da ilha, com 172 metros de altura.

Dali, Imai avistava muitos dos quartéis onde estavam alojados os 20 mil americanos de Tinian. Mais importante: podia observar onde os americanos jogavam o lixo. O local era constantemente mudado. Imai achava que era para tornar as coisas mais difíceis para ele e para os 500 outros soldados japoneses que estavam escondidos em Tinian. A fome levava-os ao desespero. Mesmo quando os americanos despejavam o lixo nas traiçoeiras correntezas em torno da ilha, os japoneses entravam no mar à noite para recolher restos de comida.

A habitação de Imai em Tinian era uma caverna, “um buraco no inferno”, onde os piolhos, ratos e outras pragas aumentavam ainda mais seus sofrimentos. A barba por fazer, sujo, as roupas rasgadas, ele e outros na mesma situação viviam como trogloditas, raramente se atrevendo a acender fogueira em seus esconderijos na selva, para não trair sua posição. Na caverna, Imai deixara 18 soldados... os que tinham sobrevivido aos 48 homens que originalmente levava para lá, quando os americanos haviam conquistado a ilha, 11 meses antes.

Imai viera para Tinian a fim de ajudar na construção de pistas de pouso. Três pistas estavam prontas e uma quarta em construção quando os americanos haviam atacado, em junho de 1944.

Ataques aéreos e bombardeios navais tinham enfraquecido as defesas das ilhas durante seis semanas. Depois da conquista de Saipan, a artilharia pesada que lá se instalou bombardeara sistematicamente a extremidade norte de Tinian. Num período de 15 dias, caíra na ilha uma média de uma granada por minuto. Os caças voavam baixo sobre Tinian, lançando bombas de napalm, a primeira vez que eram usadas no Pacífico.

Enquanto, esperavam, os japoneses haviam-se entrincheirado. Acreditavam que os americanos tentariam desembarcar na cidade de Tinian. Os japoneses fortificaram a área. Muitos dos seus canhões eram britânicos, de seis polegadas, capturados em Singapura. Por toda ilha, nas plantações de cana-de-açúcar e nas selvas, foram instalados ninhos de metralhadoras e escavadas pequenas trincheiras, nas quais ficava um soldado solitário, junto com uma carga explosiva, ponto para se sacrificar, se um tanque inimigo passasse por cima.

No 40.º dia do sítio, a 24 de julho, Imai avistara, à luz fraca do amanhecer, a esquadra americana lentamente circulando a ilha, despejando uma nova barragem de artilharia sobre a paisagem já devastada.

A esquadra parara diante da Cidade de Tinian e largara suas lanchas de desembarque. Os japoneses começaram a disparar seus canhões. Os americanos bateram rapidamente em retirada, retornando aos navios. Os japoneses ficaram exultantes.

Só tarde demais é que haviam descoberto que o ataque à Cidade de Tinian não passava de um ardil. O grosso das forças americanas desembarcara ao norte da ilha, uma área difícil e rochosa, que os japoneses haviam considerado inexpugnável.

Com uma cabeça-de-ponte na ilha, os fuzileiros americanos avançaram inexoravelmente. Levaram oito dias para alcançar a Cidade de Tinian e dominar a ilha. Quatrocentos americanos morreram, enquanto as baixas japoneses se elevavam a mais de oito mil.

O Suboficial Imai fugira para a selva, juntamente com cerca de outros 700 japoneses sobreviventes. Esse número estava agora reduzido a menos de 500 homens, constantemente caçados.

* * *

Agora, no Monte Lasso, esperando que os caminhões de lixo aparecessem, Imai iniciou sua outra tarefa: registrar como as forças americanas estavam sendo colocadas. Fazia isso em preparativos para um acontecimento que ainda esperava que pudesse suceder “a qualquer momento”: uma invasão das forças imperiais, que viriam reconquistar a ilha. Quando esse dia chegasse, Imai planejava levar seus homens numa carga banzai contra os americanos.

Até lá, ficava observando toda a ilha, através de seu binóculo. Tinian, de norte a sul, tem um comprimento de 19 quilômetros; a largura nunca é superior a oito quilômetros. Ondulando suavemente, a ilha, é, na verdade, um platô emergindo do Pacífico. A maior parte da costa era de penhascos escarpados, a cor avermelhada da luva, erguendo-se abruptamente do mar. Tinian fica na extremidade sul das Ilhas Marianas, que forma um arco de 680 quilômetros ao longo do Pacífico, simples formações de coral, cuja existência poucas pessoas conheciam, até a II Guerra Mundial.

Esquadrinhando o horizonte ao norte, Imai podia avistar a costa Saipan, a menos de quatro milhas de distância. Como sempre, o mar entre as duas ilhas estava coalhado de navios americanos, de todos os tipos e tamanhos. Alguns seguiam para o porto americano na Cidade de Tinian, cinco quilômetros a sudoeste do local em que Imai se encontrava.

Na direção do interior, a partir da Cidade de Tinian, originalmente um amontoado de cabanas, agora um movimentado porto militar, os americanos haviam completado a obra iniciada pelos japoneses: abrindo espaços na selva para fazer pistas. Estradas pavimentadas levavam aos depósitos de combustível e bombas, oficinas e hangares. Havia um número crescente de hospitais. Imai concluiu que os americanos provavelmente esperavam uma grande quantidade de baixas, em alguma batalha iminente. Isso aumentou sua convicção de um ataque japonês para recuperar as Marianas. Na

verdade, os hospitais estavam sendo preparados para receber as baixas da invasão de Kyushu.

Examinando a área interior, a atenção de Imai foi atraída por algo insólito. Lá embaixo, a pouco menos de um quilômetro para nordeste, turmas de soldados estavam terminando de cercar uma área construída com arame farpado.

De formato retangular, com 800 metros de comprimento e 400 de largura, a área ficava perto da costa.

A cerca nova era alta e tinha um aspecto proibitivo. Por trás dela, havia construções de metal pré-fabricadas dos mais diversos tamanhos, ligadas por estradas. Até aquela manhã, os alojamentos haviam sido ocupados por turmas de engenheiros do Exército, aos quais Imai observara anteriormente, concluindo o gigantesco aeroporto além do conjunto. Agora, eles estavam desocupando os alojamentos.

No centro da construção, havia uma área pequena, com rolos de arame farpado em torno de diversas construções sem janelas. Havia também vários guardas armados na entrada principal do conjunto.

Imai sentiu-se apreensivo. O conjunto parecia um campo de prisioneiros. Talvez a área interior fosse um centro de punições. Na mente de Imai, isso só podia significar uma coisa: os americanos planejavam uma campanha para capturar os japoneses que ainda se encontravam à solta na ilha.

Imai tocou em suas armas, uma espada cerimonial comprida e uma pistola. Não sabia se a umidade tornara as balas inúteis, mas tinha certeza de que a lâmina da espada, feita pelo mesmo processo secreto que moldara as espadas dos antigos samurais, estava tão afiada como no dia em que a recebera, pouco antes de chegar a Tinian, em março de 1944.

Contemplando o estranho conjunto, Imai tomou uma decisão: preferia morrer a render-se e terminar prisioneiro ali. Ficou olhando para a intensa atividade em torno da entrada principal do conjunto. Havia agora um constante tráfego de caminhões no local. Os guardas interceptavam e verificavam meticulosamente cada veículo.

Quando um dos caminhões parou, dois homens saltaram e tiraram lá de trás uma placa de madeira.

Imai focalizou o binóculo na cena. Dois PMs de capacete branco, com carabinas aninhadas nos braços, entraram em foco. Pareciam bronzeados, saudáveis e entediados. O japonês deslocou o binóculo ligeiramente, para focalizar a placa. Ele lia e falava um pouco de inglês. Embora não pudesse decifrar tudo, pôde ler e compreender os números e algumas palavras. A placa dizia o seguinte:

ZONA PROIBIDA

509.º GRUPO INTEGRADO

OS PASSES DEVEM SER APRESENTADOS

EM TODAS AS OCASIÕES

Imai sentiu-se aliviado. No final das contas, aquele local não era um campo de prisioneiros. Mas o conjunto era nitidamente diferente de todos os outros que ele já observara. Imai teve a impressão de que aquele “devia ser muito importante”.

Subitamente, o suboficial recordou-se de outro problema mais urgente. Ficara tão absorvido contemplando toda aquela atividade que esquecera de notar onde os caminhões de lixo americanos iam despejar suas cargas. Agora, ele e os homens à espera na caverna teriam que fazer uma incursão na escuridão pelas latas de lixo, um risco muito grande, por causa das patrulhas em torno dos conjuntos.

Não obstante, o tempo que Imai passara no Monte Lasso tinha sido bastante útil. Tomando cuidado para não deixar qualquer pista, voltou apressadamente para a caverna.

O interior estava imundo, cheio de latas de comida e outros detritos, apanhados nas incursões noturnas pela ilha. A um canto, encontravam-se rifles e umas poucas caixas de munição. Ao lado, havia um rádio transmissor-receptor.

A última mensagem recebida fora na noite em que Tinian caíra, quando o Comandante Supremo do Exército Imperial japonês, em Tóquio, comunicara que em breve chegaria ajuda. Desde então reinava silêncio. Imai desejava que alguém soubesse consertar o aparelho, a fim de que ele pudesse enviar uma mensagem ao quartel general em Tóquio sobre a nova e estranha instalação que havia na ilha.

Talvez o quartel-general pudesse providenciar para que fosse bombardeada.

2

Tibbets continuou a inspecionar o conjunto, para certificar-se de que seria uma base apropriada para o 509.º. Viera de Wendover para isso. Teria vindo mais cedo, se não tivesse atrasado sua partida dos Estados Unidos para permitir que seu navegador, Van Kirk, que o acompanhava na viagem, pudesse ter antes notícias do nascimento do novo filho. Era um gesto de acordo com a política de Tibbets de tratar seus homens com toda consideração, em qualquer ocasião . . . até que tentassem tirar proveito disso. Quando tal acontecia, o coronel era capaz, em suas próprias palavras, de “ser mais rude do que um sargento da PM num xadrez militar”.

Tibbets demorou bastante na inspeção. Queria que o 509.º tivesse “o melhor possível e nem mesmo o representante pessoal de Groves na ilha, Coronel E. E. Kirkpatrick, que o acompanhava na inspeção, ia apressá-lo a tomar uma decisão.

Impassível como sempre, restringindo suas palavras a poucas perguntas objetivas, Tibbets levou Kirkpatrick e os comandantes do 509.º de um lugar

para outro. Kirkpatrick esperava que Tibbets não se mostrasse muito “exigente” quanto aos alojamentos. A regra, na Tinian apinhada, era a de 12 oficiais ou 20 praças e sargentos ocuparem um mesmo alojamento, com nove metros de largura por 16 de comprimento. Como comandante do grupo, Tibbets iria partilhar seu alojamento com três ou quatro oficiais de seu estado-maior.

A resposta de Tibbets foi típica:

— Antes de tratarmos do problema do meu alojamento, vamos providenciar para que meus homens fiquem o mais confortavelmente possível. Esta é a quarta vez que eles são obrigados a mudar desde que chegaram aqui. Quero que seja a última.

Kirkpatrick achou que Tibbets era “um tanto presunçoso”, uma opinião que manifestou a Groves, num memorando secreto, “inclinado a esfregar sua situação especial na cara dos outros, mas inteligente o bastante para saber até onde pode ir”.

Tibbets achava que era essencial fixar as regras pelas quais o 509.º iria viver e trabalhar. Durante sua única visita anterior às Marianas, deixara bem claro quais seriam essas regras. Não estava, como insistiria mais tarde, “procurando um tratamento especial”, mas simplesmente querendo fazer com que o grupo ficasse instalado de maneira apropriada, dentro da estrutura de uma operação vasta e complexa da Força Aérea.

Naquela segunda visita, havia percebido alguma oposição, não manifesta, é claro.

Parte dela vinha dos seabees, que iriam deixar os alojamentos mais confortáveis da ilha para que o 509.º se pudesse instalar neles. Tibbets não podia deixar de simpatizar com tal posição. Eram todos veteranos do Pacífico, muitos dos quais seriam convocados a despejar mais suor e sangue na invasão do Japão.

O coronel sabia que a invasão custaria muito caro. A longa e encarniçada campanha para a conquista de Okinawa acabara de terminar. Mais de 500 mil homens levaram três meses para dominar a guarnição japonesa de 110

mil homens, que haviam lutado fanaticamente. Se as baixas americanas em Okinawa serviam de orientação — 49.151 mortos, 34 navios de guerra afundados e 368 bastante avariados — não havia a menor dúvida de que a resistência a ser encontrada nas ilhas principais do Arquipélago japonês seria formidável.

As últimas informações do Serviço Secreto americano indicavam que uma parte dos dois milhões de soldados japoneses veteranos na China estava sendo levada de volta ao Japão, a fim de participar da defesa do país. Lá já se encontravam outros dois milhões de soldados que ainda não tinham experiência de combate, mas que estavam ansiosos por lutar. O grosso das forças imperiais ainda não fora vencido.

Tibbets manifestara a LeMay sua esperança de que a bomba atômica pudesse meter “um pouco de bom senso na cabeça dos japoneses”, evitando-se um desnecessário derramamento de sangue. A reunião entre os dois, no quartel-general de LeMay em Guam, a 27 de junho, fora bastante cordial, embora o General ainda fizesse restrições quanto à possibilidade de se acertar em cheio num alvo de 10 mil metros de altura. O general disse a Tibbets que os aviadores do 509.º deveriam adquirir alguma experiência, sugerindo que poderiam inicialmente praticar o lançamento de bombas numa ilha próxima, Rota, que ainda estava em poder dos japoneses.

Ao final da reunião, LeMay fez uma observação inesperada:

— Paul, quero que compreenda uma coisa: você não pode voar sobre o Japão.

Tibbets ficou perplexo.

Mastigando o eterno charuto no canto da boca, um ato que o fazia parecer mais jovem, embora não tão obstinado quando Churchill, LeMay explicou os motivos de tal decisão:

— Não nos queremos arriscar a perdê-lo. Sei que você sabe mais a respeito dessa bomba do que qualquer outro aviador de toda a Força Aérea. Por isso, é valioso demais. É melhor ficar em terra.

Tibbets nada disse. A ordem de LeMay fazia sentido: se ele caísse nas mãos dos japoneses, todo o projeto correria um tremendo risco. Mas Tibbets tinha tomado uma decisão: voaria a primeira missão atômica de qualquer maneira.

* * *

Em Tinian, depois de concluir a inspeção dos alojamentos, cozinhas e refeitórios, Tibbets foi examinar o “santuário”, as oficinas da Área Técnica. Ali, se tudo corresse bem, a bomba seria finalmente montada. Duas das oficinas estariam prontas dentro de poucos dias. As outras duas só estariam concluídas a 1.º de agosto.

O Coronel achava que os prazos estavam muito apertados e gostaria de permanecer em Tinian para supervisionar tudo pessoalmente. Mas era exigida sua presença como observador durante o crítico teste com a bomba de plutônio, em Alamogordo.

Terminando a inspeção da base, Tibbets declarou-se satisfeito. O 509.º iria transferir-se para aquela área a 8 de julho.

No momento, não havia mais nada que ele pudesse fazer em Tinian. Depois de dar as devidas instruções aos oficiais superiores do grupo sobre as questões de rotina diária, iniciou a longa e cansativa viagem de volta através do Pacífico.

Agachados em torno de um caixote virado, Beser e os outros tentavam concentrar-se no jogo. Mesmo agora, na súbita escuridão tropical, o calor era sufocante. A única roupa que os homens usavam, shorts, calças cáquis cortadas cerca de 15 centímetros abaixo da virilha, estava encharcada de suor.

Não demorou muito para que os homens em torno da improvisada mesa de jogo precisassem gritar para que suas apostas pudessem ser ouvidas. É que não muito longe dali, incontáveis B-29 decolavam para outro ataque com bombas incendiárias.

Naquela noite, como sempre faziam, os oficiais contavam os aviões, pela aceleração máxima dos motores, pouco antes da decolarem. Até aquele momento, 249 bombardeiros já haviam levantado vôo.

O silêncio voltou a reinar na ilha. Beser disse que apostava que outro bombardeiro levantaria vôo na próxima meia-hora, para fazer um número redondo de 250. Várias moedas foram jogadas sobre o caixote.

Pouco depois, ouviu-se o rugido inconfundível de quatro motores Wright-Cyclone, de 2.200 cavalos de força, sendo acelerados. Beser recolheu as apostas.

Cansados do jogo, ele e seus companheiros ficaram escutando o B-29 se preparar para a decolagem. O navegador Russell Gackenbach, o jovem tenente que sobrevivera à armadilha de segurança de Uanna no primeiro dia em Wendover, saiu do alojamento para observar a decolagem.

Era uma noite escura em Tinian, sem lua, uma brisa quente soprando do mar.

Gackenbach sentiu mais do que viu o B-29. Seus ouvidos acompanharam o taxiar do bombardeiro até a cabeceira da pista. Ele vislumbrou as línguas de fogo dos motores. O B-29 acelerou ao máximo e avançou velozmente pela pista.

Gackenbach esticou a cabeça. Um dos motores estava fora de compasso. Ele gritou para o alojamento. Os outros também tinham ouvido. Juntaram-

se a Gackenbach. O grupo ficou escutando, enquanto o bombardeiro continuava a avançar pela pista.

— Ele levantou vôo!

O grito de alívio de Gackenbach foi seguido pelo aviso de Beser:

— Não vai conseguir!

Tais palavras foram seguidas por uma chama intensa, entre vermelha e alaranjada, quase em cima da pista, envolvendo o bombardeiro.

Uma fração de segundo depois, os horrorizados espectadores ouviram o estrondo da gasolina explodindo sobre as bombas incendiárias. O clarão se espalhou pelo céu noturno, iluminando uma área de várias centenas de metros quadrados.

As chamas e o barulho foram-se desvanecendo, enquanto aumentava o gemido das sirenes dos veículos de socorro.

Os oficiais do 509.º voltaram para o alojamento. Todos sabiam que os caminhões de socorro nada poderiam fazer além de recolher os restos carbonizados.

* * *

Lewis ligou o interfone e avisou à tripulação que se preparasse para o pouso. Até aquele momento, fora uma viagem tranquila, sem qualquer problema. Cerca de 25 quilômetros à frente, Tinian já podia ser avistada, como uma massa indistinta, meio oculta pela neblina da manhã.

Em seu posto, um pequeno cubículo sem janelas um pouco à frente do compartimento de bombas, o operador de rádio Dick Nelson sintonizou o aparelho para o sinal de Tinian. Três dias no ar, com escalas rápidas, onde a comida e as acomodações eram péssimas, haviam diminuído o entusiasmo

de Nelson. Ele se sentia cansado, com vontade de tomar um banho. Embora jamais fosse admiti-lo para alguém, sentia-se também um pouco apreensivo quanto ao futuro.

Verificou o aparelho. Continuava a emitir o sinal que identificava o B-29 como um avião americano.

A voz monótona do controle de terra em Tinian forneceu a Lewis a velocidade e a direção do vento no Campo Norte.

Lewis transmitiu à população sua opinião entusiasmada a respeito da ilha:

— É maravilhosa! A selva parece exatamente como nos filmes! As praias foram feitas para Esther Williams! E a água é a mais azul que eu já vi! Vamos ter dias maravilhosos!

Depois de 10 mil quilômetros e três dias de vôo, Lewis deu as ordens para a aterragem.

Quando o trem de pouso foi baixado, Stiborik e Shumard confirmaram que estavam na posição correta.

— Baixar os flapes. Cinco graus.

Novamente, Stiborika e Shumard confirmaram que os flapes estavam baixados.

— Verificação dos flapes. Vinte e cinco graus.

Os dois novamente confirmaram a alteração.

Momentos depois, Lewis pousou no Campo Norte e taxiou até a área especial do 509.º.

A impressão imediata — e terrível — de Caron, ao rastejar para fora da torre da cauda, foi a de que “tínhamos pousado na maior latrina do mundo”.

O bombardeiro parara na direção do vento que soprava de uma das imensas fossas sanitárias escavadas pelos seabees.

Lewis calculou que em breve se acostumaria ao mau cheiro. Se esse era realmente o único problema de Tinian, então o lugar era um paraíso, com os alojamentos ao lado de palmeiras, os caminhos de conchas, sempre cuidados por nativos sorridentes.

Para aumentar a sensação de lar-longe-do-lar e porque Tinian tinha mais ou menos o mesmo formato de Manhattan, as vias principais foram batizadas e haviam recebido placas de nomes de ruas de Nova York.

A Broadway era a estrada maior, que ia do Campo Norte, passando pela base do Monte Lasso, até a Cidade de Tinian. Era uma estrada espetacular, com cerca de 10 quilômetros de comprimento, margeada por alojamentos de oficiais e depósitos.

Paralela à Broadway, no lado oeste da ilha, ficava a Oitava Avenida, indo da cabeça-de-ponte que os fuzileiros estabeleceram ao invadirem Tinian, passando pelo segundo maior campo de pouso da ilha, o Campo Oeste, e terminando no Porto de Tinian.

Acompanhando a costa oeste, havia Riverside Drive, uma estrada sinuosa, passando por incontáveis praias e enseadas.

A Rua 42 era um cruzamento movimentado, na parte sul de Tinian, perto de Wall Street, Grand Avenue, Park Row e Canal Street, que levava à Segunda Avenida e a outro grupo de estradas de nomes familiares, Rua 59, Rua 64, Rua 72 e Rua 86.

Os alojamentos temporários do 509.º ficavam a leste da Broadway, perto da Rua 86. Quando Lewis e sua tripulação chegaram aos alojamentos, descobriram que estavam vazios. Nove das tripulações do 509.º encontravam-se longe dali, numa missão de exercício, lançando bombas explosivas em Rota.

Lewis achou que chegara a Tinian na hora exata.

4

Depois de duas semanas de estudos, a situação começava a se tornar clara. Embora ainda houvesse algumas lacunas, o Major-General Arisue conseguira fazer uma avaliação real da situação política interna do Japão.

Era desesperadora.

As batalhas entre os militaristas e os moderados, até agora confinadas a palavras, ameaçavam abalar o trono imperial. O que preocupava Arisue era a possibilidade de derramamento de sangue, quando as conversas entre os dois grupos finalmente cessassem. No fundo, ele acreditava que os elementos mais extremados seriam capazes até mesmo de matar o Imperador, caso ele se opusesse à intenção declarada deles, de levar o Japão à vitória ou lutar até que não restasse uma única pessoa viva no país.

Opondo-se a esses fanáticos, estavam os moderados, liderados pelo Marquês Koichi Kido, Chefe do Conselho Imperial, o homem no qual o Imperador mais confiava, acima de todos os outros. Fora o Marquês quem conseguira manter a paz, quando as duas facções se haviam confrontado na conferência imperial de 8 de junho. Mas ele não pudera impedir que a conferência decidisse que a guerra continuaria até o amargo fim. Na presença do Imperador, que não dissera uma só palavra, ficara resolvido que não haveria rendição.

Quatro dias depois, um almirante moderado, teve acesso ao Imperador através de Kido e lhe apresentou confirmações incontestáveis de tudo o que o Chefe do Conselho Imperial já dissera.

O relatório do almirante apontava a crítica escassez de matérias-primas. Nas indústrias de guerra, os operários, muitos ainda crianças, estavam sendo prejudicados pela falta de experiência. A produção estava constantemente ficando muito aquém das expectativas. Industrialmente, o Japão estava-se tornando moribundo. A não ser pelo moral, a situação global era a pior possível.

A 18 de junho, o Primeiro-Ministro Suzuki convocou uma reunião do Gabinete Interior do Japão. Arisue não conseguiu obter detalhes precisos sobre ela, realizada no mesmo dia em que o Presidente Truman aprovou os planos de invasão, mas pôde verificar que o Ministro da Guerra e os representantes da Marinha e do Exército haviam mantido a posição assumida anteriormente: todo o planejamento futuro deveria ser baseado nas necessidades em face de um Dia-D que certamente seria criado pelo inimigo.

Contudo, esses três representantes da linha-dura fizeram uma concessão importante. Embora ainda se opusessem a negociações diretas para acabar com a guerra, não tinham agora quaisquer objeções para conversação depois que o exército do Marechal-de-Campo Hata tivesse desfechado um golpe contundente no inimigo, nas praias da invasão.

Para Arisue, o fato de os três terem chegado a esse ponto, afastando-se consideravelmente de uma posição irreduzível anterior, era “uma grande vitória para o realismo”.

Exteriormente mantendo sua cuidadosa posição de equilíbrio entre os militaristas e os moderados, Arisue era agora a favor da paz quase que a qualquer preço, excetuando apenas a rendição incondicional. Sua objeção a tal rendição era a de que provavelmente implicaria no afastamento do Imperador, o que era inconcebível.

A 22 de junho, 10 dias depois que o almirante entregou seu relatório sobre matérias-primas e o moral japonês, o Imperador Hirohito recomendou ao Gabinete Interior que iniciasse negociações de paz, se possível usando os bons ofícios da Rússia.

Com essa finalidade, a 24 de junho, um ex-Primeiro-Ministro, Koki Hirota, procurou o Embaixador soviético em Tóquio, Jacob Malik.

Este compreendeu, corretamente, que a iniciativa era uma tentativa de manter os russos fora da guerra. Os esforços de Hirota não resultaram em nada.

As manobras diplomáticas pararam por aí, pelo menos por enquanto. Arisue tinha informações cada vez mais numerosas de que os russos estavam propensos à guerra. Seus homens controlavam movimentações de tropas soviéticas na fronteira chinesa. Um contingente formidável estava sendo concentrado ali, provavelmente como preparativo para uma ataque às tropas japonesas na Manchúria.

Arisue achava que um ataque russo não visaria basicamente a ajudar os Aliados a ganharem a guerra, mas sim a estabelecer a influência soviética no Pacífico. A idéia de um Japão sob o domínio soviético deixava Arisue apavorado.

Ele concluiu que era mais urgente do que nunca chegar a um acordo com os Estados Unidos. Decidiu que teria de encontrar uma nova tática para o contato com os americanos, através do único caminho a sua disposição: o escritório do OSS em Berna.

Seu agente naquela cidade suíça, Tenente-General Seigo Okamoto, estava de prontidão há semanas, para entregar uma mensagem ao escritório local do OSS, que a transmitiria a Washington.

Arisue passou um cabograma para Okamoto, pedindo-lhe que descobrisse as condições mínimas que a América aceitaria para a rendição do Japão.

* * *

Mesmo com uma dúzia de receptores de rádio sintonizados em emissoras diferentes, a sala estava quase que totalmente silenciosa, exceto pelo zumbido dos ventiladores suspensos do teto. Cada rádio podia ser ouvido apenas através dos fones do homem sentado a sua frente. Eles eram monitores, o turno da manhã de uma escuta de 24 horas por dia das ondas de rádio do Pacífico e além. Integravam o centro de comunicações do Quartel-General do Segundo Exército Geral, do Marechal-de-Campo Hata.

O centro, o sistema nervoso do Quartel-General de Hata, estava instalado numa antiga escola, um prédio comprido, de dois andares, na base do Monte Futaba, perto do Campo de Treinamento Leste. Linhas especiais ligavam o centro ao Quartel-General do Exército em Tóquio. Outras o ligavam aos centros militares em Kyushu: Fukuoka, Sasebo, Nagasaki e Kagoxima. O centro estava ligado também à base naval em Kure, ao quartel-general dos fuzileiros em Ujina e ao comando de defesa regional no Castelo de Hiroxima.

A sala de controle era o orgulho do centro. Somente o imenso setor de transmissão e controle perto de Tóquio rivalizava com o posto de escuta de Hiroxima. O centro nunca estivera tão ocupado quanto nas últimas semanas, depois da chegada a Hiroxima do Tenente-Coronel Kakuzo Oya, especialista de Arisue em assuntos americanos, transferido para o Quartel-General de Hata como oficial de informações.

A sala de controle é que deveria fornecer a primeira indicação de que estava prestes a ocorrer um desembarque em Kyushu. Antes que isso acontecesse, esperava-se que os americanos passariam semanas bombardeando a área de invasão do mar e do ar.

Hata queria ter um aviso suficientemente antecipado do desembarque em Kyushu para que os aviões Kamikazes e os barcos suicidas pudessem atacar a esquerda de invasão. Uma boa parte do sucesso desse plano dependeria dos homens que estavam controlando as transmissões inimigas. Eram todos velhos demais ou incapacitados para o combate. Cada um conhecia o inglês a fundo.

Em turnos de oito horas, ficavam sentados na sala, com blocos a sua frente, escutando um fluxo interminável de palavras e músicas, transmitidas de lugares tão distantes quanto Washington, a Capital americana.

O período mais movimentado era de meio-dia a meia noite. Durante essas horas, metade dos aparelhos na sala ficava sintonizada para transmissões de Okinawa, Iwo Jima e Marianas. Muitas se processavam em código, mas outras eram diretas, fornecendo informações que podiam ser bastante úteis. Essas interceptações incluíam não apenas as transmissões de rádio militares, mas também os breves testes efetuados pelos operadores de rádio

dos B-29, antes da decolagem. Havia uma diferença de horário entre o Japão e as Marianas. Hiroxima, por exemplo, tinha uma diferença de uma hora para Tinian. Se os testes de rádio dos B-29 eram efetuados por volta das três ou quatro horas da tarde, os monitores sabiam que se poderia esperar um ataque para aquela noite. Usavam o número de testes efetuados como uma indicação provável da quantidade de aviões que se poderia esperar.

Os monitores passavam as informações aos supervisores, que, por sua vez, as transmitiam para a sala central de comunicações. Dali, todo o sistema de alerta antiaéreo da região ocidental do Japão era posto de sobreaviso. Toda a operação era realizada em poucos minutos.

Quando os bombardeiros entravam no espaço aéreo japonês, os monitores captavam trechos de conversas entre as tripulações, permitindo aos supervisores calcularem que área do Japão os aviões tencionavam atacar. As informações, juntamente com as mensagens interceptadas de e para navios em alto-mar, eram datilografadas, para posterior análise. Isso ajudava Hata e Oya a avaliarem as forças e intenções do inimigo, com admirável acurácia.

Desde sua chegada a Hiroxima, Oya regularmente visitava os monitores, esperando que sua presença fosse encarada pelos homens como uma indicação da importância que atribuía ao trabalho que estava fazendo.

Mas a verdadeira especialidade de Oya era o interrogatório. Desde que começara a trabalhar com Arisue que ele demonstrara uma extraordinária aptidão para interrogar prisioneiros. Arisue chegava mesmo a gabar-se de que, se Oya não conseguisse obrigar um homem a falar, então ninguém mais o conseguiria.

Oya ainda lamentava ter chegado tarde demais a Hiroxima para ser o primeiro a interrogar os 10 aviadores americanos que tinham sido abatidos sobre Okinawa e levados para aquela cidade antes de a ilha ser capturada pelos americanos.

Até aquele momento, eram os únicos prisioneiros de guerra americanos que estavam em Hiroxima. Permaneciam detidos no Quartel-General da Kempei

Tai, nos subterrâneos do Castelo de Hiroxima.

5

O sol ainda era uma bola de fogo mal se erguendo do horizonte, no dia 12 de julho, quando Charles Perry, o oficial de rancho do 509.º, levantou-se. Pisou cautelosamente no chão. Na noite anterior, um dos outros oficiais no mesmo alojamento espalhou diversas ratoeiras, numa tentativa de apanhar os ratos que infestavam o aposento. O 509.º mudara-se para os novos alojamentos em Tinian há quatro dias. Apesar dos ratos, a opinião geral era de que, desta vez, “o Velho nos arrumou um bom lugar”. Os homens aceitavam a ausência de Tibbets sem comentários. Em Wendover, tinham-se acostumado aos constantes desaparecimentos de seu Comandante.

Perry esperava que Tibbets trouxesse alguns “presentes” ao voltar dos Estados Unidos. . . como bebidas e cigarros. Nas mãos hábeis de Perry, tais artigos eram muito valiosos para barganhar. O oficial de rancho, geralmente urbano e sofisticado, estava agora se comportando “como um mercador árabe”.

Por causa de seus esforços, o grupo desfrutava de uma seleção de pratos muito superior aos dos outros 20 mil americanos que estavam em Tinian. Perry gabava-se de que, no 509.º, “um soldado come melhor do que um general de cinco estrelas em outra unidade”.

Naquela manhã, como sempre fazia, Perry ficou observando o retorno dos B-29.

— Pareciam contas numa feira. Assim que um aterrava, outro imediatamente se aproximava. Havia sempre o mesmo número de aparelhos à vista. Era de fato uma cena espetacular.

O sol já estava alto quando o último bombardeiro aterrou. As tripulações exaustas, depois de 13 horas no ar, passariam a maior parte do dia dormindo. E enquanto eles iam descansar, os homens do 509.º se preparavam para um novo exercício de bombardeio, despejando bombas e mais bombas sobre os japoneses em Rota. Nenhum deles recebera até aquele momento permissão para voar sobre o Japão.

Os B-29 do 509.º estavam estacionados numa área isolada do Campo Norte e guardados 24 horas por dia. As sentinelas tinham ordens de atirar em qualquer pessoa não-autorizada que tentasse aproximar-se dos aparelhos, depois de avisada a parar.

As rigorosas medidas de segurança já haviam atraído a curiosidade dos outros esquadrões. Mas as perguntas permaneciam sem respostas. E no momento em que os aviões do 509.º decolaram para Rota, um grupo de veteranos em combate apupou e gritou gracejos, por todo o Campo Norte.

O ressentimento abafado que Tibbets percebera estava começando a se manifestar abertamente. O 509.º começara a se transformar num alvo de escárnio.

Não demorou muito para que as zombarias fossem convertidas em versos, pregados no quadro de avisos do quartel-general da ilha.

Ninguém Sabe

O segredo subiu pelo ar,

para onde estão indo, ninguém sabe.

Amanhã voltarão mais uma vez

Mas nunca saberemos onde estiveram.

Não nos pergunte resultados ou outras coisas

A menos que queira meter-se em encrenca.

Mas aceite a palavra de quem sabe das coisas:

O 509.º está ganhando a guerra.

Quando os outros Grupos vão partir

Sabemos do programa de todo o espetáculo.

E quando o 5.º de Halsey bombardeia as praias do Japão,

Já sabemos o que vai acontecer no dia anterior.

MacArthur e Doolittle dizem tudo de antemão,

Mas com essa nova turma não há a menor chance.

Há mais de um mês que a gente já devia ter voltado para casa,

Pois o 509.º está ganhando a guerra.

* * *

Milhares de cópias desses versos sem pé nem cabeça foram mimeografadas e distribuídas por todo o comando do Pacífico. Do Havaí às Filipinas, os militares americanos tomaram conhecimento daquela estranha unidade de Tinian, cuja única atividade era de vez em quando atacar um alvo já dominado, os japoneses em Rota.

Em público, os homens do 509.º riam do poeminha. Mas a verdade é que as zombarias deixavam muitos profundamente irritados. Seis semanas já se haviam passado desde que a equipe de terra chegara a Tinian. Para eles, em particular, a espera longa e cansativa, tendo que se esquivar às perguntas dos curiosos, dividindo seu tempo entre as praias, o refeitório e o cinema,

era um rude golpe no orgulho. Alguns dos homens do 509.º começaram, inclusive, a se perguntar se a área em que estavam alojados, com os guardas vigilantes e a cerca de arame farpado, não seria uma medida de precaução de segurança, mas sim uma indicação de que o grupo precisava de “babá”.

Beser acordou tarde, pois ficara trabalhando até de madrugada na oficina da Área Técnica, onde seria efetuada a montagem final da bomba atômica. Ali, Jeppson e os membros do Primeiro Esquadrão de Material Bélico estavam preparando tudo para a chegada dos diversos componentes da bomba.

Jeppson e cinco outros especialistas no mecanismo do detonador de proximidade foram dos primeiros a chegar a Tinian. Havia aproveitado as horas de folga para construir um alpendre com caixotes de bombas, à entrada do alojamento que escolheram, no alto de um penhasco, onde recebia o máximo de brisa. O alojamento era a inveja de quase todos os homens do 509.º

Beser estava num alojamento próximo do cemitério onde tinham sido sepultados os americanos mortos durante a captura da ilha. Ali fora também enterrada a tripulação, ou o que restara dela, do B-29 que ele vira incendiar-se na decolagem. Beser soubera que aqueles acidentes com B-29 carregados de bombas incendiárias era um fato frequente e inquietante da vida em Tinian.

Enquanto se vestia, Beser verificou que o alojamento estava vazio. Calculou que os outros deviam ter ido para a praia. Ligou o rádio. Através da estática, pôde ouvir os acordes de *Sentimental Journey*. E logo depois escutou uma voz suave, pela qual se sentia fascinado, apesar de odiá-la.

Rosa de Tóquio estava fazendo uma de suas regulares transmissões de propaganda para as forças americanas no Pacífico.

Ela já surpreendera o grupo por duas vezes, fazendo referências específicas ao 509.º A primeira fora pouco depois do desembarque do pessoal de terra em Tinian, a 30 de maio. Rosa de Tóquio anunciara a chegada e recomendara aos homens que voltassem logo para casa, antes de se tornarem vítimas das forças vitoriosas do Japão.

Alguns homens do 509.º tinham escarnecido. Outros ficaram preocupados. Não sabiam como ela poderia ter descoberto alguma coisa sobre a unidade mais secreta de toda a Força Aérea. Duas semanas depois, Rosa de Tóquio voltara a mencionar o 509.º. Advertiu que os bombardeiros do grupo seriam facilmente reconhecidos pelas baterias antiaéreas japonesas, por causa do símbolo “R” pintado nas caudas dos B-29. Desta vez, ninguém escarneceu. A insígnia acabara de ser pintada.

Mesmo se sentindo perturbado com as fontes aparentemente onipresentes da Rosa de Tóquio, Beser não conseguia deixar de ouvir a voz fascinante.

Naquela manhã, como sempre, ela tinha notícias sobre as últimas partidas de beisebol travadas nos Estados Unidos, informações sobre os dramas e comédias que estavam sendo apresentados na Broadway, detalhes sobre os bestsellers de ficção e não-ficção, tudo entremeado com música do Hit Parade.

Não houve qualquer menção ao 509.º Beser desligou o rádio, deixando a Rosa de Tóquio a entreter outros homens solitários, que sentiam saudades de casa.

6

A 15 de julho, durante o café da manhã, o banqueiro sueco Per Jacobsson explicou que todos os termos eram negociáveis, exceto a cláusula relativa ao Imperador. Agora, ele estava esperando a resposta de seu velho amigo Allen Dulles.

Doze dias antes, o Tenente-General Seigo Okamoto recebe as instruções de Arisue para verificar as cláusulas mínimas de rendição que os Aliados aceitariam do Japão, fora da rendição incondicional.

Okamoto discutira o assunto com o Embaixador japonês na Suíça. Haviam entrado em contato com dois dirigentes do Banco de Ajustes Internacionais, do qual Jacobsson era conselheiro financeiro.

Durante vários dias, haviam debatido quais os termos de rendição que poderiam ser aceitáveis para o Japão, já que não houvera qualquer orientação de Tóquio. O grupo imaginara um esquema tão audacioso que até mesmo o conservador achava que tinha uma possibilidade de sucesso.

A proposta era simples. Se o governo americano aceitasse as cláusulas de rendição que o grupo imaginara e que julgava aceitável para o Governo japonês, a América deveria propô-las publicamente, como se emanassem de Washington. Dessa maneira, o Japão teria uma oportunidade de aceitar uma rendição honrosa.

Jacobsson levou as propostas para o atual quartel-general de Dulles, em Wiesbaden, Alemanha. Os termos sugeridos eram: a rendição incondicional deveria ser modificada para incluir uma garantia da continuação da soberania do Imperador; não haveria mudanças na Constituição japonesa; internacionalização da Mandchúria; continuação do controle japonês sobre Formosa e Coréia.

Dulles sabia que estava no momento numa posição delicada. Roosevelt lhe dera total liberdade de ação, mas Truman não parecia disposto a chegar a tanto. Dulles não fora autorizado a falar em nome do novo Presidente ou do Governo americano. Além do mais, estava consciente das possíveis repercussões na América de qualquer sinal de apaziguamento em relação aos japoneses. Mas Dulles ficou interessado pela opinião de Jacobsson, segundo a qual os japoneses provavelmente se renderiam, se tivessem certeza de que poderiam manter seu Imperador.

Os russos estavam prontos a atacar o flanco norte do Japão em agosto, daí a menos de um mês. Mas Dulles achava que a União Soviética não ficaria nisso. Assim que entrasse no Extremo Oriente, ela não mais sairía, aumentando cada vez mais sua influência.

Dulles tomou uma decisão.

Apresentou uma contraproposta a Jacobsson. Em termos cuidadosos de advogado, fazia uma distinção clara entre uma promessa objetiva e uma “possibilidade de acordo”. No fundo, a mensagem de Dulles era inequívoca: era possível que a América deixasse o Imperador continuar em seu lugar, contando que Hirohito assumisse agora, publicamente, uma posição firme pelo fim da guerra.

Jacobsson ficou aliviado. A proposta de Dulles, se não era o que esperava, pelo menos representava alguma coisa.

Voltou imediatamente para Berna.

Dulles começou a fazer planos para ir até a base aérea mais próxima, em Frankfurt, de onde seguiria para Berlim. Queria informar tudo a Stimson, que era esperado em Berlim dentro de poucos dias, a fim de participar da iminente Conferência dos Três Grandes, em Potsdam.

7

Foi dado um telefonema do gabinete de Oppenheimer em Los Alamos para a casa da guarda, à entrada do platô. O telefonema ordenava às sentinelas que deixassem passar o comboio que se aproximava sem qualquer estorvo.

O comboio era formado por um caminhão preto fechado e sete carros. Seguiam quatro homens em cada carro. Por baixo dos paletós, levam pistolas em coldres nos ombros. No chão dos veículos, havia rifles, metralhadoras e caixas de munição. Os homens tinham ordens de atirar em quem quer que tentasse deter o comboio.

No carro imediatamente atrás do caminhão iam dois oficiais do Exército. As insígnias de artilharia de campanha nas golas estavam viradas ao contrário, uma indicação da pressa com que o Major Robert Furman e o Capitão James Nolan haviam assumido seus disfarces.

Na realidade, Furman era um engenheiro formado em Princeton, adido ao Projeto Manhattan. Sua função normal era obter materiais estratégicos e ajudar a recrutar pessoal científico. Nolan era um radiologista no hospital de Los Alamos.

Naquele dia, os dois estavam iniciando uma jornada que iria terminar em Tinian. Até chegarem a seu destino, os dois tinham ordens de não perder de vista um caixote de cinco metros de comprimento, que continha o canhão interior da bomba atômica, e um cilindro revestido de chumbo com 60 centímetros de altura e 45 centímetros de diâmetro, no qual estava o projétil de urânio. O caixote e o cilindro estavam sendo transportados no caminhão.

Oppenheimer deixara bem claro para os dois que os materiais que estavam acompanhando eram praticamente insubstituíveis.

A apenas um quilômetro e meio da estrada montanhosa de Los Alamos, quase ocorreu um desastre, quando furou o pneu do carro em que Furman e Nolan viajavam. O automóvel ficou descontrolado e por um momento deu a impressão de que iria cair numa ravina ao lado da estrada.

O caminhão parou imediatamente. Os agentes de segurança empunharam suas armas.

O carro foi controlado a tempo, o pneu trocado e a viagem recomeçou. Numa nuvem de poeira, o comboio passou por Santa Fé e chegou ao Aeroporto de Albuquerque.

Havia três DC-3 à espera. Furman e Nolan receberam pára quedas e embarcaram no avião do meio. O caixote e o cilindro de chumbo foram postos no mesmo avião, também providos de pára- quedas.

A tripulação recebera uma instrução expressa: em caso de emergência, o caixote e o cilindro deviam ser lançados antes dos passageiros.

Os aviões chegaram ao Campo Hamilton, em São Francisco, sem qualquer incidente. Uma nova equipe de agentes escoltou o caixote, o cilindro, Furman e Nolan até o meio de transporte seguinte: um cruzador pesado,

cujas recentes cicatrizes de combate, adquiridas em Okinawa, estavam ocultas sob uma camada de tinta fresca. Era o Indianapolis.

* * *

Algumas horas depois de Dulles fazer seus planos para ir a Potsdam, Paul Tibbets observou um avião-transporte aproximar-se para o pouso em Wendover. O aparelho voou sobre os campos de sal, fez uma volta para evitar o povoado e pousou na pista, passando pelos três B-29 que ainda estavam na base.

O tempo que aqueles bombardeiros ainda iriam permanecer na base dependeria das notícias que eram trazidas por aquele avião-transporte. O aparelho trazia um mensageiro do Projeto Manhattan, que voava entre Washington, Wendover e Los Alamos levando instruções secretas demais para serem entregues por outros meios.

O mensageiro trazia a notícia de que parte da bomba atômica já fora embarcada no Indianapolis. A outra parte — o “alvo” de urânio 235 que seria colocado na extremidade do canhão — iria de avião para Tinian, com as tripulações que ainda estavam em Wendover.

A operação tinha o nome em código de “Carregamentos Bronx”. Tibbets muitas vezes se perguntou quem inventaria os nomes em código que eram dados a tudo e a todos que estavam envolvidos no Projeto Manhattan. Ainda se surpreendia quando Groves atendia ao telefone com as palavras “Aqui é ‘Alívio’...” ou quando Ashworth se anunciava como “Infortúnio”, às vezes transmitindo notícia do “Coordenador de Ruptura Rápida”, o pseudônimo de um dos cientistas que trabalhavam na bomba de plutônio.

O memorando daquele dia confirmava outro recente de “Juiz” (Capitão Parsons), dando detalhes de como o “alvo” para “Garotinho” (A bomba de urânio) deveria seguir para “Destino” (Tinian). “Garotinho” era apenas um dos muitos nomes dados à bomba. Era também conhecida como

“engenhoca”, “artefato”, “a besta” (frequentemente usado pelos cientistas que agora faziam crítica ao projeto), “S-1” (preferido por Stimson) e “ela” (usado pelos homens do 509.º, ainda ignorando a verdadeira natureza da bomba).

Groves originalmente chamara a bomba de urânio de “Homem Magro”, por causa de Roosevelt. Quando se tornara necessário encurtar o cano do canhão da bomba, Groves a rebatizara de “Garotinho”. A bomba de plutônio, desde a sua concepção, era conhecida como “Homem Gordo”, por causa de Churchill.

O trabalho para a bomba na Inglaterra estava oculto sob o disfarce de “Diretoria de Válvulas Eletrônicas”.

Saber quem era quem e o que era o que no mundo codificado do Projeto Manhattan era difícil até mesmo para alguém de boa memória como Tibbets.

Mas as instruções que recebia agora eram bastante claras. Um dos B-29 ainda em Wendover levaria determinadas partes da bomba que ainda não tinham sido embarcadas. O resto iria nos aviões- transporte C-54 do 509.º.

Tibbets designou as tripulações para os vôos e depois preparou-se para viajar até Alamogordo, a fim de assistir ao teste de “Homem Gordo”.

Quando já estava tudo pronto para sua partida para o Novo México, ele recebeu uma mensagem inesperada e urgente de Tinian. Estava assinada por Ferebee, o único homem, acima de todos os demais integrantes do 509.º, em cujo julgamento Tibbets confiava. O bombardeador, que acabara de chegar a Tinian, era sereno e refletido, não entrando em pânico por qualquer coisa. Assim, não se podia subestimar a gravidade das palavras de Ferebee, insistindo para que Tibbets voasse com toda urgência para Tinian, a fim de enfrentar uma crise de grandes proporções. Parecia que o 509.º ia ser substituído na missão atômica.

Parando apenas para enviar uma mensagem codificada a Groves, informando de que não poderia ir a Alamogordo, Tibbets iniciou uma viagem de quase 10 mil quilômetros até Tinian. Não passara os 10 últimos

meses trabalhando até a exaustão, sacrificando a família, o lazer e as amizades, para que alguém lhe arrebatasse a missão atômica no último instante.

8

Aproveitando como iluminação os raios que intermitentemente cortavam a escuridão, antes do amanhecer daquele dia 16 de julho, muitos dos 425 cientistas e técnicos reunidos na área de teste de Alamogordo, Novo México, esfregaram cuidadosamente loção de bronzear nas mãos e rosto. Embora alguns estivessem a mais de 30 quilômetros de distância, receavam que o clarão intenso pudesse provocar-lhes queimaduras. Mas esse seria o menos nocivo dos efeitos secundários. Todos sabiam que a precipitação radioativa, posterior ao clarão, podia matar. Se os alcançasse, nenhuma loção ou poção poderia impedir que fossem contaminados.

Como ninguém sabia exatamente quais os limites de uma reação em cadeia nuclear não-controlada, admitia-se que a destruição poderia estender-se além daquela área semidesértica, que Groves e os cientistas chamavam de Local S e que os nativos conheciam como Jornada del Muerto. Mesmo os cientistas que acreditavam, como Groves, que a primeira explosão atômica do mundo não se espalharia por uma área além da prevista, partilhavam a sensação geral de que estavam dando um salto para o desconhecido.

A 15 quilômetros da base em que Groves e Oppenheimer passaram a maior parte daqueles primeiras horas de 16 de julho, estava a bomba de plutônio, sobre uma plataforma de aço, com 30 metros de altura. Aquele ponto do deserto tinha o nome em código de “Ponto Zero”.

Em meados de maio, quando a estrutura metálica ainda estava sendo construída, a Força Aérea bombardeara o local, pensando erroneamente que fosse uma área para exercícios de bombardeio. Duas construções haviam sido atingidas e ocorrido incêndios. Mas, milagrosamente, não houvera

qualquer baixa. Alguns dias depois, durante um teste usando uma bomba convencional, um raio atingira a torre e provocara a explosão prematura da bomba. Também não houvera vítimas.

Agora, com o teste marcado para duas horas da madrugada, todos torciam para que não ocorressem mais contratemplos. Mas o tempo estava piorando cada vez mais. Raios foram acompanhados por uma chuva forte. Chuvas esporádicas poderiam constituir um grave perigo, afetando os circuitos elétricos que levavam à bomba; chuvas intensas poderiam impedir inteiramente o teste.

Era mais uma preocupação para Groves, já aborrecido porque Tibbets não estava em Alamogordo. E por causa do tempo, o B-29 que Tibbets ordenara que estivesse no ar por ocasião da explosão, teria de ficar em terra. Assim, não haveria possibilidade de se prever o efeito sobre o avião da bomba que seria lançada no Japão.

Groves mostrava-se ainda mais irritado pela maneira como alguns cientistas pressionavam Oppenheimer, numa tentativa de conseguir o adiamento do teste. O brilhante físico estava agora extremamente tenso.

O general decidiu assumir um papel a que não estava acostumado: o do homem que iria dissipar a tensão. Agarrando firmemente seu diretor científico pelo braço, o chefe do projeto levou-o a dar uma volta pela base, assegurando-lhe que o tempo iria melhorar. A opinião de Groves era a seguinte:

Todo o pessoal estava num ponto máximo de tensão e excitação. Um adiamento inevitavelmente resultaria num desânimo que afetaria a eficiência de todos. ... Não haveria simplesmente a possibilidade de proteger adequadamente nosso pessoal e a comunidade local ou manter a mesma segurança rigorosa, se o teste fosse adiado. ... (Outra) preocupação era o efeito do adiamento do teste em nossa programação de bombardeio do Japão. Nossa primeira bomba de combate era de urânio 235. Embora um teste bem-sucedido da bomba de plutônio, sem as complicações de um lançamento aéreo, não fosse uma garantia, pelo menos seria um fator de

tranquilização . Além disso, reforçaria nossas garantias ao Presidente quanto à provável eficácia. O fracasso do teste poderia tornar mais forte o argumento de alguns, particularmente do Almirante Leahy, de que estávamos sendo excessivamente otimistas e que deveríamos esperar por um teste bem-sucedido. Afinal, era a primeira vez na história, desde o Cavalo de Tróia, que uma nova arma seria usada sem qualquer teste anterior.

* * *

O teste foi adiado, enquanto os angustiados meteorologistas tentavam prever as condições na hora seguinte.

Finalmente, foi marcado para aproximadamente 5:30 horas da manhã.

Às 5:25, os observadores que ainda estavam em terreno aberto ocuparam suas posições finais, deitando-se no chão, os rostos virados para baixo, os pés voltados para a direção da explosão.

Às 5:29 entrou em funcionamento o último dos mecanismos automáticos de tempo. Faltavam 45 segundos para a explosão.

Oppenheimer e sua equipe principal esperavam numa casamata de concreto, muito tensos. Groves estava numa trincheira a pouca distância do diretor científico, porque “queria que estivéssemos separados em caso de haver problemas”.

5 horas, 29 minutos, 35 segundos.

De outro abrigo, um homem falou pelo microfone ligado aos quatro abrigos em torno da área:

Zero menos 10 segundos.

Um clarão esverdeado riscou o céu, sob as nuvens baixas, iluminando rápida e fantásticamente a escuridão.

5 horas, 29 minutos, 40 segundos.

— Zero menos cinco segundos.

Houve um segundo clarão.

5 horas, 29 minutos, 43 segundos.

O silêncio e a escuridão reinavam novamente sobre o deserto. 5 horas, 29 minutos, 44 segundos.

As 5 horas, 29 minutos e 45 segundos tudo aconteceu de uma o vez. Foi rápido demais para que os observadores pudessem distinguir. Nenhum olho humano pode diferenciar entre milionésimos de segundo. Nenhum cérebro humano registra essa fração de tempo. Ninguém, portanto, viu realmente o primeiro relâmpago de fogo cósmico. O que todos notaram foi o ofuscante reflexo nas colinas no redor. O observador do New York Times disse que foi:

uma luz que não era deste mundo, a luz de muitos sóis reunidos em um. Foi um nascer-do-sol como o mundo jamais tinha visto, um imenso supersol verde subindo numa fração de segundo para uma altura de mais de 2.500 metros, continuando a se elevar ainda mais alto até encostar nas nuvens, iluminando a terra e o céu ao redor com uma luminosidade ofuscante. Era uma grande bola de fogo com cerca de 1500 metros de diâmetro, mudando de cor à medida que subia, de púrpura a laranja, expandindo-se, ficando maior, elevando-se enquanto se expandia, uma força elementar libertada de seus grilhões, depois de estar acorrentada por bilhões de anos. Por um instante fugaz, a cor foi de um verde que não era deste mundo, como o que só se pode avistar na coroa do sol durante um eclipse. Era como se a terra se tivesse aberto e o céu fosse rompido. Tinha-se a sensação de ser um privilegiado por testemunhar o nascimento do Mundo . . . de estar presente no momento da Criação em que o Senhor disse: Faça-se a Luz!

Muitos observadores ficaram paralisados, pregados ao chão por uma mistura de medo e respeito pela imensidade do espetáculo. Oppenheimer recordou uma frase do Bhagavad Gita, o épico sagrado dos hindus: “Eu me tornei a morte, a destruidora de mundos.”

A nuvem sinistra continuou a se expandir e a subir, as pressões internas encontrando vazão num cogumelo depois do outro, finalmente desaparecendo no céu do amanhecer, a mais de 12 mil metros de altura. No Ponto Zero, a temperatura, no momento da explosão, fora de 100 milhões de graus Fahrenheit, três vezes mais quente do que o interior do sol e 10 mil vezes mais do que o calor na superfície.

Dentro de um raio de 1500 metros do Ponto Zero, toda a vida, vegetal e animal, desaparecera. Em torno do que fora antes a base da torre, a areia havia sido comprimida, formando uma espécie de pires branco de tão quente, com cerca de 500 metros de diâmetro. Nunca antes existira uma areia como aquela sobre a face da Terra. Quando esfriou, transformou-se numa substância vítrea, coloração verde-jade, desconhecida dos cientistas.

A torre de aço, imune a qualquer calor conhecido na era pré-atômica, transformara-se em gás e se dispersara.

Groves foi um dos primeiros que recuperaram o controle. Virou-se para seu assistente, General Thomas Farrell, e fez uma predição.

— A guerra terminou. Uma ou duas explosões assim, e o Japão estará liquidado.

Furman e Nolan, os dois jovens especialistas do Projeto Manhattan que estavam escoltando alguns dos componentes vitais da bomba para Tinian, ficaram observando os preparativos finais para a partida do Indianapolis.

Não sabendo muita coisa a respeito de navios e canhões, Furman e Nolan ficaram impressionados com a elevada superestrutura e com as baterias de canhões de oito polegadas do Indianapolis. O cruzador era a nave capitânia, do Almirante Raymond A. Spruance, Comandante da 5.a Esquadra. Ele estava no momento em Guam, ajudando a planejar a invasão do Japão. Felizmente, os dois ignoravam que o Almirante achava que o centro de gravidade do navio era alto demais, o que faria com que emborcasse e afundasse rapidamente, se atingido em cheio por um torpedo.

O grande problema do Indianapolis era a idade. Sua quilha fora lançada ao mar em 1932, muito antes do advento do radar. Para que pudesse permanecer no serviço ativo, haviam ajustado diversos equipamentos ao navio, depois de Pearl Harbor. A superestrutura estava repleta de mecanismos de radar, que eram eficazes, mas muito pesados. Para aqueles que o conheciam bem, o venerando navio de guerra parecia estar sempre correndo o risco de emborcar. Era uma estranha escolha para transportar os componentes cruciais da arma mais sofisticada do mundo.

Para Furman e Nolan, a viagem até Tinian se apresentava com todos os elementos de um cruzeiro de luxo. Nada teriam para fazer, além de se revezarem na vigilância do tubo de chumbo que continha o projétil de urânio. O recipiente fora soldado no chão do espaçoso camarote que eles ocupavam. O caixote contendo o canhão da bomba estava preso no tombadilho, vigiado por fuzileiros 24 horas por dia. Havia um homem armado em cada quina do caixote, o que fazia com que parecesse um esquife.

Os rumores espalharam-se por todo o navio. Nos alojamentos e refeitórios, faziam-se apostas sobre a natureza da misteriosa carga. Dizia-se que era qualquer coisa, desde um foguete secreto até ouro para “subornar os japoneses e fazer com que se rendam”.

Até mesmo o Comandante do navio, Capitão Charles Butler McVay III, de 46 anos, também não sabia coisa alguma sobre a carga misteriosa e por que

estava fazendo aquela viagem sem escalas até as Marianas.

No dia anterior, Parsons viera de Los Alamos para dar instruções a McVay. Os dois se encontraram no gabinete do Almirante William Purnell, no Embarcadero, em São Francisco. Parsons explicara a missão em palavras que McVay jamais iria esquecer:

— Seguirá a toda velocidade para Tinian, onde sua carga será apanhada por outros. Não saberá o que é a carga, mas deverá protegê-la a qualquer custo, mesmo que tenha de sacrificar seu navio. Se este por acaso afundar, salve a carga de qualquer maneira, nem que seja em escaleres. E não se esqueça de que cada minuto que conseguiu encurtar na viagem será menos um minuto para o término da guerra.

Aturdido, mas tendo o bom senso de não fazer perguntas, McVay voltara a seu navio ainda procurando imaginar o que seria a carga e por que o Indianapolis fora escolhido para transportá-la.

O acaso é que determinara a escolha do Indianapolis. Estava disponível e, do ponto de vista de espaço e velocidade, era conveniente. Mas ninguém podia ter certeza se o velho cruzador se recuperara plenamente das avarias sofridas em Okinawa, quando um avião kamikaze matara nove tripulantes e abria dois rombos no casco. Os operários de Mare Island, o grande estaleiro de reparos da Costa do Pacífico, instalaram um novo tombadilho de bombordo, equipamentos de rádio e radar e mecanismo de combate a incêndios. O Indianapolis recebera também uma nova “equipe”. O Capitão McVay e outros oficiais ainda permaneciam na tripulação, porém mais de 30 oficiais, quase a metade do efetivo do navio, e cerca de 250 marinheiros e graduados haviam embarcado, em substituição aos veteranos de Okinawa. A maioria dos novos oficiais era recém-saída da Academia Naval. Muitos dos marinheiros tinham recebido apenas um treinamento básico.

McVay planejara prepará-los numa série de exercícios ao largo da costa da Califórnia. Mas esses planos foram cancelados. Com oficiais e tripulantes inexperientes, com um navio que praticamente não fora testado no mar depois de receber consideráveis reparos, ele teria que zarpar imediatamente para o Pacífico.

O capitão mandou chamar Nolan, que lhe disse, por sugestão de Parsons, que não era um oficial de artilharia, mas sim do “serviço médico”, assegurando que a carga nada continha que pudesse representar algum perigo para o navio ou a tripulação.

McVay fitou Nolan atentamente, antes de comentar:

— Não creio que usemos armas bacteriológicas nesta guerra. Nolan não respondeu. Voltou para o camarote em que estava Furman, de vigia ao tubo de chumbo, deixando McVay tão confuso quanto antes.

Exatamente às oito horas da manhã, o Indianapolis levantou âncora. Trinta e seis minutos depois, passou sob a Ponte Golden Gate, seguindo para o alto-mar.

10

Pouco depois de sua chegada a Potsdam, na manhã de segunda-feira, 16 de julho, Churchill fez uma rápida visita a Truman. Era a primeira vez que os dois se encontravam. Truman “simpatizou imediatamente” com Churchill, que tratou de estabelecer “um relacionamento amigável” com o Presidente americano, demonstrando “uma acentuada disposição para concordar ao máximo possível”.

Os dois líderes mundiais se separaram, depois de conversar sobre a notícia de que Stalin não passava bem, e chegaria um dia atrasado para a conferência. Os dois achavam, acertando em cheio, que o líder soviético estava-se recuperando de um pequeno distúrbio cardíaco.

Truman aproveitou o adiamento da conferência para visitar as ruínas de Berlim. Ficou bastante impressionado, comentando que tanta destruição era “uma amostra do que pode acontecer quando um homem (Hitler) se excede”.

Ao voltar a Babelsberg, Truman recebeu uma mensagem por intermédio de Stimson, que acabara de chegar de Washington. A mensagem transformava Truman no mais poderoso dos três líderes que em breve iriam sentar-se na mesa de negociações.

A mensagem dizia:

OPERADA ESTA MANHÃ. DIAGNÓSTICO NÃO COMPLETO MAS RESULTADOS PARECEM SATISFATÓRIOS E JÁ EXCEDEM EXPECTATIVAS. NOTICIA PARA IMPRENSA LOCAL NECESSÁRIA POIS INTERESSE SE ESTENDE A GRANDE DISTÂNCIA. DR. GROVES SATISFEITO. ELE VOLTA AMANHÃ. VOU MANTÊ-LO INFORMADO.

FIM

A mensagem comunicava a Truman que o teste em Alamogordo fora um sucesso, a tal ponto que fora necessário distribuir á imprensa uma notícia previamente preparada, dizendo que um paiol explodira, “produzindo um clarão e uma explosão” que tinham sido observados a mais de 300 quilômetros de distância.

Ao ler a mensagem, Truman compreendeu que “os Estados Unidos estavam de posse de uma força explosiva de uma potência sem precedentes”. Ele mandou que Stimson respondesse, e a seguinte mensagem partiu de Potsdam:

ENVIO MEUS CALOROSOS PARABÉNS AO DOUTOR E A SEUS ASSISTENTES.

Ao meio-dia de terça-feira, enquanto Stimson se encontrava com Churchill e lhe apresentava a boa notícia de Alamogordo, Stalin fez uma visita a Truman.

O Presidente americano ficou bastante impressionado com o líder soviético, e achou que poderia “conversar com ele francamente. Stalin me fitava nos olhos quando falava e senti a esperança de que poderíamos chegar a um acordo que seria satisfatório para o mundo e para nós mesmos”.

Mas Truman não ficou impressionado o suficiente com Stalin para confidenciar-lhe que acabara de saber da explosão bem-sucedida da primeira bomba atômica. Também não o fez mais tarde, no se encontrarem novamente para a sessão inicial da Conferência de Potsdam.

Não que isso fizesse muita diferença. Os russos já sabiam da bomba atômica, através da traição de alguns cientistas do Projeto Manhattan, que estavam fornecendo informações secretas à União Soviética. Os cientistas russos empenhavam-se numa tentativa de alcançar os americanos.

* * *

Naquela noite, Truman analisou os resultados de Alamogordo com Stimson, o Secretário de Estado Byrnes e o Almirantes Leahy, que se recusara obstinadamente a acreditar que a bomba atômica pudesse funcionar. Ao jantar, os Chefes do Estado-Maior Conjunto General Marshall, General Arnold e Almirante King — participaram também da conversa.

Truman se absteve de perguntar a Leahy se não desejava agora fazer uma revisão de suas previsões anteriores. Em vez disso, tratou de cuidar de outros problemas, como diria mais tarde:

Fizemos uma revisão de nossa estratégia militar, à luz desse desenvolvimento revolucionário... não sabíamos ainda qual o efeito que a nova arma poderia ter, física ou psicologicamente, quando usada contra o inimigo. Por esse motivo, os militares aconselharam que deveríamos prosseguir com a execução dos planos para a invasão das ilhas do Arquipélago japonês.

Os dados tinham sido lançados. A bomba estava pronta. Não haveria mais testes para indicar o que poderia fazer na guerra. Se os japoneses não reagissem positivamente ao apelo final para a rendição, que Truman estava planejando fazer, então o Presidente teria que assumir a responsabilidade da decisão pelo uso ou não da nova arma.

11

Ferebee foi ao encontro de Tibbets assim que o avião aterrou em Tinian, a 18 de julho, depois de uma viagem de três dias desde Wendover. E suas primeiras palavras foram:

— As notícias são péssimas, Paul.

Depois de ouvir o que Ferebee tinha a dizer, Tibbets compreendeu que fizera bem ao largar tudo e vir correndo para Tinian. O futuro do 509.º estava em perigo, como Ferebee disse:

— Então tentando destruir sua unidade, Paul.

Estava em andamento um esforço determinado para acabar com o 509.º e redistribuir as equipes de vôo e de terra por outros grupos baseados na ilha.

Diversas razões eram apresentadas para essa tentativa surpreendente: os aviadores do 509.º se iriam beneficiar por trabalharem junto com veteranos em combate; eram necessários para preencher os lugares vagos deixados pelas tripulações que desapareceram sobre o Japão; as equipes de terra ajudariam os mecânicos dos outros grupos, assoberbados de trabalho pelo fluxo interminável de bombardeiros que erguiam vôo em missões de combate.

Tibbets desconfiava de que todas essas razões não passavam de pretextos. Como Ferebee, o coronel agora achava que o problema era causado pela inveja dos outros diante da situação especial do 509.º.

O problema fora agravado por um atrito recente entre Ferebee e LeMay, em Guam. Os dois se conheciam da Europa, e o respeito mútuo era grande. Baseava-se em parte no fato de que, apesar da distância considerável de posto entre o Major Ferebee e o General LeMay, eles sempre se haviam falado com toda franqueza.

LeMay conseguira irritar Ferebee, lançando dúvida sobre a capacidade de Tibbets de voar a missão atômica. Ferebee explodira:

— Escute, General, escute bem! Se o Coronel Tibbets não está qualificado para a missão, então também não estou, ninguém está! Não existe ninguém qualificado em toda a Força Aérea nem na Marinha!

LeMay dissera a Ferebee que se acalmasse.

O conselho não fora acatado. O bombardeador continuava furioso, ainda mais agora que soubera de “uma tentativa da Marinha de fazer com que seus homens voem a missão”.

Tibbets conhecia o piloto naval escolhido pela Marinha... e não gostava dele. Para Tibbets, o aviador da marinha era “uma primadona, a personalidade errada para a missão”.

Tibbets prometeu a Ferebee que iria falar com LeMay “amanhã e acertar tudo de uma vez por todas”.

* * *

A volta de seu comandante foi como um tônico para o 509.º. As zombarias das outras unidades haviam aumentado. À noite, alguns aviadores costumavam jogar pedras nos telhados dos alojamentos do 509.º, ao passar pelo Campo Norte, a caminho de outra missão sobre o Japão.

O popular substituto de Tibbets, Tenente-Coronel Tom Classen, tentara atenuar a crise. Tibbets tinha a impressão de que Classen estava achando quase insuportável a tensão de um segundo turno no exterior, na frente de combate.

O oficial de informações do grupo, o gordo Tenente-Coronel Hazen Payette, também desapontara Tibbets. Payette era um advogado experiente e sempre se preocupava com fatos, não com sentimentos; com resultados, não com desculpas. Em Tinian, ele levava isso a um excesso.

— Ao tentar manter os homens na linha, ele pisou em muitos pés — foi o comentário do operador de rádio Dick Nelson sobre o comportamento de Payette.

Este também conseguira irritar o Coronel E. E. Kirkpatrick, o representante de Groves em Tinian, o homem que fizera milagres para preparar as instalações da ilha para o 509.º, antes e desde sua chegada.

Tibbets não sabia que Groves estava recebendo relatórios regulares do 509.º enviados por Kirkpatrick. Era um exemplo clássico da maneira como Groves operava: em seu mundo perfeito, todo mundo vigiava todo mundo.

Para o 509.º, Kirkpatrick era apenas mais um oficial estranho agregado à unidade. Cientistas de Los Alamos, homens que o pessoal do 509.º praticamente jamais vira antes, estavam aparecendo toda hora em Tinian e se instalando na área reservada ao grupo.

A presença dos cientistas criava um trabalho burocrático inesperado para o oficial de rancho Charles Perry. Ele recebera ordens escritas da Diretoria de Intendência, com sede em Washington, para cobrar 35 cents por cada refeição que os civis comessem, fazendo recibos e enviando relatórios completos para a América.

Perry achava que isso era “simplesmente uma estupidez”. Ele não desconfiava de que, por trás de tudo isso, havia uma contínua preocupação do Projeto Manhattan pelo uso de cientistas civis trabalhando ao lado de militares, para construir e empregar uma arma militar. Em Los Alamos, muitos cientistas recusavam-se a usar uniforme. Ali em Tinian, usavam uniformes cáquis, sem insígnias nem identificações.

O pagamento das refeições contribuía para manter “distância” entre os cientistas civis e os militares.

Beser não tinha paciência com tais escrúpulos. Em sua opinião, era “apenas uma questão de querer jogar com um pau de dois bicos. Na verdade, eles faziam parte do esforço de guerra americano, como todo mundo”.

Nas sete semanas em que estava em Tinian, Beser realizara apenas alguns vôos curtos, para verificar seus equipamentos. O mais próximo que estivera de alguma ação fora quando uma solitária bateria antiaérea de Rota abriu fogo contra seu B-29, voando muito alto para ser atingido.

Alguns dias antes, um amigo no 504.º convidara Beser a voar em sua companhia, como passageiro, num ataque com bombas incendiárias ao Japão.

Classen e Sweeney, agora no comando do 393.º Esquadrão de Bombardeio Pesado, recusaram permissão a Beser.

O tenente achou que a súbita chegada de Tibbets era uma sorte. O coronel poderia conceder-lhe permissão a tempo, pois o ataque estava marcado para aquela noite. Foi procurar Tibbets no alojamento e apresentou novamente o pedido.

— Lamento, Jake, mas você não pode ir.

Beser ficou desesperado.

— É apenas um ataque, Coronel. ..

— Não.

Tibbets recostou-se em sua cama, dando a entender que o assunto estava encerrado.

Beser interpretou erroneamente o gesto. Pensou que Tibbets estava simplesmente cansado da viagem desde Wendover e que poderia conceder-lhe a permissão com mais um pouco de persuasão .

— Paul, estou querendo apenas ir numa única missão, só para ver como é.

Tibbets levantou-se da cama de um pulo.

— Mas que diabo, Tenente Beser! Eu já disse que não e é não mesmo! E agora suma daqui e vá cuidar de sua vida! E da próxima vez em que vier apresentar-me um pedido, trate-me de Coronel Tibbets! Entendido?

Amargurado, Beser deixou o alojamento e espalhou a notícia de que “o Velho está um bocado nervoso”.

* * *

As longas ausências de Tibbets haviam convencido Lewis de que, quando chegasse o momento da grande missão, o comandante não estaria a bordo e ele próprio levaria o avião. As razões de Lewis para chegar a essa conclusão estavam baseadas em diversas premissas.

Achava que sua folha de serviços e a de sua tripulação ajustavam-se perfeitamente à missão. Além disso, imaginava que Tibbets se contentaria em ser “um comandante de cadeira, planejando a operação, mas deixando a execução aos homens que voavam regularmente os B-29”.

Lewis concluiu também, que Tibbets “não tinha um avião”. Tecnicamente, isso era verdade. O comandante do 509.º não reservara um bombardeiro para si mesmo; em vez disso, preferia voar quase sempre com Lewis. Na opinião de Tibbets, isso deixava bem claro para qualquer um que tivesse “um mínimo de juízo que Lewis e seus rapazes eram realmente a minha tripulação. Quando eu estava a bordo, Lewis era o co-piloto e a direção do aparelho era minha”.

Lewis interpretou a questão “de modo um tanto diferente. Primeiro, Tibbets nunca havia estado em meu avião desde que eu o recebera da fábrica; segundo, ele não tinha voado conosco sobre Tinian; terceiro, eu era capaz de voar tão bem quanto ele — ou tão bem quanto qualquer outra pessoa.

Somente Eatherly igualava Lewis na ansiedade em participar da missão. Ele até mesmo batizara seu B-29 de Straight Flush, em parte por causa de sua paixão pelo jogo e em parte porque achava que sua tripulação era a melhor do grupo.

Quaisquer que fossem os padrões de vôo alcançados pelos homens do Straight Flush, ninguém os igualava na boa vida que levavam em terra. Através dos bons ofícios de Eatherly, eles haviam herdado um grupo de cinco enfermeiras em Tinian. Numa ilha repleta de homens desesperados por companhia feminina, era o melhor presente que Eatherly lhes poderia dar. Os oficiais, equipados com perfumes e meias de seda trazidos da América, “chegaram, viram e venceram”, nas palavras do engenheiro de vôo Eugene Greennan.

A partir desse momento, passaram a viver “nos braços das deusas que nos esperavam”.

Para os outros oficiais, as noites em Tinian eram compridas. Alguns, como o navegador Russell Gackenbach, aliviavam o tédio fazendo intermináveis brincadeiras. A especialidade dele era insinuar-se pela escuridão da noite e jogar sinais luminosos nas fogueiras que ficavam acesas por todo o conjunto durante a noite. As explosões dos sinais luminosos criavam bastante pânico . . . e divertiam muito a Gackenbach.

Caron imaginou uma maneira diferente de passar suas noites. Quando não estava assistindo a um filme, removia, furtivamente, tábua por tábua, partes do clube dos oficiais, a fim de fazer um alpendre em seu alojamento. O trabalho estava indo muito bem e ele esperava que ficasse concluído antes do dia da missão. Se fosse o escolhido, planejava usar o novo quepe da equipe de beisebol do Brooklyn Dodgers que acabara de receber.

O engenheiro de vôo Duzenbury encontrara a maneira potencialmente mais perigosa de passar suas horas de folga. Apesar de ter sido informado de que os japoneses em Tinian haviam matado recentemente dois soldados americanos, ele fazia excursões noturnas com alguns amigos, todos armados com carabinas, saindo pela selva à procura de souvenirs, “armas e baionetas japonesas”. Até aquele momento, em suas buscas em cavernas, Duzenbury já descobrira três garrafas de saque, mas não apreciara o gosto.

* * *

Ao cair da noite de 18 de julho, Tibbets recebeu uma mensagem em código. Era de Groves. Informava que o teste em Alamogordo fora um sucesso. Tibbets foi dormir sabendo que “a próxima explosão atômica seria para valer”.

12

A confrontação de 19 de julho entre Tibbets e LeMay foi rápida e direta. Tibbets explicou que era necessário que o 509.º fosse deixado em paz e intacto, que esperava que não houvesse mais “intromissões” e que ele tencionava voar a primeira missão atômica.

LeMay discutira com Groves um mês antes a questão de quem estaria no comando assim que a arma estivesse pronta para ser usada em combate. LeMay achava que “era um direito meu, já que tinha vindo parar na minha área”. Groves discordava.

LeMay ainda não compreendia por que Groves e os outros em Washington queriam entregar a bomba a uma unidade que não fora testada em combate sobre o Japão. Mas podia perceber que "entregá-la agora a alguém mais era algo que eles não poderiam engolir”.

Decidiu concordar com o pedido de Tibbets, com uma única condição. Naquele mesmo dia, LeMay mandaria seu oficial de operação, Coronel William “Butch” “só para ter certeza de que vocês sabem mesmo o que estão fazendo”.

Tibbets não se apressou nas verificações pré-vôo. Atrás dele, sentado numa pilha de almofadas, Blanchard escutava atentamente cada instrução, observando as reações da tripulação.

Lewis estava na cadeira do co-piloto. Van Kirk encontrava-se na mesa do navegador, Ferebee no posto do bombardeador, Duzenbury no painel do engenheiro de vôo, Nelson no rádio, Shumard e Stiborik nas torres transparentes, Caron na torre da cauda.

No compartimento de bombas, havia apenas uma única bomba arrasa-quarteirão, cheia de alto explosivo. Os tanques de combustível estavam cheios o bastante para uma viagem de ida-e-volta até Rota.

Tibbets taxiou até a cabeceira da pista. Depois de receber autorização para a decolagem, avançou com o B-29 pela pista central do Campo Norte. No momento em que as rodas estavam prestes a deixar o solo, Tibbets mudou o compasso de um dos motores. Muitos dos desastres de decolagem em Tinian ocorriam porque um motor falhava naquele momento crítico. Tibbets dominou a guinada do avião, endireitou-o e decolou sem maiores problemas.

Ordenou em seguida que um segundo motor fosse cortado. Do mesmo lado.

— Sim, senhor! — gritou Duzenbury.

Impelido apenas por dois motores, ambos na mesma asa, o gigantesco avião, carregando sua bomba de cinco toneladas, começou a subir, muito lentamente.

Inclinando o B-29, a asa com os motores silenciosos apontando para Tinian lá embaixo, Tibbets proporcionou a Blanchard uma excelente vista do que era agora o maior aeroporto operacional do mundo.

Blanchard não estava interessado em paisagens. Seus olhos estavam fixados nas duas hélices movimentadas suavemente pelo vento.

Tibbets piscou para Lewis . . . e aumentou a inclinação do bombardeiro. Blanchard chamou Tibbets pelo interfone:

— Estou satisfeito com o desempenho de motor. Vamos logo para Rota.

Tibbets nivelou e, a toda força, o B-29 seguiu para a pequena ilha ainda em poder dos japoneses. Chegou no ponto inicial exatamente na hora prevista por Van Kirk. Tibbets chamou Blanchard:

— Acho que podemos concordar que não houve absolutamente nenhum erro de navegação.

— Certo.

— Agora, é a vez de Ferebee.

O bombardeador estava no nariz do aparelho, com a cabeça grudada no visor.

De 10 mil metros de altitude, a bomba mergulhou verticalmente. Blanchard ficou observando-a até atingir o alvo.

— Caiu tão perto do alvo que nem precisava fazer qualquer comentário — disse Tibbets mais tarde.

Em seguida, sem avisar o passageiro, Tibbets efetuou a costumeira volta de 155 graus.

Blanchard deixou escapar um grito estrangulado.

— O que... o que está acontecendo? — A maldita cauda está-me estolando!

— Como assim?

Blanchard, grudado nas almofadas pela força centrífuga, sentiu o avião estremecer como se estivesse prestes a se desfazer em pedaços .

Tibbets gritou-lhe:

— É a única maneira que tenho de fazer uma volta fechada! Tenho de manter a cauda estolando e só assim poderei saber que está tudo certo! Gostaria que eu fizesse de algum outro jeito?

— Não, obrigado. Já chega. Estou satisfeito.

— Mas ainda não acabamos!

Completando a volta, Tibbets puxou a alavanca de controle para trás, fazendo com que o gigantesco bombardeiro subisse e entrasse num estol assustador. Por um momento, parecia apoiado sobre a cauda. Blanchard empalideceu.

— Pelo amor de Deus! Vai-nos matar!

Julgando o momento apropriado, Tibbets nivelou o B-29 e voltou para Tinian. Aterrou 15 segundos depois do horário previsto por Van Kirk.

Blanchard não disse nada até estar novamente com os pés em terra firme:

— Já provou do que é capaz.

Tibbets riu, certo agora de que Blanchard não mais contestaria sua autoridade.

* * *

Tibbets escolheu 10 tripulações para voarem as primeiras missões do 509.º sobre o Japão, a 20 de julho. Cada aparelho voou separadamente, contra um alvo predeterminado. O objetivo era acostumar os aviadores ao combate, e os japoneses a verem aviões solitários em grandes altitudes e lançando uma única bomba.

As tripulações tinham ordens para, se por acaso os alvos indicados estivessem inviáveis pelas condições do tempo, não lançarem suas bombas arrasa-quarteirão, “em hipótese alguma”, sobre Hiroxima, Kyoto, Kokura e Niigata. Afora isso, podiam escolher qualquer outro alvo.

Eatherly escolheu Tóquio . . . e o palácio do Imperador. Estava completamente indiferente ao fato de que seu plano era contra a política oficial dos Estados Unidos, podia afetar a Conferência de Potsdam e, o que talvez fosse muito mais importante, reforçar a vontade de resistir dos japoneses.

Somente um pensamento passou pela cabeça de Eatherly. Se tivesse sucesso, teria garantido um lugar na história. Achava que poderia até terminar a guerra.

Eatherly circulou a 10 mil metros de altitude, ao sul de Tóquio, enquanto seu navegador plotava um curso que permitiria ao Straight Flush lançar sua bomba de quatro mil quilos diretamente em cima do palácio do Imperador.

O navegador, Francis Thornhill, estava tendo dificuldades. Tóquio, como o alvo original que lhes fora designado, estava coberta por nuvens.

O bombardeador Ken Wey disse que não podia ver aberturas nas nuvens.

— Então lance a bomba pelo radar! — ordenou Eatherly.

— Está certo.

Wey alinhou o Straight Flush para um lançamento pelo radar e soltou a bomba. Eatherly, gritando de excitação, lançou imediatamente o B-29 numa volta de 155 graus.

Deixaram a área de Tóquio sem conseguir ver onde a bomba tinha caído.

13

Kizo Imai, o Suboficial da Marinha Imperial japonesa que estava escondido em Tinian, esperou até que as imagens aparecessem na tela do cinema ao ar livre. Depois, avançando com rapidez e segurança, deixou a selva e dirigiu-se para a cerca de arame farpado.

Deslizou os dedos pelo arame. A falha ainda estava ali. Imai passou pela cerca, espremendo-se todo, tomando todo cuidado para não rasgar as roupas. Não queria deixar nenhuma pista para os guardas que patrulhavam o conjunto do 509.º.

Imai rastejou de barriga até a cabana de metal mais próxima. Parou ali e verificou cuidadosamente a si mesmo e aos arredores.

A lama que passara no rosto, pescoço, botões e fivela do cinto, ainda estava no lugar, assim como os sacos que prendera nos pés, para amortecer seus passos. Imai duvidava de que, no escuro, alguém pudesse vê-lo de mais que alguns passos de distância. Mesmo que isso acontecesse, se tivesse sorte, poderia matar antes que fosse dado o alarme. Levava uma pequena faca no cinto justamente para isso.

Imai afastou-se da cabana, correndo meio agachado, parando de vez em quando para se orientar. Atrás de si, podia ouvir claramente a trilha sonora do filme. O clarão da tela delineava os contornos das cabanas mais próximas.

Como um cão farejando um osso, o nariz de Imai orientou-o na direção das cozinhas de Perry. Encontrou uma porta aberta e entrou.

Sobre a mesa, havia diversas galinhas assadas. Ele pegou duas e meteu-as dentro da túnica. Estava estendendo a mão para pegar outra quando ouviu um barulho. Saiu correndo, no momento em que alguém entrava por outra porta.

Imai voltou furtivamente por onde viera, parando à sombra da cabana mais próxima da abertura na cerca para vasculhar uma lata de lixo. Encontrou um pedaço de salame defumado, uma lata pela metade com geléia e algumas castanhas. Envolveu tudo, cuidadosamente, com um jornal velho, guardou dentro da túnica e da calça. Começou a avançar para a cerca.

Uma voz deteve-o. As palavras eram em inglês, mas o sotaque era inconfundível: a voz pertencia a uma mulher japonesa.

Imai sentiu um excitação súbito ao ouvir a voz da Rosa de Tóquio, captada em um rádio num alojamento próximo, fazendo sua transmissão noturna do Japão.

Bastante animado, Imai fugiu para a selva. Estava ansioso em voltar para a caverna e ler o jornal americano que roubara, à procura de notícias sobre um avanço japonês na direção de Tinian.

* * *

Agrupados em torno do rádio, Eatherly e sua tripulação escutavam impacientemente a diatribe da Rosa de Tóquio. Finalmente, ela deu a notícia que estavam esperando:

As táticas dos aviões atacantes inimigos tornaram-se tão complicadas que não podem ser previstas pela experiência nem pelo bom senso. O único B-

29 que sobrevoou a Capital esta manhã estava aparentemente empregando uma tática furtiva, visando a confundir as pessoas.

Não houve qualquer outra referência ao ataque. Era evidente que a bomba não atingira o palácio.

Desapontado, Eatherly afastou-se do rádio, suas esperanças de fama internacional foram temporariamente destruídas.

14

Às seis horas de 21 de julho, como fazia todas as manhãs, o Marechal-de-Campo Shunroku Hata acordou, tomou banho, vestiu um quimono e foi tomar a primeira refeição com a esposa.

Por volta das sete horas, vestiu as chinelas para entrar no santuário shinto que era uma parte integrante de sua casa. Feitas as preces, vestiu o uniforme, pronto para iniciar o estágio seguinte de seu ritual diário: cuidar dos legumes que plantara, numa pequena horta nos fundos da casa. Aquele trabalho manual ao ar livre mantinha-o esguio e em boas condições físicas. Sua aparência contradizia os 65 anos que já tinha.

Às oito horas, Hata tornou a entrar em casa. A sua espera, havia um relatório da situação desde a noite anterior, preparado com a ajuda do Tenente Kakuzo Oya, que era, no momento, seu chefe de informações. O sumário apresentado naquela manhã não continha qualquer pista sobre quando ou onde os americanos tencionavam invadir o Japão. Mas o Marechal-de-Campo estava preparado para o ataque. As defesas estendiam-se das praias de Kyushu por quase 300 quilômetros para trás, até Hiroxima, na ilha principal de Honshu. Visando a permitir uma retirada ordenada para posições preparadas anteriormente, o sistema tirava o máximo proveito do terreno. Pontos de fogo cruzado, minas contratanques e armadilhas individuais esperavam os americanos a cada metro do caminho.

Hata terminou o chá. Depois, por volta de 8:15 horas, o mais importante soldado fora de Tóquio partiu em seu carro para o quartel-general em Hiroxima.

* * *

A maioria dos oficiais de Hiroxima ia para seus postos a cavalo. O desfile equestre atraía, invariavelmente, a admiração das multidões indo ou saindo das fábricas do esforço de guerra em Hiroxima.

Os animais, assim como seus cavaleiros, eram bem tratados e bem nutridos, em acentuado contraste com os civis.

Uma admiração particular estava reservada ao Príncipe coreano, Tenente-Coronel RiGu, adido ao estado-maior de Hata. O cavalo dele era o mais espetacular de Hiroxima, um imenso garanhão branco como a neve, com os boletos pretos.

Sentado sobre a sela, muito erecto, com a espada cerimonial ao lado, o jovem Príncipe era uma lembrança das glórias passadas, quando a cavalaria do Exército Imperial japonês destroçava tudo o que se lhe opunha.

* * *

O Prefeito Awaya e seu assistente, Kazumasa Maruyama, iam a pé para o trabalho todas as manhãs. Naquele dia, a conversa concentrou-se num dos temas habituais: o que se poderia fazer pelas crianças que ainda estavam em Tóquio? Muitas trabalhavam nas fábricas e recebiam apenas uma educação rudimentar. Professores iam de uma fábrica de guerra para outra, dando aulas rápidas no interior dos próprios estabelecimentos fabris.

Awaya achava que a situação era a pior possível e desejava ampliar as horas de aulas. Maruyama achava que todas as crianças deveriam ser evacuadas imediatamente.

Os dois homens entraram no prédio da municipalidade e foram imediatamente cercados, muitas pessoas apresentando queixas sobre a distribuição de alimentos, falta de combustível, preços extorsivos das lojas, brutalidade da Kempei Tai, necessidade de mais e maiores abrigos antiaéreos. O problema de cuidar das crianças de Hiroxima perdeu-se em meio à confusão de exigências urgentes.

* * *

O Segundo-Tenente Tatsuo Yokoyama recebeu naquela manhã uma carta de Tóquio. Era do pai. Formulada em termos cuidadosos e apresentando indícios de longas deliberações, a mensagem rejeitava a proposta de casamento do Coronel Abe.

A investigação dos pais de Yokoyama revelara que a filha do oficial “possui uma disposição extremamente infeliz. Os professores dizem que não é obediente e não se esforça em suas tarefas. Apesar da alta posição que o Coronel Abe ocupa, verificamos, através de pacientes investigações, que os antecedentes dele não são os que desejaríamos para unir as nossas duas famílias”.

Como um filho obediente, o jovem tenente de artilharia sabia que deveria aceitar a decisão dos pais. Mas como iria dar a notícia ao Coronel Abe, que há semanas o estava pressionando por uma resposta? Yokoyama sabia que seu comandante encararia a rejeição da oferta como um insulto imperdoável. E poderia, perfeitamente, transferir Yokoyama para um posto burocrático.

Os pensamentos do jovem foram interrompidos pelos gritos excitados de seus artilheiros. Era meio-dia e aviões americanos estavam voltando a Kure

para bombardear e metralhar o porto. De seu posto de observação, a apenas 12 quilômetros de distância, Yokoyama podia ver claramente os clarões das baterias antiaéreas.

O sentimento de desesperança que trouxera de Tóquio havia-se dissipado. A Capital podia estar em ruínas, mas ali, no oeste do Japão, o Exército continuava a lutar, e de forma tão brava como antes. E, desesperadamente, Yokoyama queria participar dessa luta.

Súbito, Yokoyama compreendeu o que deveria fazer com a carta. Fingiria que não a recebera. Diria a Abe que os pais ainda estavam examinando o assunto, que talvez se passassem mais alguns meses antes que dessem uma resposta, já que suas vidas haviam sido totalmente afetadas pelos bombardeios.

15

No dia 20 de julho, o Secretário da Guerra Stimson estava acabando de tomar o café da manhã quando o diretor do OSS, Allen Dulles, foi introduzido em seus aposentos em Potsdam. Dulles relatou a Stimson a proposta japonesa que lhe fora transmitida por Jacobsson, cinco dias antes, em Wiesbaden, e a contraproposta que apresentara: a América poderia permitir que o Imperador Hirohito conservasse seu trono, se ele assumisse agora uma posição firme e pública pelo fim da guerra.

Stimson respeitava o julgamento de Dulles. Mas achava que era improvável que pessoas na periferia dos acontecimentos, atuando como intermediários da paz na Suíça, pudessem representar o pensamento oficial do Governo japonês. Além disso, embora o próprio Stimson tivesse ido a Potsdam com a opinião de que se deveria dar alguma garantia de continuação do sistema imperial, no apelo final para que o Japão se rendesse, ele sabia que tal posição era extremamente impopular nos Estados Unidos. Para muitos

americanos, a simples idéia de uma dinastia reinante era repulsiva. Para alguns, Hirohito não era muito diferente de Hitler.

Stimson agradeceu a Dulles, mas deixou bem claro que não tinha a menor fé nas ligações de Jacobsson.

* * *

Na manhã de domingo, 22 de julho, Stimson foi procurar o Presidente Truman, em Potsdam. Washington enviara um cabograma dizendo que a bomba de urânio estaria pronta para ser usada “na primeira oportunidade favorável do mês de agosto”; se a missão deveria prosseguir, os complexos preparativos deveriam ser programados o mais tardar em 25 de julho.

Depois do relatório detalhado de Groves sobre o sucesso em Alamogordo, que chegara no dia anterior, a notícia pareceu deixar Truman bastante satisfeito.

As 10:40 horas, Stimson visitou Churchill, que leu o relatório de Groves e comentou:

— Stimson, o que era a pólvora? Trivial. O que era a eletricidade? Insignificante. A bomba atômica é o Segundo Advento em ira.

Stimson disse que Truman tencionava falar a Stalin da nova arma, embora “omitindo todos os detalhes”, simplesmente “divulgando o fato de que os Estados Unidos e a Inglaterra possuem a bomba”. O problema do quanto dizer ao líder russo era bastante controvertido.

Churchill concordou que se revelasse a existência da bomba atômica a Stalin, achando que isso deveria ser usado como “um argumento nas negociações” que se estavam realizando em Potsdam.

De volta a seus aposentos, Stimson convocou o General Arnold, Chefe da Força Aérea, pondo-o a par de tudo.

Arnold sugeriu que, no lugar de Kyoto, Nagasaki deveria ser considerada um dos alvos em potencial. Era a primeira vez que esta cidade era indicada para a possível destruição atômica.

Arnold sugeriu também a Stimson que o General Carl A. Spaatz, recentemente promovido a Comandante das Forças Aéreas Estratégicas e prestes a viajar para as Marianas, poderia fazer a escolha final, em consulta com LeMay.

* * *

Enquanto Stimson conversava com Arnold, Truman reunia-se com Churchill.

Para o Primeiro-Ministro britânico, a arma era “um milagre de salvação”, Talvez tornasse a invasão desnecessária, podendo terminar a guerra, “com uma ou duas explosões violentas”. Seu poder quase sobrenatural proporcionaria aos japoneses uma desculpa que lhes salvaria a honra e os livraria da obrigação samurai de lutarem até a morte. Também não haveria mais necessidade de se pedir favores a Stalin, de contar com a intervenção russa para ajudar a derrotar o Japão.

Churchill concluiu que, “apesar de a decisão final” ficar nas mãos de Truman, não havia divergência entre eles. Mais tarde, o Primeiro-Ministro disse o seguinte:

O fato histórico e que deve ser julgado pela posteridade é que jamais esteve em dúvida se devia ou não usar a bomba atômica para forçar o Japão à rendição. Quanto a isso, houve uma concordância unânime, automática e incontestada.

Mas antes de recorrerem à bomba atômica, os Aliados iriam oferecer ao Japão uma última chance de se render.

16

Ao pé do Monte Lasso, na escuridão da noite, Jacob Beser estava participando do que se tornara um dos passatempos prediletos em Tinian.

Com uma carabina que trocara por uma garrafa pequena de uísque, o jovem oficial persuadira uma patrulha de fuzileiros a levá-lo para a selva, à procura de japoneses.

O oficial dos fuzileiros explicara as regras da caçada a Beser:

— Primeiro, cercamos a área onde achamos que um japonês está escondido. Depois, começamos a fechar o cerco, encurralando-o em uns poucos metros quadrados, iluminando a área com lanternas. Finalmente, tentamos convencê-lo a se render.

— E se ele não quiser render-se?

— Espere para ver o que acontece.

Ao cair da noite, os fuzileiros haviam entrado na selva, acompanhados por Beser. Por duas vezes, haviam cercado áreas suspeitas, mas nada encontraram. A patrulha estava agora entrando em terreno mais elevado.

Subitamente, os fuzileiros pararam.

Beser não podia ouvir coisa alguma.

O fuzileiro que ia a sua frente virou-se e tocou no nariz.

Beser farejou. E sentiu, leve mas inconfundível, um odor humano.

O oficial dos fuzileiros distribuiu rapidamente seus homens, ordenando a Beser que permanecesse onde estava, enquanto os outros homens desapareciam na escuridão.

Sozinho, agachado, empunhando a carabina, Beser procurou imaginar o que faria, se um soldado japonês surgisse de repente a sua frente. Nunca antes matara um homem e rezou para não ter que fazê-lo agora. Desejou ter ficado em seu alojamento, jogando pôquer.

Nada aconteceu durante alguns minutos. Depois, Beser ouviu o barulho de galhos sendo afastados para o lado. Fachos de lanternas vararam a escuridão e Beser ouviu uma voz americana gritar em japonês:

— Renda-se! Você está cercado! Saia com as mãos levantadas!

Beser começou a levantar-se. Outra voz americana deteve-o:

— Fique abaixado, se não quer levar um tiro!

Houve um grunhido no meio do mato, seguido por um movimento através da folhagem densa.

As lanternas acompanharam o barulho.

— Ele está saindo!

Um vulto emergiu do mato, diante de Beser. As lanternas se concentraram no soldado japonês, ofuscando-o, fazendo com que fechasse os olhos.

Beser juntou-se aos fuzileiros agrupados em torno do prisioneiro. As lanternas foram baixadas. O soldado capturado abriu os olhos e disse, num inglês passável:

— Por favor, um cigarro. ..

Deram-lhe um cigarro. Ele aspirou fundo e ficou imóvel, enquanto um fuzileiro o revistava e tirava de seu bolso uma cigareira de prata. Num inglês trôpego, o prisioneiro explicou que tirara a cigareira de um soldado australiano morto, na Nova Guiné.

O oficial dos fuzileiros olhou para o prisioneiro, sacudiu a cabeça num gesto de repulsa e afastou-se. Dois fuzileiros postaram-se atrás do prisioneiro, imobilizando-lhe os braços. Em silêncio, a patrulha voltou para a base.

17

Em seu gabinete no Quartel-General do Exército em Tóquio, o Major-General Arisue escutou atentamente o Tenente-Coronel Oya descrever a rede de defesa que se irradiava de Hiroxima.

Oya viajara 850 quilômetros de trem para fazer um relatório pessoal a Arisue sobre os planos do Marechal-de-Campo Hata para repelir os invasores.

Arisue desejou que a área em torno de Tóquio estivesse preparada da mesma forma para a defesa. A 27 de julho, a cidade e seus arredores estavam devastados, as indústrias destruídas pelas bombas ou paralisadas pela falta de mão-de-obra e materiais. Os ataques haviam afastado de Tóquio milhões de trabalhadores, reduzindo a população da Capital de sete para menos de quatro milhões de habitantes.

Arisue e Oya foram interrompidos pela chegada de um mensageiro da unidade de controle de rádio do Serviço Secreto do Exército. Arisue pegou os papéis e verificou imediatamente que ali estava o tão esperado comunicado de Potsdam. Excitado, leu rapidamente a escrita japonesa, a transcrição de uma transmissão de ondas curtas de Washington.

A Proclamação de Potsdam, talvez a mais importante mensagem que os japoneses receberam dos Aliados em toda a guerra, recordava ao Japão “a inútil e insensata resistência alemã ao poderio dos povos livres do mundo” e indicava os termos para o término da guerra. O Japão deveria rejeitar seus líderes militaristas, submeter-se à ocupação Aliada, respeitar os direitos

democráticos fundamentais e instituir um governo “inclinado para a paz”. Exceto pelos criminosos de guerra, as forças militares japonesas teriam permissão para voltar para suas casas. A indústria poderia continuar a funcionar e um dia o Japão iria participar do comércio mundial.

E a proclamação concluía:

Conclamamos o Governo japonês a declarar agora a rendição incondicional de todas as Forças Armadas japonesas e a fornecer garantias próprias e adequadas de sua boa-fé. A alternativa para o Japão é a imediata e total destruição.

Stimson concordara em deixar de mencionar a questão do Imperador, aceitando a posição de Truman. Se os japoneses, em sua resposta, levantassem a questão, o Governo americano iria mostrar-se acessível.

Mas para Arisue, assim como para milhões de japoneses, a Proclamação de Potsdam foi “uma advertência de aniquilação, a menos que renunciássemos a tudo aquilo que considerávamos mais sagrado”.

* * *

O Ministro do Exterior Shigenori Togo levou uma cópia do comunicado ao Imperador Hirohito, no salão de audiências do palácio imperial de Gobunko, ou “Prédio da Biblioteca”.

O Gobunko, atrás de árvores perto do portão norte, era um dos poucos prédios do conjunto imperial que a guerra deixara intacto. A 25 de maio, o Imperador sofrera a agonia de ver muitos dos prédios e pavilhões do conjunto imperial serem devorados pelas chamas. Durante a noite anterior, houvera um ataque de bombas incendiárias. Os bombardeiros de LeMay se

concentraram em duas arcas contíguas ao palácio. Embora os americanos evitassem intencionalmente lançar bombas no conjunto imperial, haviam transformado as áreas ao redor em um inferno de chamas tão intensas que o fogo transpusera o fosso e pegara em arbustos secos do outro lado. Em questão de minutos, as chamas se espalharam e engolfaram a antiga residência imperial, de madeira, construída pelo avô de Hirohito, o venerado Imperador Meiji.

Ao raiar do dia, Hirohito e sua imperatriz haviam saído do abrigo antiaéreo e contemplado a destruição. O Imperador comentara:

— Agora o povo irá compreender que estou partilhando seu sofrimento sem qualquer proteção especial dos deuses.

Enquanto o Imperador lia a proclamação dos Aliados, Togo ficava sentado, empertigado, num sofá duro. Para Togo, criado na tradição dos comunicados diplomáticos, a maneira como a mensagem fora entregue, em meio a um noticiário transmitido em ondas curtas de Washington, era desalentadora. Transmitir um documento tão importante por uma irradiação pública “não parecia a maneira apropriada de um governo se dirigir a outro”.

Contudo, sob o interrogatório do Imperador, Togo admitiu que o comunicado apresentava garantias específicas de tratamento humano, liberdade de expressão, religião e pensamento. A ocupação de pontos estratégicos das ilhas do Arquipélago japonês terminaria assim que a estabilidade fosse restaurada. E o povo seria consultado sobre a forma de governo que desejaria depois da rendição.

O Imperador analisou a proclamação cláusula por cláusula, fazendo perguntas e expondo suas opiniões. Finalmente, Hirohito perguntou a seu Ministro do Exterior se achava que os termos “eram os mais razoáveis que se poderia esperar, nas circunstâncias”.

Togo reconheceu que eram.

— Pois eu concordo. Em princípio, os termos são aceitáveis.

O silêncio envolveu a sala de audiências.

Abruptamente, Togo levantou-se e encarou o Imperador. Era o gesto tradicional da corte imperial para indicar que um visitante nada mais tinha a dizer.

O Imperador também se levantou e, em outro ato ritual, virou-se e saiu da sala.

Togo fez uma reverência até a cintura na direção do Imperador que se retirava.

* * *

Togo não revelara ao Imperador a reação de repulsa do governo e dos líderes militares do Japão à Proclamação de Potsdam.

O Primeiro-Ministro Suzuki e seus colegas estavam inclinados a ignorar inteiramente o comunicado, em parte sob a alegação de que não o tinham recebido oficialmente. Além disso, o Gabinete ainda acalentava esperanças na mediação da União Soviética para uma “rendição mais suave”. Havia uma concordância geral de que “aceitar Potsdam seria insultar a Rússia”.

Suzuki convocou uma entrevista coletiva, instruindo a um repórter para perguntar a opinião do Gabinete sobre a proclamação.

Com mãos trêmulas, o Primeiro-Ministro leu uma declaração preparada. Rejeitou a proclamação, dizendo que o governo “não a considera de grande valor. Decidimos mokusatsu a proclamação”.

Minutos depois, as palavras de Suzuki eram irradiadas pela agência noticiosa oficial do Japão, Domei, que traduziu mokusatsu como “ignorar”.

18

A 28 de julho, Beser descobriu que estava sendo vigiado pelo médico do 509º, à procura de sinais de tensão psicológica. O tenente ficou deliciado.

— Significava que devíamos estar chegando perto da hora da missão.

Por ordem de Tibbets, o Dr. Don Young estava observando todas as tripulações do grupo, à procura de problemas psicológicos. Ele realizava seu trabalho tão discretamente que poucos aviadores perceberam que estavam sendo observados.

O próprio Young ainda não sabia exatamente o que a missão poderia acarretar. Fora simplesmente avisado de que deveria informar, se algum aviador estivesse demonstrando “um comportamento fora do normal”.

O médico observou todas as tripulações se preparando para um vôo, anotando cuidadosamente a maneira como os homens andavam e carregavam os equipamentos. Ouvia as conversas, procurando queixas de falta de sono ou perda de apetite.

Quando os aviões voltavam, o médico estava esperando, um homem sempre delicado, discreto, com uma mente clínica atenta. Young observou os aviadores bebendo suas rações de bourbon distribuídas ao final de cada missão, alerta para ver quem tomava o uísque depressa demais ou pedia uma segunda dose.

Comparecia às conferências de informações, avaliando a escolha das palavras de cada aviador, como pistas para o estado mental em que se encontravam.

Entre as missões, ele percorria os alojamentos, procurando pelo homem que risse alto demais, perdesse a calma com facilidade, ou brincasse por demais impetuosamente. Nos clubes dos oficiais e dos praças e sargentos, ele se deslocava de uma mesa para outra, à procura de indícios de tensão.

Nos campos de esporte, observava os aviadores jogarem, procurando por sinais de “agressividade indevida” ou falta de esportividade.

E, contra todos os regulamentos, lia a correspondência dos homens, depois que era liberada pelos censores.

Ao final da noite, o incansável Dr. Young coligia suas descobertas, em relatórios confidenciais para Tibbets.

O médico considerou Beser um dos homens mais normais em todo o 509º: “equilibrado, com a dose certa de agressividade saudável, calmo sob pressão”.

Young disse a Tibbets que as tripulações, dele estavam, sob o ponto de vista psicológico, “provavelmente entre as mais equilibradas de toda a Força Aérea”.

Young não percebeu quaisquer sinais de instabilidade em Claude Fatherly. E Tibbets, mesmo sabendo das esquisitices do capitão, ainda achava que as habilidades dele como piloto superavam quaisquer outras considerações.

* * *

Na Área Técnica, fortemente guardada, onde Beser trabalhava, a tensão aumentara consideravelmente, com a chegada do Capitão Parsons, procedente dos Estados Unidos.

Em Los Alamos, Beser mal conhecera Parsons, cuja pontualidade, reserva e comportamento difícil e exigente intimidavam muitos dos seus colegas cientistas. Mas ali em Tinian, o oficial naval de meia-idade revelou-se um líder descontraído e dinâmico. Quanto maiores a pressão e o ritmo, mais calmo ele ficava. Impressionou a Beser como “um oficial distinto e um cavalheiro de verdade”.

Parsons viera a Tinian para supervisionar a entrega dos componentes e a montagem da bomba.

Na ilha estavam agora também dois ingleses, o Capitão Leonard Cheshire, herói da RAF, e um cientista louro, William Penney, cujos brilhantes cálculos matemáticos haviam desempenhado um papel importante no desenvolvimento da nova arma.

O Gabinete da Guerra, em Londres, insistira para que a Inglaterra estivesse representada quando a bomba atômica fosse lançada. O Presidente Truman concordara “em princípio”, durante a Conferência de Potsdam. Assim, Cheshire e Penney acreditavam firmemente que iriam no vôo que lançaria a bomba, a fim de posteriormente comunicar suas observações a Londres.

Estranhamente, enquanto todos os homens do 509º mostravam-se cordiais, o General LeMay fora evasivo, quando os dois ingleses falaram em sua presença na missão.

Recentemente, houvera uma misteriosa epidemia de diarreia no 509º. O Dr. Young a atribuiu a uma “generosa quantidade de sabão” despejada nos caldeirões de cozinhar. Uanna, o chefe de segurança do grupo, desconfiou de que “o responsável fora um japonês que se infiltrou furtivamente no conjunto”. O major estava certo. Ocorreria exatamente dessa maneira. A vigilância em torno das cozinhas foi reforçada.

A hostilidade que o grupo encontrava fora de sua área era uma preocupação cada vez maior para Tibbets. Enquanto as outras unidades aéreas na ilha estavam realizando o máximo de horas de combate que era possível, o 509º ocupava-se quase que exclusivamente em missões de treinamento em torno das Marianas. Até aquele momento, o grupo só fora ao Japão três vezes... e em todas elas usando apenas 10 dos seus 15 bombardeiros. À noite, aviadores furiosos de outros grupos despejavam chuvas de pedras sobre o conjunto. Era uma experiência humilhante para o autoconfiante 509º.

Tibbets tentou dissipar a frustração, promovendo reuniões com seus homens. Estimulou Perry a melhorar mais ainda a comida. E ficou satisfeito ao ver que o Capelão Downey estava-se comportando “como um animador, sempre por perto quando era necessário algum apoio”.

Tibbets encorajou as piadas sobre a vida no conjunto, raciocinando que, se os homens pudessem rir de seus problemas, eles não pareceriam tão ruins. Uma das zombarias mais bem-sucedidas foi uma canção, cantada com a música de Rum and Coca-Cola.

Já esteve em Tinian?

É um paraíso do soldado.

Tem uísque, garotas e tudo o mais,

Só que tem um rótulo: “Proibido tocar.”

Esta ilha tropical é um paraíso

De estradas enlameadas e céus nublados,

Latrinas fedorentas e frieiras nos pés,

Bode para se comer todos os dias.

Os soldados estão na pior

E os oficiais dizem: “Somos uma equipe unida.”

Mas será que eles partilham o rum e Coca-Cola?

Ah! Ah! Ah! Essa é a grande piada.

Como sempre, Tibbets era cuidadoso em esconder a crescente tensão que ele próprio estava sentindo. Seu dia de trabalho frequentemente se estendia

de sete horas da manhã a meia-noite. Muitas vezes, seu sono era interrompido por mensagens de “Casmurro”, o novo nome em código que Groves usava para seu quartel-general em Washington, ou de “Jogo Errado”, o novo nome de Groves para Los Alamos. As mensagens de “Casmurro” invariavelmente terminavam com um pedido de relatório sobre a situação atual de “Quilha”, o nome em código para a missão atômica.

19

Às 12:50 horas de 28 de julho, começou a tocar o telefone de campanha na bateria antiaérea do Segundo-Tenente Tatsuo Yokoyama, no Monte Futaba. Era um dos controladores no Castelo de Hiroxima, avisando-o da possível aproximação de bombardeiros pelo sul, a direção de Kure. Yokoyama já tinha apontado suas armas nessa direção, para a eventualidade de algum dos aviões americanos bombardeando o porto ser obrigado a desviar-se para Hiroxima.

A Rádio Hiroxima interrompeu sua programação para anunciar um alerta e, por toda a cidade, as pessoas correram para os abrigos.

O Dr. Kaoru Shima estava realizando uma apendicectomia quando uma enfermeira informou-o do alerta. Ele continuou a efetuar a cirurgia. Do lado de fora da sala de operações, a equipe levou os pacientes para o abrigo subterrâneo, carregando os que não estavam em condições de andar.

O Prefeito Senkichi Awaya e Kazumasa Maruyama estavam no gabinete do primeiro, quando ouviram a sirene de alerta. Maruyama correu para a janela e esquadrinhou o céu, mas nada avistou. Ele e Awaya retomaram a conversa interrompida.

O Marechal-de-Campo Hata convidou seus oficiais a irem também para as janelas da sala de conferências, a fim de observarem os acontecimentos.

Yokoyama, observando pelo binóculo, pôde avistar pelo menos dois B-24 voando em sua direção. Estavam subindo, depois de lançarem suas bombas sobre o Estaleiro Naval de Kure, agora oculto por uma mortalha de fumaça.

Com crescente excitação, o jovem oficial de artilharia calculou que, se os aviões mantivessem o mesmo curso, iriam ficar ao alcance de seus canhões quando passassem por Hiroxima.

Os aviões que se aproximavam da cidade eram do 866º Esquadrão de Bombardeio, do 494º Grupo de Bombardeio, do 7º Comando de Bombardeiros, baseado em Okinawa.

Integravam uma força de 30 B-24 que haviam decolado no início daquela manhã para atacar o Haruna, um dos últimos encouraçados japoneses que ainda estavam flutuando. Cada avião dispunha de 10.200 litros de combustível, uma carga de bombas e folhetos de propaganda com os termos da Proclamação de Potsdam.

Os bombardeiros haviam chegado a Kure exatamente às 12:40 horas. Mas mesmo da altitude baixa programada para o ataque, de três mil metros, o Haruna se mostrara um alvo difícil. Estava bem camuflado e protegido por baterias costeiras, além dos seus próprios canhões.

Na primeira passagem dos B-24 do 866º, cerca de 30 bombas explodiram longe do Haruna, à distância entre 200 e 600 metros. Outras bombas haviam caído em prédios do estaleiro nas proximidades. Toda a área estava envolta por densa fumaça.

Voando através de intenso fogo antiaéreo, o primeiro bombardeiro do 866º, apelidado Taloa, largara suas três bombas no meto da fumaça e se desviara para a esquerda, na direção de Hiroxima.

Os 11 homens no Taloa estavam nervosos. Todos sabiam que os japoneses frequentemente executavam os aviadores americanos capturados. Pouco mais de um mês antes, oito aviadores americanos haviam sido publicamente executados, sendo obrigados a ficar de joelhos, na posição tradicional, e suas cabeças decapitadas pela espada cerimonial.

O piloto do Taloa, Primeiro-Tenente Joseph Bubinsky, estava ocupado demais tentando ganhar altitude e fixar um novo curso de retorno à base para se preocupar com tais pensamentos assustadores.

O bombardeador Robert Johnston, também Primeiro-Tenente, ainda estava no nariz do B-24, contemplando os campos lá embaixo, através do plexiglas. Seu alívio tinha sido considerável quando o bombardeiro se afastara do alcance da concentração de baterias antiaéreas, que tomavam Kure uma das cidades mais fortemente defendidas do Japão. A sua frente, aproximando-se rapidamente, estavam as instalações portuárias de Hiroxima. Mais além, havia campos cobertos por bosques.

O Taloa levava nove outros homens, todos assustados: Primeiro-Tenente Rudolph Flanagan, co-piloto; Primeiro-Tenente Lawrence Falls, navegador; Sargento Técnico Walter Piskor, engenheiro de vôo; Sargento Técnico David Bushfield, operador de rádio; Sargento Charles Allison, artilheiro da torre superior; Sargento Charles Baumgartner, artilheiro da torre inferior; Sargento Camillous Kirkpatrick, artilheiro da torre inferior; Sargento Julius Moinar, artilheiro da cauda; e um “passageiro”, Capitão Donald Marvin, a bordo para adquirir experiência de combate.

Não muito atrás do Taloa voava o Lonesome Lady, com sua tripulação de nove homens: Segundo-Tenente Thomas Cartwright, piloto; Segundo-Tenente Durden Looper, co-piloto; Segundo-Tenente Roy Pedersen, navegador; Segundo-Tenente James Milke Ryan, bombardeador; Sargento Hugh Atkinson, operador de rádio; Sargento William Abel, artilheiro da cauda; Sargento Ralph Neal, artilheiro da torre inferior; Cabo John Long, artilheiro do nariz; e Sargento Buford Ellison, engenheiro de vôo.

Os homens a bordo dos dois B-24 sabiam das ordens expressas proibindo bombardear Hiroxima. Mas, ao que soubessem, não havia qualquer ordem proibindo-os de sobrevoarem a cidade.

Nenhum dos aviadores sabia coisa alguma sobre as defesas de terra de Hiroxima. Quando a cidade fora “reservada” para possível ataque atômico, todas as informações a seu respeito tornaram-se confidenciais.

Ao se aproximarem da extremidade sul de Hiroxima, uma barragem de fogo antiaéreo foi disparada de baterias perto do gaisenkan, o “portão do retomo triunfante”, e no parque Eba, protegendo a fábrica Mitsubishi.

Os bombardeiros continuaram a cruzar Hiroxima, na direção do Monte Futaba.

E quando era quase uma hora da tarde, com dois terços da cidade para trás e a segurança do campo aberto um pouco à frente, o destino dos 20 homens a bordo dos dois bombardeiros iria ligar-se irremediavelmente ao de Hiroxima, um fato que jamais foi comunicado oficialmente pelo Governo americano.

* * *

Assim que os B-24 ficaram ao alcance do fogo, Yokoyama ordenou que sua bateria disparasse.

A primeira salva enquadrou o Taloa. Pequenas nuvens de fumaça surgiram abaixo e acima do avião. Yokoyama gritou uma correção imediata.

A salva seguinte pareceu atingir o Taloa no nariz. Os artilheiros soltaram gritos frenéticos de alegria. Yokoyama gritou-lhes que continuassem a disparar.

O céu em torno do bombardeiro avariado estava agora repleto de explosões de granadas. Deixando uma esteira de fumaça, o avião virou abruptamente para a esquerda, afastando-se do Monte Futaba.

Atrás, o Lonesome Lady parecia ter sido também atingido.

* * *

Das janelas da sala de conferências, o Marechal-de-Campo Hata e seus oficiais de estado-maior observaram os vultos minúsculos pulando do Taloa. Momentos depois, quando o B-24 atravessava a parte oeste de Hiroxima, os pára-quedas se abriram.

O bombardeiro mergulhou contra uma colina entre as duas aldeias de Itsukaichi e Inokuchi. Uma grande língua de fogo e uma nuvem de fumaça preta subiram pelo ar. O estrondo fez com que pessoas das fazendas e casas próximas saíssem em campo aberto. Alguns trabalhadores de um mercado de peixe local brandiam facas e machados.

Pelo menos três homens do Taloa estavam agora flutuando na direção da terra. Eram o piloto Joseph Bubinsky, o bombardeador Robert Johnston e o artilheiro da cauda Julius Moinar.

Todos estavam em estado de choque e com ferimentos superficiais, mas instintivamente manejaram as cordas de seus pára-quedas, a fim de cair longe dos civis que se concentravam lá embaixo.

* * *

O Lonesome Lady estava deixando uma esteira de fumaça e sendo alvejado por uma bateria próxima do Castelo de Hiroxima. O bombardeiro virou bruscamente para a direita, voltando na direção de Kure. Os artilheiros de Yokoyama iriam acreditar para sempre que tinham sido os autores do coup de grâce no avião avariado.

O Lonesome Lady perdeu altitude, passando sobre a fábrica Toyo e seguindo para a densa floresta a sudeste de Hiroxima. Oito homens conseguiram pular do aparelho. Somente o navegador Roy Pedersen ainda estava a bordo quando o Lonesome Lady se chocou com o solo.

A emoção na bateria do Monte Futaba era imensa. Para Tatsuo Yokoyama foi “o meu dia mais feliz durante toda a guerra”. Ele prometeu a seus artilheiros a maior comemoração que pudessem imaginar. Depois, focalizou o binóculo na direção oeste, onde os homens que haviam saltado do Taloa estavam prestes a chegar ao solo.

* * *

Pelotões da Kempei Tai espalhavam-se por Hiroxima atrás dos aviadores.

Um desses pelotões, comandado pelo Suboficial Hiroshi Yanagita, parou para pedir uma orientação ao Cabo Kanai Hiroto, do Exército Imperial, que morava nas proximidades e estava pedalando furiosamente sua bicicleta na direção em que o avião caíra.

Hiroto disse a Yanagita que falava inglês e ficaria feliz em oferecer seus serviços como intérprete. Trepou no estribo do carro da Kempei Tai, e seguiram para Inokuchi.

Hiroto cursara uma escola secundária em Pasadena, perto de Los Angeles. Voltara ao Japão em 1934 e fora convocado pouco depois. Após três anos de luta na Mandchúria, passara o resto da guerra na mais absoluta monotonia.

Yanagita era um dos mais antigos chefes da Kempei Tai em Hiroxima. Era um calejado soldado profissional.

Ao chegarem ao sopé da colina em que o Taloa caíra, o suboficial da Kempei Tai e seus homens correram na direção dos pára- quedas presos nas árvores.

Hiroto parou ao lado do bombardeiro ainda fumegante. O avião dividira-se em duas partes, separadas por cerca de 200 metros.

Já ia entrar nos destroços quando Yanagita voltou, dizendo que um dos americanos fora capturado.

Era o artilheiro da cauda, Sargento Julius Moinar, de Kalamazoo, Michigan.

Mesmo antes de alcançá-lo, Hiroto percebeu que Moinar corria grande perigo. O franzino sargento estava cercado por civis que “queriam espancá-lo até a morte. Abri caminho por entre a multidão, coloquei-me à frente do prisioneiro e tentei evitar os golpes”.

Yanagita adiantou-se, brandindo sua pistola. Fez uma ameaça: seus homens atirariam no primeiro civil que se mexesse.

A multidão recuou.

Flanqueado por Hiroto e Yanagita, Moinar foi escoltado para a relativa segurança de uma granja próxima. Ali, Moinar foi cercado pelos homens da Kempei Tai.

Hiroto percebeu que o jovem americano estava fazendo o maior esforço para controlar sua tremedeira. Ele falou com o americano pela primeira vez, dizendo em inglês que já vivera na América. O aterrorizado Moinar começou a se acalmar.

Pressionado por Yanagita, Hiroto interrogou Moinar, que prontamente disse seu nome, número de série 36453945 e posto. Informou que tinha 21 anos, fizera o treinamento no Texas, seu avião decolara de Gkinawa para atacar o porto de Kure. Afirmou que não sabia os nomes dos outros tripulantes do Taloa.

Hiroto foi então chamado para outra parte da granja, onde estava o bombardeador Robert Johnston. A multidão de aldeões a ameaçar o prisioneiro foi novamente repelida pela Kempei Tai.

Johnston escondeu seu medo melhor do que Moinar, mas Hiroto percebeu, “pelos olhos dele, que estava apavorado”. O tenente também informou seu nome, número de série 0698565 e posto.

Como Johnston se recusasse a dizer qualquer outra coisa, o chefe do pelotão da Kempei Tai disse a Hiroto que os serviços de intérprete dele não eram mais necessários. O cabo voltou para junto dos destroços do avião, à procura de comida e peças de rádio.

Yanagita e seus homens capturaram três outros tripulantes do Taloa, inclusive o piloto Joseph Bubinsky, levando-os para o quartel-general da Kempei Tai, no Castelo de Hiroxima, onde poderiam ser devidamente trabalhados por especialistas em interrogatório.

Dos 20 tripulantes dos dois bombardeiros, 13 haviam sobrevivido à queda dos aparelhos e sido capturados. Com a chegada deles a Hiroxima, subia a 23 o número de prisioneiros de guerra americanos na cidade.

Para eles, a experiência mais terrível ainda estava para vir.

20

Às primeiras horas de 29 de julho, em Tinian, 81 homens do 509º reuniram-se a fim de ouvir as instruções para a quarta e última — missão de treinamento sobre o Japão. O Tenente-Coronel Hazen Payette, oficial de informações do grupo, confirmou os alvos designados anteriormente para as nove tripulações.

Lewis ia bombardear um complexo industrial em Koriyama. O Capitão Frederick Bock deveria lançar sua bomba de quatro mil quilos em Osaka. Eatherly bombardearia os ramais ferroviários em Maizuru. Os outros atacariam alvos em Kobe, Shimoda, Ube, Nagoya, Wakayama e Hitachi. Ferebee, como Tibbets, fora proibido de voar sobre o Japão até a missão atômica.

Naquela missão, Lewis voaria no avião de Sweeney, que tinha o apelido de Great Artiste, enquanto seu B-29 estava recebendo uma inspeção especial

dos técnicos do grupo. Van Kirk substituiria o navegador habitual de Lewis. Tais mudanças deixaram Lewis apreensivo.

A reunião de instrução foi rotineira. O fogo antiaéreo provavelmente seria de “moderado a pequeno”. Van Kirk falou aos navegadores sobre as rotas para os objetivos, onde planejavam chegar, como sempre, por volta das nove horas da manhã. Depois, os caminhões levaram as tripulações para seus aviões.

O Straight Flush foi o primeiro a decolar. Eatherly estava disposto a fazer um vôo recorde até o Japão e voltar rapidamente, a fim de terminar um jogo de pôquer que deixara pelo meio.

Minutos depois, Bock's Car, comandado pelo Capitão Frederick Bock, avançou pela pista.

Em seguida, foi a vez do Major James Hopkins, no Strange Cargo. Lewis observou os quatro motores sendo acionados. Depois, o aparelho taxiou para a cabeceira da pista.

Subitamente, houve um rangido de metal raspando em metal. As portas do compartimento de bombas do Strange Cargo estavam abaixando lentamente, as dobradiças de aço reforçado rangendo sob a pressão.

Hopkins freou o avião. Com um baque assustador, a bomba arrasa-quarteirão caiu no asfalto.

Lewis ficou contemplando, de olhos esbugalhados, a imensa bomba, a poucos passos de distância. Se explodisse, destruiria tudo, num raio de centenas de metros.

Calmamente, Lewis avisou sua tripulação através do interfone. Pelo rádio, podia ouvir Hopkins pedindo socorro à torre de controle. Momentos depois, o barulho de caminhões, ambulâncias e jipes da PM encheram o ar.

O oficial de controle disse a Lewis e a Hopkins que mantivessem suas tripulações a bordo. O menor solavanco poderia detonar a bomba de quatro toneladas.

Refletores portáteis foram focalizados na pista. Através de binóculos, bombeiros e armeiros examinaram a bomba alaranjada, as barbatanas inclinadas e torcidas pela queda.

Os bombeiros foram os primeiros a entrar em ação. Cobriram a bomba com espuma, esperando que isso pudesse amortecer uma possível explosão.

Uma turma voluntária de armeiros empurrou um guincho para baixo do avião. Trabalhando no mais absoluto silêncio, passaram correntes em torno da bomba e a suspenderam, centímetro por centímetro. Depois, enfiaram um carro por baixo da bomba. O carro foi preso por um cabo a um pequeno trator e rebocado.

Uma voz aliviada da torre de controle disse às duas tripulações que podiam relaxar.

Lewis gritou uma resposta típica.

— Relaxar coisa nenhuma! Ainda temos uma missão a cumprir!

Minutos depois, os motores do Great Artiste estavam em pleno funcionamento. Sem olhar para o Strange Cargo, Lewis e sua tripulação decolaram a caminho de Koriyama.

21

Seis dias antes, o General Carl Spaatz tinha chegado a Washington, vindo da Europa e a caminho do Pacífico, a fim de assumir o comando das Forças Aéreas Estratégicas, recentemente criadas, para a iminente invasão do Japão. Depois que Groves o informou da bomba atômica, Spaatz, um holandês da Pensilvânia grisalho e de rosto magro, foi falar com o General Thomas T. Handy, chefe interino do Estado-Maior, enquanto Marshall estava em Potsdam. E insistiu, obstinadamente:

— Se vou matar 100 mil pessoas, não irei fazê-lo por ordens verbais. Quero a autorização por escrito.

O documento foi preparado por Groves a 23 de julho, sendo transmitido para a Pequena Casa Branca, em Potsdam, para aprovação ... imediatamente concedida. Handy assinou e entregou o documento a Spaatz, em 25 de julho.

Quando Spaatz chegou a Guam, seu novo chefe de estado-maior, LeMay, sugeriu que tivesse uma reunião imediata com os elementos-chave envolvidos na missão atômica. Spaatz concordou. A reunião foi realizada a 29 de julho, no gabinete de LeMay, com a presença de Tibbets, Parsons, Blanchard e o chefe do serviço de meteorologia da Força Aérea. A data exata da missão dependeria da previsão meteorológica, da indicação de “um bom dia de bombardeio”, quando haveria um máximo de três-décimos de nuvens e ventos favoráveis sobre o Japão.

Spaatz leu a ordem em voz alta:

Para: General Carl Spaatz, Comandante da USAF.

1. O 509º Grupo Integrado, da 20ª Força Aérea lançará sua primeira bomba especial assim que o tempo permitir bombardeio visual, depois de 3 de agosto de 1945, num dos seguintes objetivos: Hiroxima, Kokura, Niigata e Nagasáki. Haverá aviões adicionais para acompanharem o aparelho com a bomba, levando pessoal militar e civil científico, com a finalidade de observar e registrar os efeitos da bomba. Os aviões de observação ficarão a vários quilômetros do ponto de impacto da bomba.
2. Serão lançadas bombas adicionais nos demais objetivos antes referidos, assim que estiverem prontas. Demais instruções serão transmitidas em relação a outros objetivos além dos citados.
3. A divulgação de toda e qualquer informação relativa ao uso da arma contra o Japão está reservada ao Secretário da Guerra e ao Presidente dos Estados Unidos. Nenhum dos comandantes na frente de combate poderá

divulgar comunicados a respeito, sem autorização específica anterior. Qualquer notícia deverá ser enviada ao Departamento da Guerra, para a necessária autorização.

4. Esta diretiva tem a orientação e aprovação do Secretário da Guerra e do Chefe do Estado-Maior Conjunto. Deverá entregar pessoalmente uma cópia desta diretiva ao General MacArthur e outra ao Almirante Nimitz, para conhecimento.

Ass.: Thos. T. Handy General, G.S.C.

Chefe do Estado-Maior Interino

Finalmente, o Comandante americano no Pacífico, MacArthur, iria tomar conhecimento da arma revolucionária.

Spatz dobrou o documento e guardou-o novamente na pasta. E perguntou:

— Cavalheiros, os preparativos estão dentro dos prazos?

Os homens em torno da mesa assentiram. Em seguida, Parsons leu um telegrama que acabara de receber, enviado por Oppenheimer, de Los Alamos.

Depois do teste de Alamogordo, Oppenheimer calculara que a energia liberada pela bomba a ser lançada no Japão seria entre 12 e 20 mil toneladas. A explosão seria equivalente a de oito a 15 mil toneladas de TNT.

Seriam necessários quase dois mil B-29, transportando as cargas máximas de bombas convencionais, para igualar uma bomba atômica. Mesmo agora, quase um ano depois de começar a trabalhar com o Projeto Manhattan, Tibbets ainda ficava aturdido só de pensar em tamanha potência destruidora.

Talvez Oppenheimer se estivesse sentindo da mesma maneira ao escrever o memorando para Parsons. Depois de mencionar que a bomba

provavelmente explodiria 600 metros acima da cidade- alvo, ele declarava:

Não se espera que a contaminação radioativa alcance o solo. A Bola de Fogo deverá ter um brilho que persistirá por mais tempo que em Trinity (Alamogordo), já que não haverá poeira. De um modo geral, a luz visível emitida pela unidade deverá ser mais espetacular. A radiação letal, é claro, alcançará o solo, partindo da própria bomba.

Oppenheimer terminava o memorando com duas palavras: “Boa sorte. ”

A reunião no gabinete de LeMay se encerrou com a introdução de mais dois nomes em código. LeMay passaria a ser conhecido como “Canhão”; o General Farrell, a caminho de Guam para funcionar como representante principal do Projeto Manhattan nas Marianas, seria “Escala”.

Ao voar de volta para Tinian, em companhia de Parsons, cujo nome em código era “Juiz”, Tibbets pensou que, se pudesse escolher um pseudônimo, gostaria de ser conhecido como “Justiça”.

* * *

Pouco depois de sua chegada a Tinian, Tibbets saiu novamente para a pista, a fim de receber suas tripulações, de volta das missões solitárias sobre o Japão.

Nenhuma delas fora atingida por fogo antiaéreo. O tempo sobre os alvos estava razoável, e todos os aparelhos puderam bombardear visualmente.

Quando Lewis aterrou, Tibbets deu parabéns a ele e a seus homens, por não terem perdido o controle com a experiência da bomba caída, antes da

decolagem. Lewis aproveitou a oportunidade para recordar a seu comandante:

— Minha tripulação é a melhor que você tem.

Houve então uma breve conversa, a respeito da qual Tibbets e Lewis iriam mais tarde divergir.

Embora Lewis esperasse lançar a primeira bomba atômica com "sua tripulação", em "seu avião", Tibbets já o informara de que Van Kirk e Ferebee iriam participar da missão. Lewis não gostara da idéia, mas tivera que aceitá-la. Encarara o fato de Van Kirk ter voado com ele naquele dia como uma confirmação do plano.

Ao voltar da missão, segundo Lewis, Tibbets lhe dissera que ele, Lewis, "voaria a missão". O capitão julgou que isso significava que seria o comandante do aparelho.

Tibbets não negou ter feito tal comentário, mas iria divergir radicalmente de seu subordinado na interpretação:

— Lewis voaria como co-piloto. Van Kirk e Ferebee iriam substituir seu navegador e bombardeador habituais. Era evidente para qualquer um que, em tal missão, eu tinha que estar sentado no lugar do piloto.

22

A bordo do submarino I.58, pouco antes de meia-noite, o oficial de guarda acordou o Comandante Mochitsura Hashimoto e informou-lhe de que estava tudo em ordem. Hashimoto comentou que ia ser "uma boa noite para caçar".

No dia anterior, às duas horas da tarde, Hashimoto avistara um petroleiro, escoltado por um contratorpedeiro. Julgando desaconselhável aproximar-se demais para lançar seus torpedos convencionais, Hashimoto decidira em vez disso lançar dois dos seus seis kaitens. Depois de se despedirem rapidamente do Comandante, os dois pilotos suicidas haviam deixado o submarino através de uma escotilha, indo pegar seus torpedos, presos no tombadilho do I.58. Os jovens oficiais gritaram pelo interfone:

— Três vivas ao Imperador!

Hashimoto ordenara em seguida que fossem lançados. Os kaitens haviam seguido na direção do petroleiro com péssima visibilidade. O capitão acompanhara-os pelo periscópio, até que a chuva os apagara por completo. Ficara esperando. Depois, muito fraco, mas inconfundível, ouviu explosões. Hashimoto calculou que o petroleiro fora atingido. Mas como não tivera certeza absoluta, registrara no diário de bordo apenas como “provável”.

Depois de comandar a tripulação em preces pelos pilotos kaitens falecidos, Hashimoto partira para a “encruzilhada”, o cruzamento das rotas de navegação americanas, ligando Guam com Leyte, nas Ilhas Filipinas, e Okinawa com Peleliu, nas Ilhas Palau.

A “encruzilhada” ficava exatamente a 600 milhas de Guam. O I.58 chegara lá bem cedo, naquela manhã de domingo. O mar estava sereno e o submarino permanecera na superfície durante a maior parte do dia. Ao cair da tarde, a visibilidade se reduzira, quando uma neblina baixara sobre o mar. Hashimoto ordenara que o submarino submergisse até o nascer da Lua, por volta das 11 horas.

Depois de acordado, o capitão foi fazer suas preces no santuário do submarino. Em seguida, ordenou que todos ficassem a postos para ação noturna. Enquanto o chefe de máquinas aumentava a velocidade para três nós, toda a tripulação entrou em estado de alerta.

Hashimoto determinou que o submarino subisse até 20 metros sob a superfície e ergueu o periscópio noturno. Depois de ajustar o visor, esquadrinhou a superfície num ângulo de 360°. A Lua estava cerca de 20° a leste e havia nuvens esparsas.

Ele ordenou que o submarino ficasse a três metros da superfície .

— Levantem o radar tipo-13!

O mecanismo para detectar aviões ergueu-se ligeiramente acima das ondas. Seu operador informou não haver qualquer sinal de aviões.

— Levantem o radar tipo-22!

O radar de superfície, que indicava a presença de outras embarcações num raio de três milhas do I.58, ergueu-se acima das águas. Pela experiência passada, o capitão sabia que o mecanismo era passível de equívocos, tomando madeiras à deriva, cardumes e aflorações de rochas por navios.

Somente quando o operador comunicou que o arredor estava vazio, é que o comandante deu a ordem seguinte:

— Subir à superfície!

Hashimoto baixou as alças do periscópio.

— Abrir os tanques de lastro!

O ar comprimido entrou nos tanques principais, expelindo o que restava de água e fazendo com que o submarino subisse rapidamente à superfície.

Assim que o tombadilho ficou livre das águas, Hashimoto ordenou que fosse aberta a escotilha da torre. O sinaleiro e o navegador subiram para a ponte com o oficial de vigia, todos esquadrihando o horizonte com potentes binóculos noturnos.

Lá embaixo, na sala de controle, o capitão também esquadrihava, pelo periscópio noturno. O operador do radar de superfície continuava a vigiar.

A rotina foi quebrada pelo grito do navegador da ponte:

— Navio à vista! Possível navio inimigo!

Hashimoto baixou o periscópio.

— Preparar para ação!

As campainhas de alarme soaram e a tripulação correu para os postos de combate, enquanto o comandante subia a escada para a torre. Olhando pelo binóculo, avistou um ponto escuro ao luar, claramente visível no horizonte. Desceu a escada gritando:

— Mergulhar!

O vigia da torre seguiu atrás dele. A escotilha foi fechada. Os tanques de lastro foram abertos e o I.58 mergulhou, com Hashimoto sempre olhando pelo periscópio noturno, a fim de não perder o alvo de vista.

Era o Indianapolis.

* * *

O velho cruzador zarpara de Tinian na quinta-feira, 26 de julho, depois de entregar em segurança sua misteriosa carga. Após uma breve escala em Guam, o Indianapolis seguiu para Leyte, nas Filipinas. De lá, provavelmente retomaria a São Francisco, para pegar mais material nuclear.

Aquele domingo no mar seguira a rotina habitual: serviço religioso pela manhã no tombadilho, todo mundo proibido de fumar até que terminasse, nenhum trabalho até ser servido o almoço.

Ao cair da tarde, o mar ligeiramente encapelado se tornara mais agitado, mas não o suficiente para afetar o curso em ziguezague que o navio seguia. Os motores foram reguladas para produzir sons desiguais, a fim de confundir os submarinos inimigos que pudessem estar na escuta por hidrofones.

O Capitão McVay dissera ao oficial de plantão que o navio não precisava mais de continuar por um curso em ziguezague, depois do escurecer.

Às 10:30 horas, com a visibilidade ainda precária, o Capitão McVay assinara as ordens noturnas. Não havia qualquer instrução para retomar o ziguezague, se o tempo melhorasse. McVay fora dormir em seu camarote, perto da ponte de comando.

A uma velocidade de 16 nós, o Indianapolis seguia em linha reta na direção do submarino I.58. Estavam separados por menos de 10 milhas de mar.

* * *

Dez metros abaixo da superfície, o I.58 virou lentamente para ficar de frente para o navio que se aproximava. Hashimoto permanecia inclinado sobre o periscópio, comprimindo o rosto com tanta força contra a proteção de borracha do visor que seus olhos ficaram aguados. Ele os piscou, para clarear a visão, depois retomou a observação. À medida que o alvo foi-se aproximando, o ponto preto assumiu um formato triangular distinto. O comandante do submarino sentiu-se excitado. Não era um mero navio mercante, mas sim um vaso de guerra.

— Todos os tubos prontos! Kaitens de prontidão!

A distância entre o submarino e o Indianapolis era agora de cinco milhas.

Ainda olhando pelo periscópio, Hashimoto calculou que a altura do mastro principal era de 30 metros. O navio era grande demais para ser um contratorpedeiro. Devia ser um encouraçado ou um cruzador, um alvo de primeira.

Os operadores de hidrofones informaram que já podiam captar o barulho dos motores. A três milhas de distância, Hashimoto ajustou um par de fones aos ouvidos. O alvo, claramente delineado ao luar, estava num curso de quase colisão com o submarino.

Hashimoto desconfiou de uma armadilha. Será que o navio que se aproximava, não seria uma isca, atraindo seus disparos enquanto os contratorpedeiros se aproximavam para atacá-lo? Nervosamente, esquadrinhou em derredor. Não havia qualquer outro navio à vista.

A duas milhas, o capitão japonês compreendeu que sua sorte continuaria. Virando-se para os homens agrupados a seu redor, permitiu-se uma predição:

— Nós o pegamos!

O silêncio baixou sobre o submarino. Toda a tripulação esperava pela ordem de disparar.

Subitamente, os pilotos kaitens começaram a pedir para serem lançados. Hashimoto disse-lhes rispidamente que só seriam usados, se o ataque de torpedos comuns fracassasse.

A distância era de menos de 3.000 metros, quando Hashimoto iniciou os cálculos finais.

* * *

A bordo do Indianapolis, o oficial de plantão de meia-noite às quatro horas da madrugada chegou à ponte de comando. Havia ali 13 homens, entre oficiais e graduados, controlando curso e velocidade.

* * *

No I.58, Hashimoto fez uma revisão do seu cálculo original de que o Indianapolis estava avançando a uma velocidade de 20 nós. Baseado no que

podia ver pelo periscópio e no que ouvia pelos hidrofones, calculou agora que a verdadeira velocidade era de 12 nós. Resolveu protelar o disparo até que a distância estivesse reduzida a uma milha.

Os torpedos foram ajustados para cortar a água a uma profundidade de quatro metros e a uma velocidade de 48 nós. Sem fazer esteira, seriam invisíveis até mesmo para o vigia mais atento a bordo do Indianapolis.

Quando a distância entre o submarino e o cruzador era inferior a 1.500 metros, Hashimoto finalmente gritou as palavras que toda a tripulação aguardava ansiosamente:

— Atenção! Disparar!

Os torpedos foram disparados a intervalos de dois segundos. Depois de 12 segundos, o oficial de torpedos comunicou:

— Todos os tubos disparados sem problemas!

Seis torpedos, lançados de forma a se abrirem três graus, avançavam em alta velocidade para o Indianapolis, como um leque.

Passavam dois minutos da meia-noite.

* * *

A bordo do Indianapolis, um dos oficiais na ponte de comando comentou que a visibilidade estava melhorando, enquanto a Lua subia no céu, à frente do navio.

Lá embaixo, várias centenas de homens dormiam em colchões e mantas estendidos sobre o tombadilho, para escapar ao calor sufocante dos alojamentos.

Numa cabina de boreste, uma festa estava chegando ao fim. Em seu camarote de emergência, por trás da ponte de comando, o Capitão MacVay dormia, inteiramente nu.

* * *

Hashimoto contou os segundos enquanto o submarino se virava, para ficar paralelo ao cruzador.

— Cinquenta e um, cinquenta e dois. ..

Uma gigantesca coluna de água se ergueu no ar, bloqueando a vista da torre da proa do Indianapolis. Outra coluna de água se ergueu diante da torre da popa. Depois, chamas alaranjadas surgiram em diversas partes da superestrutura do navio. Enquanto os torpedos iam acertando no alvo, um a um, Hashimoto soltou um grito exultante:

— Acertamos em cheio!

A tripulação do I.58 dançou de alegria, gritando e batendo com os pés, que o submarino ficou parecendo um manicômio submerso.

* * *

Não houve pânico a bordo do Indianapolis, apenas uma incredulidade aturdida de o navio ter sido atingido. Rapidamente a tripulação entrou em ação para enfrentar a emergência. O velho cruzador estava rangendo e gemendo.

O Capitão McVay ordenou à sala de rádio que transmitisse uma mensagem de socorro. Momentos depois, com fogo e fumaça envolvendo quase todo o

convés da proa, sem luz nem energia, indício certo de que a avaria era mortal, McVay deu ordem para abandonar o navio.

O Indianapolis inclinou-se para boreste. Enquanto o cruzador se enchia rapidamente de água, a proa ia-se erguendo gradativamente, até ficar 30 metros acima da água, e uma parte cada vez maior do casco afundava no Pacífico. Centenas de homens, vivos, agonizantes e já mortos, boiavam no mar.

Por um momento, o casco reluzente permaneceu equilibrado. Gritos de pânico enchiam o ar. Depois, rapidamente, mal perturbando os movimentos do Pacífico, o Indianapolis mergulhou de todo. Era o último grande navio a ser afundado na II Guerra Mundial, e a vítima do maior desastre no mar na história da Marinha dos Estados Unidos.

Eram exatamente 14 minutos do dia 30 de julho de 1945.

* * *

Depois de recarregar os seis tubos de torpedo, Hashimoto levou o I.58 à superfície. Não se podia avistar coisa alguma na escuridão. Uma hora já se passara desde que a ação começara. Nada encontrando, ele ordenou que o submarino seguisse para nordeste.

* * *

Noventa e seis horas se iriam passar antes que o primeiro navio de socorro aparecesse para recolher das águas os poucos sobreviventes do Indianapolis. Quando a notícia da perda de quatro quintos da tripulação chegou a Tinian, causou consternação e horror. Em relação a Jake Beser, houve um sofrimento pessoal: pouco antes do Indianapolis deixar Tinian,

ele jantara com um antigo colega de escola que estava a bordo. Agora, seu amigo estava morto, era uma das quase 900 vítimas dos torpedos de Hashimoto.

Em Washington, ao saber da tragédia, Groves ficou aliviado pelo fato de o navio ter entregue sua preciosa carga de urânio antes de ser afundado. No mesmo dia em que o Indianapolis foi atacado, Groves estava escrevendo um memorando para o chefe do Estado- Maior conjunto, fazendo uma previsão da produção de bombas atômicas depois de agosto:

Em setembro, devemos ter três ou quatro bombas... quatro ou três em outubro... Em novembro, teremos pelo menos cinco, e a produção subirá para sete em dezembro, aumentando ainda mais no início de 1946.

O chefe do Projeto Manhattan teria que pensar cuidadosamente no futuro, se a entrega da bomba por navio, como fizera com o Indianapolis, era de fato a melhor.

23

Os 13 tripulantes sobreviventes dos dois B-24 estavam sendo mantidos no Castelo de Hiroxima, alguns no quartel-general da Kempei Tai, outros na masmorra do próprio castelo, dois no quartel- general da 2º Divisão de Infantaria.

Os novos prisioneiros não tinham o menor conhecimento de 10 outros americanos que já estavam há semanas no castelo, em confinamento solitário.

Para todos os 23 americanos agora em Hiroxima, a vida era uma mistura de medo e desespero. Não havia qualquer mobília em suas celas, que continham somente uma bacia e uma manta. Os homens não tinham roupas além das que estavam em seus corpos ao serem capturados. Muitas horas de

solidão eram entremeadas com interrogatórios. As tigelas de papa de farinha de trigo ou arroz que recebiam nas celas, três vezes por dia, mal davam para sustentá-los.

Regularmente, grupos de soldados japoneses curiosos iam espiá-los nas celas. Olhando pelas grades, gritavam insultos para os prisioneiros, enquanto estes tentavam agachar-se sobre os fedorentos buracos sanitários no chão.

De vez em quando, os prisioneiros eram levados para a sala especial de interrogatório usada pela Kempei Tai. Alguns americanos inventavam histórias, imaginando que conseguiriam permanecer vivos se dissessem o que pensavam que seus captores desejavam ouvir.

Os dois prisioneiros no quartel-general da 2^o Divisão de Infantaria eram vigiados pelo soldado Masaru Matsuoka, que não pertencia à Kempei Tai. Ele ficava de guarda, o rifle com baioneta talada pronto para entrar em ação, em turnos de três horas de serviço, três horas de folga.

Matsuoka nunca falava com os americanos. Ele e os outros guardas acharam que as roupas dos prisioneiros eram tão esfarrapadas que “a América deve estar em péssima situação e ainda poderemos ganhar a guerra”.

Matsuoka sentia pena dos prisioneiros. Não podia compreender por que eles não se haviam matado para evitar a captura, como ‘nós tínhamos feito’. Para ele, a desgraça de ter sido derrubado era razão suficiente para morrer.

Os cintos e cordões dos sapatos dos prisioneiros tinham sido tirados. Quando pediam uma navalha para se barbear, o pedido era recusado. Os japoneses temiam que os americanos ainda pudessem cometer suicídio.

Em Washington, Groves examinou a cópia de um cabograma urgente que Spaatz enviara de Guam:

REFERÊNCIA OPERAÇÃO QUILHA MARCADA DEPOIS 3 AGOSTO
CONTRA NAGASAKI. INFORMES, FONTES PRISIONEIROS
GUERRA, NÃO CONFIRMADOS POR FOTOS, DÃO LOCALIZAÇÃO
CAMPO DE PRISIONEIROS GUERRA ALIADOS DOIS
QUILÔMETROS NORTE CENTRO CIDADE NAGASAKI. ISSO
INFLUENCIA ESCOLHA DESSE ALVO INICIO OPERAÇÃO
QUILHA? SOLICITO RESPOSTA IMEDIATA.

Groves sabia que os prisioneiros em Nagasaki poderiam ficar cegos com a explosão atômica, na melhor das hipóteses. Era mais provável, no entanto, que morressem.

Não querendo por uma vez assumir a responsabilidade total por tudo o que envolvia o Projeto Manhattan, ele consultou o General Handy, que disse que o assunto deveria ser levado à consideração de Stimson, que acabara de voltar da Conferência dos Três Grandes.

Antes de ir falar com Stimson, Groves preparou a resposta para Spaatz comunicando que não deveria haver mudança nos alvos por causa de prisioneiros de guerra. Mas o comandante de Guam poderia ajustar os locais dos alvos em que a bomba poderia ser lançada de maneira a diminuir a possibilidade de atingir um campo de prisioneiros de guerra.

Cauteloso desde sua confrontação com Stimson a propósito da proposta para bombardear Kyoto, Groves apresentou-lhe o cabograma de Spaatz e depois a resposta que propunha. Mais tarde, Groves recordou:

— A única reação dele foi agradecer-me por ter mostrado meu cabograma antes de enviá-lo.

Enquanto isso, Spaatz enviara outra mensagem ultra-secreta para Handy:

HIROXIMA SEGUNDO INFORMES PRISIONEIROS DE GUERRA É A ÚNICA DAS QUATRO CIDADES-ALVO PARA QUILHA QUE NÃO TEM CAMPOS DE PRISIONEIROS DE GUERRA ALIADOS. ACONSELHE.

Handy conversou com Groves pelo telefone, antes de responder. E depois passou o seguinte cabograma para Spaatz:

SE CONSIDERA SUA INFORMAÇÃO MEREDEDORA CRÉDITO, HIROXIMA DEVE SER PRIMEIRA PRIORIDADE.

Hiroxima foi colocada em primeiro lugar na lista de alvos.

25

A maior frota aérea concentrada nas Marianas deveria bombardear o Japão a 31 de julho. Quase mil bombardeiros decolariam ao meio-dia para atacar uma dúzia de cidades japonesas.

Pouco depois do meio-dia, o primeiro motor Wright Cyclone entrou em funcionamento. Foi seguido por outro e mais outro, até que o barulho de centenas de motores ecoava estrondosamente.

Depois de se deslocarem para a cabeceira das pistas, os bombardeiros avançavam, quatro de cada vez, pelas pistas paralelas de 3.500 metros do

Campo Norte. Levou duas horas para que todos os bombardeiros decolassem. Quando o último aparelho alçou vôo do Campo Norte, o que ia na vanguarda já estava a uma distância de quase 800 quilômetros.

Dezenas de homens das equipes de terra haviam esquecido o almoço para contemplar a partida da gigantesca frota aérea. Beser foi um dos poucos homens do 509º que acharam que valia a pena perder a comida de Perry para “apreciar o espetáculo”. O desejo de Beser de entrar em ação ainda não fora satisfeito, apesar de ele já ter realizado diversas missões sobre o Japão. Naquele dia, como sempre, o tenente desejou ardentemente estar voando também.

Contudo, Beser sabia que todos aqueles aviões reunidos levavam uma carga de bombas com poder explosivo inferior ao que se esperava da primeira bomba atômica.

O oficial de radar era um dos poucos homens em Tinian que sabiam que a arma estava agora finalmente montada. Encontrava-se sobre cavaletes na oficina da Área Técnica, pronta para entrega. Para Beser, a bomba parecia “uma lata de lixo comprida, com barbatanas”.

* * *

Tibbets, Ferebee e Van Kirk passaram a manhã em Iwo Jima, verificando os planos para usar a ilha como um local de pouso de emergência para a missão atômica. Meses antes, ficara decidido que, se por algum motivo, o avião transportando a bomba atômica apresentasse algum defeito no estágio inicial da viagem, deveria aterrar em Iwo Jima. Era melhor pôr em risco os poucos milhares de soldados americanos ali estacionados do que arriscar mais de 20 mil em Tinian... sem falar na segunda peça de material bélico de valor inestimável que havia em Tinian, a bomba de plutônio.

No centro de uma área cercada em Iwo Jima, havia um buraco grande e profundo, cujas dimensões eram as mesmas de outro buraco similar em

Tinian, igualmente cercado. No dia da missão, a bomba atômica seria baixada para o buraco em Tinian, o B-29 iria parar sobre ele, e a bomba seria guinchada para o compartimento do avião. O buraco em Iwo Jima permitiria uma rápida transferência da bomba para um avião de reserva, caso o avião original fosse obrigado a fazer ali uma aterragem forçada. Um centro de comunicações especialmente preparado funcionaria como posto de muda entre o avião e Tinian.

Satisfeitos, Tibbets e seus companheiros deixaram Iwo Jima tão misteriosamente quanto haviam chegado. Voando novamente para o sul, encontraram o espaço aéreo de 900 quilômetros até Tinian “atravancado de bombardeiros”. Tibbets pensou consigo mesmo que “em breve tudo isso estará obsoleto... se a bomba atômica funcionar”.

* * *

A 19 de agosto, depois de um dos magníficos cafés da manhã de Perry, Tibbets foi para o seu gabinete no quartel-general do 509º, fechou a porta, sentou-se à mesa e começou a escrever rapidamente.

Levou apenas alguns minutos para elaborar a ordem ultra-secreta para o primeiro ataque atômico da história.

Guardou a ordem num envelope lacrado e despachou por mensageiro especial para o quartel-general de LeMay em Guam.

A ordem especificava que sete B-29 seriam usados na missão histórica. Um deles seria necessário em Iwo Jima para servir como avião de reserva. Três voariam à frente do avião com a bomba, um para cada cidade-alvo em potencial, a fim de verificar o tempo no local e transmitir as informações necessárias. O aparelho com a bomba seria acompanhado por dois aviões de observação.

O coronel tinha agora que decidir qual das suas tripulações iria voar com ele na missão, quais as que desempenhariam as outras funções.

Ele começou por escalar Eatherly para pilotar o avião que iria verificar o tempo em Hiroxima.

* * *

Ao meio-dia, Tibbets mandou chamar o oficial de informações do grupo, Tenente-Coronel Hazen Payette, e seu colega do 393º Esquadrão, Capitão Joseph Buscher. Fora este último, no primeiro dia em Wendover, há quase um ano, quem recomendara aos aviadores que se queixavam, para “darem uma chance ao lugar”.

Tibbets informou aos dois homens da missão iminente e determinou que se preparassem para dar a notícia às tripulações escolhidas sobre a aparência das cidades-alvo de 10 mil metros de altitude.

* * *

Em Guam, o General Thomas Farrell, Subchefe de Groves, que acabara de chegar às Marianas para servir de “olhos e ouvidos” do projeto, recebeu seu primeiro cabograma de “Casmurro”, o nome em código do quartel-general de Groves em Washington:

HÁ ALGUMA COISA QUE FICOU POR FAZER AQUI OU AI QUE ESTEJA ATRASANDO INICIO DA OPERAÇÃO GAROTINHO?

Farrell, um homem louvavelmente de poucas palavras, passou o cabograma de resposta: NÃO.

* * *

Depois do almoço, Tibbets mandou chamar, em rápida sucessão, a Perry, o oficial do rancho, Sweeney, o Comandante do 393º, e Classen, o Subcomandante do 509º.

Entre outras instruções, determinou a Perry que providenciasse “um bom estoque de torta de abacaxi de 3 de agosto em diante”. Era sua sobremesa predileta e gostava de comê-la antes de voar.

Tibbets informou a Sweeney da missão iminente. Disse ao irlandês de Boston que o avião dele, o Great Artiste, seria transformado num laboratório voador, levando instrumentos sensíveis que iriam medir a explosão e outros efeitos da bomba. Sweeney e outro B-29, transportando equipamento fotográfico, acompanhariam o avião de Tibbets ao alvo.

Classen recebeu uma informação geral. Tibbets sentiu que seu Subcomandante, por tanto tempo negligenciado, ficou contente por ser finalmente posto a par de tudo.

O coronel não mandou chamar Lewis para informá-lo de que seria seu copiloto na missão. Achava que isso “era tão evidente que não precisava nem dizer”.

Em Washington, Groves recebeu outro cabograma lacônico de Farrell. “Desde 10:00 horas Horário de Guerra no Oriente”, a bomba estava pronta para ser lançada sobre o Japão. Truman insistira em dar aos líderes inimigos mais alguns dias para reconsiderarem sua reação inicial à Proclamação de Potsdam. Mas tudo o que eles disseram desde então parecia confirmar a rejeição. Para Groves, a operação estava agora “em pleno andamento”.

26

No início da tarde de 2 de agosto, Tibbets e Ferebee chegaram ao quartel-general de LeMay em Guam para completar os detalhes que o Comandante do 509º fora incapaz de incorporar ao esboço da ordem de missão que enviara no dia anterior.

LeMay acabara de ser promovido a Chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas Estratégicas. Estava de bom humor.

A primeira coisa que os dois aviadores precisavam saber era qual a cidade-alvo que LeMay pessoalmente preferia. Quando Groves, em princípio, recomendara Kyoto, LeMay discordara. Em sua opinião, Kyoto “não era um objetivo militar, apenas um lugar cheio de santuários e coisas do gênero; além do mais, bombardear pessoas não leva a parte alguma, simplesmente não é proveitoso”. Mas LeMay estava satisfeito com Hiroxima. Sabia que havia muitas tropas na cidade e uma boa concentração de fábricas de guerra. Virou-se para Tibbets e disse, tranquilamente:

— Paul, o alvo primário é Hiroxima.

A resposta de Tibbets foi imediata:

— Sempre foi a minha preferência.

LeMay levou os visitantes a uma imensa mesa de mapa, com as últimas fotografias aéreas de reconhecimento de Hiroxima. Enquanto Tibbets e Ferebee as estudavam, LeMay chamou seu oficial de operações, Blanchard. LeMay quebrou o silêncio:

— Bombardeando da altitude que você tenciona, os ventos transversais podem ser um problema.

Ferebee concordou, dizendo que seu visor “pode corrigir até 25 a 30 graus de ventos transversais, mas às vezes chega a haver 40 a 50 lá em cima”.

Blanchard propôs uma solução:

— Você deve voar diretamente com vento de cauda. Teria a dupla vantagem de aumentar a velocidade, deixando-o menos tempo vulnerável sobre o alvo, e não teria que se preocupar mais com ventos transversais.

Tibbets discordou. Achava melhor voar diretamente contra o vento, o que poderia eliminar também o efeito dos ventos transversais e dar a Ferebee a melhor chance de bombardear acuradamente.

LeMay ressaltou que ir contra o vento implicaria em diminuir a velocidade do avião, fazendo com que a passagem sobre o alvo se tomasse mais arriscada.

Ferebee olhou para Tibbets e depois falou por ambos:

— Nosso propósito primário é atingir o alvo. Estamos indo até lá para bombardear e não para fazer as coisas da maneira mais segura.

— Está certo. Irão contra o vento.

LeMay pediu em seguida a Ferebee que selecionasse seu ponto de alvo.

O bombardeador, sem hesitar, colocou o dedo indicador sobre a Ponte Aioi, em forma de T, no centro de Hiroxima.

LeMay assentiu.

Tibbets concordou.

— É o mais perfeito PA que já vi em toda esta maldita guerra!

FISSÃO

**De 3 de agosto de 1945 a 8:16 horas
de 6 agosto de 1945**

1

A menos de um quilômetro da Ponte Aioi, um americano solitário e vendado estava imóvel, no Castelo de Hiroxima. Seu guarda, o soldado Matsuoka, segurou-lhe os braços e começou a levantá-los o abaixá-los. Assim que o prisioneiro começou a fazer o movimento por si mesmo, Matsuoka segurou-lhe os joelhos, forçando-os a curvarem.

Todas as manhãs, os 23 prisioneiros de guerra americanos em Hiroxima faziam tais exercícios.

Embora ainda não fosse oito horas da manhã, o sol de agosto era forte e não demorou muito para que o macacão imundo do prisioneiro estivesse encharcado de suor. Depois, ainda vendado, ele foi obrigado a marchar durante 15 minutos pelo pátio do castelo.

A cerca de 50 metros de distância, em seu gabinete, o Prefeito Awaya escutava Maruyama anunciar as últimas estatísticas. Até aquela manhã, 3 de agosto, 30 mil adultos e 11 mil estudantes, entre as idades de 11 e 17 anos, tinham sido recrutados para os batalhões de trabalho nas trilhas abertas para impedir a propagação de incêndios. Mais de 70 mil residências tinham sido demolidas. Cerca de 60 mil civis, dos 340 mil que habitavam a cidade no pique do período da guerra, tinham sido evacuados. Um sexto êxodo ocorreria dentro de poucos dias, quando mais pessoas perderiam suas casas. Naquela manhã, calculou Maruyama, havia cerca de 280 mil civis na cidade.

Os dois sabiam que o número cada vez menor de lojas em Hiroxima não seria suficiente para suprir as necessidades de tantas pessoas. Antes da guerra, existiam quase duas mil lojas de mantimentos na cidade; agora, havia pouco menos de 150. Muitas das casas comerciais maiores só podiam fornecer para os militares. E Awaya sabia também que eram as exigências dos militares que tornavam necessária a permanência de tantos cidadãos na cidade. A fábrica Toyo, por exemplo, precisava de 10 mil empregados, para

produzir seis mil rifles por semana. A Companhia Mitsubishi também exigia uma gigantesca força de trabalho e, assim como o complexo do fabricação de aço à beira de Hiroxima, estava funcionando sete dias por semana, 24 horas por dia.

Awaya disse a seu assistente que tentaria uma audiência imediata com o Marechal-de-Campo Hata, a fim de pedir a ajuda do comandante para “mudar a situação e terminar com essa loucura”.

Maruyama advertiu-o de que, em situações formais, Hata tinha a reputação de ser inflexível. Sugeriu que era muito melhor conversar com o Marechal-de-Campo num ambiente mais descontraído. E dentro de dois dias haveria uma oportunidade para isso, pois o prefeito fora convidado para um coquetel no clube dos oficiais, a 5 de agosto.

Awaya disse que pensaria na sugestão.

* * *

No Hospital Cirúrgico Shima, o Dr. Kaoru Shima sorriu para seu ansioso visitante. Era um fazendeiro que andara vários quilômetros para pedir ao Dr. Shima que fosse ver sua esposa. Pela descrição dele, o Dr. Shima tinha a impressão de que a mulher estava grávida. O médico prometeu visitar a fazenda na próxima vez em que fosse àquela área.

2

A 2 de agosto, Tibbets dissera a Van Kirk que iria na missão.

Dando instruções ao navegador, o coronel ressaltara a importância da acurácia. Isso não preocupava o experiente Van Kirk. Mas ele estava preocupado com o fato de que Tibbets, Ferebee e ele jamais tinham voado juntos de Tinian, e agora não haveria oportunidade para isso, antes da missão. Além do mais, alguns dos homens com quem iria voar eram praticamente estranhos para ele.

Van Kirk não transmitiu suas preocupações a Tibbets. Mas, pouco depois de deixar o gabinete de Tibbets, uma urticária dolorosa irrompeu em diversos pontos de seu corpo. O navegador apresentou-se ao médico do grupo, Young, que o internou e comunicou o fato a Tibbets.

Este ficou ainda mais alarmado do que Van Kirk com a estranha erupção. Na opinião do coronel “não havia mais ninguém com a mesma categoria de “Dutch” quando se tratava de fazer uma navegação acurada”. Mandou que Ferebee fosse ao hospital para descobrir a gravidade do estado de Van Kirk.

Foi uma escolha inspirada. Ferebee fez pouco caso da doença de Van Kirk, “acusando-me de ficar de cama só para atrair a atenção das enfermeiras mais lindas que podia existir”.

Depois que o major se retirou, o Dr. Young visitou o navegador. Procurando uma “possível base emocional” para a doença, o Dr. Young perguntou a Van Kirk:

- Está preocupado com a missão?
- Não.
- Quer realmente ir? Tem esposa e agora um filho.
- Quero ir.
- Pois então vá!

Em algumas horas a urticária de Van Kirik desapareceu inteiramente, e ele deixou o hospital a 3 de agosto.

* * *

No mesmo dia, LeMay voou para Tinian com a ordem para a Missão Especial de Bombardeio N° 13. Era basicamente o mesmo documento que Tibbets elaborara na manhã de 19 de agosto, com o acréscimo de diversos detalhes. O ataque estava marcado para 6 de agosto. Os alvos eram:

Primário — área industrial urbana de Hiroxima.

Secundário — arsenal e cidade de Kokura.

Terciário — área urbana de Nagasaki.

A ordem confirmava que nenhum avião amigo, “além dos relacionados aqui, estará dentro de uma área de 80 quilômetros de qualquer dos alvos para a missão, num período de quatro horas anteriores e de seis horas subsequentes ao ataque”.

Trinta e duas cópias da ordem foram distribuídas aos comandos em Guam, Iwo Jima e Tinian. Tibbets guardou sua cópia no cofre do gabinete e saiu com LeMay para inspecionar “Garotinho”, repousando em seus cavaletes, na Área Técnica fortemente guardada.

* * *

Pouco depois das duas horas da tarde de 4 de agosto, a cabana de instruções do 509º foi fechada por PMs armados de carabinas, que cercaram inteiramente a construção estreita e comprida. Lá dentro, os oficiais de informações Hazen Payette e Joseph Buscher pregaram em dois quadros ampliadas fotografias de reconhecimento de Hiroxima e dos alvos alternativos, cobrindo-as com grandes panos. As paredes estavam cobertas de mapas do Japão e lembretes de que “uma conversa descuidada pode custar vidas”.

Parsons chegou às 2:30 horas com um grupo de cientistas. Entre eles estava o Segundo-Tenente Morris Jeppson, que alguns dias antes ganhara um caracol-coroa com outro oficial especialista em eletrônica para decidir quem assistiria Parsons na missão. Este tirou uma lata de filme da pasta e um operador pôs o rolo no projetor.

O contingente britânico chegou às 2:45 horas. Tanto Cheshire como Penney estavam com expressões carrancudas, pois tinham acabado de ser informados por LeMay de que não iriam na primeira missão atômica. Esperando ainda que a ordem fosse modificada no último momento, os dois sentaram-se atrás dos cientistas.

Caron, Duzenbury, Shumard, Stiborik e Nelson chegaram em macacões de vôo. Tinham acabado de retornar de um teste local, no qual Van Kirk, inteiramente recuperado, navegava até Rota. Tibbets fizera uma arremetida para o alvo de quatro minutos, e inclinara o avião bruscamente, depois que Ferebee lançara a bomba de exercício. Todos os equipamentos do bombardeiro haviam funcionado perfeitamente.

Durante o exercício, Lewis, no assento do co-piloto, pouco falara. Antes do vôo, ele realizara a dolorosa tarefa de dizer a seu bombardeador e navegador habituais que haviam sido “suplantados pelo posto” e não iriam voar a missão atômica. Tibbets finalmente deixara claro para Lewis que ele seria o co-piloto. O coronel estaria no comando. Mas o capitão ainda achava que era “basicamente minha tripulação” que iria realizar a missão.

Caron chegou à reunião usando o seu quepe dos Dodgers de Brooklyn e determinado a não tirá-lo em hipótese alguma, a não ser que recebesse uma ordem direta. Na noite anterior, num momento de embriaguez, o sargento sucumbira à sugestão de Shumard para que cortasse os cabelos. Um embriagado barbeiro da Base e Duzenbury haviam raspado a cabeça de Caron, até que ficasse parecendo qualquer coisa entre um índio pé-negro e uma pradaria ceifada”.

Lewis entrou com a tripulação de Eatherly, que estava bastante expansivo, depois de uma noite de comemorações. Sentaram-se perto da tripulação de Sweeney, que estava mais sisuda, seguindo o exemplo de seu comandante. Antes da reunião, Sweeney conversara com três cientistas que estavam

instalando equipamentos de rádio e de filmagem automática no Great Artiste. Os cientistas explicaram a Sweeney que três pára-quadras levando cilindros similares em formato e peso a extintores de incêndio, seriam lançados do avião perto do alvo. Transmissores de rádio nos cilindros enviariam dados para os receptores no avião. Sweeney havia compreendido que teria de voar em perfeita sincronia com Tibbets para ter certeza de que os instrumentos cairiam na área designada.

Beser chegou com Tom Classen. Sentaram no fundo da sala, perto do projetor. Para Beser, a reunião era uma pausa bem-vinda "do ritmo alucinante na Área Técnica". Tendo trabalhado na bomba de urânio, ele estava agora ajudando na montagem final da bomba de plutônio. Pouco antes de ir para a reunião, o cientista Ed Doll dissera-lhe que deveria estar preparado para "ir numa segunda missão". Beser perguntara quantos bombardeiros atômicos estavam planejados, e Doll respondera:

— Tantos quantos forem necessários para fazê-los desistirem. Terebee e Van Kirk entraram logo depois e foram sentar-se na frente, perto do General Farrell.

Precisamente às três horas, Tibbets chegou, num uniforme cáqui recém-passado. Flanqueando por Payette e Buscher, o coronel foi para a plataforma. Os dois oficiais de informações postaram-se junto aos quadros. Parsons colocou-se ao lado de Tibbets na plataforma.

O Sargento Spitzer estava-se concentrando para recordar depois de todas as suas impressões, a fim de registrá-las no diário que mantinha. Percebeu que Parsons "estava suando bastante, limpando a garganta a todo instante, mexendo em seus papéis".

Dois meses antes, numa conferência em Los Alamos, um dos assistentes de Parsons propusera "armar" a bomba em vôo. Oppenheimer e Groves se opuseram à idéia, achando que assim ficaria fácil demais para que alguma coisa saísse errada. Não obstante, Parsons, cada vez mais preocupado com o índice crescente de acidentes em Tinian, decidira inserir o explosivo convencional e seu detonador na traseira da bomba depois que o avião tivesse levantado vôo. Tal providência iria reduzir o risco, mas, se houvesse

um acidente, a “bala” de urânio ainda poderia deslizar pelo cano, atingir o “alvo” e causar uma explosão nuclear.

Parsons ainda não revelara seu plano a ninguém. Receava que Groves pudesse detê-lo se soubesse, estendendo seu braço comprido de quase 12 mil quilômetros de distância.

O murmúrio abafado na sala cessou no momento em que Tibbets começou a falar:

— O momento chegou. Recentemente, a arma que estamos prestes a usar foi testada com pleno sucesso nos Estados Unidos. Recebemos ordens para lançá-la sobre o inimigo.

Ele sacudiu a cabeça para Payette e Buscher, que removeram os panos dos quadros.

O coronel anunciou os alvos em ordem de prioridade: Hiroxima, Kokura e Nagasaki. Em seguida, designou os três B-29 que iriam na frente para verificar as condições meteorológicas. O Straight Flush de Eatherly iria para Hiroxima; Jabbit III, comandado pelo Major John Wilson, voaria para Kokura; Full House, pilotado pelo Major Ralph Taylor, seguiria para Nagasaki.

O Great Artiste de Sweeney e o N° 91, comandado pelo Major George Marquardt e levando equipamentos fotográficos, iriam acompanhar Tibbets ao alvo real, cuja escolha final dependeria dos relatórios sobre o tempo transmitidos pelo rádio pelos aviões da vanguarda. Se todas as três cidades estivessem com tempo desfavorável, o avião voltaria para Iwo Jima, depois que Parsons “desarmasse” a bomba no ar.

O sétimo B-29 que participaria da missão, o Top Secret, comandado pelo Capitão Charles McKnight, foi designado para voar até Iwo Jima e ficar de prontidão, como avião de reserva.

Em seguida, Tibbets apresentou Parsons, que foi direto ao assunto:

— A bomba que vocês vão lançar é algo inteiramente novo na história da guerra. E a arma mais destrutiva que já foi produzida. Achamos que vai destruir quase tudo num raio de cinco quilômetros.

Um murmúrio de espanto varreu a sala.

Parsons fez um resumo da história do Projeto Manhattan. Mais tarde, Spitzer registrou sua reação ao que ouvira: “É como um sonho fantástico, concebido por alguém com uma imaginação por demais delirante.”

Parsons fez sinal para que o operador ligasse o projetor. Nada aconteceu. O operador mexeu no mecanismo. Subitamente, o celulóide ficou preso nas engrenagens, que começaram a rasgá-lo.

Parsons disse ao operador que parasse a máquina, voltou à plataforma e dirigiu-se à audiência:

— O filme que vocês não estão prestes a ver... — O capitão da Marinha fez uma pausa e as risadas atenuaram a tensão. — . . .É do único teste que realizamos. Vou contar o que aconteceu. O clarão da explosão foi visto a mais de 15 quilômetros. Um soldado a três quilômetros de distância foi derrubado ao chão. Outro soldado a mais de oito quilômetros ficou temporariamente cego. Uma moça numa cidadezinha a muitos quilômetros de distância, cega de nascença, avistou o clarão. A explosão foi ouvida a 80 quilômetros de distância.

Todos os homens na sala estavam inteiramente aturdidos. Até mesmo Tibbets, que sabia o que estava para acontecer, ficou “atordoado com a descrição”.

Parsons continuou:

— Ninguém sabe exatamente o que acontecerá quando a bomba for lançada do ar. Isso nunca foi feito antes. Mas esperamos uma nuvem com este formato... Virou-se e desenhou um cogumelo num quadro-negro. — ... que irá elevar-se pelo menos a 10 mil metros e talvez a 20 mil, precedida por um relâmpago muito mais intenso do que o brilho do Sol.

Buscher adiantou-se com uma caixa de papelão, de onde tirou um par de óculos escuros de proteção, semelhantes aos usados por soldados. Parsons explicou que aqueles óculos seriam usados por todos os tripulantes dos aviões que estivessem próximos do alvo na ocasião da explosão. Pôs os óculos e indicou um botão por cima do nariz, informando que bastava girá-lo para alterar a quantidade de luz que passaria pelas lentes. Sobre o PA, disse ele, o botão deveria ficar no ponto mínimo.

Payette e Buscher distribuíram os óculos, enquanto Tibbets dava um aviso:

— Vocês são agora as tripulações mais importantes da Força Aérea. Não falem... nem mesmo entre vocês próprios. Não escrevam para casa. Nem sequer mencionem a possibilidade de uma missão.

O coronel esclareceu em seguida qual seria o percurso até o Japão, as altitudes nas diversas etapas do vôo, a altitude de bombardeio e o momento provável da decolagem: às primeiras horas de segunda-feira, 6 de agosto.

O oficial encarregado das operações de resgate subiu à plataforma, dizendo que nenhuma missão jamais contara com um apoio tão meticuloso. Voando ao largo da costa japonesa haveria Super- dumbos, aviões B-29 especialmente equipados para coordenar operações de resgate e repelir qualquer oposição inimiga. Dumbos, hidroaviões da Marinha, estariam patrulhando todo o percurso, para o do Japão, prontos para pousar no mar e resgatar qualquer tripulação. Dando apoio aos aviões, haveria cruzadores, contratorpedeiros e “salva-vidas”, submarinos preparados para “emergir quase nas praias inimigas, a fim de recolhê-los”.

Antes da reunião, Ed Doll dissera a Jeppson o que deveria fazer se caísse nas mãos do inimigo:

— Deve dizer aos japoneses tudo o que sabe. Saberemos então o que você revelou. De qualquer maneira, eles acabarão descobrindo tudo.

Doll era um civil. Buscher era um militar, e apresentou a reação formal da Força Aérea: os homens capturados deveriam dizer apenas o nome, posto e número de série. Recordou-lhes que examinassem meticulosamente os

trajes de vôo, para se certificar de que não estavam levando objetos pessoais, que poderiam ser úteis ao inimigo.

Tibbets concluiu a reunião com uma rápida preleção. Mais tarde, não se recordaria de suas palavras exatas. O único registro foi o de Spitzer:

o coronel começou falando que qualquer coisa que cada um de nós pudesse ter feito antes, inclusive ele próprio, era insignificante, em comparação com o que íamos fazer agora. Disse depois as coisas de sempre, mas fê-lo muito bem, como se realmente pensasse daquela forma. Falou no orgulho que sentia por trabalhar com a gente, sobre o nosso moral alto, como fora difícil para a gente passar todo aquele tempo sem saber o que estávamos fazendo, pensando que talvez estivéssemos perdendo tempo e que a “engenhoca” podia ser apenas o sonho delirante de alguém. Disse que se sentia pessoalmente honrado e tinha certeza de que todos nós nos sentíamos também, por termos sido escolhidos para participar daquela missão. E acrescentou que aquela missão — e todos os figurões assentiram quando ele falou isso — ia abreviar a guerra em pelo menos seis meses. E a gente ficou realmente pensando que aquela bomba ia acabar com a guerra.

A 5 de agosto, uma máquina duplicadora emitiu a ordem de operações nº 35, com uma única folha, descrevendo os preparativos finais para o ataque.

A ordem era basicamente um cronograma das atividades do dia, das refeições para as diversas tripulações até o último momento em que poderiam ficar repousando nos alojamentos antes da decolagem. A ordem enumerava também todos os detalhes que os mecânicos precisavam saber, sobre que aviões e quando deveriam preparar, quanto combustível e munição iriam transportar. A única bomba a ser levada na missão era descrita apenas como “especial”.

Os dados cruciais sobre o tempo previsto nas 24 horas seguintes no oeste do Japão seriam transmitidos pelo rádio do norte da China, por ordem de Mao Tsé-tung.

Depois de ir à missa pela manhã, Sweeney iria realizar o último vôo pré-atômico do 509º. Recebeu ordens de Tibbets de levar o Great Artiste a 10 mil metros de altitude e lançar uma bomba cheia apenas de concreto sobre o oceano, enquanto os cientistas em Tinian registravam a trajetória. O teste de detonação era similar ao que a tripulação de Sweeney realizara em Wendover, quando o mecanismo disparara prematuramente.

Na altitude indicada, Sweeney avisou pelo rádio que estava tudo pronto.

Entre os cientistas à espera lá embaixo para observarem a trajetória da bomba estava Luis Alvarez, filho de um famoso cirurgião da Clínica Mayo. Quando ainda estava no Instituto Tecnológico de Massachusetts, Alvarez inventara o sistema de aproximação de controle de terra, que um dia seria usado em quase todos os aeroportos do mundo. Posteriormente, ele chefiara a equipe de Los Alamos que construíra o complexo mecanismo de lançamento da bomba. Em Tinian, desenvolvera um artefato que seria levado pelo avião de Sweeney e lançado sobre a cidade-alvo, a fim de ajudar a medir a onda de choque da bomba atômica.

Agora, escutando pelos fones, Alvarez estava esperando que o ruído constante e firme que ouvia fosse quebrado, indicando que a bomba de teste de Sweeney deixara o avião. Ele sabia perfeitamente a sequência de acontecimentos, se tudo corresse bem. Era precisamente a mesma da bomba atômica real que seria lançada no dia seguinte.

Quando a bomba caísse do avião, fios que estavam presos a ela seriam rompidos, não apenas interrompendo o sinal especial mas também fechando um circuito dentro da própria bomba, o primeiro de uma série que teriam de ser fechados em sequência, antes que a eletricidade, percorrendo as baterias internas chegasse à extremidade do circuito, que era o detonador elétrico. Assim que a eletricidade alcançasse o detonador, atearia a pólvora explosiva. Se não houvesse nenhum contratempo no dia seguinte, isso enviaria a “bala” de urânio pelo cano de canhão, causando a explosão atômica.

Alvarez ouviu o sinal parar. Sabia que a bomba de teste estava a caminho. O primeiro circuito devia estar fechado. Sweeney iniciou a volta de 155 graus. Um mecanismo de tempo na bomba esperava um determinado

número de segundos antes de fechar o segundo disjuntor do circuito elétrico. Fechado esse disjuntor, a eletricidade seguiria em frente pelo circuito, até encontrar outro aberto, este controlado por um mecanismo que media a pressão barométrica. O mecanismo deveria fechar o disjuntor quando a bomba estivesse a 1.500 metros do solo. Depois, vinha o último e mais sensível mecanismo do circuito. Era um aparelho de radar miniaturizado, também embutido no interior da bomba. Seu transmissor emitia ondas de rádio que batiam no solo e voltavam, sendo recebidas pelas antenas de radar da bomba, situadas na frente como estranhos sensores. Se tudo corresse bem, o radar fecharia o disjuntor final no circuito, quando a bomba ainda estivesse a uma altura de 550 metros.

Naquele teste, para indicar que o sistema de detonação funcionara perfeitamente, a bomba deveria emitir uma baforada de fumaça a 550 metros. Através de binóculos, Alvarez e os outros cientistas ficaram observando a trajetória da bomba, à espera do sinal de fumaça.

Em vão.

A bomba de teste passou sem emitir qualquer fumaça pela altura prevista e mergulhou no oceano.

Alvarez virou-se para os colegas e disse:

- Amanhã vamos lançar a bomba de verdade no Japão e ainda não conseguimos acertar tudo.

Sweeney não estava surpreso. Ele sabia que as bombas japonesas tinham uma tendência a explodir prematuramente, enquanto as bombas convencionais produzidas pelos Estados Unidos apresentavam uma porcentagem de falhas. Com uma bomba tão nova e complexa, as possibilidades de sucesso deviam ser ainda menores.

Ele achou que a bomba que Tibbets lançaria no dia seguinte iria falhar.

* * *

Ao sol quente e ofuscante, um grupo de homens comandado pelo cientista Bernard Waldman, professor de Física emprestado pela Universidade de Notre Dame, terminou de ajustar o N° 91 para seu papel de fotógrafo. Uma câmara de ação rápida iria substituir o visor de bombardeio Norden do avião. O próprio Waldman estaria agindo como cinegrafista.

Às 12:15 horas da tarde, a máquina de telecomunicações na sala de operações do 509º entrou em funcionamento, transmitindo a confirmação para LeMay, em Guam, de que a hora da decolagem do avião transportando a bomba atômica seria em menos de 12 horas. O avião chegaria ao alvo entre oito e nove horas da manhã seguinte.

Às 2:30 horas, Ed Doll mandou um telegrama codificado para Los Alamos. Baseava-se numa entrevista que tivera com Beser, que lhe informara que verificações meticulosas “não tinham detectado até agora nenhum japonês usando a frequência em que o radar embutido da bomba estará operando”.

Por volta das três horas, Morris Jeppson e três oficiais do Primeiro Esquadrão de Material Bélico haviam concluído a instalação de um painel de controle um pouco à frente do compartimento de bombas e logo atrás dos compartimentos do engenheiro e do piloto, no avião que Tibbets voaria. O console tinha cerca de 80 centímetros de altura e 50 de largura. Continha interruptores, medidores e pequenas luzes coloridas indicativas. Ligados atrás do painel havia quatro cabos grossos, cada um contendo 24 fios individuais. Esses cabos estendiam-se como cordões umbilicais para dentro do compartimento da bomba. Assim que ela estivesse instalada, os cabos lhe seriam ligados. Iriam desligar-se automaticamente quando a bomba fosse lançada.

O painel destinava-se a controlar as baterias da bomba, verificar quaisquer curtos-circuitos e o fechamento prematuro de algum disjuntor, localizar qualquer defeito nos mecanismos de pressão barométrica, de tempo ou do radar.

Enquanto Jeppson e sua equipe trabalhavam dentro do bombardeiro, um pintor de placas colocava uma escada no nariz do aparelho e subia até o

alto, visivelmente mal-humorado, levando uma lata de tinta e um pincel.

Fora arrancado de um jogo de futebol por Tibbets, que lhe entregara um pedaço de papel e lhe determinara que pintasse o nome no avião, “em letras grandes e bonitas”.

Eram duas palavras que estavam escritas no papel: Enola Gay.

* * *

Às 3:30 horas, um grupo de cientistas, PMs e agentes de segurança reuniram-se em torno da bomba, agora descansando sobre um trole.

A um sinal do Major Uanna, depois que ele cuidadosamente cobriu a bomba com uma lona, o trole foi enganchado a um trator e tirado lentamente do galpão e da Área Técnica.

Parecendo a alguns observadores como um cortejo fúnebre militar, o trole e seus guardas percorreram quase um quilômetro de asfalto até o Enola Gay. A bomba foi guinchada ao compartimento especial e presa ao gancho especificamente fabricado para ela. As portas de cinco metros foram fechadas.

Estavam a apenas 10 horas da decolagem.

* * *

Às 4:15 horas, Tibbets, Ferebee e Van Kirk posaram com Lewis e a tripulação regular do Enola Gay para um fotógrafo da Força Aérea, diante do quartel-general do 509°. Estavam todos aparentemente relaxados e até

zombaram de Caron por sua recusa em tirar o quepe de beisebol. Depois, Lewis e o resto da tripulação resolveram inspecionar o bombardeiro.

No Enola Gay, eles foram barrados por PMs. Desapontado, mas ainda alegre, Lewis começou a contornar o B-29.

Subitamente, como Caron recordaria mais tarde, Lewis gritou:

— Que diabo isso está fazendo no meu avião?

A tripulação juntou-se ao piloto, que olhava, com uma expressão furiosa, para as palavras Enola Gay.

Mais tarde, Lewis assim contou o incidente:

— Fiquei furioso. Chamei o oficial encarregado da manutenção e perguntei: “Quem pôs esse nome aqui?” Ele se recusou a dizer. E eu então gritei: “Pois quero que seja apagado imediatamente! Chame seus homens e mande tirar esse nome do meu avião!” Ao que ele disse: “Não posso fazer isso.” E eu perguntei: “Quem, diabo, autorizou você a escrever esse nome aí?” E a resposta dele. “Foi o Coronel Tibbets.”

Lewis seguiu imediatamente para o quartel-general do grupo e entrou no gabinete de Tibbets.

O que se seguiu é controvertido. A versão de Lewis é uma:

— Tibbets sabia o que eu tinha ido fazer lá. Fui logo perguntando: “Coronel, autorizou alguém a pintar um nome no meu avião?” E ele respondeu: “Achei que não ia importar-se, Bob.” Acho que ele ficou bastante embaraçado.

Tibbets iria declarar que não ficou absolutamente constrangido. Tinha consultado Ferebee, Van Kirk e Duzenbury, antes de dar o nome de sua mãe ao avião. Nenhum dos três fizera qualquer objeção. Não consultara Lewis, “porque não estava preocupado com o que Bob podia gostar ou não gostar”.

* * *

Durante toda a manhã na Área Técnica e mais tarde já no avião, até o entardecer, Parsons praticou inserir a carga explosiva e o detonador na arma. No bombardeiro, a delicada manobra era bem mais difícil, porque era muito apertado, a iluminação deficiente, e o calor sufocante, dentro do compartimento da bomba.

Quando ele finalmente deixou o Enola Gay, o General Farrell estava à sua espera. Notando as mãos cortadas de Parsons, Farrell ofereceu-se para emprestar-lhe um par de luvas de pele de porco.

Parsons sacudiu a cabeça.

— Eu não me atreveria a usar luvas. Tenho que sentir o contato.

Às 7:17 horas, Farrell enviou uma mensagem a Groves, informando que Parsons tencionava só armar a bomba depois da decolagem. Mas quando Groves recebeu a mensagem, já era tarde demais para tomar qualquer providência em contrário.

* * *

Às 7:30 horas, Classen, o Subcomandante do 509º, segundo as ordens de Tibbets, instruiu uma dúzia de oficiais da terra sobre as diversas obrigações que teriam de assumir, entre aquele momento e a decolagem.

Deveriam escoltar cientistas e os militares mais graduados para áreas “seguras”, longe do Campo Norte. Não se podia correr o risco de perder cientistas atômicos por uma explosão nuclear imprevista. Quando chegou o momento, muitos cientistas recusaram-se a ir para longe, alegando que ninguém estaria seguro em Tinian, se ocorresse um acidente.

Caminhões de bombeiros deveriam estar estacionados a intervalos de 15 metros nos dois lados da pista A do Campo Norte, que fora a escolhida para a decolagem.

O Dr. Young foi informado de que, no caso de um acidente, ele e sua equipe não deveriam tocar em nada, até que uma turma especialmente designada do Primeiro Esquadrão de Material Bélico verificasse se havia contaminação radioativa. Era a primeira e única indicação que Young receberia de que a arma era uma bomba atômica.

Por volta das oito horas da noite, os cozinheiros do oficial de rancho Charles Perry começaram a preparar as refeições que ele ofereceria às tripulações que participariam da missão, pouco depois da meia-noite. Poderiam escolher entre lanche em grande estilo, jantar ou ceia, com uma variedade de 30 pratos. Depois, as tripulações poderiam empacotar sanduíches para comer sobre o Japão, pela manhã. Após verificar que os aviadores ficariam satisfeitos, Perry começou a fazer pessoalmente a torta de abacaxi que Tibbets pedira.

Tudo do que Perry soubera era que se tratava da missão “mais importante da guerra”. Era o suficiente para ele. Começou a fazer planos para “uma comemoração culinária em grande estilo”, depois do retomo dos aviões.

3

Nesse mesmo dia, às seis horas da tarde, os convidados começaram a chegar ao clube dos oficiais em Hiroxima, para a recepção em homenagem ao novo chefe do estado-maior do Marechal-de-Campo Hata. Entre os civis presentes, estavam o governador local, altas autoridades e o Prefeito Awaya.

Hata e seu chefe de estado-maior deslocavam-se de grupo em grupo, tomando saquê e conversando polidamente. De tempo a tempo, Awaya ia

até a porta do salão, onde Maruyama estava postado com um recipiente de saquê cheio de chá frio. Awaya era abstinente e a função de Maruyama era servi-lo permanentemente de chá, a fim de que o prefeito não passasse pelo constrangimento de recusar saquê.

Assim que o Tenente-Coronel Oya chegou à recepção Hata chamou-o para um canto, ansioso em saber as últimas notícias sobre a situação em Tóquio. Oya, que acabara de voltar da Capital, informou que o moral na cidade ainda era alto. Os dois passaram um momento a discutir a situação militar, de acordo com o relatório que Oya elaborara naquele dia. O documento deveria ser amplamente discutido durante a conferência de comunicações, convocada por Hata para a manhã seguinte, às nove horas.

Em menos de 12 horas, estariam reunidos em Hiroxima muitos dos principais comandantes de extrema importância para a defesa do Japão Ocidental.

Quando o Prefeito Awaya abordou Hata, o Marechal-de-Campo fez uma vaga promessa de que discutiria os assuntos civis dentro de mais alguns dias. O desapontado prefeito decidiu voltar para casa. A esposa acabara de chegar à cidade, com o neto de três anos.

Maruyama acompanhou o prefeito até em casa e disse que voltariam a se ver pela manhã, logo depois das oito horas, como de hábito.

* * *

Pouco depois que eles se separaram, a Rádio Hiroxima transmitiu, às 9:22 horas, um aviso de alerta antiaéreo. Oito minutos depois veio o comunicado de que estava tudo bem.

Para o Dr. Shima, viajando para os arredores da cidade, o aviso pressagiava outra noite apreensiva. Ele sempre se preocupava com seus pacientes quando estava longe. Mas não poderia recusar as visitas domiciliares a

muitos doentes que precisavam de sua ajuda. Tinha uma movimentada noite de trabalho pela frente, indo de uma fazenda a outra. Não esperava estar de volta a Hiroxima antes das oito horas da manhã seguinte.

* * *

Enquanto o centro de comunicações do quartel-general do Segundo Exército Geral continuava a vigiar as comunicações entre os aviões americanos e torres de controle, foi ficando patente que o Japão estava para sofrer outra série de ataques brutais. Na verdade, 30 bombardeiros estavam a caminho daquele país, a fim de lançar minas no Mar Interior; 65 bombardeiros iriam bombardear Saga; 102 aviões desfechariam um ataque com bombas incendiárias contra Maebashi; 261 bombardeiros estavam-se dirigindo para a área Nishinomiya-Mikage; 111 bombardeiros estavam indo para Ube; e 66 para Imabari.

Era meia-noite e vinte e cinco quando a Rádio Hiroxima aconselhou à população civil a seguir para as “áreas de segurança” previamente designadas. Os habitantes da cidade ficariam esperando em seus abrigos durante duas horas, antes que soasse o aviso de que não havia mais perigo. O alerta em nada contribuiria para melhorar o bom humor de uma população cansada de deixar suas casas por tantos alarmes falsos.

4

Durante a noite de 5 para 6 de agosto, alguns dos aviadores em Tinian foram ao rancho para provar os pratos que os cozinheiros de Perry haviam preparado. Tibbets, Ferebee e Van Kirk comeram várias porções de torta de abacaxi. Mas, para muitos, a idéia de comer nada tinha de tentadora.

Ficaram deitados em suas camas, pensando nas pessoas amadas, a saudade apertando e sendo afogada com sub-reptícias doses de uísque. Uns poucos conseguiram dormir.

Às 11:30 horas da noite, as tripulações dos três aviões que verificariam o tempo foram receber as últimas instruções. Nessa ocasião, Ferebee estava empenhado num jogo de pôquer, um dos muitos que se realizaram nessa noite. Entre as apostas, ele recontou uma das histórias prediletas de Tinian, sobre o dia em que um dos oficiais do 509º e uma enfermeira tinham ido nadar inteiramente nus. As roupas deixadas na praia foram roubadas, e os dois tiveram que voltar para seus alojamentos nus como estavam, percorrendo uma distância de mais de três quilômetros.

Van Kirk ocupou seu tempo verificando todo o seu equipamento vendo se os instrumentos estavam em ordem e os lápis apontados. Caron ficou sentado num canto, pensando na esposa. Nelson leu o último número do Reader's Digest. Shumard tentou dormir. Stiborik foi à igreja católica para se confessar. Parsons e Jeppson fizeram uma relação do que teriam de fazer assim que o avião decolasse. Lewis ficou andando de um lado para outro, diante da cabana onde se realizaria a reunião final de instruções, à meia-noite.

Beser estava ocupado com uma tarefa que se ajustava idealmente a seu temperamento. Tibbets encarregara-o de prestar informações a Bill Laurence, o repórter do New York Times adido ao Projeto Manhattan. A descrição de Beser ajudou o jornalista a ganhar mais tarde o Prêmio Pulitzer por seu trabalho.

Beser ainda estava falando, quando, pouco antes da meia-noite, foi convocado para a última reunião.

Diante da cabana onde se realizaria a reunião, o cientista Ed Doll entregou a Beser um pedaço de papel de arroz cheio de números, indicando a frequência de rádio do radar da bomba, no momento em que medisse a distância até o solo. Doll explicou que os números tinham sido escritos em papel de arroz para que Beser pudesse engoli-lo mais facilmente, se estivesse em perigo de ser capturado.

* * *

À meia-noite, Paul Tibbets começou a falar aos 26 homens que o acompanhariam no vôo ao Japão.

Má um ano que o coronel comandava o 509º e jamais falara a seus homens, uma única vez sequer, as palavras atômica ou nuclear. Agora, naquela reunião final, ele continuou a manter a segurança, referindo-se à arma apenas como “muito poderosa” e “tendo o potencial de acabar com a guerra”.

Recordou às tripulações para usarem os óculos de proteção na hora da explosão. Depois, em frases rápidas e bruscas, ele enumerou as regras para que a missão fosse bem-sucedida:

— Façam os seus respectivos trabalhos. Obedeçam às ordens. Não procurem queimar etapas ou correrem riscos desnecessários.

O oficial de meteorologia adiantou-se e deu a previsão: o percurso até o Japão estaria quase livre de nuvens, com ventos apenas moderados; as nuvens sobre as cidades-alvo deviam dissipar-se pela manhã. O oficial de comunicações leu as frequências a serem usadas nos diversos estágios da missão e deu as posições dos navios e aviões de resgate.

Tibbets disse as últimas palavras para cada grupo de especialistas que iria participar da missão. Os navegadores deveriam lembrar-se do ponto acima de Iwo Jima em que os três aviões deveriam encontrar-se; os artilheiros de cauda verificariam se cada avião estava com os mil cartuchos de munição; os engenheiros de vôo constatariam se cada aparelho levava 28.000 litros de combustível (exceto o avião atômico propriamente dito, o Enola Gay, que deveria ter 1.500 litros a menos, para facilitar a decolagem); os operadores de rádio não podiam esquecer que a nova senha de chamada era “Covinha”.

Quinze minutos depois da meia-noite, Tibbets chamou o Capelão Downey, o qual convidou o grupo a baixar a cabeça. Numa voz sonora, consultando as costas de um envelope, Downey pronunciou a prece que preparara para aquele momento:

Pai-Nosso Todo-Poderoso, ouça a prece daqueles que O amam. E fazemos uma prece por aqueles que desbravam as alturas do seu céu e que levam a batalha aos nossos inimigos. Rezamos para que os guarde e proteja, ao voarem para suas missões. Que possam eles, bem como nós, usufruir de sua força e poder, e assim armados levem esta guerra a um rápido fim. Rezamos para que o final da guerra venha em breve e que mais uma vez possamos conhecer a paz sobre a terra. Que possam os homens que esta noite vão voar ficar na segurança de seus cuidados e que possam retomar sãos e salvos para nós. Ficaremos aguardando, sabendo que estamos a seus cuidados, agora e para sempre. Em nome de Jesus Cristo, amém.

Era 1:12 da madrugada quando os caminhões pegaram as tripulações dos dois B-29 que iriam voar junto com o ENOLA Gay. O Great Artiste, pilotado por Sweeney, e o N° 91, comandado por Marquardt.

Era 1:15 quando um caminhão pegou a tripulação do Enola Gay. Tibbets e e Parsons sentaram-se na frente, com o motorista. Espremidos atrás estavam Van Kirk, Ferebee, Lewis, Beser, Jeppson, Caron, Shumard, Stiborik e Nelson. Todos vestiam o macacão de combate verde-claro. A única identificação que os homens levavam era a plaqueta pendurada no pescoço. Na de Beser havia a letra “H”, de “Hebraico”.

Era 1:37 quando os três aviões de reconhecimento do tempo decolaram simultaneamente de pistas separadas do Campo Norte. Era 1:51 quando o Top Secret decolou a caminho de Iwo Jima, onde ficaria como avião de reserva.

* * *

Duzenbury passara todos os minutos disponíveis, desde a reunião final, com o Enola Gay. Ele sempre levava pelo menos duas horas fazendo as verificações pré-vôo. O que quer que Tibbets e Lewis pudessem pensar, ele “sabia que era o meu avião”.

Primeiro, Duzenbury contornou lentamente o bombardeiro, verificando-o visualmente, “procurando qualquer coisa, por menor que fosse, que não parecesse normal”, certificando-se de que cada rebite estava em seu devido lugar. Depois, por volta de uma hora da madrugada, Duzenbury entrou sozinho no Enola Gay, tendo na mão a lista de coisas a verificar.

Duzenbury foi primeiro a seu próprio posto, por trás do assento de Lewis. Não demorou muito para verificar seu painel de instrumentos. Orgulhava-se de mantê-lo sempre no mais perfeito funcionamento. Depois, entrou na carlinga e verificou os controles, interruptores e mostradores. Após confirmar que estava tudo em ordem ali, Duzenbury foi para a área espaçosa que partilhava com o navegador Van Kirk e com o operador de rádio Nelson. Agora naquela área estava também o painel de Jeppson para controle da bomba.

Duzenbury abriu uma pequena porta redonda, situada logo abaixo da entrada para o túnel comprido que levava à extremidade posterior do avião. Desceu pela escotilha, com os pés na frente, para o compartimento da bomba.

Usando uma lanterna, foi para o lado direito da arma e subiu no passadiço que corria por toda a extensão do compartimento. Dali, teve a sua primeira visão global da bomba mais cara do mundo. Para o sargento, que tratava de árvores antes de se alistar, a bomba parecia um tronco comprido e maciço. Os cabos que iam terminar no painel de controle de Jeppson e as antenas davam-lhe uma aparência diferente de todas as bombas que Duzenbury já vira.

Ele continuou a avançar, verificando tudo na passagem. Foi além do nariz da bomba e voltou pelo outro lado. Ao chegar novamente à altura das barbatanas, avistou dois recipientes estranhos, que julgava que não deveriam estar ali. Quase inconscientemente, chutou-os.

Duzenbury não fora avisado de que aqueles recipientes continham a pólvora e as ferramentas que Parsons usaria mais tarde para armar a bomba.

Ele já ia remover os recipientes quando uma luz forte penetrou pela escotilha. Aturdido, Duzenbury subiu para o compartimento de Van Kirk. A luz inundava a área. O sargento foi até a carlinga e parou, boquiaberto.

O Enola Gay estava cercado por uma bateria de refletores.

Espalhados entre os refletores e os geradores móveis havia cerca de 100 pessoas, entre fotógrafos, cinegrafistas, oficiais, cientistas, agentes de segurança do projeto e PMs. Confuso e um pouco aborrecido, Duzenbury voltou a concentrar-se em sua lista de verificações.

* * *

Os refletores, fotógrafos e cinegrafistas haviam sido ordenados pelo General Groves, que queria registrar formalmente a partida do Enola Gay. Somente a ausência de espaço impedira que uma equipe de cinegrafistas voasse na missão.

Tibbets saiu do caminhão e descobriu-se cercado por cinegrafistas e fotógrafos. Ele fora avisado, por uma mensagem de Groves, de que haveria “um pouco de publicidade”. Mas, em sua opinião, “aquele era um tratamento em grande estilo de première de Hollywood. Fiquei esperando que o leão da Metro entrasse em cena ou que o relâmpago da Warner riscasse o céu. Era uma loucura!”

Com um toque digno de produção épica, os “extras” sobre o asfalto formaram uma guarda de honra para a passagem dos “astros” da tripulação.

O comandante do 509º atendeu aos pedidos gritados de virar primeiro para um lado, depois para outro, de sorrir, de parecer sério.

Parsons, aturdido com o ambiente de carnaval, virava-se para quem quer que o escutasse e indagava:

— Mas o que está acontecendo aqui?

Sem reconhecê-lo, um impetuoso fotógrafo empurrou o capitão da Marinha contra uma das rodas do Enola Gay, dizendo:

— Você vai ser famoso! Portanto, sorria!

Parsons lançou um olhar furioso para o fotógrafo, que deu de ombros e juntou-se ao grupo em torno de Beser, que ainda eslava prestando esclarecimentos a Bill Laurence, do New York Times.

O próprio Beser estava levando um gravador portátil, no qual pretendia registrar as reações da tripulação à explosão atômica.

Bastante expansivo, Beser disse aos fotógrafos que tirassem fotografias também dos outros membros da tripulação, comentando:

— Eles são tão importantes quanto nós.

Shumard e Stiborik fizeram uma reverência zombeteira. O operador de rádio Dick Nelson, criado perto de Hollywood, teve uma impressão que não esqueceu:

— Alguns daqueles sujeitos estavam-se comportando como se trabalhassem numa produção de orçamento reduzido.

O repórter Laurence pediu a Lewis que fizesse um diário de bordo da viagem do Enola Gay, que seria mais tarde publicado pelo New York Times. Não se falou em dinheiro, mas o co-piloto pensou que isso poderia render-lhe “alguns dólares”.

Lewis falou à tripulação. Mais tarde, Nelson recordou:

— Ele nos olhou demoradamente e disse: “Pessoal, essa bomba custa mais do que um porta-aviões! Temos que fazer tudo direito para ganhar essa guerra! Quero que saia tudo perfeito!” Ele deixou bem claro que achava que ainda éramos a sua tripulação e que íamos fazer tudo por ele.

Caron espiou ao redor, piscando os olhos às luzes fortes, e sorrindo enigmaticamente quando alguém lhe disse que nunca antes conhecera um artilheiro de cauda que usasse óculos. Ele se recusou obstinadamente a tirar o quepe de beisebol. Como muitas outras pessoas que ali estavam, Caron também achou o espetáculo “um tanto bizarro; a toda hora me paravam para tirar uma fotografia” .

Caron planejara levar sua própria câmera na missão, mas, com tanta excitação, acabara esquecendo-a no alojamento. Apesar disso, acabaria tirando a mais histórica de todas as fotografias. Um capitão do Exército entregou-lhe uma câmera e disse:

— Fotografe tudo o que puder sobre o alvo.

Às 2:20 horas, foi tirada a última fotografia do grupo. Tibbets virou-se para a tripulação e disse:

— Muito bem, pessoal! Vamos ao trabalho agora!

Um fotógrafo segurou o braço de Beser e pediu-lhe “um último olhar de adeus”.

Beser ficou furioso.

— Adeus coisa nenhuma! Nós vamos voltar!

Ele subiu a escada e entrou pela escotilha por trás da roda no nariz do Enola Gay, subitamente cansado de toda a publicidade.

Beser foi seguido por Ferebee e Van Kirk, os quais também estavam usando quepes de beisebol, como Caron. Shumard e Nelson traziam quepes de faxina de soldado. Stiborik, um quepe cáqui.

Finalmente, apenas Parsons e Tibbets ainda estavam lá embaixo, falando com Farrell. De repente, o General perguntou a Parsons:

— Onde está sua arma?

O capitão esquecera de requisitar uma arma. Fez um gesto para um PM próximo, que tirou o cinturão com o revólver e entregou-lhe. Parsons afivelou o cinturão. Agradeceu ao PM e depois subiu desajeitadamente pela escada. Como todos os outros, ele usava por baixo do macacão um traje de sobrevivência, com anzóis, água potável, equipamento de primeiros-socorros e rações de emergência. Por cima do macacão, tinha as tiras do pára-quedas, com um gancho para prender uma balsa inflável de um só homem. E usava ainda um colete especial, para protegê-lo dos fragmentos das gramadas antiaéreas.

Sem que os outros soubessem, Paul Tibbets levava também uma pequena caixa de metal num bolso do macacão. Dentro dela, havia 12 cápsulas, cada uma contendo uma dose letal de cianureto. Ao primeiro sinal de problemas sobre o Japão, Tibbets deveria distribuir o veneno a todos os homens que estavam no avião. E explicaria as opções que tinham diante da perspectiva de captura: ou estouravam os miolos ou tomavam o veneno. Tibbets sabia que esse esquema fora especificamente imaginado para a missão atômica.

— Se fôssemos derrubados, o que não fariam os japoneses para descobrir o que estávamos fazendo lá? Assim, se não quiséssemos sofrer as torturas a que inevitavelmente seríamos submetidos, as únicas opções eram um tiro na cabeça ou o veneno.

Ao se despedir de Farrell, Tibbets tinha uma preocupação mais imediata: a possibilidade de um acidente na decolagem, como acontecera com muitos aviões em Tinian, nas últimas semanas. O Enola Gay era provavelmente o avião mais bem inspecionado do mundo. Mas nem todas as verificações poderiam garantir que não haveria um defeito de última hora em alguma peça crucial.

Sorrindo e exibindo uma expressão descontraída para os barulhentos fotógrafos, Tibbets embarcou no Enola Gay. Ao chegar a seu assento, apalpou automaticamente o bolso do peito, para certificar-se de que a

cigarreira de alumínio ali estava. Considerava o objeto um talismã e jamais fazia um vôo sem levá-lo.

Um cinegrafista subiu numa escada e filmou a posição de bombardeio de Ferebee no nariz do avião. O bombardeador ficou contente por ter pedido ao pessoal de terra que desse uma busca meticulosa no avião e tirasse “qualquer objeto não-autorizado”. Entre os que haviam sido encontrados, figuravam seis caixas de preservativos, três calcinhas femininas de seda, e assim por diante. Ferebee achava que “tais coisas não têm lugar num bombardeiro”.

Caron foi imediatamente para seu posto de artilheiro na cauda. Pensava que, no caso de um acidente na decolagem, havia “mais possibilidade de sobrevivência na cauda”. Para dar sorte, o sargento levava uma fotografia da esposa e da filha pequena. Shumard, encolhido numa das torres, trazia uma boneca pequena. Beser e Stiborik estavam na outra torre. Não acreditavam em talismãs, embora Stiborik achasse que seu quepe de esquiador era tão bom quanto outro qualquer.

À frente do navegador, Parsons e Jeppson estavam sentados em almofadas no chão, escutando pacientemente os preparativos finais para a decolagem. Finalmente, Tibbets gritou para Duzenbury:

— Tudo pronto, Dooz?

— Tudo pronto, Coronel!

Tibbets abriu uma janela lateral da carlinga e inclinou-se para fora. Uma bateria de fotógrafos e cinegrafistas se aproximou, a fim de fotografá-lo por cima do nome Enola Gay, recentemente pintado.

— Apaguem essas luzes, por favor! — gritou Tibbets. — Está na hora de partirmos!

O comandante determinou a Duzenbury que acionasse o motor nº 3. Depois que estava funcionando suavemente, ordenou que fosse acionado o nº 4, em seguida o nº 1 e, finalmente, o nº 2.

Lewis fez uma anotação num bloco, para o registro encomendado pelo New York Times: “Motores acionados às 2:27 horas.”

O co-piloto olhou para Tibbets, que assentiu. Lewis baixou a alavanca do rádio e disse:

— Aqui é Dimples (Covinha) 82 para Torre Norte Tinian. Pronto para taxiar. Aguardo instruções para decolagem.

— Torre para Dimples 82. Pode começar a taxiar. Decolagem na pista A.

Às 2:35 horas, o Enola Gay chegou à posição de decolagem, na cabeceira da pista.

O jipe que levara o bombardeiro até lá começou a voltar, pela pista, seus faróis iluminando na passagem os caminhões de bombeiro e ambulâncias estacionados nos dois lados, a intervalos de 15 metros.

Às 2:42 horas, o jipe piscou os faróis na outra extremidade da pista e depois afastou-se para o lado.

Tibbets disse a Lewis que chamasse a torre. A resposta foi imediata:

— Torre para Dimples 82. Pode decolar.

Tibbets fez uma cuidadosa verificação do painel de instrumentos. O peso normal de decolagem era de 68 toneladas: as 65 toneladas do Enola Gay, com mais 26.000 litros de combustível; uma bomba de cinco toneladas e 12 homens a bordo exigiriam um impulso extra dos motores para levantarem a sobrecarga de sete toneladas. Tibbets tomou uma decisão: manteria o avião no solo até o último momento, para obter o máximo de velocidade na hora em que levantasse vôo.

Não revelou sua intenção a Lewis.

O co-piloto mostrava-se apreensivo. Ele também sabia que o Enola Gay estava com excesso de peso e sentia que os próximos segundos “poderiam ser dramáticos.”

Por outro lado, Ferebee estava perfeitamente tranquilo e confiante de que Tibbets conseguiria “tirar o avião do solo”.

Van Kirk observou o ponteiro dos segundos de seu relógio chegar a 2:44 horas. Até que o bombardeiro levantasse vôo, ele não teria coisa alguma para fazer.

Às 2:45 horas, Tibbets disse a Lewis:

— Vamos embora. — E empurrou os manetes para a frente. O Enola Gay começou a avançar pela pista.

Tibbets olhava atentamente para o contador de RPM e o medidor de pressão. Com dois terços da pista para trás, o contador ainda estava abaixo das 2.550 RPM que Tibbets calculava que seriam necessárias para a decolagem. O medidor de pressão indicava apenas 40 polegadas, o que não era suficiente.

Shumard e Stiborik trocaram olhares nervosos, em suas torres. Beser sorriu-lhes, alheio a qualquer perigo. Mais adiante, em seu painel, Duzenbury remexia-se, inquieto. Sabia o que Tibbets estava tentando fazer, mas tinha dúvidas se ele conseguiria.

Lewis olhava ansiosamente para os instrumentos a sua frente, duplicata dos que estavam diante de Tibbets. Lá fora, as ambulâncias e carros de bombeiros iam ficando para trás.

Está pesado demais! — gritou Lewis. — Puxe agora!

Tibbets ignorou Lewis, mantendo o bombardeiro na pista. Instintivamente, as mãos de Lewis estenderam-se para a alavanca de controle.

— Não! — gritou Tibbets. — Largue isso!

Lewis ficou paralisado.

Beser percebeu subitamente, o medo que Stiborik e Shumard estavam sentindo. E gritou:

— Ei, será que ainda vamos demorar muito para sair da pista?

Lewis olhou para Tibbets, que estava fixando o ponto em que a pista terminava, à beira do penhasco.

O capitão não podia mais esperar. Porém, no momento em que suas mãos seguraram a alavanca de controle, Tibbets puxou seu manche para trás. O nariz do Enola Gay se ergueu e o bombardeiro se elevou no ar. Lewis teve a nítida impressão de que isso aconteceu no exato momento em que a pista sumiu, substituída pela escuridão do mar.

* * *

Observando a decolagem de seu esconderijo perto do pico do Monte Lasso estava o Suboficial Kizo Iniai. Há 90 minutos que observava os refletores, flashes das câmaras, a multidão reunida ao redor de um bombardeiro. Não podia imaginar o que tudo aquilo significava.

O bombardeiro que era o centro de todo aquele movimento decolou pela pista que Imai ajudara a construir.

* * *

Dois minutos depois do Enola Gay, o Great Artiste também decolou, seguido pelo N° 91, às 2:49 horas. Agora, os três aviões de reconhecimento

de tempo e os três aviões de combate da Missão de Bombardeio Especial N° 13 já se encontravam no ar, seguindo para o Japão.

Às 2:55:30 horas, 10 minutos depois da decolagem, Van Kirk fez sua primeira anotação no livro de navegação:

Posição: N. Saipan. Velocidade do ar: 213. Curso real 336. Objetivo: 338. Temperatura: +22C. Distancia para Iwo Jima: 1.001 quilômetros. Atitude: 1.420m

Para fazer tais cálculos durante o voo, Van Kirk trabalhava em estreita colaboração com o operador de radar Stiborik. Os dois iriam, continuamente, verificar o curso.

O Enola Gay estava seguindo o curso norte-noroeste que manteria pelo estágio de três horas de voo até Iwo Jima. Enquanto o avião avançava pela noite do Pacífico, 10 dos 12 homens a bordo estavam ocupados.

Ferebee nada tinha para fazer e estava confortavelmente acomodado em seu assento. Outras seis horas se passariam antes que suas habilidades como bombardeador fossem necessárias. Cansar-se agora, numa atividade inútil, poderia ter um efeito prejudicial no papel que iria desempenhar mais tarde.

Beser, exausto de mais de 40 horas sem dormir, estava encolhido no chão do final do túnel, roncando tranquilamente. Ele só precisaria assumir seu equipamento de vigilância eletrônica depois que o Enola Gay passasse por Iwo Jima.

Além das ordens de rotina, Tibbets ainda não trocara uma palavra sequer com Lewis, Os dois estavam conscientes de que o co-piloto tentara assumir o controle no momento crucial da decolagem. Ele agira instintivamente. Não tencionara absolutamente criticar a habilidade de Tibbets como piloto. Mas não era capaz de dizer isso. O coronel, por sua vez, reconhecia que a reação do seu co-piloto fora perfeitamente compreensível.

— Foi a reação de um homem acostumado a sentar-se no lugar do comandante.

Mas Tibbets também não sabia como expressar o que estava pensando. E assim os dois continuaram sentados num silêncio constrangido, Tibbets pilotando o aparelho, Lewis observando os instrumentos e acrescentando mais algumas linhas a seu registro particular. “Tudo transcorreu bem na decolagem, sem qualquer anormalidade.”

Caron chamou Tibbets pelo interfone e recebeu permissão para testar seus canhões. Dispunha de mil cartuchos para defender o Enola Gay de atacantes, e naquele momento usou 50 deles. O barulho ecoou pela fuselagem. Na torre da cauda de Caron havia agora um cheiro de pólvora e óleo queimado. Por trás dele, na escuridão, os projéteis iam caindo no mar.

Satisfeito e sem ter mais nada para fazer por ora, Caron foi até o compartimento traseiro do bombardeador. Stiborik estava examinando fotografias de Hiroxima, como a cidade iria mais tarde aparecer em sua tela de radar. As fotografias de aparência irreal não significavam quase nada para o artilheiro da cauda.

* * *

Perto das três horas da manhã, Parsons deu uma pancadinha no ombro de Tibbets e disse:

— Vamos começar.

Tibbets assentiu. Em seguida, ligou o rádio de baixa frequência e chamou a Torre de Tinian:

— Juiz indo para o trabalho.

Como fora combinado anteriormente, não houve resposta. Mas na torre de controle do Campo Norte, um pequeno grupo de cientistas estudava uma

cópia da lista de coisas por fazer que Parsons naquele momento tirava do bolso de seu macacão, a bordo do Enola Gay. Dizia o seguinte:

Lista de itens para colocar carga no avião:

1. Verificar se plugs verdes estão instalados.
2. Remover placa traseira.
3. Remover placa blindada.
4. Inserir chave de porca no plug.
5. Desatarraxar plug, colocar na almofada de borracha,
6. Inserir carga, quatro seções.
7. Inserir plug e apertar.
8. Ligar o fio.
9. Colocar placa blindada.
10. Colocar placa traseira.
11. Remover e prender passadiço e ferramentas.

Essa relação sumária não dava a menor idéia da natureza delicada da tarefa que Parsons iria realizar.

O oficial da Marinha desceu pela escotilha para o compartimento da bomba. Jeppson seguiu-o, empunhando uma lanterna.

Os dois homens se agacharam dentro do compartimento, as costas quase tocando na escotilha aberta, de frente para a extremidade posterior da

bomba. Parsons tirou as ferramentas da caixa que Duzenbury chutara durante a verificação anterior ao vôo.

Ferebee deixou seu assento de bombardeador e foi observar aquele estágio crítico da missão.

Para Ferebee, os dois homens agachados no compartimento da bomba pareciam mecânicos de automóvel, com Jeppson passando as ferramentas, sempre que o outro pedia.

À medida que cada item da lista ia sendo realizado, Parsons informava pelo interfone a Tibbets, que por sua vez passava a informação pelo rádio para Tinian.

Mas na altura do item 6, a inserção da pólvora e do detonador elétrico, Tinian já estava fora do alcance do rádio de Tibbets.

Por motivos de segurança, o comandante decidira não usar o transmissor mais potente de Nelson. Ele receava que as mensagens pudessem ser captadas pelos monitores japoneses.

Às 3:10 horas, Parsons começou a inserir a pólvora e o detonador. Trabalhava devagar, em silêncio total, os olhos e as mãos concentrados na tarefa. Suavemente, inseriu a pólvora na posição. Depois, ligou o detonador. Deu 16 voltas para prender o plug. Em seguida, colocou as placas blindada e posterior.

A arma estava agora praticamente pronta, faltando apenas uma última e crucial operação, que Jeppson realizaria mais tarde, retornando ao compartimento e trocando os três plugs verdes de “segurança” por vermelhos. Enquanto isso não acontecesse, a arma não poderia ser detonada eletricamente... “a menos, é claro, que o avião entrasse numa tempestade elétrica”.

Às 3:20 horas, os dois homens deixaram o compartimento da bomba.

Parsons foi até a cabine de comando e informou a Tibbets que tinham acabado. Depois, sentou-se no chão ao lado de Jeppson, que estava

verificando os circuitos da bomba em seu painel de controle.

6

Cinco minutos depois que Parsons terminara de armar a bomba, em Hiroxima, onde eram 2:25 horas, soou o sinal de que o perigo passara. Os civis emergiram dos abrigos antiaéreos.

No Monte Futaba, o Segundo-Tenente Tatsuo Yokoyama cambaleou de volta a seu alojamento, morrendo de sono. Estava tendo uma noite terrível: três alertas e nenhum sinal de bombardeiro. Ele dispensou a guarnição de sua bateria e pediu a seu ordenança que lhe servisse um chá.

7

Tibbets contemplou a noite. As estrelas faiscavam na escuridão. Lá embaixo, parecendo muito brancas, havia uma camada de nuvens. Dentro do Enola Gay estava confortavelmente quente.

Tibbets finalmente rompeu o silêncio na cabine de comando, perguntando a Lewis o que estava escrevendo. O co-piloto respondeu que fazia “um registro” da missão. O comandante não insistiu, e os dois voltaram a ficar em silêncio, olhando para a noite lá fora.

Nelson concluiu a verificação do equipamento loran. Este era o mecanismo de navegação a longa distância, destinado a determinar a posição de um avião pelo tempo que levava para receber sinais de rádio de dois ou mais

transmissores cujas posições eram conhecidas. Nelson sintonizara com os transmissores em Iwo Jima e Okinawa.

Duzenbury e Shumard estavam verificando os geradores para garantir que os quatro motores permanecessem perfeitamente sincronizados.

Às 4:01 horas, Tibbets falou primeiro com Sweeney e depois com Marquardt, que os acompanhavam a cerca de cinco quilômetros atrás. O Great Artiste e o N° 91 informaram “condições normais”.

Às 4:20 horas, Van Kirk chamou Lewis pelo interfone para informar que o momento da chegada a Iwo Jima era 5:52 horas.

O co-piloto anotou a informação em seu registro e acrescentou "Veremos”.

A esta altura, Lewis estava expandindo o seu registro da simples e inicial anotação de horários e incidentes para incluir comentários como: “O Coronel, mais conhecido como ‘touro velho’, apresenta sinais de ter tido um dia difícil; com tudo o que teve de fazer para poder realizar a missão, bem que está precisando de uma soneca.”

Tibbets, na verdade, jamais se sentira mais relaxado ou menos cansado. A viagem, até aquele momento, tinha sido “um passeio”.

Às 4:25 horas, o comandante passou os controles para Lewis e deixou seu lugar para ficar algum tempo com cada homem.

Parsons e Jeppson confirmaram que os ajustamentos finais na bomba seriam feitos na última hora anterior à chegada ao alvo.

Quando se encontrava no posto de Duzenbury, Tibbets sentiu que Lewis prendera os controles. O Enola Gay estava sendo agora conduzido por “George”, o piloto automático.

Tibbets conversou com Duzenbury por alguns minutos e depois foi para o posto de Nelson. O jovem operador de rádio largou apressadamente o livro que estava lendo e disse:

— Está tudo bem por aqui, Coronel.

Tibbets sorriu.

— Sei que fará um bom trabalho, Rick.

Nelson jamais se sentira tão orgulhoso.

Tibbets observou em seguida Van Kirk fazer uma verificação navegacional. Ferebee apareceu, e os três especularam se as condições de tempo permitiriam bombardear o alvo “primário”. Tibbets disse que qualquer que fosse a informação de Eatherly sobre o tempo em Hiroxima ele iria até lá, para “julgar pessoalmente”.

Tibbets passou em seguida pelo túnel de 10 metros de comprimento, existente sobre os dois compartimentos de bombas e ligando as partes anterior e posterior do avião.

Na parte posterior, estavam Caron, Stiborik, Shumard e Beser, o último ainda dormindo.

Tibbets virou-se para o artilheiro da cauda:

— Bob, já parou para pensar no que vamos fazer esta manhã?

— Coronel, não quero ser encostado num muro e fuzilado.

Tibbets sorriu, "recordando aquele dia de setembro, em Wendover quando Caron lhe prometera ficar de boca fechada. Desde então, o jovem artilheiro da cauda tinha sido um exemplo para todos, em questões de segurança.

— Já estamos a caminho, Bob. Pode falar agora.

Caron já tinha adivinhado que o Enola Gay levava um novo superexplosivo:

— É algum pesadelo de químico, Coronel?

— Não exatamente.

— E por acaso é um pesadelo de físico?

— É isso mesmo.

Tibbets começou a voltar pelo túnel. Caron puxou-lhe o pé. Tibbets olhou para trás.

— Qual é o problema, Bob?

— Não há problema, Coronel. Gostaria apenas de fazer uma pergunta. Vamos fragmentar átomos?

Tibbets ficou olhando por um momento para Caron sem dizer nada, depois afastou-se pelo túnel.

Caron recordara a frase sobre a fragmentação de átomos de uma revista científica popular que lera certa vez. Mas não tinha a menor idéia do que isso significava.

De volta à cabine de comando, Tibbets desligou “George” e começou a subir para 2.700 metros, em busca do ponto de encontro sobre Iwo Jima.

Jeppson foi para o domo do navegador. A leste, podia ver uma lua pálida, volta e meia escondida pelas nuvens. À frente, à exceção de algumas nuvens, o céu era azul-escuro. Pelo resto de sua vida, Jeppson iria recordar-se aquela noite espetacular no Pacífico, à medida que a escuridão ia sendo dissipada pela claridade que antecedia o amanhecer. Quando o Enola Gay chegou a Iwo Jima, o céu estava todo rosado, incandescente.

Exatamente no horário previsto, o Enola Gay alcançou o ponto de encontro. Circulando sobre Iwo Jima, Tibbets esperou pelos outros dois bombardeiros.

Às 4:55 horas, horário japonês, o Great Artiste de Sweeney e o N° 91 de Marquardt entraram na órbita, elevando-se também a 2.700 metros de altitude.

Às 5 horas, 5 minutos e 30 segundos (uma hora depois para Van Kirk, que continuava a se basear pelo horário de Tinian), o dia já rompido, os três bombardeiros assumiram uma formação em “V”, com Tibbets na

vanguarda. E seguiram na direção de Shikoku, a maior ilha ao largo da costa sudeste do Japão.

Cruzando Iwo Jima pela última vez, Tibbets usou o rádio da cabine de comando para chamar o Major Bud Uanna, no centro do comunicações instalado na ilha especialmente para a missão.

— Bud, está tudo correndo conforme o planejado.

E pela estática do amanhecer veio a resposta lacônica de Uanna:

— Boa sorte.

8

Em Iwo Jima, McKnight e a tripulação do Top Secret relaxaram. Era improvável que houvesse agora necessidade de seu bombardeiro.

A uma velocidade de 330 quilômetros horários, o Enola Gay, o Great Artiste e o N° 91 seguiram para o norte. A bordo de todos os três bombardeiros havia uma rotina constante de verificação de velocidade e da direção dos ventos.

Lewis, sem muito para fazer além de suas anotações, descobriu que elas estavam-se tomando enigmáticas. Finalmente, quando o bombardeiro chegou a 2.800 metros, o co-piloto escreveu simplesmente: “Vamos permanecer nesta altitude até estarmos a uma hora de distância do Império.”

O sono de Beser foi interrompido quando uma laranja rolou pelo túnel e foi cair em sua cabeça. Ele abriu os olhos, para ver Shumard e Stiborlk sorrindo. Caron pôs uma caneca de café nas mãos dele. Enquanto tomava o café, Beser verificou seus equipamentos. Tinha disposto todos os mostradores de que precisava para ficarem na altura dos olhos, quando se

sentasse no chão. Os instrumentos que precisaria apenas escutar estavam nas prateleiras mais altas. Diversos instrumentos, receptores, monitores direcionais, analisadores de espectro e tradutores, permitiam a Beser verificar os controles de frequência dos caças inimigos e das defesas de terra, assim como dos sinais de radar que podiam detonar a bomba prematuramente. Os fones especiais permitiam-lhe escutar uma frequência diferente em cada ouvido.

Beser preparou os instrumentos, sintonizando e ligando. Num de seus ouvidos, pôde escutar um controlador de terra em Okinawa falando com uma frota de bombardeiros retomando de uma missão. No outro ouvido, soaram breves conversas entre Superdumbos circulando ao largo da costa japonesa. Beser sentiu-se aliviado ao constatar que as equipes de resgate já estavam em suas posições.

Subitamente, o tenente ouviu o sinal do radar japonês a localizá-los.

— O sinal passou uma vez por nós, passou outra vez e depois se fixou. Eu podia ouvir o ritmo constante, enquanto nos acompanhava.

O elemento surpresa, que fora considerado a grande proteção para o Enola Gay, havia desaparecido. Mas Beser decidiu guardar a informação para si mesmo.

— Não era a preocupação de Tibbets naquele momento. E deixaria os outros homens apreensivos, se soubessem que nos estavam vigiando.

Algum tempo depois das 6:30 horas, horário japonês, Jeppson foi para o compartimento da bomba com os três plugs vermelhos. O compartimento não era aquecido e a temperatura era praticamente a mesma do exterior, em torno de 18°C. Cuidadosamente, tirou os plugs verdes e inseriu os vermelhos. A bomba era agora uma arma viável. Ao dar a última volta no último plug, até mesmo o impassível Jeppson não pôde deixar de refletir que aquele era “um momento e tanto”.

Jeppson saiu do compartimento e comunicou a Parsons o que acabara de fazer. Parsons foi à cabine de comando e informou a Tibbets. Ligando o interfone, Tibbets disse à tripulação:

— Estamos carregando a primeira bomba atômica do mundo.

Houve um murmúrio de espanto dos tripulantes. Lewis deixou escapar um assovio baixo e comprido. Agora, tudo fazia sentido.

Tibbets continuou:

— Quando a bomba for lançada, o Tenente Beser vai registrar nossas reações ao que avistarmos. Será uma gravação histórica. Tomem cuidado com a língua e não falem todos ao mesmo tempo.

O comandante fez uma pausa, antes de acrescentar uma palavra final para Caron:

— Bob, você estava certo. Vamos fragmentar átomos. E agora volte para sua torre. Começaremos a subir.

9

Em Hiroxima, o Tenente-Coronel Kakuzo Oya chegou ao Quartel-General do Segundo Exército Geral às sete horas da manhã para revisar o relatório que pretendia apresentar dentro de duas horas, na conferência convocada por Hata. Enquanto verificava o relatório, o Coronel Kumao Imoto e outros oficiais superiores chegaram. Depois que o Tenente-Coronel RiGu e o Coronel Katayama aparecessem, iriam todos para o clube dos oficiais, onde se realizaria a reunião. O Marechal-de-Campo Hata ainda estava em casa, rezando no santuário familiar.

O Capitão Mitsuo Fuchida, herói de Pearl Harbor e agora oficial de operações aéreas da Marinha Imperial japonesa, encontrava-se em Hiroxima há 10 dias, discutindo os planos de defesa para a esperada invasão americana. Fuchida perderia a reunião marcada para aquela manhã. Na tarde anterior, fora chamado às pressas para resolver problemas técnicos

que haviam surgido no novo Quartel-General da Marinha em Nara, perto de Kyoto. No momento em que Oya revisava seu relatório, Fuchida ainda estava tentando resolver as dificuldades técnicas no sistema de comunicações em Nara.

Nos campos a oeste de Hiroxima, o Dr. Kaoru Shima estava se demorando mais do que previa com as visitas domiciliares. Fazendo uma verificação dos doentes que ainda teria de ver, o médico calculou que estaria de volta a sua clínica em Hiroxima, mais ou menos ao meio-dia.

* * *

Na base de caças japoneses em Shimonoseki, cerca de 150 quilômetros a sudoeste de Hiroxima, o Segundo-Tenente Matsuo Yasuzawa acionou o motor de seu avião de treinamento de dois lugares.

Yasuzawa, o instrutor de vôo que Yokoyama vira no Aeroporto de Hiroxima com os aprendizes de pilotos kamikazes, já pedira repetidas vezes que o destacassem para missões de combate. Mas o pedido era sempre rejeitado, sob a alegação de que ele era importante demais como instrutor.

Recentemente, percebendo que a rebeldia de Yasuzawa estava chegando a um ponto incontrolável, seu comandante prometera que, em breve, iria permitir que subisse com um avião de treinamento e tentasse derrubar um B-29 atacante. Para Yasuzawa, seria a rippa na saigo, a “morte esplêndida”, sobre a qual os kamikazes tanto lhe haviam falado.

Naquele dia, o instrutor de vôo iria levar um major para a reunião em Hiroxima, convocada pelo Marechal-de-Campo Hata. Esperava chegar à cidade pouco antes das oito horas.

Yasuzawa virou-se para verificar se o passageiro estava bem seguro. Depois, taxiou até a cabeceira da pista, recebeu autorização para a decolagem e iniciou a viagem de 40 minutos de Shimonoseki até Hiroxima.

O curso de Yasuzawa fazia um ângulo reto com o curso do Enola Gay, que naquele momento se aproximava do espaço aéreo do Japão.

* *

Às 7:09 horas, a rádio Hiroxima interrompeu sua programação para irradiar outro alerta antiaéreo. Simultaneamente, as sirenes geraram seu aviso pela cidade. Todos ficaram tensos, à espera das explosões intermitentes que indicariam um ataque iminente.

10

Embora os japoneses não pudessem sabê-lo, o Straight Flush de Claude Eatherly não justificava por si só um alerta antiaéreo.

Enquanto as sirenes soavam em Hiroxima, o B-29 chegava ao ponto inicial designado, a apenas 26 quilômetros da Ponte Aioi. A uma velocidade de 380 quilômetros horários e a uma altitude de 10 mil metros, o Straight Flush seguiu para o ponto de alvo, fazendo exatamente o mesmo percurso que Tibbets e Ferebee haviam escolhido para o Enola Gay.

Eatherly procurou por uma brecha nas nuvens. A princípio, não conseguiu avistar nenhuma. Mas um momento depois, imediatamente a sua frente, divisou uma grande abertura. Dez mil metros abaixo, a cidade estava tão visível que os tripulantes do Straight Flush puderam ver até as manchas verdes de bosques.

Soltando um grito de alegria, Eatherly sobrevoou Hiroxima. Nos arredores da cidade, ele fez a volta e sobrevoou novamente. A abertura nas nuvens

continuava no mesmo lugar, um imenso buraco com 15 quilômetros de extensão. O sol passava pela abertura, como se fosse um refletor iluminando a área para os aviadores.

Mais ou menos na mesma ocasião, os aviões que verificariam o tempo em Nagasaki e Kokura descobriram que as condições eram quase tão favoráveis. Todas as três cidades estavam à disposição do Enola Gay, agora a 7.200 metros de altitude e ainda subindo, a uma velocidade de 310 quilômetros horários.

Às 7:24 horas, Nelson desligou o IFF*. Um minuto depois, a 7310 quilômetros, ele recebeu uma mensagem codificada do Straight Flush:

Camada de nuvens menos de 3/10 em todas as altitudes.

Conselho: bombardear primário.

Depois de ler a mensagem, Tibbets ligou o interfone e anunciou:

— Vai ser Hiroxima.

Minutos depois, o Full House e o Jabbit III transmitiram suas informações. Nelson levou as mensagens transcritas para Tibbets, que as meteu no bolso do macacão. Disse a Nelson que mandasse uma mensagem de uma só palavra para Uanna em Iwo Jima.

— Primário.

* * *

A bordo do Straight Flush, prestes a deixar o espaço aéreo japonês, irrompeu um debate.

Eatherly, como os dois outros comandantes dos aviões de reconhecimento do tempo, tinha ordens expressas de voltar imediatamente para Tinian.

Em vez disso, segundo o engenheiro de vôo dele, Eugene Grennan, Eatherly ligou o interfone e sugeriu que ficassem circulando até que o avião de Tibbets passasse e “depois o seguimos para ver o que vai acontecer, quando a tal bomba explodir”.

Grennan ponderou que “isso não seria muito esperto”. Segundo ele, outro homem argumentou que, “se Tibbets e os outros forem derrubados pela onda de choque, devemos estar por perto para poder informar o que aconteceu”. E assim começou a discussão. Vamos ficar ou vamos embora? Até que finalmente Eatherly disse:

— Ei, pessoal, se não conseguirmos chegar a Tinian antes das duas horas não vamos poder entrar no jogo de pôquer da tarde!

Ao final, todos acabaram concordando que não haveria qualquer emoção em ficarem por ali para assistir ao lançamento de uma bomba.

— O que poderíamos ver? — indagou Eatherly.

E a tripulação do Straight Flush decidiu não assistir à explosão da bomba atômica.

11

Às 7:31, soou, em Hiroxima, o aviso de que o perigo passara. As pessoas relaxaram, acenderam os fogões, prepararam a primeira refeição, e começaram a ler o Chugoku Shimibun.

Hiroshi Yanagita, o Suboficial da Kempei Tai que prendera alguns dos americanos que estavam agora trancafiados em celas no Castelo de Hiroxima, não ouviu nenhum dos alertas antiaéreos daquela noite. Estava na cama, profundamente adormecido, com uma tremenda ressaca. O saquê que bebera na noite anterior, na festa do Marechal-de-Campo Hata, estava causando seus efeitos.

No Monte Futaba, o Segundo-Tenente Tatsuo Yokoyama mantinha seus homens de prontidão na bateria antiaérea. Achou estranho que o avião solitário tivesse feito a volta e sobrevoado a cidade pela segunda vez.

Pedi que a refeição de arroz, sopa, pickles e legumes cozidos fosse servida a seus homens na bateria mesmo, enquanto um prato similar seria levado a seu alojamento. Como sinal de respeito, seu ordenança levantou a bandeja com a comida suspensa acima da cabeça, para que sua respiração não caísse sobre os alimentos.

No Castelo de Hiroxima, tigelas de arroz foram deixadas nas celas dos prisioneiros americanos.

Na Clínica Shima, a equipe mudou de turno, enquanto os pacientes comiam. Como era costume nos hospitais japoneses a refeição era preparada e servida por parentes. Por volta das 7:35 horas, a maioria dos parentes estava deixando apressadamente a clínica, para enfrentar outro longo dia de trabalho para o esforço de guerra.

Às 7:40 horas, o avião de dois lugares do Segundo-Tenente Matsuo Yasuzawa pousou no aeroporto. Tinha sido um vôo rápido e sem qualquer complicação. Yasuzawa teve que descobrir para seu passageiro onde seria realizada a reunião. Sentiu-se como um menino de recados.

O príncipe coreano, Tenente-Coronel RiGu, havia esperado que o avião de Yasuzawa passasse antes de montar em seu lindo garanhão branco. O barulho dos motores deixava o cavalo nervoso. O Príncipe RiGu não tinha pressa. Faltava mais de uma hora para o início da conferência convocada por Hata. Num trote suave, o garanhão branco levou RiGu na direção da Ponte Aioi e do Quartel-General.

No centro de Hiroxima, às oito horas, centenas de jovens começaram a trabalhar nas faixas de proteção contra incêndios.

Ali perto, na área do Castelo de Hiroxima, muitos dos 40 mil soldados aquartelados na cidade estavam fazendo sua ginástica matutina. Não muito longe deles, um solitário americano vendado estava também sendo exercitado.

12

A 80 quilômetros da Ponte Aioi, o Enola Gay voava a 10 mil metros de altitude, seguido pelos dois aviões de observação, alguns quilômetros mais atrás. Van Kirk transmitiu pequenas correções no curso para Tibbets.

As 8:05 horas, Van Kirk anunciou:

— Dez minutos para PA.

Em sua apertada torre na cauda, Bob Caron tentou vestir seu colete blindado. Atrapalhado pelas armas e tendo ainda a câmara grande e pesada que lhe deram um momento antes da decolagem, ele acabou desistindo, deixando o colete protetor no chão.

Beser estava observando o controle de frequência dos caças japoneses. Não havia qualquer indicação de atividade. Slibonk examinava atentamente a tela de radar. Shumard espiava por uma das torres transparentes, também à procura de caças inimigas.

Ferebee acomodou-se confortavelmente em seu assento e inclinou-se para a frente, encostando a cabeça no apoio do visor que ele e Tibbets haviam projetado meses antes, em Wendover.

Parsons e Jeppson encontravam-se ajoelhados junto ao painel de controle da bomba. Todas as luzes permaneciam verdes. Parsons levantou-se e seguiu para a cabine de comando.

Ficando sozinho, Jeppson levantou-se também e pôs um pára- quedas. Percebeu que Nelson e Van Kirk o fitavam, curiosos. Os pára-quedas deles continuavam a um canto.

Van Kirk fez outra correção de curso. O Enola Gay voava a 10.400 metros de altitude e a uma velocidade aproximada de 320 quilômetros horários.

Van Kirk gritou para Tibbets pelo interfone:

— PI.

Exatamente na hora, na altitude certa e na velocidade predeterminada, Van Kirk navegara o Enola Gay até o ponto inicial.

Eram 8:12 horas.

* * *

Naquele momento, em Saijo, 30 quilômetros a leste de Hiroxima, um observador avistou o Enola Gay, o Great Artiste e o N° 91. Girou imediatamente a manivela do telefone de campanha que o ligava com o centro de comunicações no Castelo de Hiroxima e comunicou o que acabara de avistar. O centro era manejado por jovens colegiais, recrutadas para trabalhar como telefonistas. Anotando os detalhes, uma das moças telefonou em seguida para a Rádio Hiroxima. O locutor escreveu rapidamente a mensagem ditada, repetindo-a:

— Às 8:43 horas, o Exército Regional em Chugoku informa ter avistado três aviões inimigos grandes seguindo para oeste de Saijo. Alerta urgente.

O locutor correu para um estúdio próximo.

Eram 8:14 horas.

Tibbets falou pelo interfone:

— Ponham os óculos de proteção.

Nove dos 12 homens puseram os óculos de proteção Polaroid e se descobriram na mais impenetrável escuridão. Somente Tibbets, Ferebee e Beser mantiveram os óculos na testa. Caso contrário, seria impossível fazerem seu trabalho.

Antes de cobrir os olhos, Lewis fez uma anotação: “Haverá uma breve interrupção enquanto bombardeamos o alvo.”

Faltando 30 segundos, Ferebee gritou que Hiroxima aparecia em seu visor. Beser informou a Parsons que nenhum radar japonês estava ameaçando o fuso de proximidade da bomba.

Tibbets falou rapidamente pelo interfone:

— Fiquem preparados para o solavanco e para a volta!

Ferebee observava os brancos e pretos das fotografias de reconhecimento se transformarem em verdes, cores suaves e as cores mais escuras das construções nos dedos de terra que se estendiam até a Baía de Hiroxima. Os seis tributários do Rio Ota eram pardos, as ruas principais da cidade eram de um cinza metálico. Um tênue nevoeiro pairava sobre a cidade, mas não obscurecia a visão de Ferebee do ponto de alvo, a Ponte Aioi, em forma de T, prestes a entrar nas linhas cruzadas do visor.

— Está no alvo!

Ferebee fez os ajustamentos finais e emitiu o sinal de aviso, um zumbido contínuo, indicando que ele acionara a sincronização automática para os 15 segundos finais antes de a bomba cair.

* * *

A cerca de 1.500 metros na retaguarda, no Great Artiste, o bombardeador Kermit Beahan preparou-se para abrir as portas do compartimento de bombas e lançar os pára-quedas com os medidores.

Três quilômetros atrás, o N° 91, de Maxquardt, fez uma volta de 90 graus, a fim de estar em posição de tirar as fotografias.

O sinal de aviso de Ferebee foi captado pelas tripulações dos três aviões de reconhecimento de tempo, inclusive pelo de Eatherly, que estava agora a cerca de 350 quilômetros de Hiroxima, voltando para a base.

Foi ouvido em Iwo Jima por McKnight, ainda no assento do piloto do Top Secret. McKnight avisou a Uanna:

— Está prestes a ser lançada.

Precisamente às 8 horas, 15 minutos e 17 segundos, as portas do compartimento de bombas do Enola Gay se abriram e a primeira bomba atômica do mundo desprendeceu-se do gancho que a sustentava.

Os cabos de controle soltaram-se da bomba e o sinal de aviso cessou.

O Enola Gay, subitamente cinco toneladas mais leve, elevou-se três metros no ar, com um solavanco.

Na cauda, Caron segurou a máquina fotográfica. Sem ver coisa alguma, por causa dos óculos de proteção, ficou imaginando para que lado deveria apontar.

Tibbets virou o Enola Gay para direita, bruscamente. Ferebee gritou:

— Bomba largada!

Afastou a cabeça do visor e olhou para baixo, pelo plexiglas do nariz do Enola Gay.

Viu a bomba sair do compartimento e as portas se fecharem. Por uma fração de segundo, teve a impressão de que a bomba ficava suspensa no ar, logo abaixo do avião. Depois, ela começou a cair.

— A bomba foi balançando um pouco, até adquirir velocidade. Depois, desceu reta, como deveria acontecer.

* * *

No solo, o Tenente-Coronel Oya estava de pé muna janela do Quartel-General, observando o Enola Gay e o Great Artiste. Os dois bombardeiros pareciam estar mergulhando na direção da cidade.

O Marechal-de-Campo Hata, depois de cuidar da horta e de rezar no santuário, estava-se vestindo para a reunião.

Hiroshi Yanagita, da Kempei Tai, roncava em sua cama, alheio a tudo.

Tatsuo Yokoyama, nu da cintura para cima por causa do calor de verão, estava com uma tigela de arroz suspensa diante da boca, os pauzinhos em posição.

* * *

Tibbets continuou a manter o Enola Gay num mergulho c fazendo uma volta de 155 graus. O Great Artiste de Sweeney estava realizando uma manobra similar, para a esquerda.

Dentro da bomba, o mecanismo de tempo ligou o primeiro disjuntor do circuito de detonação, permitindo que a eletricidade avançasse mais adiante.

Tibbets perguntou a Caron se podia ver alguma coisa. Com os braços abertos em sua torre, a força gravitacional lhe tirando o sangue da cabeça, o jovem artilheiro mal conseguiu responder:

— Nada.

Beser, também atordoado com a violência da manobra, olhava para seus instrumentos. Não conseguia levantar a mão para ligar o gravador.

Faltavam agora apenas 20 segundos.

* * *

Lá embaixo, o Príncipe RiGu estava entrando com seu cavalo na Ponte Aioi.

O locutor da Rádio Hiroxima chegou ao estúdio para transmitir o alerta antiaéreo.

No centro de comunicações semi-subterrâneo do Aeroporto de Hiroxima, Yasuzawa perguntava onde seria realizada a reunião de Hata.

Nas faixas vazias contra incêndios, supervisores sopravam seus apitos, avisando a milhares de trabalhadores, muitos deles meninos e meninas, que deveriam correr para as áreas “seguras”.

* * *

A bordo do Enola Gay, Tibbets baixou os óculos de proteção. Não podia ver coisa alguma. Arrancou-os. No nariz do avião, Ferebee nem se dera ao trabalho de pôr os óculos.

O Enola Gay estava chegando ao final de sua curva vertiginosa. Encontrava-se agora a cerca de oito quilômetros do PA de Ferebee e afastando-se da cidade. Tibbets chamou Caron. O artilheiro da cauda informou novamente que nada havia para se ver.

Beser conseguiu finalmente ligar o gravador. Stiborik clareou a tela de radar, a fim de poder vê-la através dos óculos escuros. Duzenbury estava preocupado com os possíveis efeitos da explosão nos motores do Enola Gay.

Jeppson contava. Mais cinco segundos.

Na bomba, o mecanismo barométrico fechou o outro disjuntor, a 3 .500 metros de altitude. O guincho da bomba cortando o ar ainda não podia ser ouvido lá embaixo.

* * *

Em terra, Kazumasa Maruyama ia buscar o Prefeito Awaya, como fazia todas as manhãs.

Na Rádio Hiroxima, o locutor apertou o botão que acionava a sirene de ataque aéreo. Quase sem fôlego, começou a falar pelo microfone:

— Exército Regional em Chugoku informa ter avistado três grandes aviões inimigos seguindo. ..

O detonador da bomba foi ativado a 630 metros do solo.

* * *

Exatamente às 8:16 horas, 43 segundos depois de deixar o Enola Gay, tendo viajado quase dez quilômetros, a bomba atômica errou a Ponte Aioi por 800 metros e explodiu diretamente acima da clínica do Dr. Shima.

* Equipamento ou sistema eletrônico usado para identificar os aviões que se aproximavam, sem saber se se tratava de aparelhos aliados ou do inimigo.

CONSEQUÊNCIAS

De 7 de agosto ao Meio-dia de 15 de agosto de 1945

1

No primeiro milissegundo depois de 8:16 horas da manhã um minúsculo ponto de luz entre vermelho e roxo expandiu-se até uma bola de fogo incandescente, com centenas de metros de largura. A temperatura no núcleo era de 50 milhões de graus centígrafos. No “ponto zero”, a clínica do Dr. Shima, diretamente abaixo da detonação, a temperatura alcançou vários milhares de graus centígrados.

O calor ateou incêndios a dois quilômetros de distância e queimou peles a três quilômetros.

Dos 320 mil civis e soldados que se encontravam na cidade, cerca de 80 mil morreram instantaneamente ou ficaram gravemente feridos. Cerca de um terço das baixas foi de soldados. A maioria das mortes ocorreu nos 10 quilômetros quadrados em torno da Ponte Aioi, onde ficavam as principais áreas residenciais, comerciais e militares.

As colunas de pedra que sustentavam a estrada da Clínica Shima foram achatadas contra o solo, o prédio inteiro desmoronou, os ocupantes foram vaporizados.

Outros 62 mil prédios, de um total de 90 mil, foram destruídos. Todos os serviços públicos e de transporte ficaram arrasados. Ocorreram mais de 70 mil vazamentos nos canos de água.

Um total de 180 dos 200 médicos da cidade e 1.654 das 1.780 enfermeiras foram mortos ou ficaram feridas. Somente três dos 55 hospitais e ambulatórios da cidade permaneceram em condições de serem usados.

O maior grupo individual de mortos ocorreu no Castelo de Hiroxima, a 900 metros do epicentro, onde vários milhares de soldados e um prisioneiro de guerra americano estavam diretamente expostos à explosão. Foram

inteiramente incinerados. Um destino similar se abateu sobre as milhares de pessoas que trabalhavam nas faixas de proteção contra incêndios próximas.

O Castelo de Hiroxima foi totalmente destruído. O índice de mortalidade de seus ocupantes elevou-se a 90 por cento. Entre as baixas, estavam as jovens colegiais que trabalhavam no centro telefônico e a maioria, se não mesmo todos, dos prisioneiros de guerra americanos.

As temperaturas intensas incendiaram a Rádio Hiroxima e queimaram bondes, caminhões e vagões ferroviários. Muros de pedra, portas de aço e calçamentos de asfalto ficaram em brasa. O calor queimou as letras pretas de livros e jornais, fundiu roupas nas peles das pessoas. A dois quilômetros do epicentro, homens tiveram seus bonés gravados no couro cabeludo: mulheres, os padrões dos quimonos impressos nos corpos, e crianças, as meias queimadas em suas pernas.

A explosão entupiu seis das estações bombeadoras de esgotos da cidade e afetou o lençol de água subterrâneo. Espalhou um turbilhão de vidro pela área da destruição.

* * *

Quase tudo isso aconteceu no tempo que Bob Caron levou para fechar os olhos por trás dos óculos de proteção, a sua primeira e incontável reação ao clarão.

Todos os homens no Enola Gay viram a luz e ficaram aturdidos com sua intensidade.

Ninguém disse nada.

Tibbets pôde sentir o gosto da luminosidade.

— Tinha o gosto de chumbo.

Um brilho etéreo iluminou os instrumentos na cabine de comando, no painel de Duzenbury, no rádio de Nelson, nas prateleiras diante de Beser.

Quando Caron abriu os olhos, o clarão já havia desaparecido.

Tomando o seu lugar, havia algo igualmente assombroso. Nas palavras de Caron, foi “uma espiada no Inferno”.

* * *

Em Hiroxima, estava havendo uma tempestade de fogo. De uma área que agora se estendia por quase dois quilômetros, uma massa fervilhante de vermelho e púrpura começou a se elevar para o céu. A coluna sugava para a sua base o ar superaquecido, que incendiava a tudo o que fosse combustível.

O Tenente-Coronel Oya recuperou os sentidos para descobrir-se estendido de rosto para baixo no chão do devastado Quartel-General. Chovia areia em cima dele, dos sacos arreventados no telhado todo rachado. A explosão arremessara Oya a três metros da janela e os raios de calor haviam queimado gravemente a parte de trás de sua cabeça e pescoço. O sangue escorria de aberturas na pele provocadas por cacos de vidro. Outros oficiais na sala estavam em estado parecido.

No Monte Futaba, um pouco mais distante, o Segundo-Tenente Yokoyama não se lembrava do clarão inicial da explosão de calor. Sua primeira recordação foi a de estar quase nu do lado de fora de seu alojamento, brandindo a espada cerimonial e gritando para que seus homens abrissem fogo. Mas não havia nada em que eles pudessem atirar. O tenente virou-se para olhar Hiroxima e descobriu “um nevoeiro denso e estranho envolvendo a cidade”.

No centro desse nevoeiro, seu oficial-comandante, Coronel Abe, estava morto, juntamente com a filha. Não haveria mais necessidade de Yokoyama

inventar novas desculpas para não se casar com a jovem.

Kazumasa Maruyama, a cerca de 1.500 metros do ponto zero, foi derrubado por uma pilastra de pedra. Quando recuperou os sentidos, a escuridão estava baixando sobre a cidade, enquanto a grande nuvem em forma de cogumelo bloqueava a luz do dia. Levantando-se, Maruyama voltou a cambalear para sua casa. Não iria recordar-se de como fizera a jornada.

Não muito longe do lugar em que Maruyama caíra, estava o homem a quem ele servira tão fielmente, o Prefeito Awaya. Sua casa tinha desabado e estava em chamas. Awaya, o filho de 14 anos e a neta de três haviam morrido instantaneamente. A esposa e a filha morreriam mais tarde. No dia seguinte, Maruyama iria às ruínas ainda fumegantes da casa e desenterraria o que sobrara do corpo do prefeito.

2

De seu posto de observação na cauda do Enola Gay, Bob Caron foi o primeiro a ver um fenômeno assustador se desenvolver. Uma grande massa circular de ar estava subindo, com a velocidade do som, na direção do Enola Gay. Estupefato, o artilheiro da cauda tentou gritar um aviso, mas suas palavras eram ininteligíveis.

Caron foi o primeiro homem a testemunhar uma onda de choque de bomba atômica, criada pelo ar sendo tão comprimido que parecia assumir uma forma física. Ele teve a impressão de que “o anel em torno de algum planeta distante tinha-se desprendido e estava vindo em nossa direção”.

O sargento gritou novamente. No mesmo instante, o grande círculo de ar chocou-se contra o Enola Gay, jogando o avião ainda mais alto. Tibbets agarrou os controles. Mas foi o barulho acompanhando a onda de choque que lhe causou mais preocupação. Recordando-se de suas missões de

bombardeio na Europa, ele pensou que “uma granada de 88mm tinha explodido ao nosso lado”. E gritou imediatamente:

— Fogo antiaéreo!

Ferebee teve a mesma reação:

— Estão atirando na gente!

Os dois veteranos vasculharam freneticamente o céu à procura de baforadas de fumaça. O pandemônio reinava no bombardeiro.

Menos de quatro segundos depois, acima da cacofonia de vozes pelo interfone, Caron gritou:

— Vem vindo outra!

Com um tremendo estronho, a segunda muralha de ar atingiu o Enola Gay. Mais uma vez, o bombardeiro foi jogado para o alto, derrubando Nelson de seu assento e fazendo Beser rolar pelo chão.

A onda de choque passou tão rapidamente quanto chegara. O Enola Gay estava de novo em ar calmo.

Tibbets dirigiu-se à tripulação:

— Acabou! Era a onda de choque refletida, voltando do solo. Não haverá mais. Não era fogo antiaéreo. Fiquem calmos. E agora vamos fazer logo as gravações. Está pronto, Beser?

— Estou, Coronel.

— Quero que grave as impressões de todos os tripulantes. Quero que cada um seja sucinto e tome cuidado com a linguagem. Bob, pode começar.

— Poxa, Coronel, é espetacular!

— Limite-se a descrever o que pode ver. Imagine que está fazendo uma transmissão de rádio.

Com o Enola Gay começando a circular a 9.200 metros de altitude, a 18 quilômetros de Hiroxima, o artilheiro da cauda fez seu relato:

— Uma coluna de fumaça subindo depressa. Tem um núcleo intensamente vermelho. Uma massa fervilhante, de cor entre cinza e púrpura com aquele núcleo vermelho. É tudo turbulento. Há incêndios por toda parte, como chamas numa gigantesca camada de carvões. Estou começando a contar os incêndios. Um, dois, três, quatro, cinco, seis ... quatorze, quinze... É impossível. Há incêndios demais para serem contados. Lá vem a forma de cogumelo de que o Capitão Parsons falou... É como uma massa de melação fervilhante. O cogumelo está-se espalhando. Tem talvez dois ou três quilômetros de largura e um quilômetro de altura. E continua subindo. É muito escuro, mas tem uma coloração púrpura na nuvem.

A base do cogumelo parece uma nuvem baixa e carregada, cheia de chamas. A cidade deve estar por baixo disso. As chamas e a fumaça estão turbilhonando, espalhando-se na direção das colinas. Tudo o que posso ver agora da cidade é a parte principal do porto e o que parece ser um aeroporto. Há aviões lá embaixo.

Dando uma volta ampla, Tibbets circulou a nuvem, que se elevava agora a quase 20 mil metros.

Esperando sua vez de falar para o gravador de Beser, Lewis procurava por palavras para escrever em seu registro. Alguns homens a bordo afirmariam mais tarde que a reação inicial dele à nuvem de cogumelo fora uma exclamação:

— Deus do céu! Olhem só para aquela filha da puta!

Mas Lewis decidiu, depois, escrever outra frase: “Deus do céu! O que fizemos?”

Tibbets ficou “espantado, até mesmo chocado”:

— Eu estava esperando ver algo grande, mas o que é grande afinal? O que vi era de uma magnitude e com uma conotação de destruição maior do que eu realmente imaginara.

Beser limitou-se a poucas palavras para a posteridade:

— É bastante aterrador! Ao mesmo tempo, sinto-me aliviado por ter funcionado.

Nelson, Shumard e Duzenbury usaram palavras como “espantoso”, “inacreditável”, “desconcertante” e “assombroso”, visando transmitir o que estavam contemplando. Stiborik pensou: “Isto é o fim da guerra.” Ferebee e Parsons estavam ocupados demais preparando seus relatórios para gravar suas impressões.

Na cauda, Caron tirava fotografias que seriam publicadas no mundo inteiro.

O Enola Gay completou a primeira volta pela cidade mortalmente ferida.

3

O Segundo-Tenente Matsuo Yasuzawa saiu do centro de comunicações do aeroporto e avistou os bombardeiros como três pontos pequenos no céu cheio de fumaça “Humilhado e furioso” pelo fato de o inimigo não ter sido ainda atacado por caças ou fogo antiaéreo, o aviador decidiu ir atrás dos bombardeiros.

Passando por caminhões e aviões em chamas, ele correu para o seu aparelho de treinamento, que pousara em Hiroxima menos de uma hora antes. Todos os aviões por que passou estavam bastante avariados.

O aeroporto ficava a mais de três quilômetros do epicentro. A força da explosão já estava bastante reduzida ao atingir a base. Mesmo assim, não restara uma única janela intacta e muitos prédios haviam sido abalados.

Yasuzawa chegou a seu avião ofegante, inteiramente sem fôlego. Sacudiu a cabeça de espanto.

O avião estava entortado.

Ficara de lado, na direção da onda de choque, que arrebentara todo o vidro de um lado da carlinga e dera um novo formato à fuselagem, deixando-a como se fosse um “C”. A cauda estava inclinada cerca de 10 graus, assim como o nariz.

Yasuzawa subiu na carlinga e apertou o botão do arranque. O motor entrou em funcionamento, contra todas as expectativas.

Foi nesse momento que Yasuzawa avistou uma cena que o fez estremecer. Aproximando-se do aeroporto, divisou a vanguarda de uma procissão de “cadáveres ambulantes”. Sangrando e carbonizados, a pele pendendo, os cabelos chamuscados até as raízes, os primeiros sobreviventes estavam à procura de um refúgio. Algumas mulheres carregavam bebês.

Horrorizado, Yasuzawa desviou os olhos. Um novo pensamento o obcecava agora: tinha que sair dali e comunicar o que acontecera em Hiroxima.

Taxiou o avião lentamente até a pista, acelerou o motor e soltou os freios. Puxou a alavanca para trás e o avariado avião de treinamento elevou-se no ar meio de lado. Yasuzawa ficou cerca de um metro acima do solo por um momento e depois tornou a pousar,

Certo agora de que o aparelho conseguiria voar, ele taxiou até a outra extremidade da pista e preparou-se para a decolagem.

4

A bordo do Enola Gay, Nelson já transmitira a mensagem de que a missão fora um sucesso. Agora, Parsons enviou uma segunda mensagem. Ao ser decifrada, informaria ao General Farrell, aguardando ansiosamente na sala de operações do 509º, em Tinian, a notícia que ele esperava há horas:

SUCESSO EM TODOS OS ASPECTOS. EFEITOS VISÍVEIS MAIORES QUE ALAMOGORDO. CONDIÇÕES NORMAIS NO AVIÃO DEPOIS DO LANÇAMENTO. SEGUINDO PARA BASE.

Depois de circular Hiroxima pela terceira e última vez, Tibbets iniciou a viagem de volta a Tinian. O Great Artiste e o N° 91 seguiram atrás do Enola Gay, pela “Estrada Hirohito”.

5

O Segundo-Tenente Yasuzawa já ia decolar quando emergiu da escuridão, cambaleando, o oficial que trouxera a Hiroxima. Ao descobrir que o piloto pretendia decolar, ele insistiu em ir junto.

O tenente argumentou que o avião estava em estado precário e que seria um vôo extremamente perigoso, mas o major não desistiu. Subiu para o assento atrás de Yasuzawa.

Com os dois homens espremidos no lado esquerdo, abrigando-se por detrás do pouco vidro que ainda restava naquele lado da carlinga, o aparelho avariado avançou pela pista. Quase ao final, Yasuzawa puxou a alavanca e o avião alçou vôo.

Sobre o porto, ele fez a volta na direção da cidade e da fumaça. Sabia que, se cometesse o menor erro, o avião “poderia virar e isso seria o fim”.

Ao subir, com o vento uivando pela carlinga aberta, Yasuzawa concentrou-se em manter o avião deformado no ar, percebendo apenas que havia “um nevoeiro denso, fumaça e chamas”.

A 600 metros de altura, ele nivelou para fazer a mesma coisa que Tibbets fizera, 15 vezes mais alto: circular a cidade a fim de avaliar os danos. Mas enquanto o Enola Gay permanecera longe da nuvem, Yasuzawa estava

agora entrando e saindo dela, sem saber do risco a que estava submetendo seu passageiro e a si mesmo.

Depois de uns cinco minutos de reconhecimento, o intrépido piloto seguiu para a base aérea de Kyushu, a 150 quilômetros de distância.

Ali, depois de concluir um dos vôos mais insólitos da história da aviação, Yasuzawa trocava o seu avião avariado por um outro aparelho, de transporte, passando o resto do dia a trazer sobreviventes de Hiroxima.

6

Às 10:30 horas, o oficial de rancho Charles Perry soube que a missão fora um sucesso. Virou-se para seus cozinheiros e gritou:

— A festa começou!

As cozinhas do 509º tornaram-se um centro de intensa atividade, com Perry preparando uma grande comemoração para o retomo triunfal dos vitoriosos.

Seus homens fizeram centenas de tortas para um concurso entre os gastrônomos da unidade, havia dezenas de engradados de cerveja gelada e muita limonada, milhares de cachorros-quentes, fatias de bifes e salame para sanduíches, salada de batata e salada de frutas.

Satisfeito porque estava tudo em ordem para “a maior festa” que Tinian já tinha visto, Perry sentou-se a uma máquina de escrever e preparou um programa para a ocasião:

FESTA COM CERVEJA GRÁTIS HOJE ÀS 2 DA TARDE

HOJE — HOJE — HOJE — HOJE — HOJE

LOCAL: SALÃO DE GALA DO 509º

PARA TODOS OS HOMENS DO GRUPO INTEGRADO

QUATRO (4) GARRAFAS DE CERVEJA

PARA CADA UM

SEM NECESSIDADE DE CARTÃO DE RACIONAMENTO

LIMONADA PARA QUEM NÃO GOSTAR DE CERVEJA

CONCURSO DE JITTERBUG

A MELHOR MÚSICA

CONCURSO SURPRESA — VOCÊ DESCOBRIRÁ O QUE É
ATRAÇÃO EXTRA: LOURA, ESPEVITADA, CURVILÍNEA, STARLET
VINDA DE??????

PREÇOS — OS MELHORES DA PRAÇA

E Cerveja Livre

COMIDA EM ABUNDÂNCIA

DE PERRY & FORNECEDORES

EM SEGUIDA: FILME ESPECIAL ÀS 19:30

IT'S A PLEASURE

TECHNICOLOR COM SONJA HENIE E MICHAEL O'SHEA

SOLICITE MAIS DETALHES A SEU ORDENANÇA

Use Roupas Velhas Use Roupas Velhas Use Roupas Velhas

6 DE AGOSTO DE 1945

SEJA BEM-VINDO À FESTA PELO RETORNO DO

ENOLA GAY

DA

MISSÃO EM HIROXIMA

7

O Capitão Mitsuo Fuchida, líder do ataque a Pearl Harbor e agora voando para Hiroxima em seu bombardeiro da Marinha, perguntou que força teria criado a estranha nuvem que pairava sobre a cidade.

Ele chamou a torre de controle do aeroporto. Não houve resposta.

Ao se aproximar, Fuchida constatou que Hiroxima, a cidade de onde saíra na tarde anterior, “simplesmente não estava mais ali. Havia incêndios gigantescos em todos os quarteirões. Só que eles pareciam não estar consumindo prédios, mas sim escombros”.

Fuchida não teria recordação consciente do pouso do avião na pista, a mesma da qual Yasuzawa fizera a épica decolagem. Sua recordação seguinte seria a de caminhar na direção da saída do aeroporto, impecavelmente vestido em seu uniforme branco, sapatos brilhando e luvas; nas mãos, para deparar com “uma procissão de pessoas que pareciam ter saído diretamente do Inferno”.

Horrorizado, Fuchida seguiu para Hiroxima. Os mortos e agonizantes estavam amontoados nas sarjetas, flutuando nos rios, bloqueando as ruas. Perto do centro, áreas inteiras haviam desaparecido completamente. Pelo menos numa área de três quilômetros quadrados, “não restava absolutamente nada”. Acabrunhado e exausto, Fuchida vagueou a esmo pela cidade devastada.

8

O Enola Gay estava a 585 quilômetros de Hiroxima quando Caron informou que a nuvem de cogumelo não era mais visível. Somente então é que Tibbets resolveu cochilar um pouco, deixando Lewis no comando do avião.

Às 2:20 horas da tarde, horário de Tinian, Tibbets foi acordado por Farrell, chamando da torre do Campo Norte para dar parabéns. Depois de tomar uma lata de suco de fruta, Tibbets reassumiu o comando do bombardeiro. Às 2:58 horas, o Enola Gay aterrou no Campo Norte. Havia passado 12 horas e 13 minutos no ar.

Duzentos homens estavam à espera para saudá-los, na pista. Outros milhares encontravam-se agrupados mais além.

Começaram a aclamar quando Tibbets e sua tripulação deixaram o avião. Foram imediatamente cercados pelos fotógrafos e homens a lhes darem os parabéns. Um general ordenou que a multidão recuasse. Pelo espaço aberto, o General Spaatz avançou. Aproximou-se de Tibbets e pregou-lhe a Cruz do Mérito no peito do macacão. Os dois homens se afastaram, ainda sem se terem falado, batendo continência. Depois, Spaatz virou-se e deixou o local, seguido por um séquito de oficiais. Os outros homens voltaram a cercar os aviadores, crivando-os de perguntas.

Um oficial pegou a câmara de Caron. As fotografias foram reveladas e despachadas para Washington, para uma distribuição mundial.

Outro oficial pegou o gravador de Beser. As gravações desapareceram.

A reunião para se prestar as informações sobre a missão foi informal, com generosas doses de bourbon e ampla distribuição de cigarros. Quando terminou, a festa de Perry já estava em pleno andamento.

Mas, de alguma forma, parecia não ter a menor importância. Tudo o que Paul Tibbets e os outros tripulantes do Enola Gay desejavam era dormir um pouco.

1

Na manhã de 7 de agosto, os líderes japoneses já sabiam que Hiroxima fora atingida por uma nova espécie de bomba. Foram informados de que a destruição era de proporções incalculáveis. Mas para quem estava acostumado com uma Tóquio devastada, tais notícias não causavam muito espanto.

A declaração do Presidente Truman, descrevendo a arma com alguns detalhes, que havia sido divulgada para um mundo atônito e para um delirante público americano no dia anterior, fora em seguida transmitida para o Japão. Muitos políticos japoneses a encararam como propaganda. O povo japonês não foi informado de coisa alguma por seus líderes.

A reação mundial foi confusa.

O Vaticano condenou a nova bomba como uma “conclusão catastrófica para as surpresas apocalípticas da guerra”. Um porta-voz comparou a invenção da bomba com a do submarino por Leonardo da Vinci, lamentando que os cientistas nucleares, como Da Vinci, não tivessem “destruído sua criação no interesse da Humanidade”.

Na Inglaterra, o governo recebeu bem a bomba como um meio de apressar o final da guerra. H.G. Wells, que previra a bomba atômica 12 anos antes em seu livro *The Shape of Things to Come*, comentou:

— A bomba pode acabar com tudo, bom ou mau. Compete ao homem decidir qual o caminho que escolherá.

Num campo de prisioneiros de guerra no Luxemburgo, alguns criminosos de guerra nazistas do primeiro escalão, entre os quais Goering, Von Ribbentrop e o Marechal-de-Campo Keitel, concordaram que a guerra moderna chegara a seu ponto crítico. Von Ribbentrop, o antigo Ministro do Exterior nazista, disse:

— Ninguém seria tão estúpido a ponto de começar uma guerra agora. É a oportunidade para a Humanidade acabar para sempre com a guerra.

Na União Soviética, os jornais não consideraram a bomba atômica como digna de uma manchete. Embora manifestando “interesse pela nova arma”, jornais e emissoras de rádio disseram que os cientistas russos estavam também “bem adiantados em pesquisa atômica”.

Em Washington, senadores pediram à recém-criada Organização das Nações Unidas para assegurar que “as nações amantes da paz partilhem dos benefícios das descobertas que levaram à bomba”.

Houve uma coisa em que todos concordaram: o mundo nunca mais voltaria a ser o mesmo.

Quando o Gabinete japonês soube da bomba, indicou o Major-General Arisue para chefiar um grupo de altos oficiais e cientistas que iria a Hiroxima para investigar. Entre os cientistas, estava o Professor Asada, o físico que trabalhara na tentativa de fabricar a bomba atômica japonesa e que ainda procurava aperfeiçoar o seu raio da morte.

Em Hiroxima, com o prefeito morto, o Marechal-de-Campo Hata havia assumido o controle administrativo da cidade. Ele próprio ficara apenas ligeiramente ferido, embora a esposa estivesse bastante queimada. O marechal transferiu seu quartel-general para o abrigo subterrâneo ao pé do Monte Futaba.

Muitos dos seus oficiais superiores estavam mortos. O Príncipe RiGu e seu garanhão branco tinham desaparecido. O Coronel Katayama também sumira. Seu cavalo fora encontrado numa fenda no chão, espremido à metade de sua largura. As ordens de Hata eram transmitidas através do Coronel Imoto, que estava bastante ferido, mas era o oficial de patente mais alta, abaixo do Marechal- de-Campo, que ainda estava vivo.

As turmas de socorro demoraram a chegar a Hiroxima. A primeira ajuda veio dos soldados baseados em Ujina. O porto ficava a mais de três quilômetros do epicentro e pouco sofrera. Fuzileiros retiraram das enseadas em torno do porto de Hiroxima os barcos que haviam sido escondidos,

cheios de explosivos, nos preparativos para a invasão americana. Os explosivos foram retirados e os barcos presos uns nos outros, sendo cobertos por pranchas. E subiram lentamente pelos rios, até o centro de Hiroxima, recolhendo feridos e levando-os para o hospital militar em Ujina. A passagem dos barcos era dificultada pelos cadáveres que atravancavam os rios. Durante vários dias, os cadáveres ficaram flutuando.

O destino dos prisioneiros de guerra americanos é incerto. Houve informações de que dois deles foram levados para Ujina, feridos, mas ainda em condições de andar. Um outro teria sido avistado debaixo de uma ponte, agonizante, usando apenas uma cueca vermelha e branca. Dois teriam sido espancados até a morte por seus captores, no Castelo de Hiroxima.

O Suboficial Hiroshi Yanagita, da Kempei Tai, estava dormindo, ainda de ressaca, quando a bomba explodiu. A menos de um quilômetro do epicentro, ele foi atirado para fora da cama inteiramente nu, em seu quarto no segundo andar. A casa estava em chamas: Hiroshi foi até a janela e pulou ... para descobrir que a casa desabara e seu quarto estava agora ao nível da rua. Envolvendo-se num lençol, conseguiu chegar a Ujina. Ali, arrumou algumas roupas e foi para o local onde outrora existia o Castelo de Hiroxima. Não encontrou nenhum dos prisioneiros de guerra americanos. Mas ao chegar ao quartel-general divisional da Kempei Tai no oeste da cidade, um dos seus homens disse-lhe que tentara levar dois americanos até ali, mas constatara que era impossível e os deixara na Ponte Aioi. Somente uma pessoa informou ter visto dois americanos na Ponte Aioi, com as mãos amarradas nas costas, sendo apedrejados até a morte.

Os registros americanos já liberados revelam que pelo menos o piloto Thomas Cartwright e o artilheiro de cauda William Abel sobreviveram à guerra. Ambos foram condecorados com a Purple Heart. Cartwright deixou o serviço ativo em 1953. Abel só saiu das Forças Armadas americanas em 1968. É possível que eles e outros prisioneiros de guerra tenham sido transferidos de Hiroxima antes do lançamento da bomba.

* * *

Em Tinian, no dia seguinte ao lançamento da bomba atômica sobre Hiroxima, algumas tripulações do 509º, inclusive a do Enola Gay, com Lewis no comando, decolaram para um ataque ao Japão, usando bombas convencionais. Tibbets voou para Guam, onde deu uma entrevista coletiva, a 8 de agosto, na qual limitou seus comentários a um relato objetivo dos fatos da missão.

O Presidente Truman advertira os líderes japoneses de que, “se não aceitarem agora os nossos termos, podem esperar uma chuva de ruína do céu, como jamais se viu antes”.

Os japoneses não aceitaram os termos.

Os líderes americanos, receando que a bomba de Hiroxima pudesse ter aumentado a vontade de resistir do Japão e fosse encarada como um fenômeno impossível de ser repetido, decidiram usar a segunda bomba, que era a única que havia disponível naquele momento. Esperavam convencer os líderes do Japão de que a capacidade nuclear da América era muito maior do que na realidade.

LeMay perguntou a Tibbets:

— Acha que deve comandar o segundo ataque?

Ao que Tibbets respondeu:

— Não. Já tive publicidade suficiente. Os outros também trabalharam e se esforçaram muito e podem realizar a missão tão bem quanto eu.

Sweeney foi escolhido para comandar a segunda missão atômica. Ele disse a sua tripulação que queria fazer “exatamente como Paul fez”. Entre os que iriam a bordo, estaria Jacob Beser, o único homem a participar do lançamento das duas bombas atômicas contra o Japão. Cheshire e Penney, os representantes britânicos, seguiriam num dos dois aviões de observação.

Havia apenas dois alvos em potencial: Kokura era o alvo primário, Nagasaki, a alternativa. As duas cidades ficavam na ilha de Kyushu, a sudoeste de Hiroxima.

Desde o início que a missão foi confusa. O tempo previsto sobre os alvos não era promissor. O avião de Sweeney, o Great Artiste, tinha sido equipado com instrumentos científicos para a primeira missão atômica e seria usado novamente na segunda, da mesma forma. Para levar a bomba, Sweeney tomou emprestado outro B-29, o Bock's Car. Pouco antes da decolagem, descobriu-se um defeito no avião: 2.250 litros de gasolina estavam obstruídos num dos tanques e não estariam disponíveis durante o voo. Sweeney decidiu arriscar.

Quando chegou ao ponto de encontro, onde os dois outros aviões se iriam juntar a ele, Sweeney divisou apenas um dos aparelhos. Depois de esperar por 40 minutos pelo terceiro bombardeiro, Sweeney resolveu partir só com um avião de observação, seguindo para Kokura.

O Bock's Car passou três vezes sobre o objetivo, mas o ponto de alvo, um complexo fabril de munições, estava completamente oculto pelas nuvens. Podia-se ver a fumaça do fogo antiaéreo. Beser informou que havia sinais de atividade nos circuitos japoneses de controle de caças que ele vigiava. Aviões de interceptação estavam a caminho.

Sweeney, sem muita reserva de combustível, decidiu “ir para Nagasaki”. A cidade estava coberta também por um lençol de nuvens. Subitamente, o bombardeador Kermit Beahan, que era também, como Ferebee, um veterano de combate na Europa, gritou que avistara uma abertura entre as nuvens. E disse a Sweeney:

— Vou aproveitá-la!

Beahan fez pequenos ajustes no curso e lançou a bomba de plutônio. Caiu longe do ponto de alvo, explodindo acima da área noroeste da cidade. Embora a bomba de plutônio fosse mais potente do que a de urânio usada em Hiroxima, causou menos danos e bem menos vítimas, principalmente por causa da diferença do terreno de Nagasaki. Mesmo assim, o efeito foi devastador.

Depois de um pouso difícil em Okinawa, quase sem combustível, o Bock's Car voltou para Tinian, 20 horas depois de sua partida.

Tibbets elogiou Sweeney e Beahan pela missão. Particularmente, ele decidiu que, se fosse necessário outro ataque atômico, ele próprio iria comandá-lo.

* * *

Enquanto isso, em Moscou, a 8 de agosto, Naotake Sato, o Embaixador japonês que tentara várias vezes persuadir seu governo a render-se antes que fosse tarde demais, foi informado, bruscamente, pelo Ministro do Exterior Vyacheslav Molotov, de que a partir de meia-noite a União Soviética estaria em guerra com o Japão.

Na manhã seguinte, quando os seis membros do Gabinete Interior do Japão reuniram-se pela primeira vez desde o lançamento da bomba atômica em Hiroxima, foram informados de que tropas russas haviam entrado na Mandchúria e que uma segunda bomba atômica fora lançada em Nagasaki.

Mas os membros do Gabinete Interior não conseguiram chegar a um acordo sobre a rendição. Conversaram pela manhã inteira, pela tarde, pelo início da noite. Os que eram a favor de continuar a guerra argumentavam que milhões de soldados japoneses ainda não haviam sido lançados em combate. Estavam ansiosos por uma luta e provavelmente não se renderiam, mesmo que lhes fosse ordenado.

O Primeiro-Ministro Suzuki, desesperado, sem encontrar uma saída para o impasse, sugeriu que o Imperador Hirohito poderia ajudar a encontrar uma solução.

Às duas horas da madrugada de 10 de agosto, o divino soberano do Japão declarou que estava de pleno acordo com seu Ministro do Exterior, retirando-se em seguida da reunião.

A posição do Ministro do Exterior Togo era a de que o Japão deveria aceitar os termos da Proclamação de Potsdam, desde que as exigências dos Aliados não afetassem “as prerrogativas de Sua Majestade como Soberano”.

Quando Truman e seus assessores souberam dessa condição, também ficaram divididos. O Secretário de Estado Byrnes acabou apresentando uma fórmula aceitável. Embora deixando claro que a autoridade do Imperador para governar estaria inicialmente sujeita ao Comandante Supremo Aliado no Japão, reiterava que o povo japonês posteriormente teria liberdade para escolher a forma de governo que mais lhe aprouvesse.

Quando os líderes japoneses receberam a resposta americana, não conseguiram novamente chegar a um acordo sobre a capitulação. Conversaram durante os dias 12, 13 e 14 de agosto. Depois, o Imperador Hirohito novamente interveio. Disse aos líderes militares e civis que deveriam “suportar o insuportável e aceitar a resposta Aliada”. Concordou em informar pessoalmente a seu povo pelo rádio, no dia seguinte, sobre a decisão tomada.

* * *

A rendição japonesa foi divulgada para o povo americano na tarde de 14 de agosto. A maioria não teve a menor dúvida de que fora a bomba atômica que apressara o fim da guerra.

O público russo foi informado de que o Exército Vermelho forçara o Japão a render-se.

Na verdade, foi provavelmente a bomba e o medo da intervenção russa que levaram os japoneses a se renderem.

A 15 de agosto, pouco antes do meio-dia, todos os japoneses aguardavam ansiosamente as palavras de seu Imperador. Havia sido informados no

passado, e muitos ainda acreditavam, de que estavam ganhando a guerra. Não sabiam direito o que acontecera com Hiroxima e Nagasaki.

Em Hiroxima, uma multidão se reuniu junto a um alto-falante na estação ferroviária demolida para ouvir o discurso do divino monarca.

O Imperador Hirohito usou palavras tão formais e oblíquas — o termo rendição não foi pronunciado em momento algum — que se tornou quase impossível ao homem comum compreender o verdadeiro significado do discurso.

Mas quando Hirohito terminou de falar, muitas pessoas deixaram de acreditar que estavam ganhando a guerra. Pensavam agora que já tinham vencido! Foi o que comentou um dos homens que estava na multidão junto à estação ferroviária em Hiroxima:

— De que outra forma a guerra poderia terminar?

EPILOGO

1

No início de setembro de 1945, Tibbets, Ferebee e Van Kirk voaram ao Japão, a fim de inspecionar Nagasaki. Depois de percorrer a cidade, uma jornada que não causou qualquer impacto emocional em Tibbets, ele terminou indo fazer compras. E mais tarde recordou:

— Comprei tigelas para arroz e bandejas de madeira esculpidas a mão. Ferebee também fez compras e nos tornamos turistas americanos típicos.

Na América, Tibbets descobriu que era uma personalidade controvertida. Ao contrário de alguns membros de sua tripulação, ele detestava publicidade. Ficou contente ao ser enviado para o Colégio de Guerra Aérea, no Alabama, onde poderia estudar táticas de guerra. Escreveu uma tese sobre “o emprego de bombas atômicas”, aproveitada pelo Comando Aéreo Estratégico dos Estados Unidos, a resposta da América quando a União Soviética assumiu o controle da Europa Oriental.

Ao final da década de 1950, Tibbets serviu na OTAN, na França. Voltou aos Estados Unidos e ao Comando Aéreo Estratégico, novamente numa função de aviador, como gostava.

Casou-se outra vez. Desta vez, seu casamento foi bem-sucedido.

Em maio de 1965, aos 50 anos, já como general, foi designado para diretor substituto da Missão Militar Americana na Índia. Quase 20 anos já se haviam passado desde que voara o Enola Gay sobre Hiroxima. Mas uma semana depois de sua chegada a Nova Délhi, Tibbets foi saudado com virulentas manchetes da imprensa pró-comunista, rotulando-o “o maior assassino do mundo”.

Recebeu uma guarda de gurkhas para proteção. Mas ninguém poderia protegê-lo da perseguição da imprensa. Um embaraço

Departamento de Estado chamou Tibbets de volta e fechou a Missão Militar,

Novamente em Washington, Tibbets passou a ocupar um cargo de gabinete. Achava que sua carreira na Força Aérea estava acabada. E decidiu reformar-se depois de 30 anos de serviço ativo, convencido de que era “uma vítima sacrificável” de uma mudança de opinião pública em relação ao que lhe haviam ordenado que fizesse em Hiroxima.

Mesmo fora do serviço ativo, mesmo tendo agora um casamento feliz, ele continuou perto de seu primeiro amor: os aviões. É presidente de uma companhia de jatos executivos no Centro-Oeste e ainda pilota regularmente os jatos Lear e, quando uma rara ocasião aparece, um B-29. Já determinou que, quando morrer, suas cinzas serão espalhadas no céu.

* * *

Claude Eatherly, o esfuziante texano cujo comportamento nas horas de folga teria custado sua posição no 509º, se não fosse um piloto excepcional, jamais se adaptou à vida civil. Foi passando cheques sem fundos pelo caminho e cometendo outras falcatruas, com várias estadas em hospitais de tratamento mental para veteranos. A esposa largou-o. Depois de anos de paciente lealdade, até mesmo seu irmão Joe se recusou a continuar aguentando a embriaguez constante e as pequenas falcatruas dele. Como foi que ele se transformou numa espécie de mártir, um Dreyfus americano, o piloto de Hiroxima que enlouqueceu por causa do sentimento de culpa?

Um repórter do Star-Telegram, de Fort Worth, à procura de uma história de interesse humano, esbarrou com Eatherly durante uma visita rotineira a uma cadeia. A manchete da primeira página de seu jornal, a 20 de março de 1957, dizia: HERÓI DA II GUERRA MUNDIAL NA CADEIA. A primeira frase era a seguinte: “O piloto da Força Aérea que levou a primeira missão de bombardeio atômico do mundo para Hiroxima estava preso na cadeia do Condado de Tarrant na quarta-feira ... acusado de um crime

contra seu país.” A notícia esclarecia mais adiante o papel de Eatherly como piloto de um dos quatro (sic) aviões de reconhecimento. Mas o mal já estava feito. Eatherly era um “herói” e tinha “levado” a missão de bombardeio. A manchete da primeira página no dia seguinte dizia: HERÓI ALEGA INSANIDADE NAS FRAUDES POSTAIS.

A 1º de abril de 1957, a revista Newsweek publicou uma reportagem sobre o caso. Sua equipe não verificara devidamente os fatos. O mito Eatherly tornou-se nacional e internacional. Diversos escritores europeus aproveitaram a oportunidade para levantar uma nova bandeira: Eatherly estava sendo punido porque proclamara seu sentimento de culpa em relação a Hiroxima. Rapidamente o texano converteu-se numa fachada para grupos que protestavam contra a bomba atômica. Eatherly adorou a publicidade. Finalmente um herói, descobriu-se a repetir as opiniões que lhe haviam sido atribuídas anteriormente.

Em 1964, William Bradford Huie, um repórter de primeira publicou um livro, *The Hiroshima Pilot*, no qual documentava a fabricação do mito Eatherly com todos os detalhes. Mas os mitos não estão passíveis de esclarecimentos. As pessoas acreditam naquilo que desejam acreditar.

Em 1974, um tumor maligno na garganta privou Eatherly da voz. Mas em 1976, aos 57 anos, novamente casado, pai de duas filhas adolescentes, parecia finalmente ter encontrado a serenidade. Viveu de uma pensão de incapacidade num modesto chalé perto de Houston, Texas, um homem de cabelos brancos, chapéu de palha e botas de cowboy. Faleceu, vitimado pelo câncer, dia 19 de julho de 1978.

* * *

A tripulação do Enola Gay seguiu por caminhos diversos. Desde 1945 que eles recebem cartas de ódio, as quais atingem o pique em 6 de agosto. De vez em quando, a polícia é chamada a investigar ameaças de morte. De um

modo geral, os homens aprenderam a viver com os insultos e recriminações anônimos.

Beser ainda lamenta que “eu não tenha a oportunidade de lançar a bomba em Berlim, pelo que os alemães fizeram com os judeus”. Ele passa uma boa parte do seu tempo a organizar as reuniões do 509º, que são realizadas de três em três anos.

Em 1971, Lewis fez um leilão de suas anotações durante o voo, obtendo um lance máximo de 37 mil dólares. O dinheiro ajudou-o a comprar blocos de mármore, no qual esculpe motivos religiosos. Trinta anos depois de Hiroxima, em 1976, ele ainda achava que eram “meu avião” e “minha tripulação” que tinham voado a missão.

Van Kirk voltou à universidade e formou-se em Engenharia Química. Em 1950, ingressou na DuPont, empresa onde continua trabalhando até hoje.

Nelson vive na Califórnia. Caron coleciona coisas das missões atômicas, mas até agora ainda não conseguiu ganhar dinheiro vendendo postais coloridos do Enola Gay.

Duzenbury e Stiborik levam vidas sossegadas e há muito que já deixaram a missão para trás. Shumard morreu em abril de 1967.

Parsons tornou-se contra-almirante. Morreu a 5 de dezembro de 1953. Seu assistente em Hiroxima, Morris Jeppson, é agora um consultor científico.

Ferebee permaneceu na Força Aérea e reformou-se depois de uma passagem pelo Vietnã. Divide seu tempo entre a venda de propriedades imobiliárias e os cuidados com seu jardim e sua horta, na propriedade de um acre em que vive. Ocasionalmente, faz camping. Embora tenha achado sua visita a Nagasaki com Tibbets “horrrível”, recorda também as centenas de aviões kamikazes que viu escondidos em hangares camuflados na cidade. Recorda sua experiência passada como primeiro bombardeador atômico do mundo sem qualquer pesar, achando que “era um trabalho que precisava ser feito”.

* * *

Depois da guerra, o Marechal-de-Campo Hata respondeu a um processo como um dos 25 maiores criminosos de guerra do Japão. Foi julgado culpado em 1948 e condenado à prisão perpétua. Morreu em 1962.

O Comandante Hashimoto também esteve envolvido num julgamento: a corte marcial do Capitão do Indianapolis, Charles McVay. A iminente chegada de Hashimoto aos Estados Unidos foi anunciada pela Marinha a 8 de dezembro de 1945, o dia seguinte ao quarto aniversário de Pearl Harbor. O comandante de submarino teve uma recepção fria. Entendia um pouco de inglês e não gostou do que ouviu. Durante o julgamento, achou que muitas vezes o seu depoimento estava sendo traduzido de maneira incorreta.

McVay foi considerado culpado de negligência, e rebaixado. A sentença foi posteriormente revogada. Hashimoto tornou-se comandante de navio mercante, visitando muitas vezes portos americanos e britânicos. Agora aposentado, é sacerdote de um santuário shinto em Kyoto.

O Tenente-Coronel Oya foi interrogado pelos americanos sobre a maneira como tratara os prisioneiros de guerra. Ele tentou esconder o fato de que 10 prisioneiros haviam sido assassinados depois do término da guerra, em Fukuoka, na Ilha Kyushu. Disse aos interrogadores que os prisioneiros haviam morrido em Hiroxima, juntamente com outros que lá estavam. Quando as perguntas se tornavam difíceis, Oya simplesmente apontava para o pescoço ferido e dizia:

— Desde a bomba que minha memória anda ruim.

Em 1976, o tenente-coronel estava vivo e passando bem, visitando frequentemente os Estados Unidos.

Depois da guerra, o herói de Pearl Harbor, Mitsuo Fuchida, converteu-se do budismo para o cristianismo. Fez uma excursão pelos Estados Unidos como “missionário voador”, nem sempre sendo bem recebido pelas audiências. Escreveu um folheto intitulado Nunca Mais Outro Pearl Harbor e passou a

não gostar das condecorações e citações militares que continuou a receber. Fuchida morreu a 30 de maio de 1976.

O instrutor de vôo Matsuo Yasuzawa, que levantou vôo de Hiroxima com seu avião avariado, foi proibido de voar pelas forças de ocupação até 1952. Mas, a esta altura, sua visão era deficiente e ele andava atormentado por uma tosse constante. Não conseguiu realizar o sonho de sua vida, ser um piloto civil. Hoje vive frugalmente de uma pequena pensão de incapacitado.

O Suboficial Imai, que ficou escondido em Tinian por mais de um ano, entregou-se em setembro de 1945, o último homem de sua caverna a fazê-lo. É atualmente presidente de uma companhia construtora em Tóquio.

* * *

Hoje, Tinian possui uma posição de Comunidade dentro do Comissariado dos Territórios do Pacífico, administrado pelos Estados Unidos. A selva trouxe quase todos os sinais do papel da ilha durante a guerra. Cerca de 700 nativos vivem em cabanas em San José, a única aldeia da ilha. Um padre capuchinho cuida das necessidades espirituais dos nativos numa imponente igreja católica. O tabernáculo e a pia batismal são tambores de óleo usados pela Marinha americana na II Guerra Mundial. As paredes internas da igreja são feitas de reboco retirado da Área Técnica do 509º.

* * *

A 14 de dezembro de 1970, o General Curtis LeMay recebeu uma citação do agradecido povo de Tinian por “serviços proeminentes” que prestou, “trabalhando incansavelmente para melhorar o bem-estar e os padrões de vida”.

Seis anos antes, LeMay tinha sido condecorado pelo Governo japonês com a Ordem do Sol Nascente, por ter ajudado na formação da força de defesa aérea do Japão no pós-guerra. A condecoração foi criticada pela Dieta, mas Minora Genda, o autor do plano de ataque a Pearl Harbor, defendeu a decisão.

O próprio Genda recebeu, em 1962, a cobiçada Legião do Mérito dos Estados Unidos, concedida pelo Presidente John F. Kennedy. Em 1976, ele era um senador no Parlamento japonês.

Hiroxima é hoje uma cidade movimentada, com quase 900 mil habitantes, cerca de três vezes mais do que tinha antes da bomba. Eles raramente falam de 6 de agosto de 1945. Os que ainda apresentam ferimentos procuram não falar nada a ninguém, muitas vezes com um sentimento de culpa por terem vivido, quando tantos outros morreram. O dano da bomba atômica foi deixado como ficou, uma terrível recordação. Ao vê-lo, os visitantes estremecem, desviam o olhar, e seguem adiante.

Em outubro de 1976, Paul Tibbets retornou às manchetes internacionais, quando o ponto alto de um espetáculo aéreo no Texas era o lançamento simulado de uma bomba atômica do B-29 restaurado em que ele voara a missão a Hiroxima. Engenheiros do Exército dos Estados Unidos providenciaram explosivos especiais para fazerem a nuvem em forma de cogumelo.

Muitas pessoas ficaram apavoradas. O Governo japonês protestou e o Governo americano pediu desculpas.

Tibbets pensa que as reações em contrário foram “ridículas”. Assim como os organizadores do espetáculo, ele acha que “a demonstração era simplesmente uma reconstituição histórica, similar a muitas outras promoções realizadas regularmente no mundo inteiro”.

* * *

Há alguns anos, o Departamento da Defesa doou o Enola Gay ao Instituto Smithsonian. Em 1977, o B-29 estava parcialmente desmontado e disperso em um hangar em Silver Spring, Maryland, esperando para ser montado um dia e exibido no novo Museu de Aeronáutica e Espaço, em Washington.

Notas aos Capítulos

Na preparação deste livro, procuramos ser objetivos e imparciais, permitindo apenas que nossa consciência e os fatos, como os entendemos, nos orientassem.

As fontes que usamos consistem principalmente em entrevistas realizadas pessoalmente, nos Estados Unidos e no Japão, em 1975 e 1976, com os protagonistas dos acontecimentos descritos. Baseamo-nos também em documentos de ambos os países, muito dos quais foram originalmente classificados como ultra-secretos e só há pouco liberados para divulgação. Além da importância intrínseca de cada uma dessas duas fontes, nós as usamos para verificação e confirmação mútua, permitindo-nos assim apresentar a história de maneira autêntica e o mais fiel ao registro histórico possível.

No trato com a língua japonesa, não esquecemos por um instante sequer que ela raramente permite tradução literal; com a ajuda dos intérpretes, aos quais devemos agradecimentos especiais, procuramos tomar todos os cuidados possíveis para preservar na tradução o significado e a intenção do original.

Nas indicações detalhadas das fontes que se seguem, constam documentos e relatórios que ainda eram inéditos, ao que sabemos na ocasião em que o livro foi escrito. Documentos pessoais, uma terceira fonte valiosa de material de pesquisa, abrangem diários, anotações, cartas, manuscritos; correspondência é o item em que estão incluídas as cartas trocadas entre os autores e as pessoas envolvidas; transcrições se referem a entrevistas realizadas por outros e transmissões de rádio documentadas; finalmente, diversos livros publicados e artigos em revistas e jornais também nos foram extremamente úteis e são devidamente indicados.

A forma de identificação usada é a seguinte:

C — Correspondência

D — Documentos e Relatórios

DP — Documentos Pessoais

EA — Entrevistas dos Autores

J — Jornais

L — Livros

R — Revistas, periódicos e opúsculos

T — Transcrições

PRÓLOGO

L: The Birth of the Bomb (O Nascimento da Bomba), de R. W. Clark; No High Ground (Não Há Terreno a Salvo), de Fletcher Knebel e Charles W. Bailey; Now It Can Be Told (Agora Pode Ser Contado), de Leslie R. Groves; The New World (O Novo Mundo), de Richard G. Hewlett e Oscar E. Henderson.

D: Carta de Einstein para Roosevelt, em 2 de agosto de 1939; registro de reunião a 23 de setembro de 1942, no gabinete do Secretário da Guerra (inédito); carta de Groves para Dill, em 17 de janeiro de 1944 (inédita) .

T: The Building of the Bomb (A Construção da Bomba), da BBC-TV.

ATIVACÃO

1

EA: Tibbets.

C: Montgomery

D: Memorando de Derry para Groves, em 29 de agosto de 1944 (inédito).

J: Entrevistas do Tribune de Chicago com Tibbets, de 10 a 22 de março de 1968 (Thomis); The Register, de Newport Beach, Califórnia, em 3 de agosto de 1975.

DP: Tibbets (anotações subseqüentes aos acontecimentos aqui descritos).

T: Ashworth.

2

EA: Tibbets.

R: Air Force Magazine, agosto de 1973: “Training the 509th for Hiroshima” (Preparando o 509º para Hiroxima), de Tibbets.

DP: Tibbets.

3

EA: Tibbets, Beser, Jeppson, Brode.

D: Carta, sem data, escrita em abril de 1943, de Condon para Oppenheimer; Anais de Reuniões na Casa Branca, 26 de agosto de 1944;

memorando de Somervell para o Diretor de Engenharia do Exército dos Estados Unidos, em 17 de setembro de 1944; Arquivos Harrison-Bundy.

R: Bulletin of the Atomic Scientists, junho de 1970, abril de 1975 e maio de 1975.

T: Groves.

4

EA: Yokoyama, Kaizuka, Kosalkai, Genda, Fuchida.

L: Hiroshima in Memoriam (Em Memória de Hiroxima), de Hitoshi Takayama; A History of Modern Japan (História do Japão Moderno), de Richard Storry; Hiroshima, de John Hersey; The Fall of Japan (A Queda do Japão), de William Craig; Death in Life (Morte em Vida), de Robert Jay Lipton; Japan Subdued (Japão Subjugado), de Herbert Feis; Hirohito, de Leonard Mosley; The Glory and the Dream (A Glória e o Sonho), de William Manchester; The Hiroshima Memoirs (As Memórias de Hiroxima), da Cidade de Hiroxima.

D: Sinopse de Bombardeios Estratégicos dos Estados Unidos; Missão Cumprida.

DP: Anotações feitas por Ydkoyama em 1944/45.

5

EA: Tibbets, Ferebee, Beser, Kkig, Slusky, Grennan, Gadkenbach, Perry, Caron, Strudwick, Biel, Jernigan.

L: The Hiroshima Pilot (O Piloto de Hiroxima), de William Bradford Huie.

D: Lista de Oficiais do 3939 Esquadrão (inédita); Álbum Ilustrado do 509; Curta História Narrativa do 509 Grupo (inédita); relatórios e atividades médicas do 509 Grupo (inéditos); História do 509/20 Força Aérea (inédita).

DP: Beser, Tibbets, Perry, Gackenbach.

T: Entrevista com Tibbets, USAF 5-4410-90 (inédita); entrevista com Tibbets, Seção de História Aérea da USAF, em setembro de 1966 (inédita).

6

EA: Hashimoto.

L: Sunk (Afundado), de Mochitsura Hashimoto; Abandon Ship! (Abandonem o Navio!), de Richard F. Newcomb.

7

EA: Tibbets, Beser, Brode, Jeppson.

L: Dawn Over Zero (Madrugada sobre Ponto Zero), de William L. Laurence; Brighter Than a Thousand Suns (Mais Brilhante do que Mil Sóis), de Robert Jungk; Now It Can Be Told (Agora Pode Ser Contado), de Leslie R. Groves; Atomic Quest (Pesquisa Atômica), de Arthur Holly Compton; A Peril and a Hope (Um Perigo e Uma Esperança), de Alice Kimball Smith; The Great Decision (A Grande Decisão), de Michael Amrine.

D: Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos. A Propósito de J. Robert Oppenheimer; Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos, Documento Histórico N9 279; Arquivos Harrison-Bundy.

R: Bulletin of the Atomic Scientists, outubro de 1958; Look, 13 de agosto de 1963; American Historical Review, outubro de 1973; Journal of American History, março de 1974.

T: Ashworth, Rirch, Burroughs, Groves, Hayward.

8

EA: Asada, Suzuki, Nizuma.

L: Imperial Tragedy (Tragédia Imperial), de Thomas M. Coffey.

D: Manuscrito de Asada sobre a Marinha e energia atômica japonesas, 12 de maio de 1965 (inédito); documento de pesquisa de Asada 19176-2-18 (inédito).

DP: Asada (anotações feitas logo depois dos acontecimentos descritos).

9

EA: Arisue, Oya.

D: OSS (Office of Strategic Services — Escritório de Serviços Estratégicos): relatórios e sumários de informações (inéditos); Exército dos Estados Unidos, Comando Supremo das Potências Aliadas, Seção de Contra-Informações: relatórios e sumários de informações.

DP: Oya (anotações feitas logo depois dos acontecimentos descritos).

10

EA: Tibbets, Lewis, Beser, Van Kirk, Duzenbury, Caron, Perry, King, Slusiky, Jernigan, Biel, Grennan.

L: No High Ground (Knebel/Bailey); The Hiroshima Pilot (Huie); Seven Hours to Zero (Sete Horas para hora H), de Joseph L. Marx.

D: Arquivo de Familiarização com B-29, referência “Enola Gay”, número de série 15 (inérito); Curta História Narrativa, 5099 Grupo (inérito).

DP: Anotações feitas por Tibbets, Beser, Perry, Van Kirk; cartas escritas por Lewis.

EA: Arisue, Sakai.

L: The Fall of Japan (Craig); Imperial Tragedy (Coffey); The Nobility of Failure (A Nobreza do Fracasso), de Ivan Morris; Samurai, de Saburo Sakai.

D: Sumário de Inteligência N 17 (vol. 2), 7:Força Aérea, Área do Pacífico Central; análise de transmissões de rádios japonesas; relatório de inteligência ACESEA-W1S, N 87, da 20 Força Aérea (inérito); Divisão de Pesquisa Japonesa (ATIS), monografias N 45, 53, 83.

J: Sunday Times, Londres, 23 de novembro de 1975.

12

EA: Tibbets, Lewis King, Van Kirk, Ferebee, Olivi, Sweeney Beser, Grennan, Jemigan, Perry.

L: Seven Hours to Zero (Marx); The Hiroshima Pilot (Huie).

D: Curta História Narrativa, 509 Grupo (Inérito).

DP: Tibbets, Beser, Lewis, Van Kirk.

13

EA: Yokoyama, Maruyama, Kosakai.

L: Imperial Tragedy (Coffey); The Fali of Japan (Craig); No High Ground (Knebel/Bailey); The Hiroshima Memoirs.

D: USSBS (United States Strategic Bombing Surveys — Sinopses dos Bombardeios Estratégicos dos Estados Unidos).

14

EA: Arisue, Oya.

L: The Fall of Japan (Craig); Hiroshima Decision (Decisão de Hiroxima), de Hanson W. Baldwin, em Hiroshima Plus 20, no New York Times.

D: OSS: relatórios e sumários de informações (inéditos).

L: The Glory and the Dream (Manchester); Now It Can Be Told (Groves).

D: Memorando de Sachs, para Roosevelt, em 8 de dezembro de 1944.

J: New York Times, Washington Post, Los Angeles Times, San Francisco Chronicle, Denver Post, Chicago Tribune, todos de 7 de dezembro de 1944.

16

EA: Tibbets, Sweeney, Beser, Lewis, Ferebee, Van Kirk, Grennan, Caron, Duzenbury, Stiborik.

D: Ordem Geral N 6 da USAAF (inédita).

DP: Beser, Lewis, Tibbets.

17

EA: Perry, Tibbets, Beser, Downey, Van Kirk, Ferebee.

DP: Beser (cartas); Van Kirk (anotações).

18

EA: Tibbets.

D: Memorando escrito por Groves da reunião na Casa Branca entre Stimson e Roosevelt (inédito); memorando de Groves para Marshall (inédito); memorando de Groves para arquivo (inédito), todos de 30 de dezembro de 1944.

T: Groves.

19

EA: Hashimoto.

L: Sunk (Hashimoto); Abandon Ship! (Newcomb).

EA: Tibbets, Lewis, Slusky, Grennan, Caron, Ferebee, Van Kirk, Perry, Beser, Sweeney, LeMay.

DP: Perry; Lewis (cartas).

21

EA: LeMay, Tibbets, Lewis, Sweeney.

L: The Fall of Japan (Craig); Mission with LeMay (Missão com LeMay), de Curtis E. LeMay, com M. Kantor.

D: USSBS.

22

D: Carta de King para Nimitz; memorando de Derry para Groves, em 10 de fevereiro de 1945 (inédito).

T: Groves, Ashworth.

23

EA: Beser, Perry, Duzenbury, Tibbets, King Lewis.

L: Brighter Than a Thousand Suns (Jungk).

D: Curta História Narrativa do 5099 (inédita); relatórios de atividades médicas do 509 Grupo (inéditos); Álbum Ilustrado do 509 Grupo; História do 509 da 20 Força Aérea (inédita).

R: Bulletin of the Atomic Scientists, junho de 1970, abril de 1975, maio de 1975.

DP: Beser, Perry.

T: Groves, Ashworth.

24

EA: Shima.

L: The Hiroshima Memoirs.

D: USSBS; Missão Cumprida.

25

L: The Glory and the Dream (Manchester); Brighter Than a Thousand Suns (Jungk); On Active Service in Peace and War (Em Serviço Ativo na Paz. e na Guerra), de Henry L. Stimson e McGeorge Bundy; Now It Can Be Told (Groves); The Great Decision (Anirinc); Speaking Frankly (Falando Francamente), de James F. Byrnes.

D; Memorando de Patterson para Styer, em 15 de fevereiro de 1945 (inédito); memorando de Byrnes para Roosevelt, em 3 de março de 1945 (inédito); memorando de Groves para arquivo, em 3 de março de 1945 (inédito); memorando de Groves para Stimson, em 8 de março de 1945 (inédito).

R: Harper's Magazine, fevereiro de 1947.

DP: Stimson.

T: Groves.

26

EA: Tibbets, Jeppson, Beser, Van Kirk, Jernigan, Caron, Perry, Grennan, Lewis, Gackenbach.

D: Curta História Narrativa do 509 Grupo (inédita); Álbum Ilustrado do 509; História do 509 da 20 Força Aérea (inédita).

DP: Beser, Lewis.

27

EA: LeMay.

L: The Army Air Forces in World War Two, Vol. V, The Pacific: Matterhorn to Nagasaki, June 1944 to August, 1945 (As Forças Aéreas do Exército na II Guerra Mundial, Vol. V, o Pacífico: de Matterhorn a Nagasaki), de W. F. Craven e J. L. Cate; The Fall of Japan (Craig).

28

EA: Arisue, Maruyama, Yokoyama, Kosakai.

L: The Fall of Japan (Craig); Imperial Tragedy (Coffey); The Hiroshima Memoirs.

D: OSS: relatórios e sumários de informações; Departamento de Defesa dos Estados Unidos: planos militares (1941-45) para a entrada da União Soviética na guerra contra o Japão; USSBS.

29

EA: Tibbets, Jeppson, Slusky, Brode, Ferebee, Lewis, Duzenbury.

C: Alvarez.

30

L: The Glory and the Dream (Manchester); Japan's Decision to Surrender (A Decisão do Japão de Render-se), de Robert J.C. Butow; I Was Roosevelt's Shadow (Fui a Sombra de Roosevelt), de Michael F. Reilly; Year of Decisions (Ano de Decisões), de Henry S. Truman; F.D.R., My Boss (Franklin Delano Roosevelt, Meu Chefe), de Grace Tully; Thank You, Mr. President (Obrigado, Sr. Presidente), de Merriman Smith; When F.D.R. Died (Quando Franklin Delano Roosevelt Morreu), de Bernard Asbell; FDR's Last Year (O Último Ano de Franklin Delano Roosevelt), de Jim

Bishop; The Great Decision (Amrine); Speaking Frankly (Byrnes); Year of Decisions (Truman); Plain Speaking (Falando Claro), de Merle Miller.

J: New York Times, 13 de abril de 1945.

DP: Truman.

31

EA: Tibbets, Lewis, King, Strudwick, Biel, Beser, Gackenbach, Grennan, Perry, Caron, Sweeney, Spitzer, Olivi.

L: We Dropped the A-Bomb (Nós Lançamos a Bomba Atômica), de Merle Miller e Abe Spitzer.

D: Cartas citadas por Huie de Bowen e Thornhill, em The Hiroshima Pilot.

DP: Diário de Spitzer.

EA: Asada, Arisue, Oya, Yokoyama, Maruyama, Yasuzawa.

L: The Fall of Japan (Craig); Hirohito (Moslry); Japan Subdued (Feis).

D: USSBS.

J: New York Times, 8 de agosto de 1976.

DP: Asada.

33

L: Now It Can Be Told (Groves); Brighter Than a Thousand Suns (Jungk); The Great Decision (Amrinc); On Active Service in Peace and War (Stimson/Bundy).

D: Memorando de Groves para Stimson, em 23 de abril de 1945 (inédito); memorando de Groves para arquivo, em 25 de abril de 1945 (inédito); memorando de Stimson para Truman, em 25 de abril de 1945 (inédito); carta de Stimson para Truman, em 24 de abril de 1945.

34

EA: Hashimoto, Shima, Kosakai.

L: Sunk (Hashimoto); The Hiroshima Memoirs.

D: USSBS.

35

EA: Maruyama, Oya, Yanagita.

L: The Fall of Japan (Craig); Hirohito (Mosley); Japan Subdued (Feis); Japan's Decision to Surrender (Butow); Year of Decisions (Truman); The Knights of Bushido (Os Cavaleiros de Bushido), de Russell of Liverpool; History of the U.N. War Crimes Commission (História da Comissão de Crimes de Guerra das Nações Unidas); Imperial Tragedy (Coffey).

D: Apontamentos para o Interrogatório de Prisioneiros de Guerra, IJA, distribuído em 6 de agosto de 1943; relatórios do Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, de maio de 1946 a novembro de 1948; relatórios da Comissão para a Investigação dos Crimes de Guerra das Nações Unidas, 1946; USSBS.

36

EA: Tibbets.

D: Relatório do Comitê de Alvo, de 12 de maio de 1945 (inédito).

DP: Beser.

37

EA: Tibbets, Beser.

L: On Active Service in Peace and War (Stimson/Bundy); The Great Decision (Amrine); The Fall of Japan (Craig); Atomic Quest (Compton); A History of the U.S. Atomic Energy Commission (História da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos), de Richard G. Hewlett e Oscar E. Anderson; Speaking Frankly (Bymes); Now It Can Be Told (Groves); A Peril and a Hope (Smith), para o texto completo do Relatório Franck; Command Decisions (Decisões de Comando), de Louis Morton.

D: Memorando de Samford para o Chefe do Estado-Maior, 20 Força Aérea, 5 de maio de 1945 (inédito); Apontamentos e Minutas do Comitê Interino, 1 de maio, 4 de maio, 9 de maio, 15 de maio, 18 de maio, 31 de maio, 1 de junho de 1945 (todos inéditos); “A Decisão de Usar a Bomba Atômica”, extraído de Command Decisions, publicado pela Seção de História Militar, Departamento do Exército; memorando de Groves para Marshall, de 12 de junho (inédito); Arquivos Harrison-Bundy; memorando de Groves para o Secretário da Guerra sobre Szilard, em 29 de outubro de 1945 (inédito) .

R: Harpe's Magazine, vol. 194 (n 1161), fevereiro de 1947; U. S. News & World Report, vol. 1 (n 49), 15 de agosto de 1960; Bulletin of the Atomic Scientists, vol. 26, junho de 1970, e vol. 31, fevereiro de 1975.

T: Groves.

EA: Lewis, Duzenbury, Stiborilk, Nelson, Caron.

L: No High Ground (Knebel/Bailey); The Great Decision Amrine); The Fall of Japan (Craig); On Active Service in Peace and War

(Stimson/Bundy); *The Glory and the Dream* (Manchester); *The Challenge to American Foreign Policy* (O Desafio à Política Externa Americana), de John J. McCloy.

D: Memorando do Chefe do Estado-Maior sobre o plano de invasão do Japão, nome em código “Olympic”, de junho de 1945, e estudo do Estado-Maior sobre o plano de invasão “Coronet”, do mesmo mês (ambos inéditos); Programa de Bombardeio Recomendado, maio de 1945 (inédito); “A Decisão de Usar a Bomba Atômica”, extraído de *Command Decisions*.

DP: Lewis (documentos e cartas); Caron (anotações).

T: Eric Sevareid em conversações com John J. McCloy (Especial da CBS a 20 de julho de 1975).

39

EA: Yokoyama, Imoto, Oya, Endo, Kosakai, Genda, Miura.

L: *The Hiroshima Memoirs*.

D: Relatórios do Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, maio de 1946 a novembro de 1948, em relação a Tata; USSBS.

40

EA: Tibbets, LeMay, Lewis, Caron, Nelson, Duzenbury, Stiborik.

L: *Now It Can Be Told* (Groves).

D: Relatório preliminar sobre métodos operacionais, de D.M. Dennison, de 5 de maio de 1945 (inédito); anotações, sobre a reunião inicial do Comitê de Alvo, em 27 de abril de 1945 (inéditas); relatórios e sumários de alvo da 20 Força Aérea (inéditos); fotografias de alvo da USAAF (inéditas).

DP: Lewis (cartas); Caron (anotações).

ACELERAÇÃO

1

EA: Imai, Saito.

L: The U.S. Marines and Amphibious Warfare (A Guerra Anfíbia e os Fuzileiros Navais dos Estados Unidos), de J. A. Isley e P. A. Cowl; History of the United States Naval Operations in World War Two (História das Operações Navais dos Estados Unidos na II Guerra Mundial), de Samuel Eliot Morison; The Two-Ocean War (A Guerra em Dois Oceanos), de Samuel Eliot Morison.

R: Saturday Evening Post, 23 de dezembro de 1944.

2

EA: Tibbets, LeMay.

D: Memorandos de 10 de junho e 21 de julho, de Kirkpatrick para Groves (ambos inéditos); análises de operações aéreas do CINCPAC (inéditas); Sumário de Informações VII AAF, N 43 (inédito); interrogatórios de Fuchida pelo USSBS; Relatório sobre Tinian da N.A.B. (inédito).

3

EA: Lewis, Stiborik, Caron, Nelson, Duzenbury, Beser, Gackenbach.

D: Mapa de Tinian, da 6 Brigada de Construção Naval (inédito); Curta História Narrativa do 509 (inédita); Álbum Ilustrado do 509 (inédito).

DP: Lewis (cartas), Caron e Nelson (anotações).

4

EA: Arisue, Oya.

L: Japari's Decision to Surrender (Butow); The Fall of Japan (Craig); No High Ground (Knebel/Bailey); Imperial Tragedy (Coffey); Hirohito (Mosley).

EA: Perry, Beser, Lewis, Jeppson, Van Kirk, Duzenbury, Nelson.

D: Balada "Nobody Knows" (Ninguém Sabe) da Curta História Narrativa do 509 (inédita); Álbum Ilustrado do 509.

6

EA: Arisue.

L: No High Ground (Knebel/Bailey) \The Fall of Japan (Craig).

7

EA: Tibbets, Ferebee.

L: No High Ground (Knebel/Bailey); The Great Decision (Amrine); Not It Can Be Told (Groves); Abandon Ship! (Newcomb).

D: Memorando de Parsons para Tibbets, em 15 de julho de 1945 (inédito); memorando de Parsons e Oppenheimer para Groves, em 29 de junho de 1945 (inédito); memorando de Parsons para Tibbets, em 30 de junho de 1945 (inédito).

T: Ashworth.

8

EA: Tibbets.

L: Dawn Over Zero (Laurence); The Glory and the Dream (Manchester); All in Our Time (Tudo em Nosso Tempo), de Jane Wilson; Not It Can Be Told (Groves).

D: Relatório sobre Teste II em Trinity, 16 de julho de 1945, Warren para Groves (inédito); memorando de Groves para o Chefe do Estado-Maior, 30 de junho de 1945 (inédito).

R: Bulletin of the Atomic Scientists, vol. 31, abril de 1975, “Prelúdio a Trinity”, vol. 31, maio de 1975, “Uma Demonstração Terrível” (ambos de Kenneth T. Bainbridge); vol. 26, junho de 1970, “Algumas Recordações de 16 de julho de 1945” (Groves).

J: New York Times, artigos em números entre 9 de setembro e 9 de outubro de 1945, por William Laurence.

T: “O Dia em que o Sol Explodiu” (BBC-Tv); “A Construção da Bomba” (BBC-Tv); Groves.

9

L: Abandon Ship! (Newcomb); History of the United States Naval Operations in World War Two (Morison); Sunk (Hashimoto); No High Ground (Knebel/Bailey).

T: Ashworth.

10

EA: Elsey.

L: *Between War and Peace* (Entre a Guerra e a Paz), de Herbert Feis; *Japan Subdued* (Feis); *Year of Decisions* (Truman); *Triumph and Tragedy* (Triunfo e Tragédia), de Winston S. Churchill; *On Active Service in Peace and War* (Stimson/Bundy); *Japari's Decision to Surrender* (Bustow).

D: Telegramas de Harrison para Stimson e de Stimson para Harrison, 16 de julho de 1945; Diário da Viagem do Presidente à Conferência de Berlim (inédito).

J: *New York Times*, 18 de julho de 1945; *Daily Mirror*, Londres, 2 de agosto de 1945.

DP: Diários de Stimson e Truman.

11

EA: Tibbets, Ferebee, Lewis, Caron, Beser, Duzenbury, Nelson, Van Kirk, Perry, LeMay, Spitzer, Grennan, Gackenbach, Jernigan, Sweeney.

D: Memorandos de Kirkpatrick para Groves, em 10 de junho e 21 de julho de 1945 (inéditos).

DP: Diário de Spitzer.

12

EA: Tibbets, LeMay, Ferebee, Van Kirk, Lewis, Caron, Beser, Duzenbury.

L: *The Hiroshima Pilot* (Huie); *No High Ground* (Knebel/Bailey); *Seven Hours to Zero* (Marx).

D: História do 5099 (inédita); Álbum Ilustrado do 509; relatório do Comitê de Informações Conjunto, julho de 1945.

13

EA: Imai, Grennan.

L: The Hiroshima Pilot (Huie); No High Ground Knebel/Bailey); Seven Hours to Zero (Marx).

14

EA: Imoto, Endo, Oya, "Iriyama, Yanagita, Kaizuka, Yokoyama.

D: Interrogatórios de Hata da USSBS (inéditos); relatórios do Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, maio de 1946 a novembro de 1948, a respeito de Hata.

L: On Active Service in Peace and War (Stimson); Japan Subdued (Feis); Between War and Peace (Feis); Japan's Decision to Surrender (Butow); Year of Decisions (Truman); Triumph and Tragedy (Churchill).

D: Memorando de Groves para Stimson, em 18 de julho de 1945; Diário da Viagem do Presidente à Conferência de Berlim (inédito).

16

EA: Beser.

17

EA: Arjsue, Oya.

L: Hirohito (Mosley); The New World (Hewlett/Anderson); Ten Years in Japan (Dez Anos no Japão), de Joseph C. Grew; Imperial Tragedy (Coffey); The Fall of Japan (Craig); Japan Subdued (Feis); Japan's Decision to Surrender (Butow); On Active Service in Peace and War (Stimson/Bundy).

J: Nippon Times, 29 e 30 de julho e 1 de agosto de 1945; Asahi Shimbun, 28 de julho de 1945.

18

EA: Tibbets, Beser, Lewis, Jemigan, Grennan, King, Van Kirk, Downey, Duzenbury, Caron, Nelson, Jeppson, Stiborilk, Biel, Cheshire, Imai.

L: No High Ground (Knebel/Bailey).

D: História do 509 Grupo (inédita); Álbum Ilustrado do 509.

19

EA: Yanagita, Shima, Maruyama, Matsuoka, Kosakai, Hiroto, Yokoyama, Imoto, Endo.

L: The Hiroshima Memoirs; Hirohito (Mosley); The Fall of Japan (Craig)

.

D: Registros de Vôo (inéditos); dois relatórios de Tripulação Aérea Desaparecida, do 866 Esquadrão de Bombardeiro e do 494 Grupo de Bombardeio, de 30 de julho de 1945 (inéditos); Relatórios da CINCAFPAC, de 23 de setembro, e 9 e 18 de outubro de 1945 (inéditos); ordens de missão, VII Comando de Bombardeiros, 494 Grupo de Bombardeio, Ordem de Combate 45-92, de 27 de julho de 1945 (inéditas); relatório de missão do 494 Grupo de Bombardeio (inédito).

DP: Yoikoyama (anotações), Hiroto, Matsuoka.

20

EA: Lewis.

D: História do 509 Grupo (inédita).

21

EA: Tibbets, Lewis, LeMay, Sweeney.

L: Now It Can Be Told (Groves); No High Ground (Knebel/Bailey); The Hiroshima Pilot (Huie).

D: Memorando de Oppenheimer para Parsons, em 23 de julho de 1945 (inédito); memorando de Groves para Marshall, em 18 de julho de 1945 (inédito).

22

EA: Hashimoto, Beser.

L: Sunk (Hashimoto); Abandon Ship! (Newcomb); Now It Can Be Told (Groves).

D: Memorando de Groves para o Chefe do Estado-Maior, em 30 de julho de 1945 (inédito).

23

EA: Matsuoka, Oya, Kocakai, Yanagita.

L: The Hiroshima Memoirs.

24

L: Now It Can Be Told (Groves).

D: Cabograma n 1005, de Spaatz para Departamento de Guerra, em 31 de julho de 1945 (inédito); cabograma n 10027, de Spaatz para Departamento de Guerra, em 31 de julho de 1945 (inédito); cabograma n 3542, de Handy para Spaatz, em 31 de julho de 1945 (inédito); memorando de Groves para Chefe do Estado-Maior, em 30 de julho de 1945 (inédito).

25

EA: Beser, Cheshire, Ferebee, Van Kirk, Tibbets, Perry, Sweeney, LeMay, Lewis.

L: No High Ground (Knebel/Bailey); Now It Can Be told (Groves).

C: Lord.

D: Diários sumários de informações, 20 Força Aérea, Guam, julho de 1945 (inéditos); Ordem de Combate n 13, 20 Força Aérea (inédita); cabogramas de Groves para Farrell e de Farrell para Groves, em 30 de julho de 1945 (inéditos).

EA: LeMay, Ferebee, Tibbets.

FISSÃO

1

EA: Matsuoka, Maruyama, Kosakai, Kaizuka, Shima.

L: The Hiroshima Memoirs.

D: USSBS.

2

EA: Tibbets, Lewis, Beser, Jeppson, Jemigan, Caron, Duzen-bury, Nelson, Stiborilk, Slusky, Gackenbach, Grennan, Ferebee, Van Kirk, King, Spitzer, Sweeney, Cheshire, LeMay, Brode, Strudwidk, Perry, Downey.

L: We Dropped the A-Bomb (Miller/Spitzer); Now It Can Be Told (Groves).

C: Alvarez.

D: Ordem de Operações N 35, 509 Grupo (inérita); mensagem de LeMay para o 509, de 5 de agosto de 1945 (inérita); telegrama de Doll para Oppenheimer, em 5 de agosto de 1945 (inérito).

DP: Diário de Spitzer.

T: Ashworth.

3

EA: Maruyama, Oya, Imoto, Shima, Matsuoka, Kosakai.

L: The Hiroshima Memoirs.

DP: Oya, Maruyama.

4

EA: Tibbets, Lewis, Jeppson, Duzenbury, Nelson, Stiborik, Caron, Beser, Ferebee, Van Kirk, Imai, Downey, Spitzer, Sweeney, Grennan, King, Jemigan.

L: Now It Can Be Told (Groves).

R: “Time Out” (prece de Downey); Yank, 7 de setembro de 1945.

T: Ashworth.

5

EA: Tibbets, Lewis, Jeppson, Duzenbury, Nelson, Stiborik, Caron, Beser, Ferebee, Van Kirk, Sweeney, Spitzer, Gackenbach, Grennan, King, Brode, Imai.

L: We Dropped the A-Bomb (Miller/Spitzer); Seven Hours to Zero (Marx).

C: Alvarez.

D: Relatórios de missão, agosto de 1945 (inéditos); lista de verificação de Parsons (inédita); registro de navegação preparado por Van Kirk; sumário de inteligência da 20 Força Aérea para 6 de agosto de 1945 (inédito); instrução manual de tripulação de B-29.

DP: Diário de Spitzer, registro de Lewis.

T: Ashworth, Groves.

6

EA: Yokoyama.

7

EA: Tibbets, Lewis, Jeppson, Duzenbury, Nelson, Stiborik, Caron, Beser, Ferebee, Van Kirk.

D: Relatórios de missão, agosto de 1945 (inéditos); registro de navegação preparado por Van Kirk; sumário de informações da 20 Força Aérea para 6 de agosto de 1945 (inédito).

DP: Registro de Lewis.

9

EA: Maruyama, Oya, Shima, Yasuzawa, Fuchida, Inimoto, Endo, Kosakai, Kaizuka, Yanagita.

L: The Hiroshima Memoirs.

D: Interrogatórios da USSBS de Oya, Hata, Fuchida.

DP: Imoto, Oya, Endo (anotações subseqüentes aos acontecimentos descritos).

10

EA: Grennan.

L: The Hiroshima Pilot (Huie); No High Ground (Knebel/Bailey).

11

EA: Maruyama, Oya, Imoto, Endo, Yanagita, Hiroto, Mat-suoka, Shima, Kosalkai, Yokoyama, Yasuzawa, Fuchida, Kaisuka.

L: The Hiroshima Memoirs; Imperial Tragedy (Coffey); Hiroshima in Memoriam and Today (Hiroxima In Memoriam e Hoje), de Hitoshi Takayama.

R: Folhetos: A-Bomb, A City Tells Its Story (Bomba Atômica: Uma Cidade Conta sua História), compilado por Kosaikai; Hiroshima (prefácio de Araki).

12

EA: Tibbets, Ferebee, Lewis, Van Kirk, Beser, Sweeney, Stiborik, Caron, Jeppson, Nelson, Duzenbury, Yasuzawa, Yolkoyama, Kosakai, Shima, Maruyama, Oya, Hiroto, Matsuoika, Matsushige, Hatsuko.

L: The Hiroshima Memoirs; Hiroshima in Memoriam and Today (Takayama).

D: Relatório do Projeto Manhattan, “O Bombardeio Atômico de Hiroxima e Nagasaki”; Relatório Final, Missão N 13, QG, 509 Grupo Integrado, datado de 6 de agosto de 1945, preparado por Stevenson (inédito); relatório ao COMGENUSTAF, Guam, sobre Missão N 13 (inédito); USSBS.

R: Folhetos: A-Bomb, A City Tells Its Story (compilado por Kosaikai); Hiroshima (prefácio de Araki).

DP: Oya, Endo, Imoto, Perry, Matsuoka, Hiroto, Maruyama.

T: “Hot to Handle” (BBC-TV); Groves, Ashworth.

ONDA DE CHOQUE

1

EA: Tibbets, Caron, Lewis, Duzenbury, Nelson, Stiborik, Jeppson, Van Kirk, Ferebee, Beser, Yokoyama, Maruyama, Oya, Nizuma, Suzuki Hatsuko, Endo, Imoto, Miura, Matsushige.

L: Hiroshima 1945 (Ichiro Osako); The Hiroshima Memoirs.

D: Relatório do Projeto Manhattan, “O Bombardeio Atômico de Hiroxima e Nagasaki”; Relatório Final, Missão N 13, QG, 509 Grupo Integrado, datado de 6 de agosto de 1945, preparado por Stevenson (inédito); relatório para COMGENUSTAF, Guam, sobre Missão N 13 (inédito); USSBS.

2

EA: Tibbets, Caron, Lewis, Duzenbury, Nelson, Stiborik, Jeppson, Van Kirk, Ferebee, Beser.

3

EA: Yasuzawa.

4

EA: Tibbets, Nelson.

5

EA: Yasuzawa.

6

EA: Perry.

7

EA: Fuchida.

L: Imperial Tragedy (Coffey).

8

EA: Tibbets, Lewis, Nelson, Duzenbury, Beser, Ferebee, Jeppson, Stiborik, Caron.

CONSEQUÊNCIAS

1

EA: Miura, Endo, Imoto, Oya, Tibbets, Sweeney, Yanagita, Hatsuko, Arisue, Asada, Nizuma, Suzuki, Matsushige.

L: The Fall of Japan (Craig); Japan Subdued (Feis); Hirohito (Mosley); Year of Decisions (Truman); Japan's Decision to Surrender (Butow); Hiroshima 1945 (Ichiro Osalko); The Hiroshima Memoirs.

D: USSBS; Relatórios: CINCAFAC para COMGEN VI Exército, a 23 de setembro de 1945 (inédito); Comando do VI Exército para

CINCAFPAC, em 9 de outubro de 1945 (inédito); registros da tripulação (inéditos).

R: Time. 9 de agosto de 1971.

J: Los Angeles Times, 8 e 9 de agosto de 1945; Oakland Tribune, 8 de agosto de 1945.

DP: Asada, Hiroto, Oya, Imoto, Endo, Matsuoka.

EPÍLOGO

1

EA: Tibbets, Beser, Ferebee, Van Kirk, Jeppson, Stiborik, Nelson, Grennan, Caron, Duzenbury, Lewis, King, Ha-shimoto, Oya, Fuchida, Yasuzawa, Imai, LeMay, Genda.

L: The Hiroshima Pilot (Huie); Burning Conscience (Consciência Ardendo), de Gunther Anders, com Claude Eatherly; Abandon Ship! (Newcomb).

D: Relatórios do Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, de maio de 1946 a novembro de 1948, sobre Hata; nota para a imprensa da Força Aérea, outubro de 1976.

J: Los Angeles Times, 15 de junho de 1969; Japan Times, 26 de fevereiro de 1976; Washington Post, 14 de outubro de 1976; New York Times, 17 de maio de 1965.

R: Revista People, 11 de agosto de 1975.

Agradecimentos Especiais

ENTREVISTAS DOS AUTORES

Arisue, Seizo

Asada, Tsunesaburo

Beser, Jacob

Biel, Raymond

Bock, Frederick

Brode, Robert

Caron, George

Casey, John

Cheshire, Leonard

Cole, Leon

Costa, Thomas

Costello, Edward

Downey, William

Duzenbury, Wyatt

Else, George

Endo, Shin

Ferebee, Tom

Fíatanaka, Kuniso

Fuchida, Kitaoka

Gackenbach, Russell

Genda, Minoru

Grennan, Thomas

Gruning, Wayne

Hashimoto, Mochitsura

Hatsuko, Tominaga

Hiroto, Kanai

Iki, Flaruki

Imai, Kizo

Imoto, Kumao

Jeppson, Morris

Jernigan, Norris

Kaizuka, Yoshiro

King, John

Kosakai, Yoshiteru

LeMay, Curtis

Lewis, Robert

McKnight, Charles

Maruyama, Kazumasa

Matsuoka, Masaru

Matsushige, Yoshito

Matubara, Miyoko

Miara, Hiroshi

Moritaki, Ichiro

Nasu, Yoshio

Nelson, Richard

Nizuma, Seichi

Olivi, Frederick

Osako, Ichiro

Oya, Kakuzo

Perry, Charles

Saito, Masatoshi

Sakai, Saburo

Shima, Kaoru

Slusky, Joseph

Spitzer, Abe

Stiborik, Joseph

Strudwick, James

Suzuki, Tatsusaburo

Sweeney, Charles

Takahashi, Akahiro

Takai, Sadao

Tibbets, Paul

Van Kirk, Theodore

Yanagita, Hiroshi

Yasuzawa, Matsuo

Yokoyama, Tatsuo

e em correspondência:

Alvarez, Luis

Lord, Edmund

Montgomery, J. B.

TRADUTORES

Temos uma dívida especial para com os nossos tradutores.

No Japão, John Silver realizou o impossível, sempre encontrando uma maneira aceitável de formular nossas perguntas, que algumas vezes eram extremamente delicadas. Sua contribuição foi de valor inestimável.

Shizuko Pritchard, nascido em Hiroxima, prestou uma ajuda extraordinária na correspondência com contatos nossos naquela cidade. Ela também traduziu muitos documentos para nós.

OUTROS

Em Tóquio, Sen Matsuda e Ko Shioya, editor e subeditor do Readefs Digest, prestaram toda ajuda e nos deram seus conselhos experientes, sempre que solicitamos; jamais nos tentaram impressionar com suas opiniões sobre a bomba e a guerra. Também apreciamos intensamente a colaboração de dois membros da equipe deles, Srta. Katsuko Konno e Sr. Sekiya Hashimoto.

Em Hiroxima, os repórteres Kawamoto e Kaneguchi, do Chugoku Shimbun, prestaram-nos toda a ajuda possível; Yoshiteru Kosakai, Diretor da Divisão Histórica da Biblioteca de Hiroxima, forneceu-nos informações da maior importância; Hideo Sasalki, Diretor do Centro de Cultura e Paz de Hiroxima, generosamente nos ofereceu uma das últimas coleções completas de Hiroshima Genbaku Sensai Shi, uma obra em cinco volumes, de importância fundamental.

Em Washington, como já tinha acontecido em nossos livros anteriores, contamos com a orientação e as informações de John Taylor, nos Arquivos Nacionais; de Sheila McGouch, na Instituição Carnegie; do Dr. D.C. Allard, no Centro Histórico Naval; e do arquivista da Força Aérea Gail Guido.

Em Nova York, Bill Maxwell proporcionou-nos uma ajuda de inestimável valor, nas ocasiões em que mais era necessária.

Em Dublin, como já havia acontecido no passado, Bill Moloney ajudou-nos nos aspectos técnicos do bombardeio.

E em Londres, como sempre, Michael Weigall estava à mão para nos proporcionar toda ajuda necessária.

OUTROS AGRADECIMENTOS

Organização de Ajuda aos Sobreviventes da Bomba Atômica, Hiroxima (K. Shimuza).

Centro de Pesquisa Histórica Albert F. Simpson, Maxwell, Alabama (Glória Atkinson e Aleen Striepe).

Embaixada americana em Londres.

Cruz Vermelha Nacional Americana, Washington, D.C. (George Elsey, Mac Slee).

Hospital da Bomba Atômica, Hiroxima (I. Sadama).

Comissão de Energia Atômica, Seção Histórica, Washington, D. C.

Embaixada britânica em Washington (Peter Bond).

Biblioteca britânica, Divisão de Referências, Londres; Biblioteca Newspaper, Colindale.

Chugoku Shimbun, Hiroxima (Akira Matsuura).

Centro de Cultura e Paz de Hiroxima (K. Kiyama) .

Clube dos Oficiais do Exército Imperial, Tóquio (Sr. Senno).

Agência de Defesa japonesa, Divisão Histórica, Tóquio.

Arquivos Nacionais, Washington D. C.; Seção Militar Moderna (John Taylor); Seção Histórica, Departamento de Estado, Escritório de Assuntos Públicos; Arquivos Gerais da Divisão (Janet Hargett).

Centro Nacional de Registros Pessoais, St. Louis, Missouri.

Centro Histórico Naval, Washington D. C. (D. C. Allard).

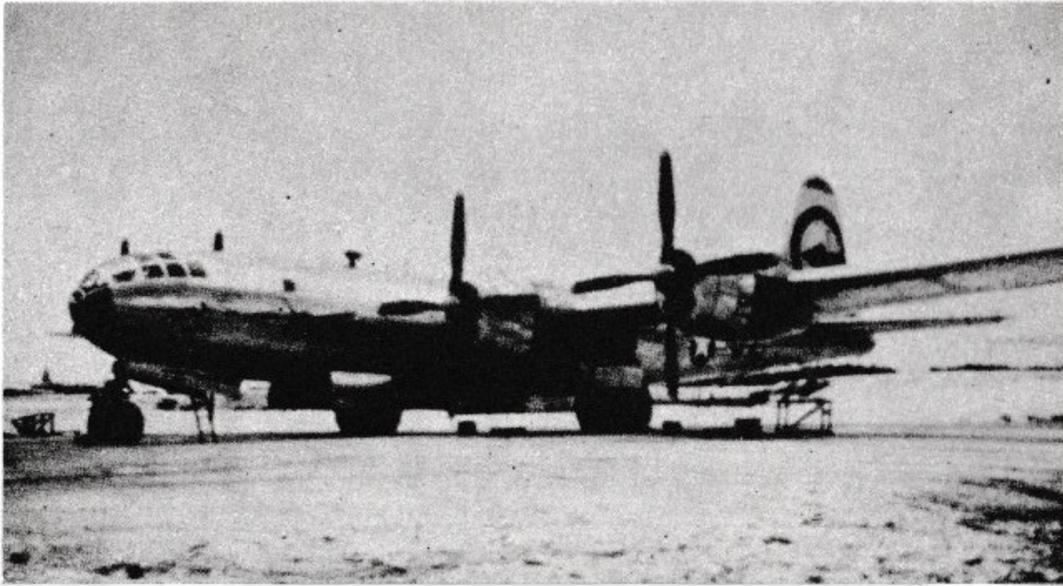
Centro de Armas Navais, China Lake, Califórnia (A. B. Christman).

Biblioteca Pública de Nova York.

Biblioteca Franklin D. Roosevelt, Hyde Park, Nova York (W. R. Emerson).

Prefeitura de Hiroxima (A. Takahashi).

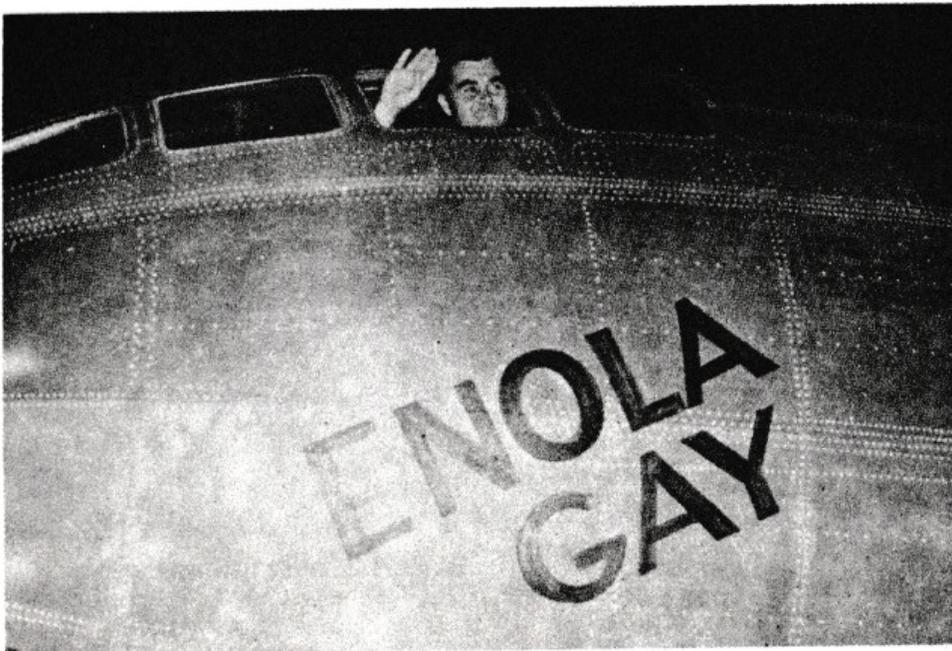
Biblioteca Harry S. Truman, Independence, Missouri (P. H. Lagerquist).



O *Enola Gay*, fotografado em setembro de 1945. (Foto: George Caron)



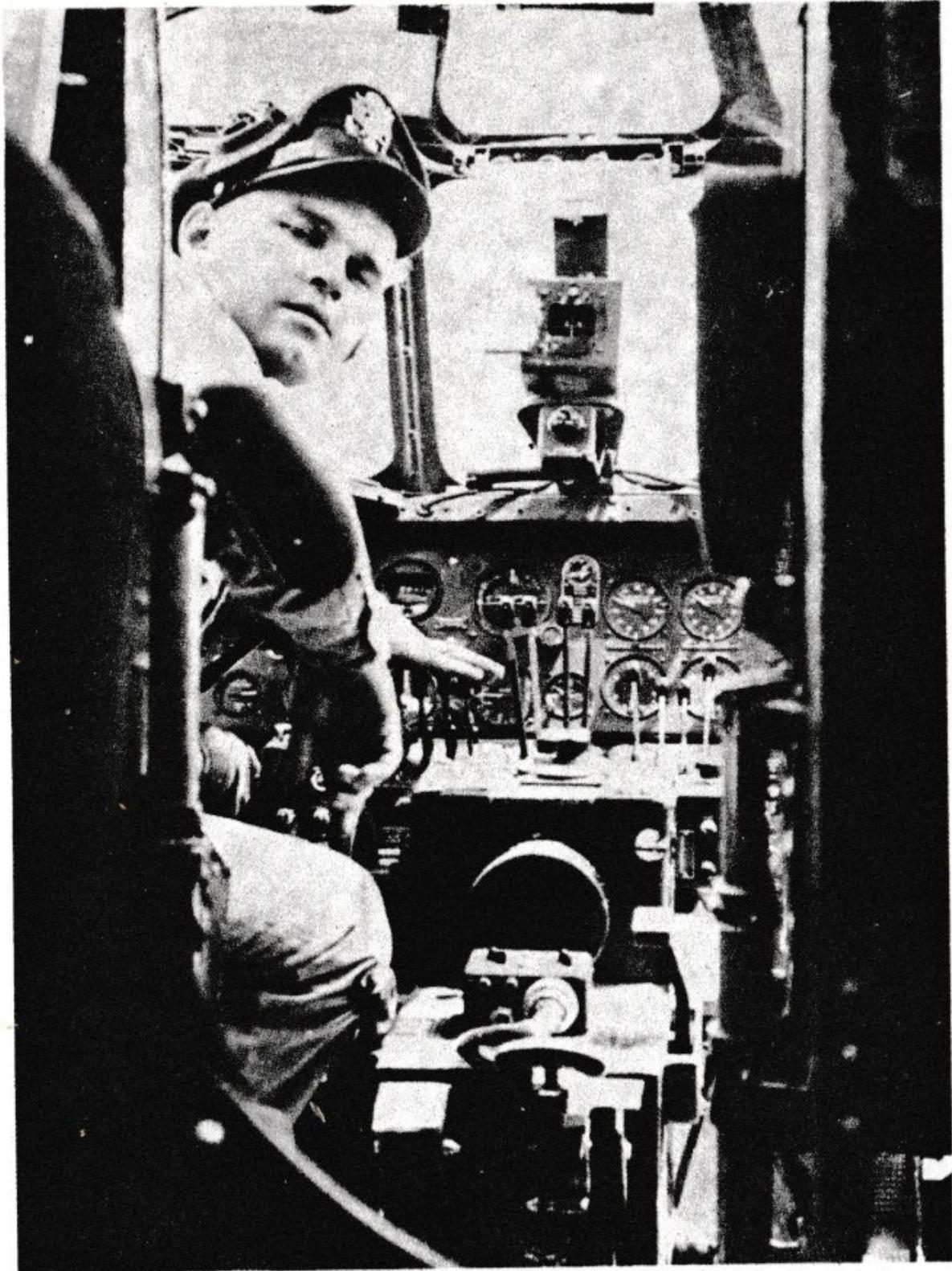
A tripulação da primeira missão atômica. Ajoelhados: Sargento Joseph Stihorik, Sargento George Caron, Sargento Richard Nelson, Sargento Robert Shumard, Sargento Wyatt Duzenbury. De pé: Tenente-Coronel Porter (oficial de terra, não integrado a tripulação), Capitão Theodore Van Kirk, Major Thomas Ferebee, Coronel Paul Tibbets, Capitão Robert Lewis, Tenente Jacob Beser. Não aparecem na fotografia o Capitão da Marinha William Parsons e o Tenente Morris Jeppson. (Foto: George Caron)



Acima: Coronel Paul Tibbets acena, antes de decolar para a primeira missão atômica. (Foto: Paul Tibbets)



À esquerda: Tibbets, de volta da missão atômica, com a Cruz do Mérito. (Foto: George Caron)

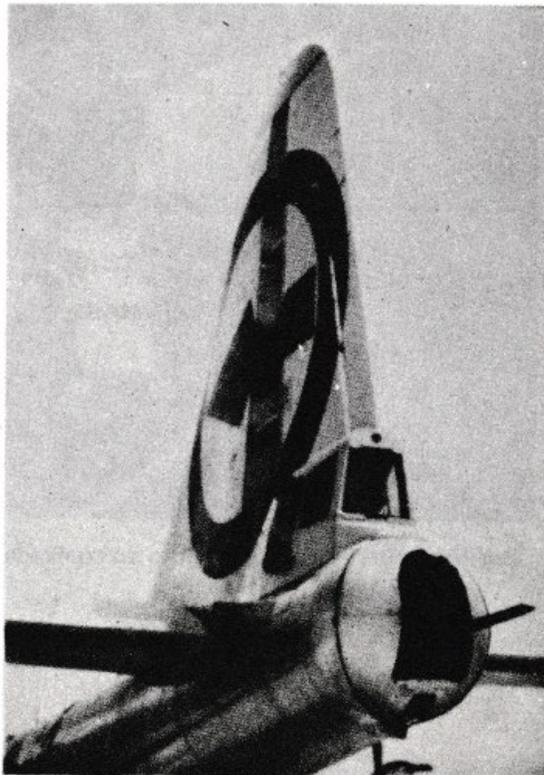


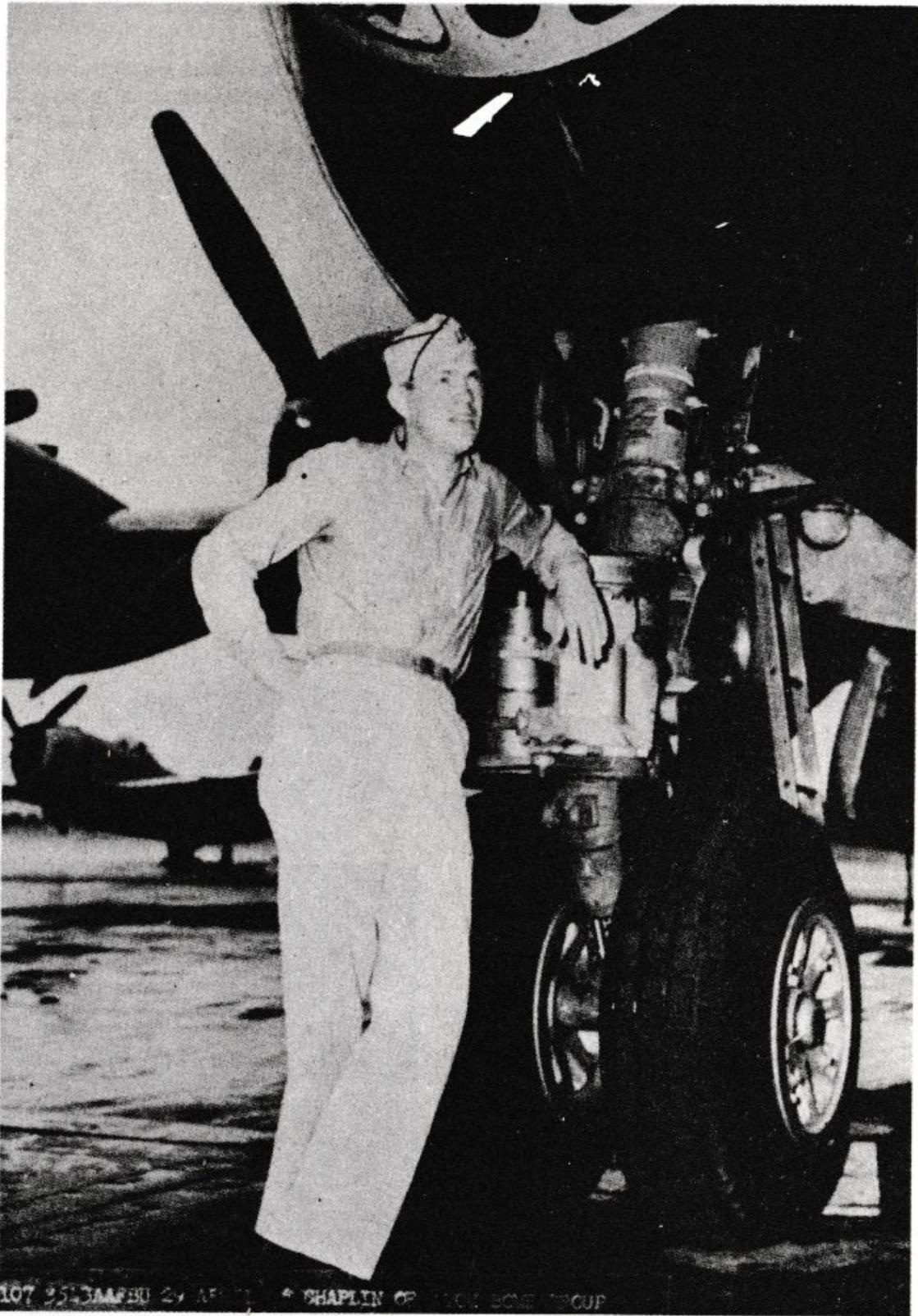
Capitão Robert Lewis no assento do comandante do *Enola Gay*. (Foto: Robert Lewis)



Artilheiro da cauda George R. Caron. (Foto: Richard Nelson)

Caron em seu posto a bordo do *Enola Gay*. (Foto: George Caron)



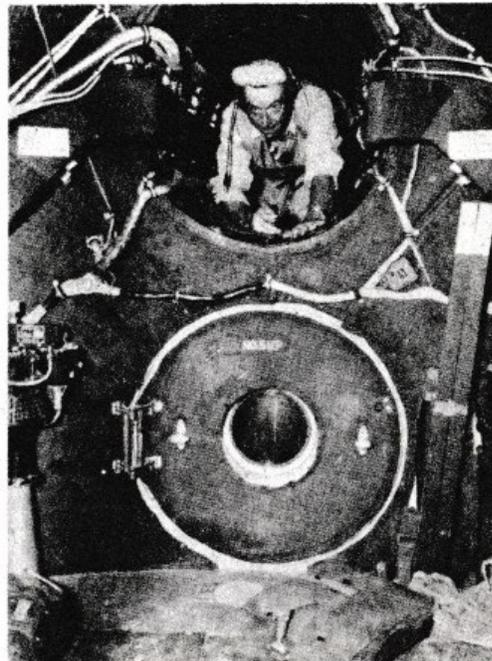


Capelão William Downey (Foto: William Downey)



Engenheiro-de-vôo Wyatt Duzenbury (Foto: Richard Nelson)

Duzenbury no túnel ligando as partes anterior e posterior do *Enola Gay*. Abaixo, está a escotilha que leva ao compartimento da bomba. (Foto: John King)



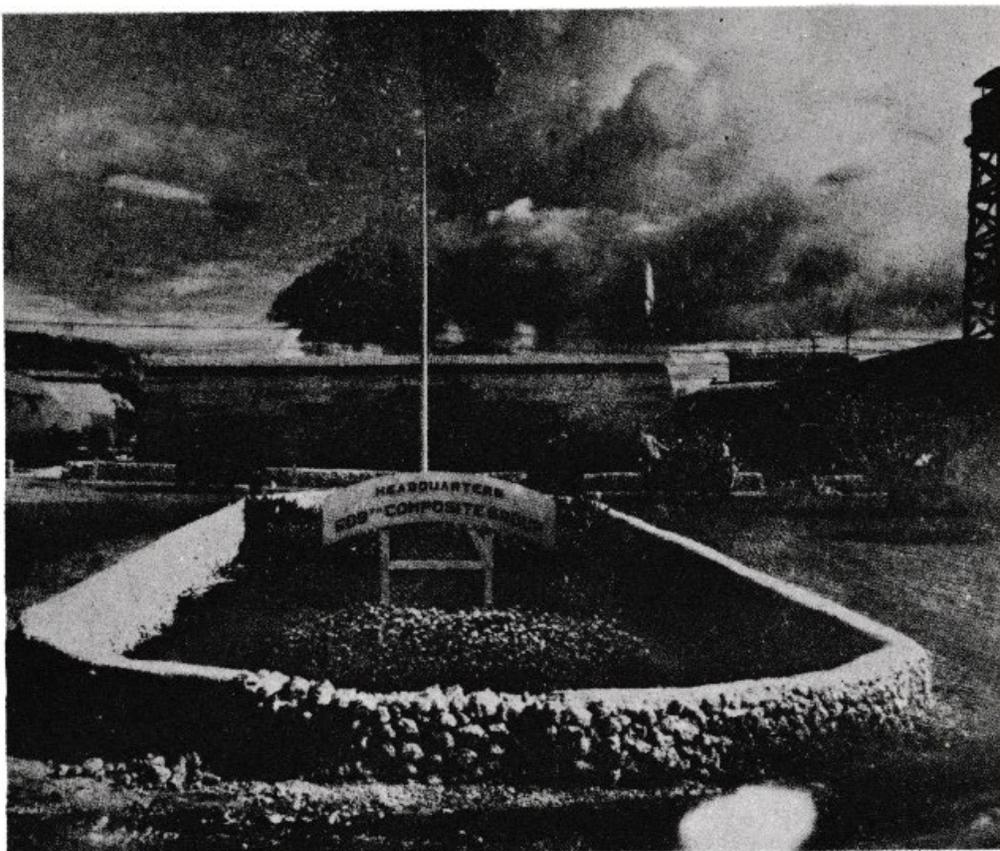
Operador de radar Jacob Beser
(Foto: Jacob Beser)



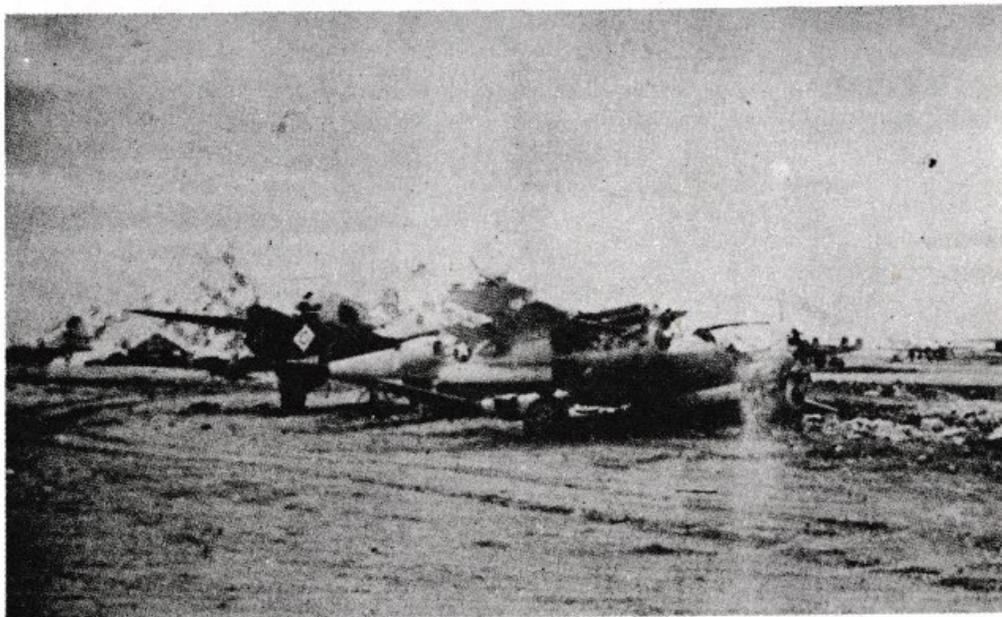
Bombardeador Thomas Ferebee
(Foto: Richard Nelson)



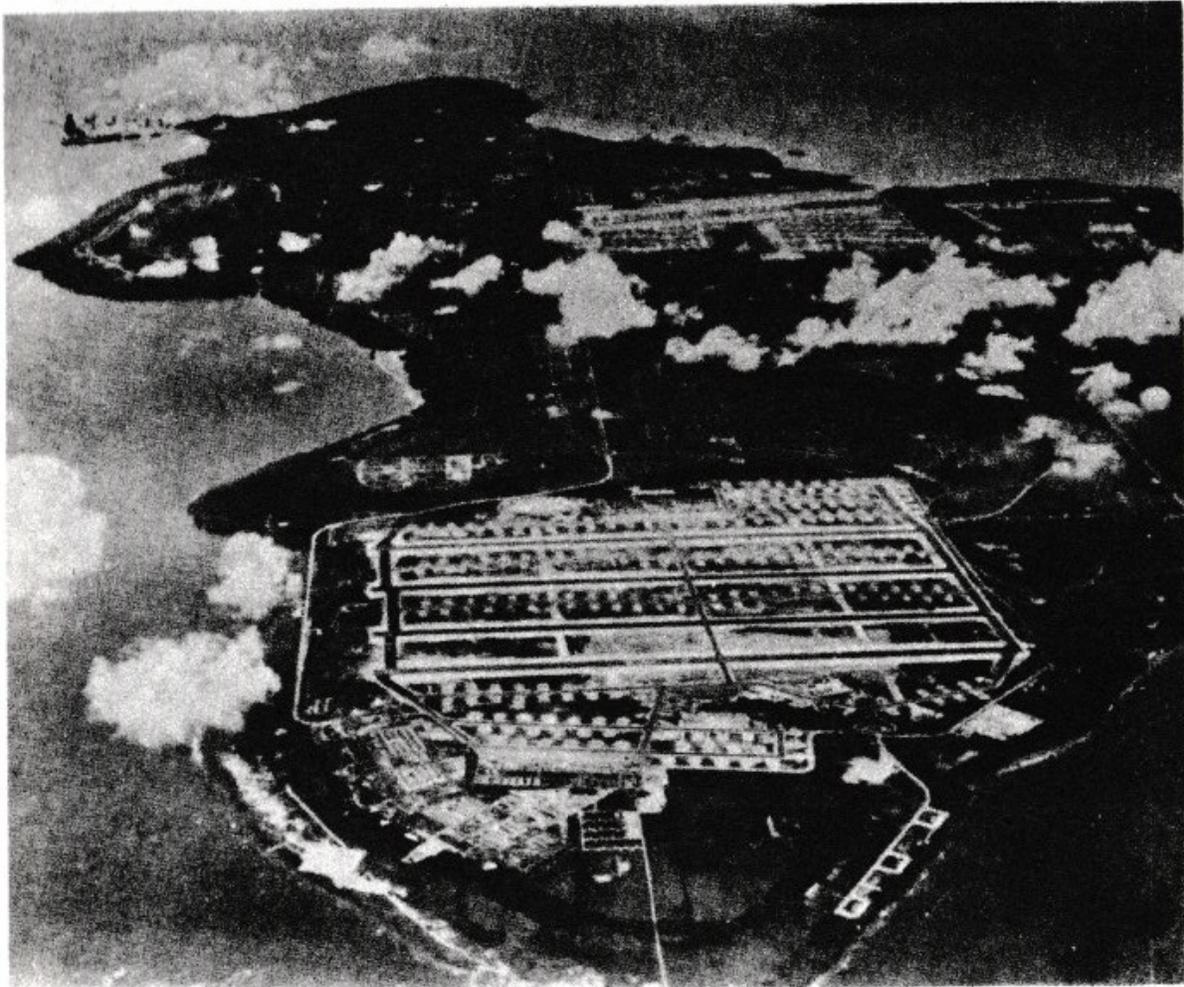
Navegador Theodore "Dutch" van Kirk (Foto: Theodore van Kirk)



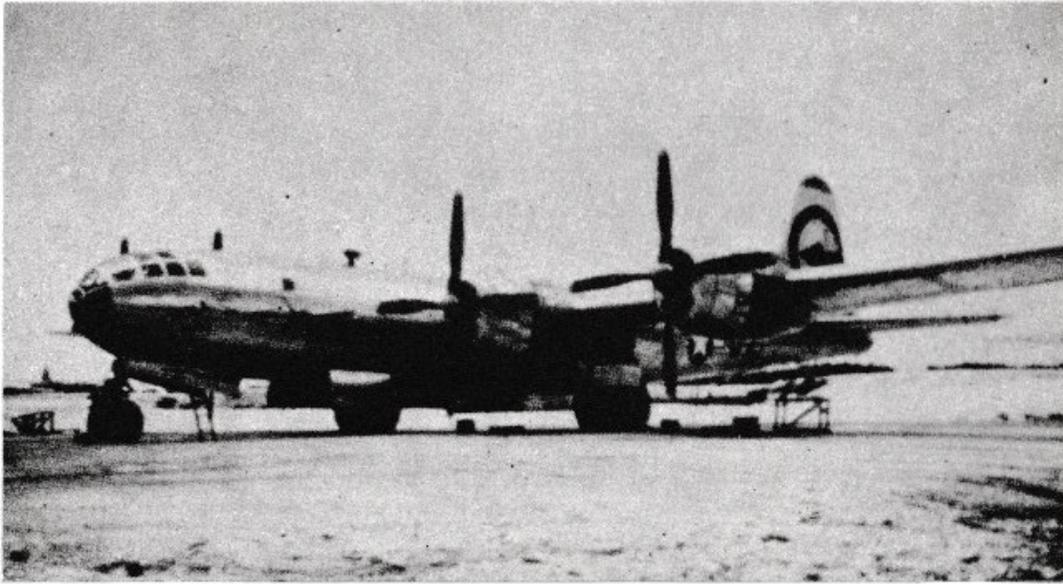
A parte interna da ultra-secreta base do 509º Grupo Integrado. (Foto: John King)



Os destroços de B-29s avariados, na Pista A, era um lembrete constante dos riscos na decolagem. (Foto: Paul Tibbets)



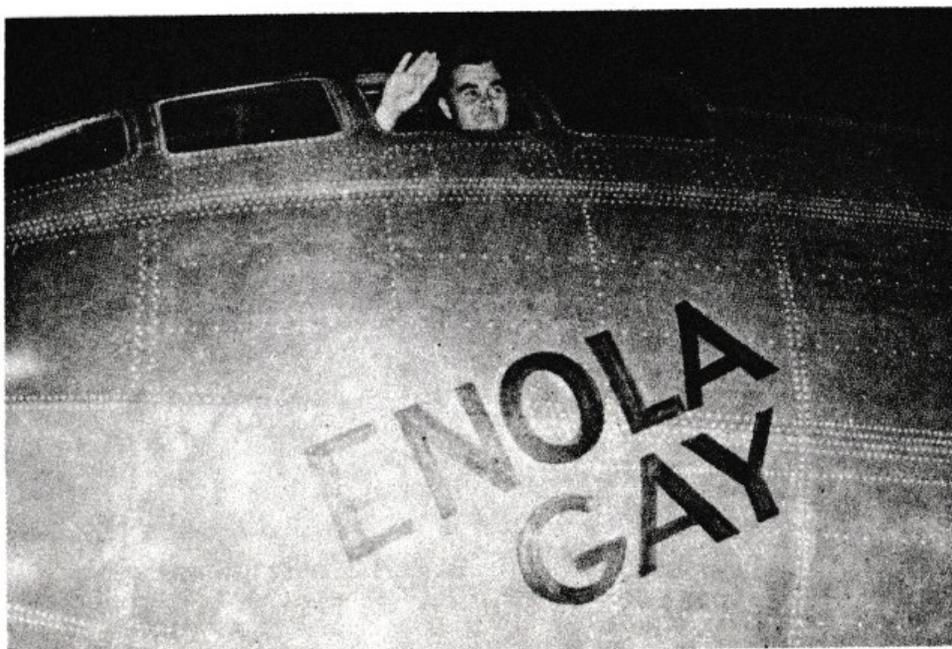
Em agosto de 1945, a ilha de Tinian dispunha do maior aeroporto em operação no mundo. No primeiro plano, estão as quatro pistas paralelas do Campo Norte. (Foto: John King)



O *Enola Gay*, fotografado em setembro de 1945. (Foto: George Caron)



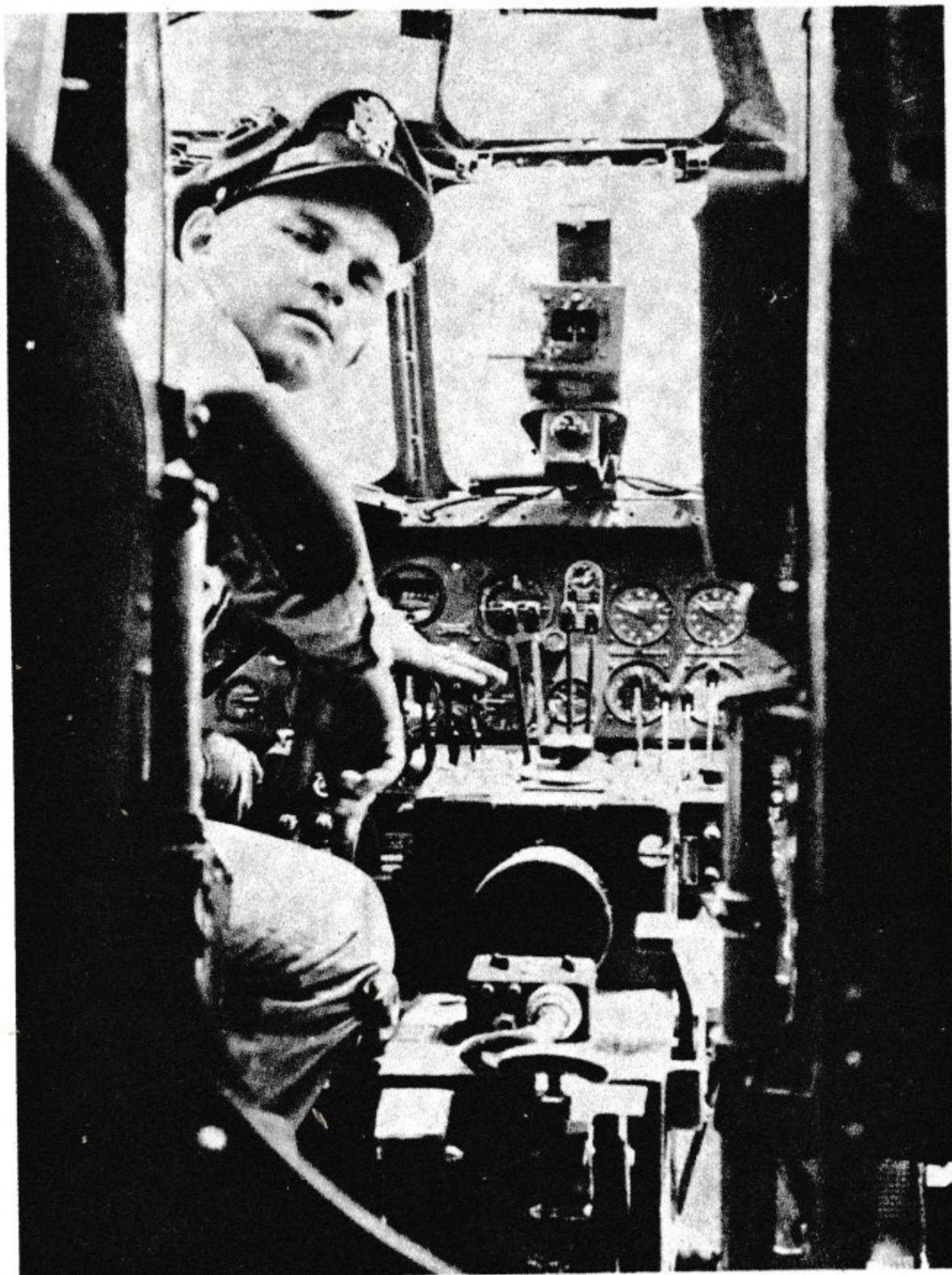
A tripulação da primeira missão atômica. Ajoelhados: Sargento Joseph Stihorik, Sargento George Caron, Sargento Richard Nelson, Sargento Robert Shumard, Sargento Wyatt Duzenbury. De pé: Tenente-Coronel Porter (oficial de terra, não integrado a tripulação), Capitão Theodore Van Kirk, Major Thomas Ferebee, Coronel Paul Tibbets, Capitão Robert Lewis, Tenente Jacob Beser. Não aparecem na fotografia o Capitão da Marinha William Parsons e o Tenente Morris Jeppson. (Foto: George Caron)



Acima: Coronel Paul Tibbets acena, antes de decolar para a primeira missão atômica. (Foto: Paul Tibbets)



À esquerda: Tibbets, de volta da missão atômica, com a Cruz do Mérito. (Foto: George Caron)

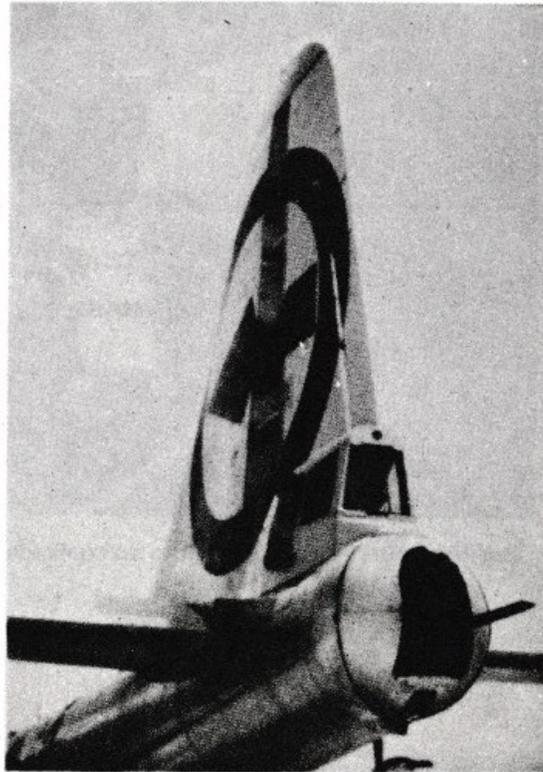


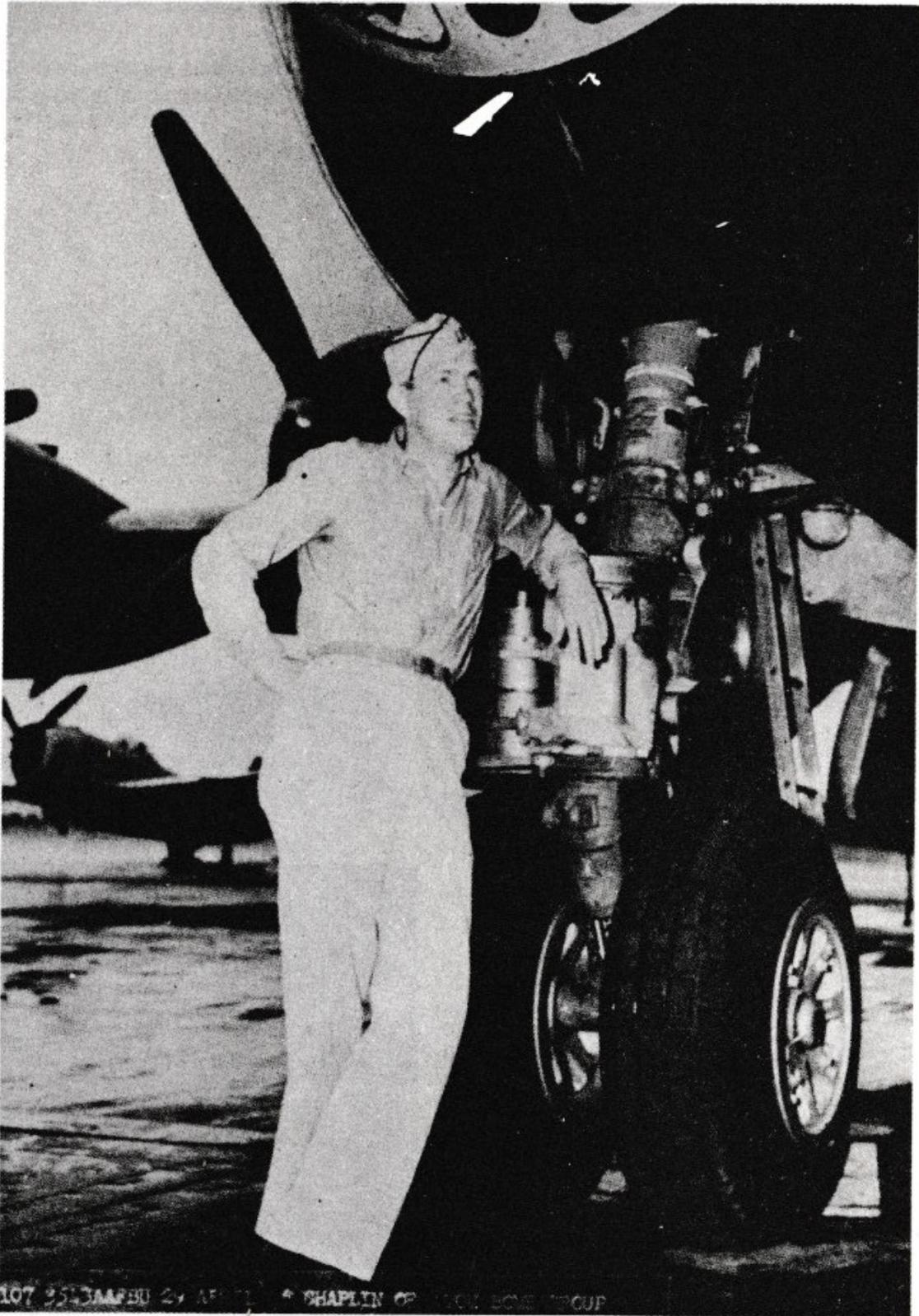
Capitão Robert Lewis no assento do comandante do *Enola Gay*. (Foto: Robert Lewis)



Artilheiro da cauda George R. Caron. (Foto: Richard Nelson)

Caron em seu posto a bordo do *Enola Gay*. (Foto: George Caron)



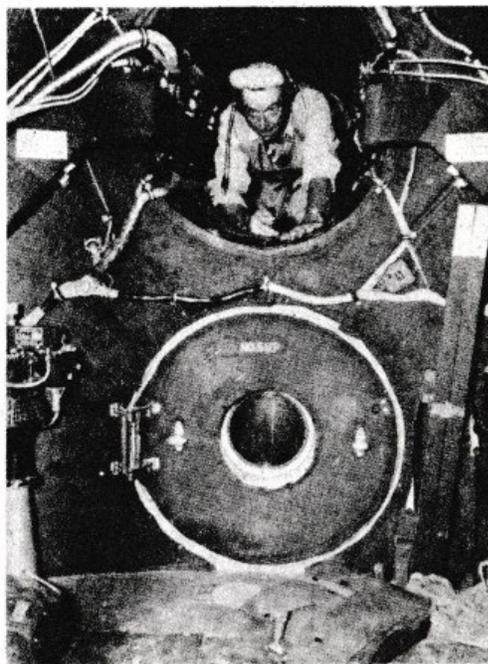


Capelão William Downey (Foto: William Downey)



Engenheiro-de-vôo Wyatt Duzenbury (Foto: Richard Nelson)

Duzenbury no túnel ligando as partes anterior e posterior do *Enola Gay*. Abaixo, está a escotilha que leva ao compartimento da bomba. (Foto: John King)



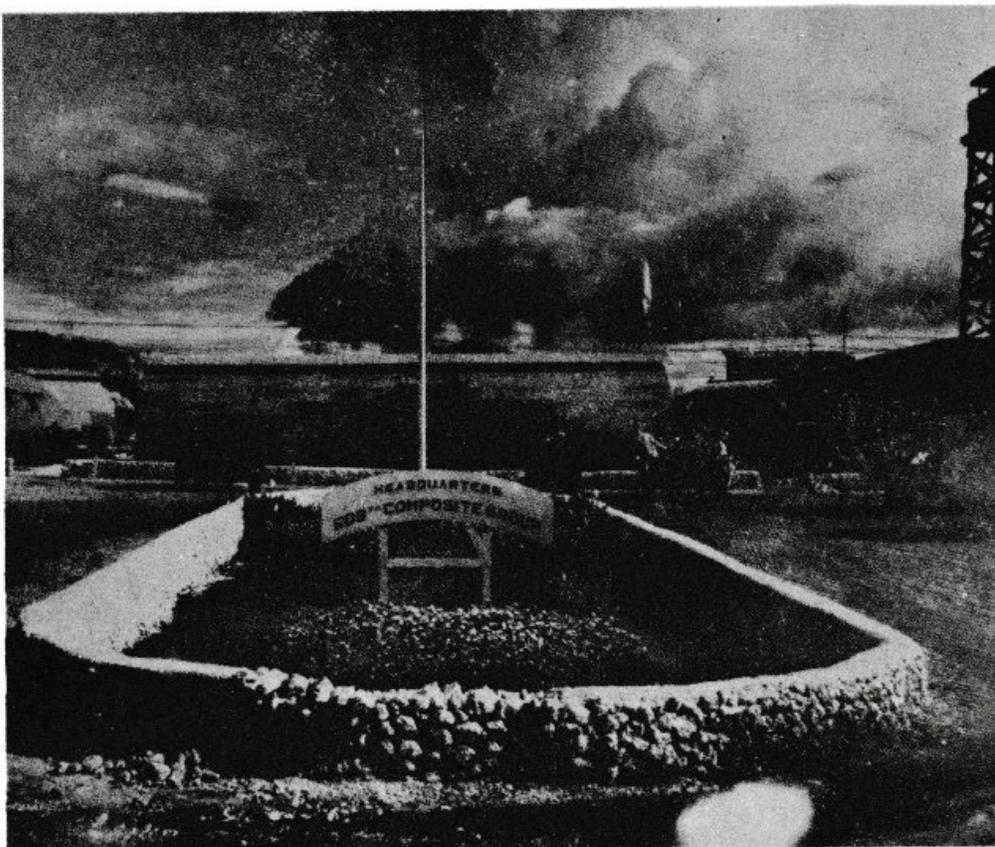
Operador de radar Jacob Beser
(Foto: Jacob Beser)



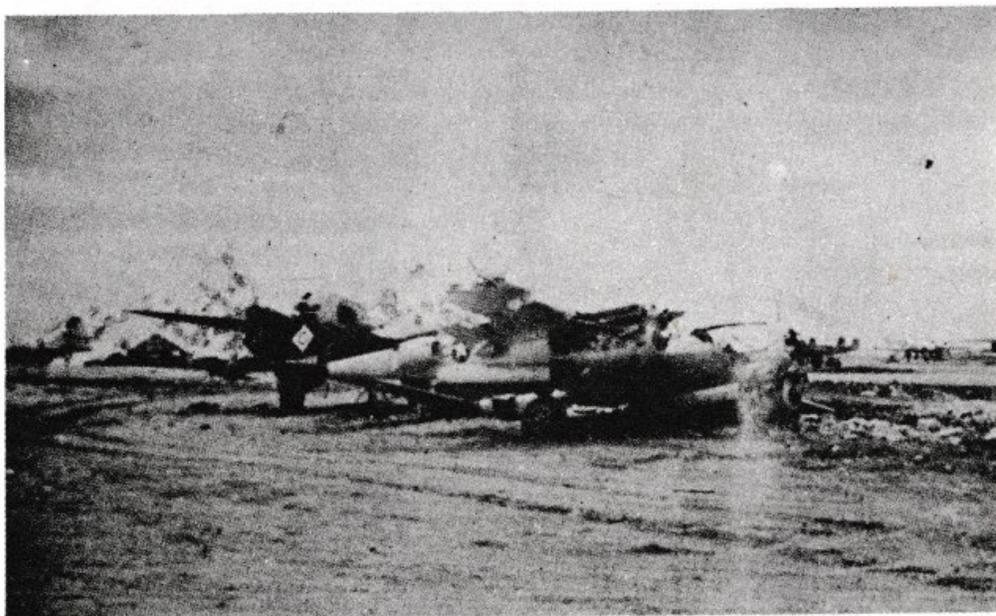
Bombardeador Thomas Ferebee
(Foto: Richard Nelson)



Navegador Theodore "Dutch" van Kirk (Foto: Theodore van Kirk)



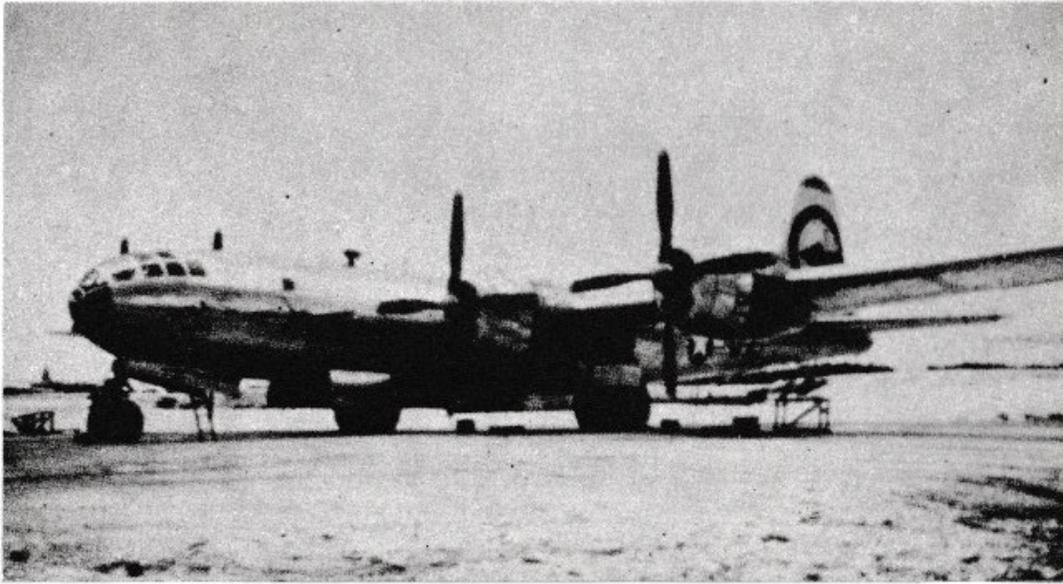
A parte interna da ultra-secreta base do 509º Grupo Integrado. (Foto: John King)



Os destroços de B-29s avariados, na Pista A, era um lembrete constante dos riscos na decolagem. (Foto: Paul Tibbets)

Clínica Shima, depois que a bomba atômica explodiu diretamente acima dela. (Foto: Dr. Kaoru Shima)

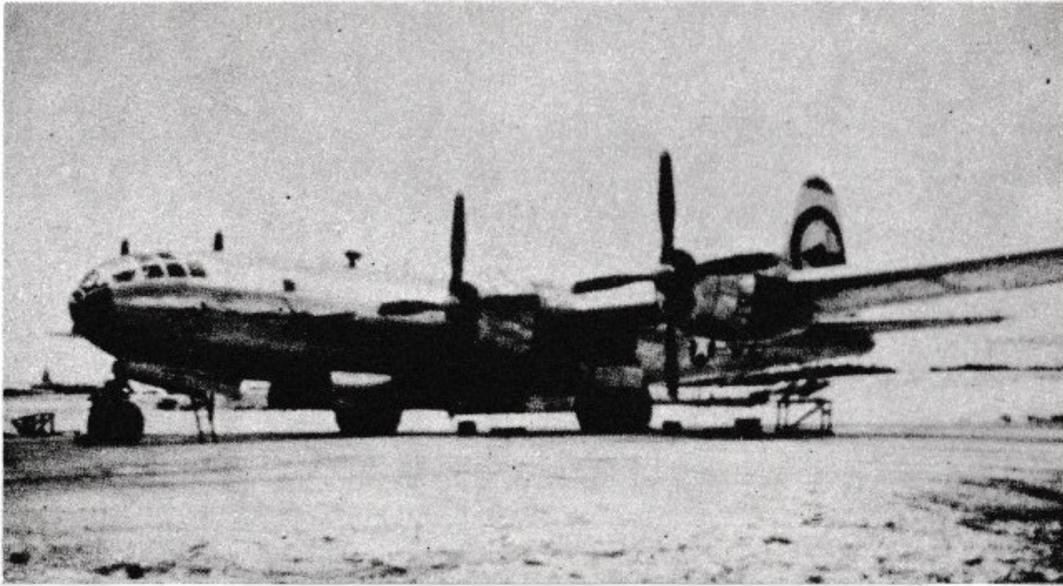




O *Enola Gay*, fotografado em setembro de 1945. (Foto: George Caron)



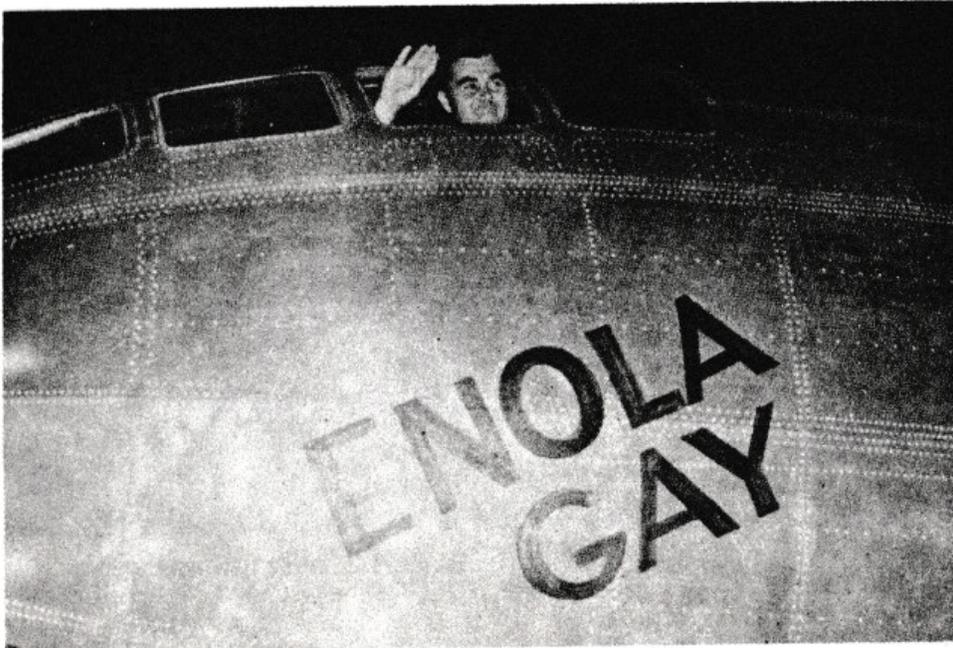
A tripulação da primeira missão atômica. Ajoelhados: Sargento Joseph Stihorik, Sargento George Caron, Sargento Richard Nelson, Sargento Robert Shumard, Sargento Wyatt Duzenbury. De pé: Tenente-Coronel Porter (oficial de terra, não integrado a tripulação), Capitão Theodore Van Kirk, Major Thomas Ferebee, Coronel Paul Tibbets, Capitão Robert Lewis, Tenente Jacob Beser. Não aparecem na fotografia o Capitão da Marinha William Parsons e o Tenente Morris Jeppson. (Foto: George Caron)



O *Enola Gay*, fotografado em setembro de 1945. (Foto: George Caron)



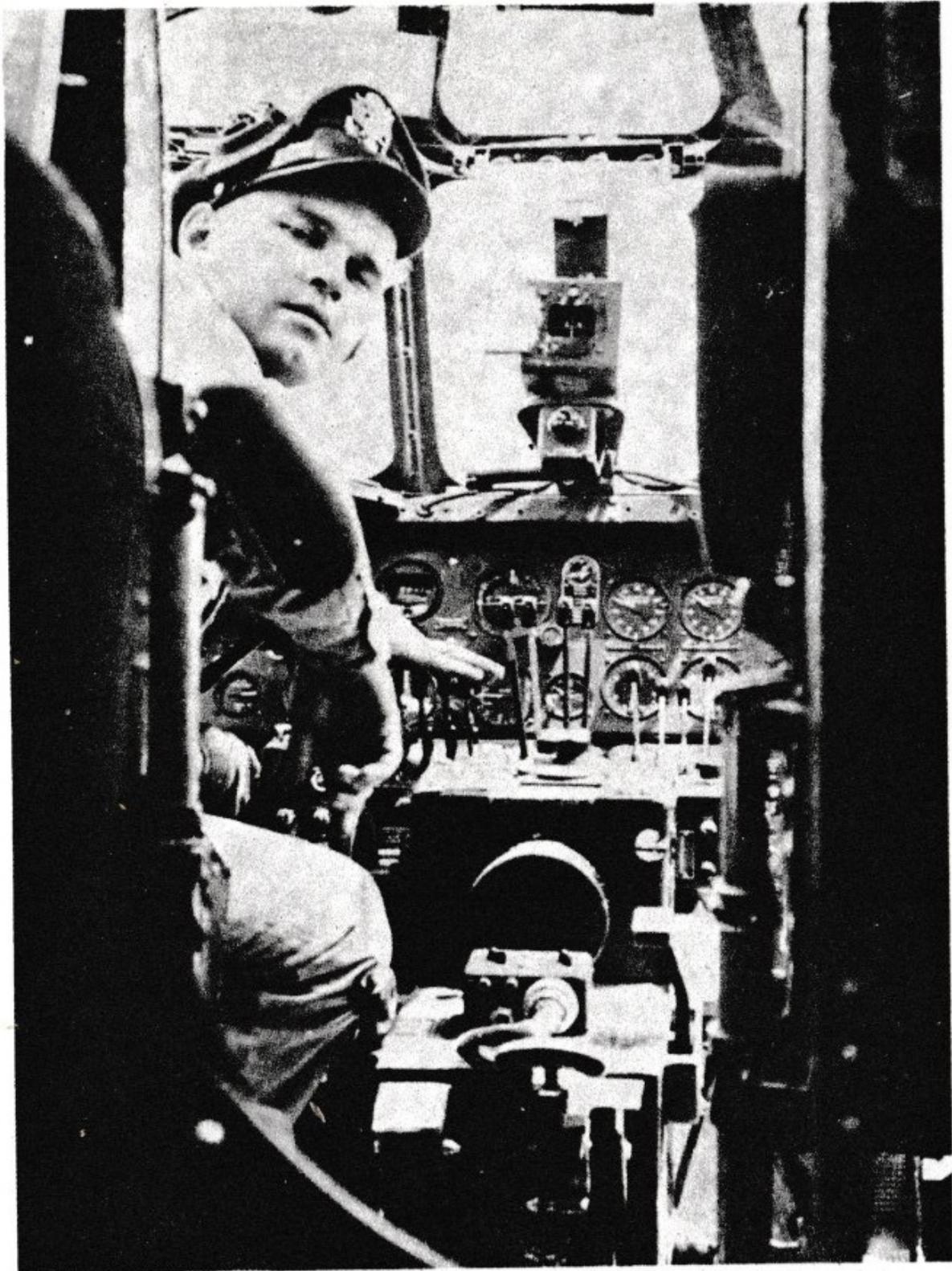
A tripulação da primeira missão atômica. Ajoelhados: Sargento Joseph Stihorik, Sargento George Caron, Sargento Richard Nelson, Sargento Robert Shumard, Sargento Wyatt Duzenbury. De pé: Tenente-Coronel Porter (oficial de terra, não integrado a tripulação), Capitão Theodore Van Kirk, Major Thomas Ferebee, Coronel Paul Tibbets, Capitão Robert Lewis, Tenente Jacob Beser. Não aparecem na fotografia o Capitão da Marinha William Parsons e o Tenente Morris Jeppson. (Foto: George Caron)



Acima: Coronel Paul Tibbets acena, antes de decolar para a primeira missão atômica. (Foto: Paul Tibbets)



À esquerda: Tibbets, de volta da missão atômica, com a Cruz do Mérito. (Foto: George Caron)



Capitão Robert Lewis no assento do comandante do *Enola Gay*. (Foto: Robert Lewis)



Artilheiro da cauda George R. Caron. (Foto: Richard Nelson)

Caron em seu posto a bordo do *Enola Gay*. (Foto: George Caron)

